

CONVERSAR SOBRE O PASSADO NA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA

Lídia Suzana Rocha de Macedo

**Dissertação apresentada como exigência parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia
sob orientação da Prof^a Dr^a Tania Mara Sperb**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento**

Maio, 2006

Ao meu avô, querido contador de histórias:

Pelo seu esforço para traduzir suas histórias do alemão para o português, enquanto eu, na minha impaciência de criança tentava apressá-lo. Nessa interação, descobri cedo que faltavam palavras para expressar as idéias de uma língua para a outra, o que inicialmente, me pareceu decepcionante. Entretanto, acredito que foi a partir dessa constatação que aprendi com ele a ir além das palavras acrescentando sentidos às palavras de minha própria língua. Resultou disso que me apaixonei pelas histórias e me tornei psicoterapeuta.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora:

Navegando por mares nunca dantes navegados, me serviste de guia, como a posição das estrelas e a bússola. Foste mais além, me ensinaste a valorizar esses recursos e evitar ficar à deriva nessa jornada.

Às mães:

Por permitirem o acesso a esses preciosos momentos de intimidade com seus filhos.

Aos meus pais:

Por seguirem me ensinando a temperar a vida, equilibrando os desafios com o desfrutar das conquistas.

Aos meus filhos, minha amorosa inspiração:

Pelas histórias que, desde cedo, vocês me inspiraram a contar e, por todas aquelas que compartilhamos e contamos uns para os outros em divertidos momentos. Agradeço a paciência e ao estímulo de vocês.

Ao meu marido, meu querido desafio:

Pelo teu esforço para me entender e por que ao tentar me fazer entender por ti, fui aprendendo a me traduzir. Agradeço por permaneceres a meu lado enquanto, irritada, eu senti as dores desse parto intelectual.

SUMÁRIO

Volume I

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	14
Uma perspectiva sociointeracionista para estudar o desenvolvimento da criança	15
O processo de introdução da criança na cultura	17
Aprendizagem da forma narrativa através da interação com o outro	18
Das narrativas conjuntas à autoria da própria história de vida	20
A experiência, a representação na memória e a forma narrativa	23
O desenvolvimento da produção oral de narrativas de crianças	26
Problema e questões de pesquisa	28
CAPÍTULO II – MÉTODO	29
Participantes	29
Instrumentos e material	29
Delineamento e Procedimentos Gerais	30
Considerações éticas	31
Procedimento para Análise dos Dados	31
CAPÍTULO III – RESULTADOS	35
Caso Festa Junina	35
Caso Cavalinho Piti	52
Caso Formiga Vermelha	70
Caso Jogador	92
Caso Teatro da Tartaruga	111
Caso Menina que Cresceu	127
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO GERAL	142
REFERÊNCIAS	157

Volume II**ANEXOS**

Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido – para a escola	166
Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido – para os pais	167
Anexo C – Carta Convite para a mãe	168
Anexo D – Roteiro da entrevista semi-dirigida com a mãe	169
Anexo E – Procedimento de extração de narrativas	172
Anexo F – Caso Festa Junina.....	192
Anexo G – Caso Cavalinho Piti.....	209
Anexo H – Caso Formiga Vermelha.....	220
Anexo I – Caso Jogador	247
Anexo J – Caso Teatro da Tartaruga	256
Anexo K – Caso Menina que Cresceu	271

Lista de Tabelas

Tabela 1. Síntese da produção narrativa de F	48
Tabela 2. Síntese da produção narrativa de E	64
Tabela 3. Síntese da produção narrativa de D	88
Tabela 4. Síntese da produção narrativa de L	107
Tabela 5. Síntese da produção narrativa de P	123
Tabela 6. Síntese da produção narrativa de C	136

Lista de Figuras

Caso 1 – Festa Junina

Figura 1.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 1.2. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 1.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 1.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 1.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 1.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 1.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 1.8. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 1.9. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 1.10. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas.

Figura 1.11. Tipos de intervenções da mãe.

Figura 1.12. Tipos de intervenção da mãe e seus objetivos.

Caso 2 – Cavalinho Piti

Figura 2.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 2.2. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 2.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 2.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 2.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 2.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 2.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 2.8. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 2.9. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 2.10. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação no total de narrativas produzidas.

Figura 2.11. Tipos de intervenção da mãe.

Figura 2.12. Tipos e objetivos das intervenções.

Caso 3 – Formiga Vermelha

Figura 3.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 3.2. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 3.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 3.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 3.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 3.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 3.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 3.8. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 3.9. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 3.10. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação no total de narrativas produzidas.

Figura 3.11. Tipos de intervenção da mãe.

Figura 3.12. Tipos e objetivos das intervenções.

Caso 4 – Jogador

Figura 4.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 4.2. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 4.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 4.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 4.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 4.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 4.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 4.8. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 4.9. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 4.10. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação no total de narrativas produzidas.

Figura 4.11. Tipos de intervenção da mãe.

Figura 4.12. Tipos e objetivos das intervenções.

Caso 5 – Teatro da Tartaruga

Figura 5.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 5.2. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 5.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 5.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 5.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 5.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 5.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação no total de narrativas produzidas.

Figura 5.8. Tipos de intervenção da mãe.

Figura 5.9. Tipos e objetivos das intervenções.

Caso 6 – Menina que cresceu

Figura 6.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação nas narrativas 1 e 2.

Figura 6.2. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 6.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 6.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Figura 6.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Figura 6.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Figura 6.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação no total de narrativas produzidas.

Figura 6.8. Tipos de intervenção da mãe.

Figura 6.9. Tipos e objetivos das intervenções.

Lista de Excertos

Excerto nº 1 – Festa Junina.....	38
Excerto nº 2 – O desaparecimento do gato	42
Excerto nº 3 – Piquenique com a escola	47
Excerto nº 4 – A história da brincadeira do cavalinho Piti	56
Excerto nº 5 – Narrativa das férias	59
Excerto nº 6 – Conflito na escola.....	62
Excerto nº 7 – O dia na casa da amiga F.....	73
Excerto nº 8 – A viagem de férias com a família	77
Excerto nº 9 – Formiga Vermelha	85
Excerto nº 10 – Festa de aniversário.....	96
Excerto nº 11 – Férias	99
Excerto nº 12 – Visita à fonoaudióloga	104
Excerto nº 13 – Teatro da Tartaruga	115
Excerto nº 14 – Programa de sábado com a mãe	120
Excerto nº 15 – Menina que cresceu.....	130
Excerto nº 16 – Visita ao museu	134

RESUMO

Tendo como enquadre teórico o sociointeracionismo de Vygotsky, o presente estudo investigou as interações narrativas mãe-criança para obter informações sobre como a criança aprende a narrar. Participaram do estudo seis crianças de quatro a cinco anos e suas mães. As narrativas de experiências pessoais das crianças foram gravadas em suas casas em três contextos diferentes: na companhia de suas mães; na visita da pesquisadora ao domicílio da criança; e num enquadre livre, com outras pessoas. Em cada contexto foram analisadas a maneira de participar da mãe e a forma de narrar da criança durante as interações narrativas. Os resultados mostraram que os tipos de questão ou de estilo narrativo materno não constituem fatores que, isolados, favorecem o desenvolvimento da habilidade de narrar da criança. A habilidade para narrar depende da adequação do suporte verbal materno ao nível de desenvolvimento da criança, tanto etário como do estágio desenvolvimento da habilidade de narrar, seguindo um modelo bidirecional. No geral, os resultados evidenciam que conversar com a criança sobre eventos passados é uma atividade que favorece o desenvolvimento da narrativa, pois oportuniza que o adulto colabore com criança, permitindo que possa ir além de seus limites.

ABSTRACT

Vygotsky's sociointeractionism is the theoretical framework of this study. The following research investigated mother-child verbal interactions to obtain information as to how a child learns to create narrative. Participants of this study were six children four and five years old and their mothers. Narratives of personal experiences were recorded at their homes in three different contexts: with their mothers; with the researcher in their home; and in an informal setting with other people. In each context analysis was made of the mother's participation and the way the child narrated during these interactions. The results showed that the style of maternal narrative and the topics chosen were not the factors that, if isolated, would favor development of the child's ability to narrate. Narrative skill depends on the verbal maternal support being adequate to the level of development of the child, not only age but also the stage of the development of narrative skill following a bi-directional model. In general, results give evidence that talking to the child about past events is an activity favoring narrative development. This gives an opportunity for the adult to collaborate with the child to overcome personal limitations.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Há muitas histórias a serem contadas, mas é preciso primeiro aprender a contá-las. Fivush e Haden (1997) consideram que as histórias são bem mais do que um meio conveniente de comunicar nossas experiências aos outros. Elas seriam, antes de tudo, a maneira através da qual compreendemos nossa vida e a nós mesmos.

A estrutura narrativa organiza e provê o contexto adequado para o relato de vivências pessoais. Essa estrutura determina quais e como os aspectos da experiência vivida serão expressos, tornando, desse modo, a atribuição de significado possível. A vida em sociedade leva as pessoas a adquirirem suposições coletivas com respeito a regras a serem seguidas nas narrativas, conseqüentemente, as histórias que aderem a essas regras são mais facilmente reconhecíveis e contáveis que histórias que se desviam dessa estrutura (Bruner, 1991). Sabe-se, no entanto, pouco sobre como se desenvolve esse processo de aprender a narrar coerentemente as próprias experiências no contexto familiar.

O interesse no tema vem da prática clínica, mais precisamente, das histórias de vida, contadas individualmente ou em grupo, como em terapia familiar, quando cada um apresenta a sua versão da história familiar. Andolfi (1996) ensina que o papel do terapeuta é reconstruir os significados que as pessoas atribuem às relações que vivem ou que viveram. Assim, o autor descreve o trabalho do terapeuta com a família como uma narrativa, um tipo de texto escrito em conjunto pelo terapeuta e a família, criando um contexto de escuta e acentuando as capacidades que os indivíduos têm de dialogar, objetivando com isto criar um novo enquadramento e gerar uma nova perspectiva.

Fivush e Haden (1997) inspiraram o presente estudo, ao investigarem como a criança pré-escolar aprende as formas narrativas ao narrar o seu passado. Esta aprendizagem, segundo elas, é importante porque pode ajudar a criança pequena a dar forma às suas experiências no mundo real e, assim, criar e conferir significado à sua própria vida.

Este estudo buscou levantar informações sobre a aprendizagem da forma narrativa, explorando as narrativas de crianças sobre suas experiências pessoais e os hábitos conversacionais com suas mães. Para alcançar este fim, foram examinadas as interações narrativas mãe-filho(a) em três contextos diferentes: estando apenas mãe e filho(a) presentes; durante a visita da pesquisadora ao domicílio da criança e num enquadre livre, no qual outras pessoas poderiam estar presentes. Nessas interações procurou-se averiguar os tipos de intervenções que eram utilizados pela mãe para ampliar a narrativa da criança e

aqueles que a inibiam. Além disso, foram analisadas as características da produção narrativa da criança, procurando estabelecer relações com o tipo de suporte oferecido pela mãe.

A revisão da literatura inicia caracterizando a perspectiva sociointeracionista para o estudo do desenvolvimento da criança. A seguir, examina-se o processo de introdução da criança na cultura e como se processa a aprendizagem da forma narrativa na interação com o outro. A passagem das narrações conjuntas à autoria da própria história e as considerações sobre as relações entre a forma narrativa, a experiência e a representação na memória são discutidas após. Por fim, revisam-se estudos que tratam do desenvolvimento da produção oral de narrativas em crianças.

A perspectiva sociointeracionista para estudar o desenvolvimento da criança

Para explicar o desenvolvimento na perspectiva vygotskiana, é necessário estudar os processos que ocorrem entre o organismo em desenvolvimento e seu ambiente (Valsiner & Benigni, 1986). Os autores citados consideram que quando se aplica à pesquisa empírica a premissa da interdependência entre o fenômeno e seu ambiente, o processo de interação fenômeno-contexto se torna a unidade de análise. Enfatiza-se, assim, a necessidade de contextualização do fenômeno psicológico e faz-se uma advertência acerca da impossibilidade de compreender como o fenômeno se relaciona com esses contextos caso isto não ocorra.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento do comportamento cultural da criança, entendido como aquisição de habilidades e da maneira de pensar e de se comportar na cultura, ocorreria paralelamente ao processo orgânico de crescimento e maturação. Esses dois planos de desenvolvimento se interpenetrariam, formando uma única linha de formação sociobiológica da personalidade da criança, só sendo possível separá-los num exercício de abstração (Wertsch & Sohmer, 1995).

Já para conceitualizar o contexto da criança em desenvolvimento, segundo Valsiner e Benigni (1986), é preciso examinar o papel dos significados da cultura. O desenvolvimento da criança está, desde o início, encaixado em um contexto de significados definidos pela cultura, que guiam o desenvolvimento da criança, pois oferecem aos pais, esquemas para a compreensão das metas e métodos de educação. Então, explicam Valsiner e Benigni (1986), quando a criança desenvolve uma dada atividade sociocultural, inicia-se uma seqüência natural de trocas com o ambiente, que lhe fornecerá um *feedback* de sua ação. Este *feedback* já modificado será usado por ela, num próximo momento, para agir sobre o ambiente. Na perspectiva sociointeracionista, presupõe-se que a criança constrói e

reconstrói ativamente seu ambiente, como também faz uso do que construiu mais adiante em seu desenvolvimento.

Decorre daí, o interesse em compreender como emergem fenômenos qualitativamente novos no agir ou pensar da criança. Para Vygotsky (1989), todas as funções mentais superiores surgem duas vezes no desenvolvimento humano, primeiro no plano social e, depois, são internalizadas, passando ao nível intrapsicológico. A internalização é o processo através do qual um fenômeno social é transformado em fenômeno psicológico e a participação no fenômeno social não poderia prescindir da linguagem. Esta é enfatizada na teoria de Vygotsky, pois permite novas formas de pensamento e é a ferramenta cultural que forma a base dos padrões de funcionamento interpessoal (Penuel & Wetsch, 1995). Bruner (1997a) desenvolveu essa idéia e propôs que a atividade mental humana depende de um conjunto (*kit*) de ferramentas culturais para sua expressão completa, sendo que a linguagem é a ferramenta mais poderosa.

A linguagem ocupa uma posição central nessa perspectiva, porque ao adquiri-la a criança avança seu desenvolvimento, tanto do ponto de vista interpsicológico quanto intrapsicológico. Assim, Galperin (1966) refere que ao aprender a falar, a criança também aprende qual é a maneira correta e inteligível para ser compreendida por outros. Indo mais além, esse autor explica que a criança aprende a se ouvir “de fora” e avaliar sua fala do ponto de vista do outro, ou seja, ela aprende a ter consciência sobre o que está falando. Já Bruner (1985), refere que a linguagem cria a possibilidade do pensamento abstrato, uma vez que permite internalizar conhecimentos externos e convertê-los em ferramentas para o controle da consciência. O autor explica que no momento em que a criança consegue representar linguisticamente aspectos do mundo ao seu redor e compartilhá-los com um adulto, ela adquire um poderoso mecanismo sociocognitivo. Para Bruner (1997a), aprender a usar a linguagem envolve, ao mesmo tempo, aprender a cultura e aprender como expressar as intenções em congruência com a cultura.

Bruner (1997a) destacou a capacidade constitutiva da linguagem, pois através dela pode-se organizar a experiência e constituir realidades. A linguagem tem a capacidade de criar realidades próprias - advertindo, encorajando, dando títulos, denominando e, ainda, através da licença poética, as palavras podem nos levar a criar imagens no mundo para corresponder a elas. Procurando descrever essa propriedade criativa da linguagem, Peterson e McCabbe (1983) explicam que, assim como a percepção humana, a linguagem abstrai algo da realidade e o que é abstraído é de certa forma uma entidade criada.

Interessa para este estudo compreender como a criança aprende a utilizar a ferramenta da linguagem, na forma narrativa, para reconstituir algo experienciado por ela.

Para alcançar esse fim, é importante entender melhor como se dá essa aprendizagem na interação da criança com a cultura.

O processo de introdução da criança na cultura

Vygotsky (1989) concebeu a transmissão da cultura como um processo dinâmico de interação do mundo cultural com o mundo subjetivo de cada um. Nesse processo caberia aos mais experientes (*experts*) da cultura ajudar os novatos a se tornarem experientes, construindo pontes entre o nível de desenvolvimento atual do novato e seu nível imediato futuro. Vygotsky chamou de zona de desenvolvimento próximo a essa área delimitada por esses dois níveis de desenvolvimento: o nível mais baixo representa o que a criança é capaz de realizar sozinha e o nível mais elevado refere-se ao desempenho e às aquisições, conseguidos com a ajuda de uma pessoa mais competente. Nessa visão de aprendizagem, a criança não apenas internaliza as informações transmitidas, mas transforma o que foi disponibilizado, fazendo adaptações para uma utilização futura.

Segundo Rogoff (1990), as atividades socioculturais constituem *settings* ideais de apropriação da cultura, isto é, essas atividades permitem que as informações e habilidades sejam transmitidas e, posteriormente, transformadas. Essas atividades são *settings* culturalmente organizados de comunicação adulto-criança. Há dois níveis de construção de apoio social. O primeiro é o apoio dos outros sociais às ações da criança no contexto de uma tarefa, ajudando a criança naqueles aspectos da ação nos quais ela é ainda incapaz. Há uma organização hierárquica nas tarefas de resolução de problemas e, por essa razão, a estruturação por parte do adulto pode estar em diferentes níveis. Além disso, a estruturação das estratégias de resolução de problemas conduz ao desenvolvimento da habilidade para transcender a demanda de uma tarefa particular. Isso leva ao segundo nível de construção de apoio social: o uso do diálogo. Para a autora, o apoio verbal da fala do adulto, num determinado *setting* de resolução de problema, guia a compreensão geral da criança com uma narrativa que utiliza conceitos da cultura. O *setting*, nesse estudo, é a narrativa de experiências pessoais da criança em seu ambiente familiar o que, se não faz parte da vida diária, ao menos é uma rotina na comunicação entre mãe e filho. Além disso, é uma atividade na qual se pode apreciar claramente o apoio verbal da fala do adulto, assim como o uso que a criança faz dele.

Costa e Lyra (2002) consideram que é a capacidade semiótica do sujeito que o faz emergir da cultura como um ser que pensa sobre ela, utilizando-se dos instrumentos socioculturais que constituem sua autonomia, permitindo sua diferenciação, e ao mesmo tempo o mantém inseparável da cultura. Dessa forma, a pessoa detém o papel central,

fazendo a constante correspondência entre o mundo real e o seu próprio mundo. Para Valsiner (1991), a pessoa internaliza diferentes vozes e as transforma nesse processo, ao externalizar novas mensagens por ela construídas, agora arquivadas com as suas próprias intenções. Além disso, a pessoa pode construir uma nova voz, baseando-se em outra pré-existente, ou existente em meio a um coro indefinido de vozes.

Trazendo essas considerações para esse estudo, a conversação sobre experiências pessoais da criança com sua mãe constitui um *setting*, no qual a criança internaliza informações e habilidades narrativas, e externaliza em suas narrativas posteriores o resultado das transformações que efetuou nessa troca.

A aprendizagem da narrativa através da interação com o outro

Na teorização de Vygotsky (1989), a criança, ao aprender as habilidades necessárias para realizar uma dada tarefa cognitiva em colaboração com o adulto, também aprende os tipos de tarefas cognitivas valorizados culturalmente e quais as habilidades cognitivas necessárias para alguém se tornar um membro da cultura. Entre essas habilidades cognitivas, Bruner (1997b) destaca a aquisição da habilidade narrativa como uma conquista da prática social que confere estabilidade à vida social da criança. Brockmeier e Harré (2003) acrescentam, ainda, que as crianças desde cedo são ensinadas a contar histórias, uma vez que, se ao contá-las não utilizarem devidamente as convenções, os ouvintes reclamam, param de ouvir, zombam, corrigem o narrador, etc. Já por parte da criança, segundo Dunn (1988), existe um entusiasmo natural por narrativas que evidencia uma prontidão para explorar e compreender o mundo social, o que deve ser encorajado e desfrutado pelos adultos significativos de seu ambiente imediato. Então, os adultos próximos da criança tem um papel específico a desempenhar no que concerne ao desenvolvimento de sua habilidade para narrar.

A esse respeito, Michaels (2002) explica que, na interação narrativa, o adulto deve captar o tópico oferecido pela criança e ajudá-la a prosseguir por meio de afirmações, questões e respostas. A autora enfatiza que para o adulto oferecer um suporte eficiente, é necessário antecipar a direção em que o tema vai se desenvolver. Desse modo, a criança vai construir a narrativa tomando como base as perguntas do adulto. Como lembra Perroni (1992), essas perguntas exigem da criança o preenchimento de elementos dentro de uma estrutura típica de discurso narrativo.

O papel do adulto nas interações narrativas durante o desenvolvimento da criança vai, no entanto, se modificando. Perroni (1992) constatou, em um estudo em que acompanhou duas crianças brasileiras dos dois aos cinco anos, um aumento progressivo na

complexidade das perguntas na medida em que diminuía gradativamente a participação do adulto. Em função dessa característica adaptativa da participação do adulto, que se modifica diante das aquisições da criança, Haden, Haine e Fivush (1997) propõem o nome de espiral colaborativa. O argumento das autoras baseia-se numa constatação similar a de Perroni: os pais aumentam a utilização de dispositivos mais sofisticados em sua narrativa, assim que as crianças vão desenvolvendo mais competência para narrar.

No que concerne a como fazer as perguntas para as crianças durante a interação narrativa, Michaels (2002) sugere que as questões devem ir do geral para o particular, devem surgir após uma unidade completa, e precisam estar ritmicamente sincronizadas, isto é, ocorrer após a criança fazer uma pausa com um tom decrescente. Desse modo, prossegue, as questões não serão vistas como interrupções, porque essas pausas da criança indicam uma espécie de fechamento. Para a autora, o sentido compartilhado do tópico e a sincronização dos intercâmbios com o adulto tornam a criança capaz de desenvolver melhor o seu relato.

Diferentes procedimentos foram utilizados por pesquisadores para tentar entender que tipo de pergunta fornece um suporte útil para a criança narrar. As primeiras pesquisas buscaram identificar os tipos de perguntas mais eficientes; já outras, procuraram discernir estilos narrativos maternos que favoreceriam o desenvolvimento da habilidade de narrar; outras ainda verificaram a influência da maneira como a mãe percebe a realidade retratada no tipo de construção narrativa da criança e também outras enfocaram as diferenças culturais no estilo materno de participar nas interações verbais com o(a) filho(a).

No que se refere aos tipos específicos de perguntas que melhor funcionam como suporte para narrar, Low e Durkin (2001) e Peterson e McCabe (1994) observam que quando os pais ou outros adultos perguntam questões específicas sobre quem, o que, quando, porque e onde conseqüentemente ampliam as respostas das crianças, fornecendo uma codificação para suas histórias, encorajando-as a fazerem conexões entre os eventos da mesma.

Algumas pesquisas verificaram que as mães podem estruturar os eventos passados com seus filhos de diferentes maneiras, e esses estilos maternos têm relação com o desenvolvimento narrativo das crianças (Fivush, 1991; Peterson & McCabe, 1994; Reese, Haden & Fivush, 1993). Fivush e colaboradoras distinguiram dois diferentes estilos narrativos exibidos pelos pais. De um lado, está o estilo “altamente elaborador”, que é aquele verificado em mães que freqüentemente falam sobre o passado com seus filhos, utilizando uma variedade de estratégias para eliciar um resultado mais elaborado e rico. Essas mães corresponderiam àquelas, descritas no estudo de Peterson e McCabe (1994),

que fazem perguntas específicas, pedindo informações de orientação (onde, quando, quem e o que aconteceu), situando o contexto espaço-temporal. De outro lado, está o estilo “pouco elaborador”. Este é verificado em mães que se referem menos ao passado, sendo que quando o fazem, perguntam pouco, oferecem descrições mínimas e tendem a fazer comentários repetitivos.

Fivush e colaboradoras explicitam, no entanto, que não é a quantidade de informações que a mãe fornece o fator determinante, mas a maneira como a estrutura narrativa é ensinada. Assim, as mães que desde cedo fornecem narrativas densas, temporal e informacionalmente complexas, têm crianças que produzem narrativas igualmente densas mais tarde. Mães que fornecem às crianças em suas conversas sobre o passado mais informações de orientação e avaliação têm crianças que incluem mais esse tipo de informação em suas narrativas pessoais subsequentes. Fivush (1991) chama a atenção para a bidirecionalidade desse procedimento, uma vez que a habilidade verbal da criança pode influenciar o estilo narrativo da mãe, já que a criança que é verbalmente mais sofisticada elicia um estilo narrativo mais sofisticado em sua mãe. Reese e Fivush (1993) constataram que os pais podem apresentar aspectos dos dois estilos, diferindo no grau em que demonstram cada um, e que os pais de meninas tendem a ser mais elaborativos do que os pais de meninos.

Ainda sobre a influência da maneira como as mães estruturam os eventos passados com seus filhos, Nelson (1998) observou que algumas mães enfatizam mais os aspectos subjetivos, afetivos e relacionais da experiência, enquanto outras privilegiam a objetividade dos fatos. Ao enfatizar aspectos subjetivos da experiência, as mães incentivam os filhos a buscarem a coerência da história, enquanto que ao enfatizarem a objetividade fornecem a seus filhos uma estrutura mais relacionada com o tempo histórico. A autora sugere que diferenças individuais nessa dimensão, associadas ao estilo parental de lembrar, podem ocasionar duas diferentes perspectivas para olhar o passado: a histórica (seqüência de fatos) e a narrativa (uma história coerente). Além disso, a autora pondera que a narrativa é a forma mais significativa, entre os diferentes meios, para encontrar um significado para a vida, para as pessoas e para nós mesmos.

Das narrativas conjuntas à autoria da própria história de vida

Bruner (1991) definiu narrativa como um instrumento mental e discursivo de construção da realidade e, mais recentemente (1997a), como uma forma convencional, transmitida culturalmente, que trata das intenções humanas. As convenções narrativas seriam padrões aos quais as histórias devem se ajustar, a fim de serem reconhecidas em

uma cultura. Porém, o autor também cogita que poderia haver uma predisposição para organizar as experiências em forma narrativa, sendo que, em sua opinião, não haveria outra maneira de descrever o tempo vivido (1987, 1997b). Desse modo, as narrativas possibilitam às pessoas conversar sobre seu passado e futuro, ou seja, sobre todos os eventos que não estão próximos. Além disso, o autor (1997b) propõe que a forma narrativa permite compreender como as experiências e atos das pessoas são moldados por seus estados intencionais. Bruner destaca, assim, que a vida só é compreensível em virtude dos sistemas culturais de interpretação, codificados em forma narrativa (Bruner, 1997a). Em resumo, a construção de histórias em sua forma narrativa permite às pessoas compreenderem a vida, a si mesmas e aos outros, porque possibilita inferir sobre suas mentes.

Similar a Bruner, Brockmeier e Harré (2003) entendem que o estudo da experiência humana através da narrativa permite conceber uma realidade em constante transformação e reconstrução. Através da forma narrativa, tem-se a opção de dar ordem e coerência à experiência e fazer alterações quando a experiência, ou seu significado, transforma-se. Habermas e Paha (2001) enfatizam que a habilidade para contar coerentemente nossa história de vida, concebendo-nos através de uma perspectiva biográfica, contribui ativamente para constituir o que fomos, somos e seremos. As narrativas, então, operariam como mediadoras entre o indivíduo e a cultura, uma vez que constituem tanto os modelos de mundo quanto os modelos de *self*.

A maneira como as narrativas de experiências vividas são construídas e compartilhadas nas famílias vêm interessando muito aos terapeutas de família, ainda que os autores se posicionem diferentemente frente a essa questão, como explicam Nichols e Schwartz (1998). Coerentemente com a posição adotada nesse estudo, Andolfi, Angelo, Menghi e Nicolò-Corigliano (1989) consideram que a família é um sistema ativo em constante transformação, que se altera com o passar do tempo, porque recebe pressões internas, relativas às exigências dos ciclos de vida de seus membros, e externas, relativas às exigências sociais. Assim, segundo os autores, os membros da família são constantemente impelidos a avaliar suas relações e o equilíbrio entre a unidade familiar e o crescimento individual, influenciados pelas experiências passadas e presentes da família e de cada membro.

Desse modo, enquanto o indivíduo cresce vai sendo compelido a avaliar suas relações e ao fazê-lo, está acessando experiências passadas e presentes que se apresentam em forma narrativa. Por outro lado, a idéia de equilíbrio familiar é resultado da avaliação que os membros da família fazem de suas experiências passadas e presentes em família, as

quais também se apresentam em forma narrativa. Assim, a forma narrativa estaria implicada duplamente nesse processo de transformações. E é em consequência dessas avaliações que cada pessoa desenvolve uma imagem diferente, estável de si mesma, dos outros membros da família e de si mesma em relação aos outros. Além disso, como a família constitui um sistema, as avaliações de cada parte do sistema influenciam todo o sistema.

Como bem sintetizou Gonçalves (1996), esse processo de interações que formam a identidade familiar constitui a base sobre a qual as experiências pessoais se constroem e reconstroem, numa relação dialética, na qual tornam-se inseparáveis o psicológico e o contextual, uma vez que ambos ajudam na definição um do outro. Considerando essas informações, é possível que a aprendizagem da forma narrativa tenha um importante papel na dinâmica das relações familiares, bem como, na dinâmica de funcionamento individual. Isto aconteceria porque, ao evocar o passado, as pessoas utilizam constantemente a forma narrativa para organizar, pensar e avaliar suas experiências.

Estudos sobre essas narrativas conjuntas indicam que as crianças aprendem a falar sobre suas memórias de eventos passados de uma maneira organizada, num contexto colaborativo de engajamento com seus pais (Fivush, 1991; Low & Durkin, 2001; White & Low, 2002). Observou-se, nesses estudos, que a maneira como os adultos falam com as crianças sobre a história de suas experiências, além de contribuir para o desenvolvimento do processamento e recordação de cada narrativa (Welch-Ross, 1997), pode influenciar o modo como a criança vai pensar seu passado e sobre si mesma. De acordo com a literatura, a maneira como os adultos falam de eventos ocorridos no passado com as crianças pequenas influencia a maneira como elas irão compreender esses eventos (Fivush & Haden, 1997; Fivush, 1991; Reese & Fivush, 1993; Peterson & McCabe, 1991). Além das construções conjuntas servirem para ajudar a criança a estruturar narrativas autobiográficas, elas também auxiliam, segundo Reese e coautoras (1993), a manter as ligações interpessoais, através da construção de uma história compartilhada.

Já Peterson e Biggs (1998) verificaram que as histórias do que vivemos vão se tornando mais coerentes, ao serem recontadas, mesmo quando isso é feito de maneira pouco freqüente ou muito espaçadamente, ao longo do tempo. Esta consideração lembra uma sugestão de Bruner (1987) de que não deveríamos olhar as histórias de vida como uma reprodução do que realmente se passou, mas como uma contínua interpretação e reinterpretção de nossa experiência.

Assim, falar sobre o passado através das histórias que contamos sobre nós, para nós mesmos e para os outros tem um importante papel em nossa vida, pois participa na

construção de nosso autoconceito. Nelson (2000) argumenta que o *self* emerge como resultado das trocas verbais com outros significativos desde a tenra infância, através das formas narrativa e explanatória, a respeito de experiências compartilhadas ou não, e das histórias e mitos que alicerçam a cultura. Para a autora, essas fontes são únicas para fornecer o conhecimento da continuidade do *self* ao longo do tempo, desde um não lembrado nascimento até uma inimaginada fase adulta, indo através das gerações e ao passado e futuro de outras pessoas. Parece, portanto, existir um consenso de que grande parte do que somos depende da conceituação que fizemos do nosso passado, e alguns autores propõem que a narrativa de histórias de vida representa um esquema avaliativo para interpretar o passado (Fivush, 1991; Nelson, 1998).

A forma narrativa pode ser pensada como aprendida culturalmente ou se constituindo como uma predisposição, isto é, fazendo parte do equipamento cognitivo básico dos seres humanos. Pode-se, ainda, discutir se a forma narrativa organizaria o próprio pensamento de maneira coerente ou se seria fruto de um pensamento já organizado. Parece plausível, todavia, considerar que há interdependências e interinfluências entre predisposição e aprendizagem, assim como entre cultura, família e indivíduo, sendo que cabe a cultura fornecer os sistemas de interpretação. Além disso, a forma narrativa parece servir de instrumento de ligação entre o passado, presente e futuro, possibilitando a construção da história e da identidade da família e de cada um de seus membros. Neste sentido, a forma narrativa permite ao pensamento transitar através do tempo e do espaço, organizando a história de uma vida e marcando o pertencimento do sujeito a uma determinada família e cultura.

A experiência, a representação dos eventos na memória e a forma narrativa

As relações entre a experiência real e a forma narrativa tem sido discutidas por diversos autores (Bruner, 1997b; Fivush e Haden, 1997; Nelson, 1998). Nelson adverte para o risco de pensarmos que a estrutura da experiência e a estrutura da narrativa sejam idênticas do ponto de vista estrutural e funcional, o que conduz à necessidade de tomar uma posição quanto à relação entre a forma canônica da narrativa e a estrutura da experiência no mundo real. A esse respeito, Fivush e Haden (1997) destacam três posições: os que argumentam que o ato de narrar a experiência cria a relação entre os eventos que vêm antes e, portanto, o significado; os que entendem que as narrativas não criam significado, apenas servem para expressá-lo; e a posição intermediária de Ricoeur, para quem a habilidade para construir narrativas sobre as experiências acrescenta elementos básicos para a compreensão da experiência, de um modo que seria impossível sem a

linguagem. Esta posição conduz novamente a Vygotsky, para quem é a linguagem que permite novas formas de pensamento (Penuel & Wetsch, 1995).

As implicações psicológicas da idéia de que a forma narrativa provê o significado essencial da experiência motivaram a investigação de Fivush e Haden (1997) e inspiraram também esse estudo. Entretanto, o interesse do presente estudo foi compreender como a criança aprende a forma narrativa, através do exame de seus hábitos conversacionais com sua mãe.

Fivush e Haden (1997) entendem que há duas formas de conceber a relação entre a linguagem utilizada para narrar um evento e a maneira como esse evento é representado na memória. A primeira defende que, embora a criança torne-se mais hábil para expressar memórias de eventos através da linguagem, isto não reflete necessariamente qualquer desenvolvimento na forma como os eventos estão representados. A segunda, em contrapartida, defende que o desenvolvimento das habilidades da linguagem reflete, diretamente, o desenvolvimento da memória e da habilidade representacional. Fivush e Haden defendem uma posição intermediária, adotada nesse estudo: enquanto a criança desenvolve maneiras mais sofisticadas de narrar os eventos, simultaneamente, desenvolve uma maneira mais sofisticada de compreender e representar os eventos. Os autores argumentam que as narrativas parecem acrescentar regras para a compreensão dos eventos, indo além do que foi disponibilizado diretamente pela experiência. Para sustentar essa afirmação, os autores apresentam as seguintes características das narrativas: a) fornecem relações entre os eventos, através de informações explícitas de orientação; b) fornecem conexões temporais e causais/condicionais entre os componentes das ações, através de marcadores lingüísticos explícitos; c) fornecem causalidade psicológica, através de referência explícita a estados internos, motivações, crenças e reações emocionais e, por fim; d) fornecem o significado individual e o sentido que o evento tem para a pessoa, através do uso explícito de avaliações. Desse modo, os autores justificam porque as narrativas transmitem coerência e significado aos eventos experienciados pessoalmente através da linguagem.

De acordo com a revisão que fizeram Fivush e Haden (1997), nas últimas duas décadas vêm sendo produzidas pesquisas sobre o tema da narrativa, especialmente, dentro da abordagem das ciências cognitivas e da lingüística. Segundo os autores, as duas abordagens partem de pressupostos diferentes e costumam usar metodologias distintas.

Fivush e Haden (1997) observam que a abordagem das ciências cognitivas parte do pressuposto de que a representação dos eventos na memória é organizada como narrativas canônicas ou histórias. Há um consenso quanto a quais seriam os componentes básicos que

formariam um esquema de história. Histórias começam num *setting* ou com informações de orientação que introduzem o protagonista e situam um problema. Episódios dentro da história giram em torno de tentativas para resolver o problema, e a história termina bem quando o problema é resolvido. Partindo dessa perspectiva, a metodologia que costuma ser utilizada é pedir à criança que coloque em ordem uma seqüência de figuras (ou cartões) que compõem uma história (ficção), ou pede-se que a criança relembra uma história contada anteriormente.

Já na abordagem lingüística, o foco está na descrição formal da linguagem utilizada para transmitir a ocorrência e o significado do evento narrado ao ouvinte. Parte-se do pressuposto de que as narrativas são interpessoais, uma vez que são contadas a outros e compreendidas por outros. Nesse sentido, para efetivamente comunicar, a narrativa precisa incluir alguns tipos de informação: (1) o evento narrado precisa ser situado num contexto apropriado, o que inclui quando e onde o evento ocorreu, bem como, descrever as pessoas e objetos envolvidos; (2) o ouvinte precisa saber o que aconteceu durante o evento, isto é, as ações que ocorreram precisam ser explicitadas, sem necessariamente obedecer à ordem em que realmente aconteceram; e (3) o ouvinte precisa entender porque o evento foi interessante ou emocionalmente importante para o narrador, o que o narrador explicita através de sua avaliação. Além disso, quando a ordem cronológica dos acontecimentos é quebrada, o narrador necessitará utilizar marcadores temporais, palavras como daí, primeiro, a seguir, antes e depois. Podem ser utilizados marcadores mais complexos para marcar relações temporais, como se/então, quando, até e desde e, ainda, porque, então, a fim de que, para explicitar uma conexão causal entre duas ações. Na pesquisa de abordagem lingüística, utiliza-se freqüentemente o contar espontâneo e eliciado de eventos pessoalmente experienciados.

Fivush e Haden (1997) destacam que, no esquema de história, a narrativa é voltada para um objetivo, ou seja, as ações são movidas pelo desejo do protagonista de alcançar um objetivo. Em contrapartida, as narrativas pessoais apresentam múltiplas formas que compartilham os elementos críticos da narrativa, e que podem ser combinados de maneiras distintas, nem sempre envolvendo solução de problemas. Esse estudo insere-se na abordagem lingüística, ao analisar aspectos lingüísticos das narrativas de experiências pessoais de crianças, mas o foco de investigação está em compreender como a participação da mãe influencia a narração da criança, nas interações narrativas mãe-criança. Então, a análise de aspectos lingüísticos das narrativas das crianças serve ao propósito de detectar como se apresentam essas possíveis influências.

O Desenvolvimento da Produção Oral de Narrativas de Crianças

Este estudo tem um interesse nas narrativas infantis construídas para recuperar lingüisticamente uma seqüência de experiências pessoais do narrador, as quais Perroni (1992) nomeou como relatos. Nestes, a criança narra experiências efetivamente vividas, muitas vezes compartilhadas com a mãe e que, por essa razão, necessitam coerência e um certo compromisso com a verdade. A esse respeito, McCabe e Peterson (1991) acrescentam que as experiências compartilhadas conduzem a um suporte verbal materno mais efetivo, enquanto que as não compartilhadas levam a criança a uma melhor performance ao narrar.

A produção oral de narrativas, no que concerne ao domínio das convenções e da estrutura própria das histórias infantis, apresenta uma evolução que depende da idade e da escolaridade (Shapiro & Hudson, 1991; Silva & Spinillo, 2000; Spinillo, 1993), sendo o efeito da escolaridade considerado mais marcante (Spinillo, 1993). Além disso, vários autores verificaram que as crianças precisam captar o significado de uma seqüência inteira de eventos para estruturar seus discursos e, assim, contar uma história coerente. (Shapiro & Hudson, 1991; White e Low, 2002).

Com relação à influência da idade, Perroni (1992) observou que, a partir dos quatro anos, a criança passa a tomar a iniciativa de relatar eventos/ações passados, independentemente da eliciação do adulto, o que significa um passo importante para a sua constituição como narrador. Ao redor dos cinco anos, a autora observou que o papel do adulto, nas situações de discurso narrativo com a criança, passa a ser menos ativo. Além disso, observou que a criança dessa idade não narra quando o adulto lhe cobra uma narrativa. Nessa mesma direção, Hudson e Shapiro (1991) observaram que quando a criança é capaz de fazer sozinha uma narrativa de experiência pessoal, ela fica livre para enfocar os aspectos realmente importantes das experiências, segundo sua própria perspectiva, e não amarrada a perguntas que seguem a perspectiva do adulto sobre os eventos.

Quanto à habilidade para organizar os eventos em uma seqüência, Peterson e McCabe (1983) verificaram que alguns padrões vão se sucedendo durante o desenvolvimento da criança. Ao analisarem 1124 narrativas de 96 crianças, observaram dois padrões típicos de crianças pequenas: o padrão cronológico que consiste na simples descrição de eventos que se sucedem e o padrão “pulo de sapo”, em que a narrativa pula de um evento para outro, deixando de lado fatos importantes que devem ser inferidos pelo ouvinte. Especificamente, entre quatro e cinco anos, as crianças movem-se de uma lista de ações temporalmente desorganizadas até narrativas que seguem a seqüência temporal dos

eventos, mas terminam abruptamente no ponto culminante da história. Já a incidência do padrão clássico de história aumenta com a idade e este padrão é o mais comum aos 6 anos. Nessa idade, as crianças orientam seus ouvintes quanto a quem, o que, onde e quando algo aconteceu, fornecem a complicação da ação, chegando até o clímax do evento e, às vezes, fornecendo um coda, atualizando os eventos da narrativa. Outros estudos constataram que crianças de seis anos estão aptas a produzir e lembrar histórias coerentes em scripts baseados em eventos familiares (Hudson & Nelson, 1983; Low & Durkin, 1998 ; 2000). E, por fim, como sugerem Silva e Spinillo (2000), a aquisição de um esquema narrativo mais elaborado é fundamental para ancorar a produção escrita de histórias.

As crianças vão adquirindo durante seu desenvolvimento uma maior flexibilidade e habilidade para descrever histórias de seqüências inesperadas, quer dizer, mais independentes do canônico (Hudson & Nelson, 1983; Low & Durkin, 1998, 2000). Entretanto, Fivush e Haden (1997) advertem que, embora uma criança mais jovem possa construir tão bem quanto uma criança mais velha seqüências com figuras de eventos familiares, sua habilidade para sequenciar não é flexível. Por exemplo, as crianças mais velhas podem sequenciar tanto eventos familiares, quanto não familiares, de trás para frente e de frente para trás. Porém, é somente após os oito anos que a produção e a recordação de histórias começam a obedecer a estrutura gramatical da história, incluindo objetivos, obstáculos a vencer e reações internas.

No que concerne à composição da narrativa, algumas pesquisas constataram que as histórias de pré-escolares freqüentemente enfocam os componentes básicos da narrativa, como as ações e os diálogos (Botvin & Sutton-Smith, 1977; van den Broeck e cols., 1996). Umiker-Sebeok (1979) observou que as crianças pequenas tendem a incluir mais informações de *background* e de ações do evento do que fazer avaliações. E com o passar do tempo, as crianças passam a incluir mais informações de orientação, com mais detalhes e de forma mais sofisticada. Essa autora ainda constatou que as avaliações de crianças de quatro anos referem-se predominantemente a reações emocionais, enquanto que aos cinco anos, além das reações emocionais, são usados marcadores de intensidade e quantidade, junto a comparações.

Quanto a possíveis diferenças de gênero, Fivush e Haden (1997) encontraram que meninas constroem narrativas mais longas e complexas do que meninos, porque usam mais conetivos causais e condicionais e descrevem mais, usando mais qualificativos. Além disso, em suas avaliações, as meninas fazem mais referências a estados internos do que os meninos. Já meninos, usam mais intensificadores e criam mais suspense em suas narrativas.

Peterson e Biggs (1998) observaram que, em qualquer idade, as crianças produzem narrativas menos coerentes, contendo menos informações de avaliação, quando se trata de eventos estressantes. Contudo, a interferência das reações emocionais vinculadas ao evento a ser narrado produz efeitos diferentes de acordo com a idade. Segundo as autoras, no caso das narrativas de eventos estressantes, as crianças mais velhas (9-13 anos) incluem mais informações sobre o contexto espaço-temporal, enquanto diminui a quantidade desse tipo de informações em crianças menores (2-3 anos). Além disso, as narrativas das crianças mais velhas tornam-se menos coerentes, tendo menos a dizer sobre suas reações emocionais, quanto mais fortes forem essas emoções.

Neste estudo, as crianças estão na pré-escola, período em que estão aprendendo a contar narrativas sobre suas experiências passadas, ao mesmo tempo em que, segundo Fivush e Haden (1997), estão aprendendo a compreender a experiência vivida de uma forma mais coerente e personalizada.

Problema e Questões da pesquisa

Apesar da literatura trazer resultados já bastante elucidativos, existe um consenso entre os autores de que ainda estamos longe de compreender como as crianças captam a estrutura narrativa das histórias. Isto se constitui em um bom argumento para explorar a influência dos hábitos conversacionais da criança com sua mãe, durante o relato de experiências pessoais. Na maioria dos estudos, a ênfase reside na relação entre o estilo narrativo da mãe e a memória de seu filho. O presente estudo avança, ao pretender examinar como as intervenções maternas influenciam a criança, em suas tentativas de narrar suas experiências, em seu ambiente natural familiar e em suas atividades cotidianas. Especificamente, o objetivo deste estudo foi examinar a influência do estilo conversacional das mães na construção narrativa das crianças.

Para concretizar este objetivo, foram formuladas as seguintes questões norteadoras:

1. Há tipos de intervenção materna que ampliam a capacidade da criança de narrar um evento, em nossa cultura? Quais são esses tipos?
2. Por outro lado, é possível identificar os tipos de intervenção que inibem a capacidade narrativa da criança? Quais são eles?
3. Considerando três contextos diferentes: 1) estando apenas mãe e criança presentes; 2) durante a visita da pesquisadora ao domicílio da criança; e 3) num enquadre livre, com a possibilidade de participação de outras pessoas; que mudanças podem ser observadas na produção narrativa da criança e na participação da mãe durante as interações narrativas?

CAPÍTULO II

MÉTODO

Participantes

Participaram dessa pesquisa seis crianças de quatro a cinco anos e suas mães. Trata-se de uma amostra constituída por conveniência, com famílias provenientes da classe média¹ (cf. Hollingshead, 1975) e cujos filhos frequentam uma pré-escola de um bairro de classe média da cidade de Porto Alegre. Todas as mães de duas turmas de jardim A foram convidadas a participar da pesquisa através de uma carta-convite colocada dentro da agenda escolar. As primeiras 11 mães que responderam ao convite foram entrevistadas, assinaram o consentimento livre e esclarecido e iniciaram o procedimento de pesquisa. Entretanto, houve desistências: uma das crianças não quis prosseguir; uma mãe teve um parto prematuro e três mães simplesmente não fizeram gravações durante o segundo mês da pesquisa. As seis mães que concluíram todos os procedimentos de coleta de dados constituíram a amostra, juntamente com seus filhos.

Instrumentos e materiais

1 – Entrevista com a mãe: as mães foram entrevistadas individualmente na escola, a fim de assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, explicar os procedimentos para as gravações e coletar os dados para a caracterização do contexto familiar da criança.

2 – Entrevista domiciliar: os participantes foram visitados em suas casas após o término do primeiro mês de gravações. As visitas tiveram trinta minutos de duração, sendo solicitado à criança e sua mãe que contassem sobre as férias. Na ocasião, a primeira fita foi recolhida e foi dada uma nova fita, com as instruções do segundo mês de gravações.

3 – Gravador e fitas cassete: cada mãe recebeu um gravador para gravar as conversas com o(a) filho(a). As mães foram orientadas a apresentar o gravador para os filhos antes de iniciarem as gravações, para que pudessem se familiarizar com ele. Todas também receberam duas fitas cassete, de 60 minutos cada, a primeira na entrevista com a pesquisadora e a segunda na visita domiciliar.

¹ Classificam-se como de classe média quando pelo menos um dos pais tem nível superior e o outro no mínimo médio e cuja ocupação de pelo menos um deles é de tipo deliberativo.

Delineamento e Procedimentos Gerais

1- Delineamento :

A pesquisa constitui-se como um estudo de caso coletivo (Stake, 1994). A unidade de análise é a interação narrativa mãe-criança e os seis casos foram examinados com a finalidade de obter informações sobre como a criança aprende a narrar. O estudo teve um caráter exploratório (Robson, 1993), buscando verificar o que é e como acontece o processo de aprender a narrar na interação mãe-criança, e levantando novas questões. A pesquisa foi feita em três contextos diferentes. No primeiro contexto, um gravador e uma fita cassete foram disponibilizados à mãe para que gravasse as conversas com o(a) filho(a) durante um mês. Foi combinado com a mãe que as gravações seriam feitas no horário em que a criança, normalmente, estava mais disposta a falar de seu dia. Também foi pedido que outras pessoas não estivessem presentes nessas ocasiões. O segundo contexto foi o da visita domiciliar feita pela pesquisadora, o qual teve trinta minutos de duração. Foi solicitado à criança e sua mãe que contassem algo sobre as férias. Ao final da visita, as mães receberam uma segunda fita para gravarem as conversas com o(a) filho(a) por mais um mês. Nesse terceiro contexto foi combinado que as mães poderiam gravar com outras pessoas presentes e em qualquer situação em que a criança desejasse contar alguma coisa de sua experiência. Os diferentes contextos serviram para que se pudesse examinar o que a mãe fazia para ampliar a narrativa do(a) filho(a). Em cada contexto, a maneira como a mãe participou nas interações narrativas foi comparada à forma de narrar da criança.

2- Procedimento :

Inicialmente, a pesquisadora conversou com a diretora da escola que recebeu informações sobre a pesquisa e, após uma reunião da diretoria, o consentimento livre e esclarecido foi assinado (Anexo A, pp.166). O contato com as mães foi feito através de um convite colocado dentro da agenda escolar da criança (Anexo C, pp.168).

As primeiras 11 mães que responderam ao convite foram entrevistadas. Foi uma entrevista semidirigida que começava com informações sobre a pesquisa (roteiro no Anexo D, pp.169). Todas receberam as mesmas informações sobre a pesquisa.

As mães que quiseram participar assinaram o consentimento livre e esclarecido (Anexo B, pp.167) e receberam gravadores e fitas cassete. Foi solicitado que gravassem em suas casas quando seus filhos estivessem lhes contando alguma experiência pessoal, sobre algo que realmente aconteceu no passado, ao longo de um mês. Todas foram orientadas a se comportarem da forma habitual de quando conversam com seus filhos. Nenhuma outra orientação foi dada. Ao final de um mês, a pesquisadora fez a visita para ouvir mãe e

criança a respeito de algo sobre as férias e para a entrega da fita. Ao final da visita, uma nova fita foi entregue à mãe para que gravasse o(a) filho(a) por mais um mês em um enquadre livre, isto é, em qualquer situação que ele(a) estivesse disposto(a) a contar algo que lhe aconteceu, por mais um mês, sendo que outras pessoas poderiam estar presentes. Após o término do segundo mês, a pesquisadora buscou a fita gravada. Foi combinado com a mãe que, ao final da análise das fitas, ela poderia ficar com uma cópia da fita gravada, caso estivesse interessada.

Considerações éticas

Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela Resolução nº 2005426, sendo considerado ética e metodologicamente adequado.

A privacidade dos participantes e a utilização das informações somente para fins de pesquisa foram garantidas, já que todos as iniciais usadas nos casos são de nomes fictícios. As mães participantes assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido que apresentava informações básicas sobre o projeto. Todos os dados são mantidos no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Procedimento para análise de dados

Após as transcrições das fitas, em sua totalidade, as falas foram examinadas por dois examinadores. O primeiro examinador examinou as falas em duas ocasiões, intercaladas pela discussão com um segundo examinador. Uma terceira discussão entre os dois examinadores ocorreu quando da correção da primeira redação. A finalidade das discussões foi alcançar consenso no que diz respeito à classificação das falas.

1 – Procedimento para a análise da narrativa da criança

Inicialmente, os trechos com narrativas da criança foram extraídos das conversações gravadas. Foi considerada narrativa toda a seqüência de duas sentenças independentes ordenadas temporalmente (Labov & Waletzky, 1967). Desse modo, durante uma interação verbal, pode haver diversas narrativas ou nenhuma. Esse procedimento está demonstrado no Anexo E (pp.172).

Após, foram selecionadas apenas as narrativas de experiências pessoais, pois esse é o primeiro gênero a se desenvolver, iniciando entre 24 e 36 meses (Peterson & McCabe, 1991) e porque a mesma criança pode demonstrar níveis diferentes de habilidade para

narrar se comparadas narrativas de experiências pessoais, narrativas ficcionais e recontos de histórias (Shiro, 2003).

A seguir, cada narrativa foi dividida em sentenças, sendo considerada sentença aquela que contém um verbo (Fivush, 1991). Foram excluídas todas as referências à situação de gravação. Cada sentença foi categorizada individualmente, como servindo a uma das três funções descritas, inicialmente, por Fivush (1991) e revisadas em Haden, Haine e Fivush (1997). As sentenças repetidas foram codificadas somente uma vez.

Função de orientação: fornece informações de *background* para situar o evento em seu contexto, incluindo informações sobre quando o evento ocorreu, onde ocorreu e quem estava envolvido no evento. Não estão incluídas informações específicas sobre as ações que ocorreram durante o evento.

Função referencial: informa especificamente as ações que ocorreram durante o evento.

Função de avaliação: fornece informação sobre o que pensar sobre o evento, inclui afeto (foi engraçado), intensificadores (entrei no carro e fomos muito alto no céu) e comentários que revelam sentimentos pessoais ou desejos dos participantes.

Foram considerados à parte, como comentários extra, as seguintes situações: a) quando a criança pediu confirmação de informações; b) quando a criança se recusou a responder; c) quando a criança solicita que o(a) ouvinte antecipe alguma coisa; d) sentenças repetidas e e) autocorrekções.

2 – Procedimento para a análise da participação da mãe

As falas das mães durante as interações verbais que continham narrativas foram avaliadas em dois níveis: o tipo de intervenção da mãe e o interesse que a motivou.

Os tipos de intervenção foram classificados, utilizando-se uma adaptação da classificação de Peterson e McCabe (1991), a saber:

Questões abertas (ou frases) que iniciam novos tópicos (NT)

Exemplos: “O que tu fizeste na escola hoje?” ou “Acho que sei de alguém que brincou com tinta hoje ...”

Questões abertas ou frases que ampliam um tópico (QA)

Exemplos: “O que tu vês aqui?” ou “Não entendo como o Pedro empurrou a Ana, com a professora em aula.”

Questões fechadas (QF)

Exemplo: “A Maria estava contigo quando tu caíste?”

Ecos (Ec)

Exemplo: “Tu bateste no Marcos?”, depois que a criança disse “Bati no Marcos”.

Questões para esclarecer (QE)

Exemplo: “Quem estava no pátio?”

Frases síntese (FS)

Exemplo: “Ah, então, tu estavas brincando de balançar a cadeira, quando caíste”.

Devoluções do turno de fala (TF)

Exemplo: “Tá, e aí, me conta”.

Expressões que mostram atenção (At)

Exemplo: “Uhn-hum”.

Pistas (Pst)

Exemplo: “Aconteceu uma coisa quando a gente estava almoçando”.

Questões repetidas (QR): quando a mãe repete a mesma questão, sem alterações.

Informações (Inf): foram consideradas as informações pertinentes ao relato da criança.

Correções (Crr): frases para corrigir o que a criança disse, quanto ao conteúdo ou a forma.

Exemplos: “Do pingüim não, tu tiraste uma foto com o pingüim, né?” ou “Não fala igual a um bebê”.

Avaliações (Av): quando a mãe fala de aspectos subjetivos da experiência do filho.

Exemplo: “Que legal!” (referindo-se ao que a criança viveu).

Elogios (El)

Exemplo: “Que linda!”.

Ênfases (Ên): quando a mãe faz uma intervenção para intensificar o que disse na anterior.

Exemplo: “Tu não me contaste como foi o piquenique, hoje de manhã. *Só me disseste que tinha sido bom*”.

Foram consideradas, ainda, intervenções que só caracterizam a fala de uma mãe específica, como as brincadeiras (Bri) da mãe do caso “Formiga Vermelha” e os pedidos de turno de fala (PT) da mãe do caso “Festa Junina”.

Num segundo momento, o objetivo das intervenções foi analisado, seguindo uma classificação similar a da função das sentenças da criança, também adaptada de Fivush (1991).

- Obter orientação: se a mãe desejava obter informações sobre o contexto dos acontecimentos.
- Obter informação referencial: se a mãe desejava obter informações sobre as ações.
- Obter avaliação: se a mãe desejava investigar aspectos subjetivos da experiência.

- Manter o fluxo da narrativa: quando não há interesse em obter informações, mas em deixar a criança seguir falando, mostrando que está atenta ou compreendendo.

3 – Procedimento para análise da interação narrativa

Para analisar a interação narrativa mãe-criança foram comparados o objetivo das intervenções da mãe e a função das sentenças da criança. Após essa avaliação, procurou-se definir se a mãe utilizava alguma estratégia para ampliar a narrativa do filho e o que ela fazia nesses momentos. Os três contextos serviram ao propósito de permitir a apreciação dessa estratégia. Em contrapartida, para identificar tipos de intervenção que poderiam inibir a capacidade narrativa da criança foram examinadas a narrativa mais curta e a mais longa de cada criança, a fim de verificar as diferenças na participação da mãe nessas duas ocasiões.

Por fim, foram comparados o desempenho da criança e da mãe nos diferentes contextos, procurando identificar possíveis modificações, bem como, identificando qual o contexto que mais favoreceu a produção.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Apresentam-se neste capítulo os resultados da análise dos seis casos, denominados: Festa Junina (caso 1); Cavalinho Piti (caso 2), Formiga Vermelha (caso 3); Jogador (caso 4); Teatro da Tartaruga (caso 5); e Menina que Cresceu (caso 6). A análise de cada caso é apresentada em três partes: 1) caracterização do contexto familiar; 2) resultados; e 3) discussão dos resultados de cada caso.

Os resultados são apresentados para cada contexto (Histórias Dirigidas para a Mãe, Visita Domiciliar e Enquadre livre) em relação aos seguintes itens: número de registros feitos pela mãe e tempo de gravação; produção narrativa da criança; participação da mãe; interação narrativa mãe-criança; síntese dos três contextos.

CASO 1: FESTA JUNINA

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO FAMILIAR

A família é constituída pelo pai, mãe e F., um menino de quatro anos. Moram em residência própria, tendo a mãe curso superior completo e o pai incompleto, e ambos são profissionais liberais. A mãe se considera muito satisfeita com sua carreira profissional, mas acredita que o mesmo não ocorra com o marido. Nessa família, enquanto o trabalho representa satisfação pessoal para a mãe, para o pai representa subsistência.

A mãe se considera carinhosa, mas acha que seu marido tem dificuldade de expressar carinho, tanto verbal quanto fisicamente. Avaliando a intimidade entre os membros da família, a mãe acredita que o filho está mais próximo dela que do marido. A família de origem materna é considerada muito próxima, enquanto a ligação com a família de origem paterna reduz-se a almoços quinzenais. No que se refere ao relacionamento social da família, enquanto a mãe tem muitos amigos o pai tem poucos.

O espaço na vida familiar dedicado à televisão (TV) e ao computador também foi investigado. Os pais assistem pouco, mas F. olha em média uma hora e meia de TV por dia. A mãe acredita que cada meia hora de TV deveria corresponder a duas horas de leitura. Nesse sentido, cabe observar que F. está começando a ler. Já o computador é usado pela mãe tanto no trabalho quanto em sua comunicação com a família e amigos. F., por sua vez, tem seu MSN, manda *Winks* e cartões, e escreve cartas para a tia e para os avós com a ajuda de sua mãe.

Os pais têm o hábito de falar sobre o passado, indicando que as histórias ocupam um lugar importante nas atividades dessa família. O filho pergunta como os pais eram quando pequenos e eles mostram álbuns e contam suas histórias e as de seus antepassados. Eles também contam histórias, de livros ou inventadas, todas as noites para o filho. Além disso, a avó materna e o avô paterno também gostam de contar histórias e o fazem com frequência.

Quanto aos problemas familiares, a mãe reconhece a dificuldade do casal em lidar com a autoridade. A esse respeito referiu que se sentia desconfortável, em função da frequência com que estava expressando verbalmente sua raiva, contando que, por outro lado, F. andava muito irritado. Em consequência, o casal decidiu buscar ajuda o que resultou numa psicoterapia para o filho.

F. é um menino alegre, ativo, simpático e desembaraçado na presença de adultos. Durante a visita, solicitou várias vezes que a pesquisadora interagisse diretamente com ele, convidando para ir brincar no seu quarto. Diariamente, F. desperta às 7hs e a mãe tenta fazê-lo tomar o café da manhã, o que se torna uma tarefa complicada. Ele, então, vai para a escola, sendo que é a mãe quem leva e busca, com exceção de um dia em que o pai o faz. Todos almoçam e jantam juntos, na maioria das vezes. Durante o período da tarde, F. tem inglês e psicoterapia, ambas atividades duas vezes na semana. A empregada cuida dele apenas por algumas horas. No seu tempo livre, F. brinca com seus brinquedos, vê TV e usa o computador. Toma o seu banho sozinho, mas a mãe coordena a atividade. Muitas vezes, adormece na cama dos pais, antes das 19.30h. Quando os pais o colocam para dormir em sua cama, ouve histórias do pai ou da mãe. É nesse momento que ele fala de seu dia.

RESULTADOS

1 - CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 16
- Tempo total de gravação: 1 hora

A - A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 5
- N° total de sentenças: 100 (em média 20 sentenças por narrativa)

A Figura 1.1 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação nas narrativas produzidas.

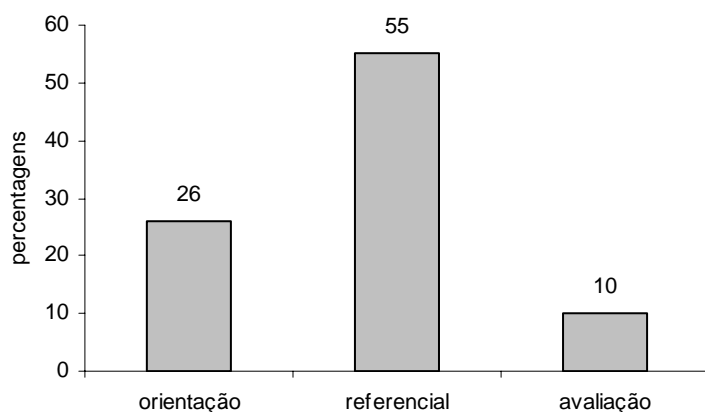


Figura 1.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Descrição dos resultados da criança

F. narra cinco experiências pessoais, procurando organizar os eventos em uma seqüência, com a ajuda da mãe. Como narrador, inclui informações sobre quando e onde o evento ocorreu e quem eram as pessoas envolvidas (em 26% das sentenças), esclarece as ações que ocorreram no evento (em 55% das sentenças) e fala de aspectos subjetivos da experiência (em 10% das sentenças). Apenas a primeira narrativa ficou sem uma avaliação (Anexo F, N1, pp.192).

B – A participação da mãe

- N° total de intervenções: 60 (em média 12 por narrativa)

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 1.2.

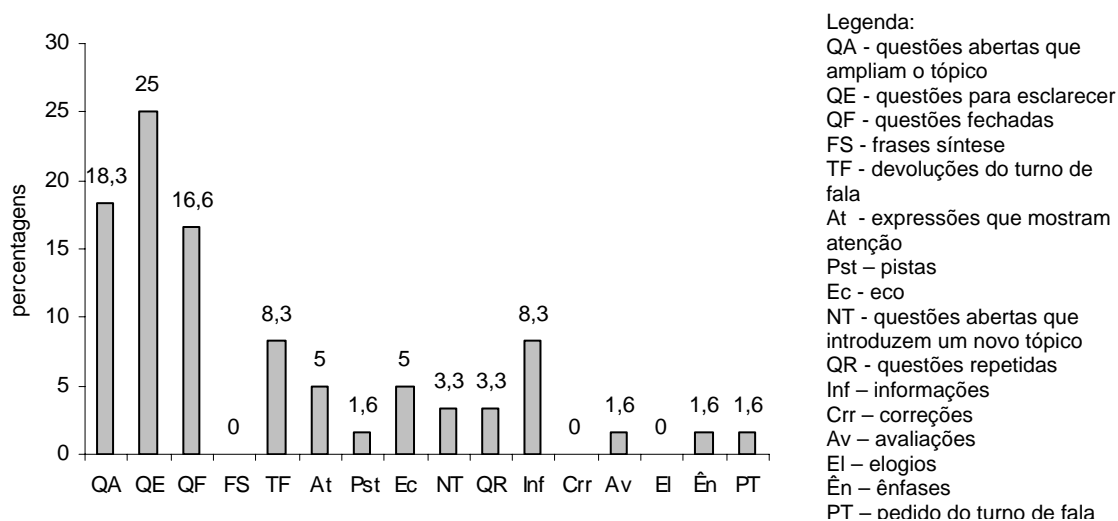


Figura 1.2 Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante o Contexto Histórias Dirigidas para a Mãe, esta fez 60 intervenções, sendo que a maioria delas são perguntas. A mãe prefere as questões para esclarecer (em 25% das intervenções), mas também utiliza, equitativamente, questões abertas para ampliar o tópico (18,3% das intervenções) e questões fechadas (16,6% das intervenções). Além disso, utiliza variados recursos para manter o fluxo da narrativa da criança, como as devoluções do turno de fala (em 8,3% das intervenções) e informações (em 8,3% das intervenções).

C - A interação narrativa

A Figura 1.3 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

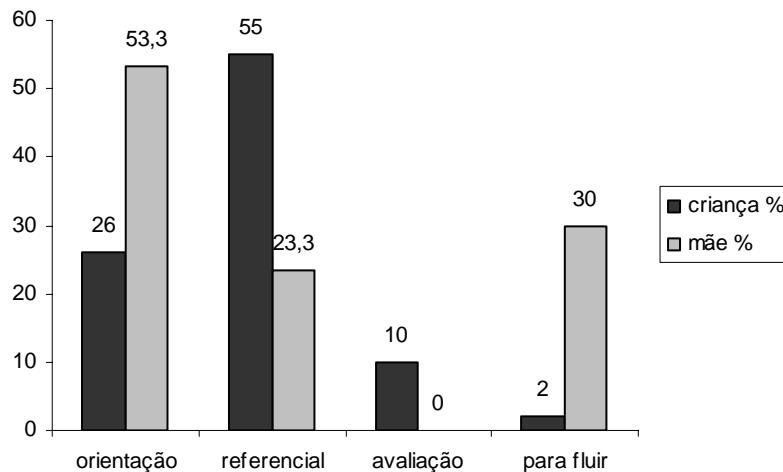


Figura 1.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Observa-se que o número de sentenças da criança é bem maior que número de intervenções de sua mãe. A criança fornece informações contextuais, descreve as ações e deixa claro o que gostaria que sua mãe pensasse sobre os eventos. A mãe pede explicações adicionais, especialmente, sobre o contexto dos acontecimentos, mas também se interessa pelas ações. Além disso, aproveita as informações dadas pela criança, em suas perguntas subsequentes. A narrativa “Festa Junina” é um exemplo das histórias contadas nesse contexto.

Excerto nº 1: Festa Junina (Anexo F – N3, pp.199)

falas da criança

falas da mãe

- A apresentação vai muito ótima. Que até tive churrasco, cachorro-quente, de jogar lata no palhaço, jogo das argolas, e o jogo de garrafas. E a apresentação foi muito legal. Até que eu, a minha mãe amou, que daí eu gostei, foi muito legal, e...	- E qual foi a música?
- O “pára Pedro, Pedro pára. Pára Pedro, esse Pedro é uma parada.”	- Tá, mas como é que foi a apresentação? Os meninos entraram primeiro, como é foi?
- Os meninos entraram primeiro, as meninas entraram segundo. Uns ficam atrás, uns ficam na frente.	- F., e quem foi o teu par?
- Meu par? Foi a L.	- Humm.

Análise das sentenças da criança

- “A apresentação vai muito ótima.”/ função de avaliação
- “Que até tive churrasco, cachorro-quente,”/ função de orientação
- “...(tive) de jogar lata no palhaço, jogo das argolas, e o jogo de garrafas.”/ função referencial
- “E a apresentação foi muito legal.”/ função de avaliação
- “Até que eu, a minha mãe amou,”/ função de avaliação
- “... que daí eu gostei,”/ função de avaliação
- “... foi muito legal,”/ função de avaliação
- “Os meninos entraram primeiro,”/ função referencial
- “... as meninas entraram segundo.”/ função referencial
- “Uns ficam atrás,”/ função de orientação
- “... uns ficam na frente.”/ função de orientação
- “Foi a Luciane.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: Festa Junina
- N° de sentenças da criança: 12 (em 4 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 33,3% das sentenças
 - Referencial: em 25% das sentenças
 - Avaliação: em 41,6% das sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 5 (em 4 turnos de fala)
- “E qual foi a música?”/ Questão para esclarecer
- “Tá, mas como é que foi a apresentação?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Os meninos entraram primeiro, como é que foi?”/ Pista
- “F., e quem foi o teu par?”/ Questão para esclarecer
- “Humm.”/ Expressão que mostra atenção

2 - CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- N° de registros: 1
- Tempo total de gravação: 1 minuto e 50 segundos

A - A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 1
- N° total de sentenças: 11

As percentagens de sentenças com cada função (de orientação, referencial e de avaliação) nas narrativas produzidas aparecem na figura 1.4.

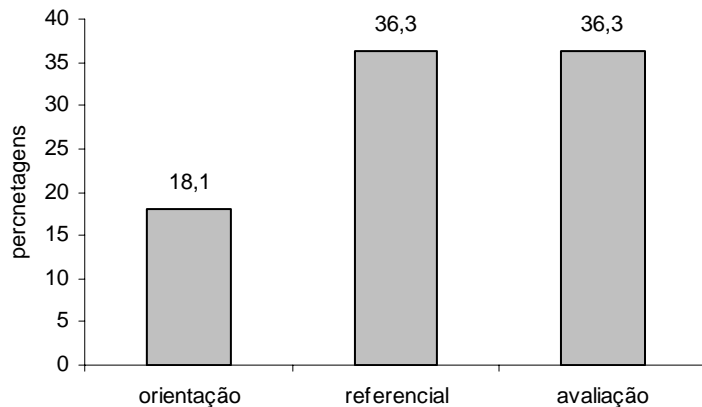


Figura 1.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Descrição dos resultados da criança

Durante a visita domiciliar, F. produziu uma narrativa de modo diferente do que fez no contexto anterior. Dessa vez, F. não está preocupado em organizar a seqüência dos eventos e parece aproveitar as perguntas e pistas que sua mãe lhe oferece. Novamente, fornece informações sobre quando e onde o evento ocorreu e quem eram as pessoas envolvidas (em 18,1% das sentenças) e se detém mais, esclarecendo as ações que

ocorreram no evento (em 36,3% das sentenças) e fazendo referência os aspectos subjetivos da experiência (avaliação, em 36,3% das sentenças).

B – A participação da mãe

- N° total de intervenções: 17

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 1.5.

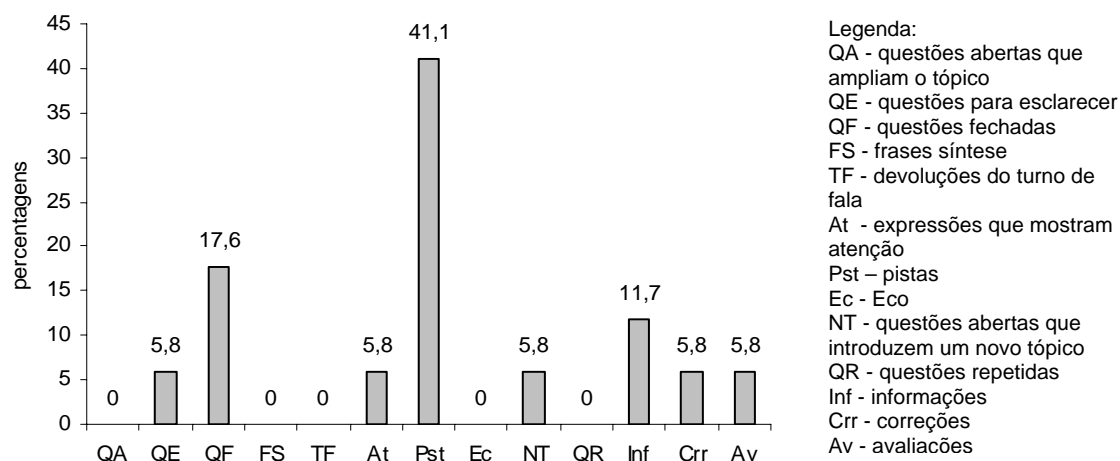


Figura 1.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante a visita, a mãe ficou preocupada que F. não produzisse nenhuma narrativa e teve uma participação diferente do contexto anterior. Então, a mãe utilizou questões fechadas (em 17,6% das intervenções), seguidas de muitas pistas (em 41,1% das intervenções) e acrescentou informações pertinentes ao relato (em 11,7% das intervenções).

C - A interação narrativa

A Figura 1.6 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

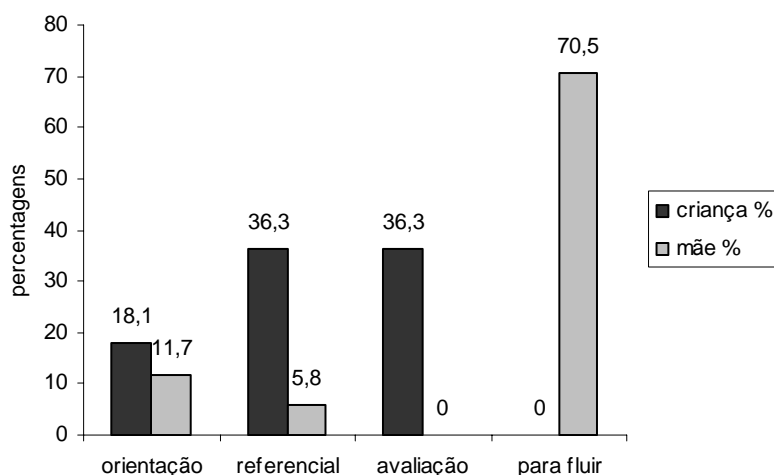


Figura 1.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Nesse contexto, mãe e filho se comportaram de maneira diferente. A criança queria brincar e não parecia ter a mesma disposição para narrar, demonstrada nas gravações do contexto anterior. Por outro lado, a mãe não fez perguntas abertas, participando bem mais ativamente dessa narrativa ao fornecer pistas e acrescentar informações.

A “narrativa das férias”, acompanhada da análise das sentenças da criança e das intervenções da mãe, relatada a seguir, exemplifica o tipo de narrativa produzida neste contexto.

Excerto nº 2: O desaparecimento do gato (Anexo F, N6, pp.204)

Falas da criança	Falas da mãe
- O gato da...	- Conta da história do gato, que a A. te contou.
-... da A.? Ele ficou com o pelo horrível. E foi embora porque ele fugiu. Foi embora pra sempre, ela disse.	-... da A.
- Fim.	- Isso mesmo.
	- Não, que fim. A gente começou a contar aquele negócio do gato, lembra? Que a A., a gente, perguntou assim: “Mas A., porque é que o gato foi embora?” Lembra que nós estávamos conversando sobre isso, tava o papai, a A., eu e tu. E aí, a A.

- Ah, é que ele gostou de uma namorada...que ele gostou de uma e foi lá, pra namorar.	disse assim: "Ah, eu acho que o gato foi embora porque ele foi visitar não sei quem". Sei lá pra onde que o gato tinha ido.
- Não.	- Ele morava no sítio da A., lembra? E daí, a A. disse assim: "Mas como? Como é que o gato foi embora, se ele é da gente, se ele gosta da gente?" E aí, tu te lembras o que tu respondeste para ela?
- Ah! Porque eu acho que ele gostava de uma namorada outra pra ele.	- Não te lembras?
- É porque ele não gostava mais daquela mais!	- Porque ele preferia a outra, né? Mas daí, a A. disse que não entendia porque, porque tinha...
- Da outra namorada. Fim!	- Daquela quem?
(<i>acenu negativamente</i>)	- E aí, tu te lembras, se a gata da A. tinha gatinhos ou não?

Análise das sentenças da criança

- "Ele ficou com o pelo horrível."/ função de orientação
- "E foi embora"/ função referencial
- "... porque ele fugiu."/ função referencial
- "Foi embora pra sempre, "/ função de orientação
- "... ela disse."/ função referencial
- "Ah, é que ele gostou de uma namorada..."/ função de avaliação
- "... que ele gostou de uma"/ repete
- "... e foi lá, "/ função referencial
- "... pra namorar."/ função de avaliação
- "Porque eu acho que ele gostava de uma namorada outra pra ele."/ função de avaliação
- "Porque ele não gostava mais daquela mais!"/ função de avaliação

Análise da narrativa

- Tema: O desaparecimento do gato
- N° de sentenças da criança: 11 (em 8 turnos de fala)
- Funções das sentenças:

- Orientação: em 18% das sentenças
- Referencial: em 36,3% das sentenças
- Avaliação: em 36,3% das sentenças

Comentários extra:

- Repete uma sentença

Análise das intervenções da mãe

- N° de sentenças da mãe: 17 (em 9 turnos de fala)
- “Conta da história do gato, que a A. te contou.”/ Questão aberta que introduz um novo tópico
- “...da A.”/ Informação
- “Isso mesmo.”/ Expressão que mostra atenção
- “Não, que fim.”/ Correção
- “A gente começou a contar aquele negócio do gato, lembra?”/ Pista
- “Que a A., a gente, perguntou assim: “Mas A., porque é que o gato foi embora?”/ Pista
- “Lembra que nós estávamos conversando sobre isso, tava o papai, a A., eu e tu.”/ Pista
- “E aí, a A. disse assim “Ah, eu acho que o gato foi embora porque ele foi visitar não sei quem.”/ Pista
- “Sei lá pra onde que o gato tinha ido.”/ Avaliação
- “Ele morava no sítio da A., lembra?”/ Pista
- “E daí, a A. disse assim: “Mas como? Como é que o gato foi embora, se ele é da gente, se ele gosta da gente?”/ Pista
- “E aí, tu te lembras o que tu respondeste para ela?”/ Questão fechada
- “Não te lembras?”/ Questão fechada
- “Porque ele preferia a outra, né?”/ Informação
- “Mas daí, a A. disse que não entendia porque, porque tinha...”/ Pista
- “Daquela quem?”/ Questão para esclarecer
- “E aí, tu te lembras, se a gata da A. tinha gatinhos ou não?”/ Questão fechada

3 - CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 7
- Tempo total de gravação: 30 minutos

A - A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 1

- N° total de sentenças: 4

A Figura 1.7 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação nas narrativas produzidas.

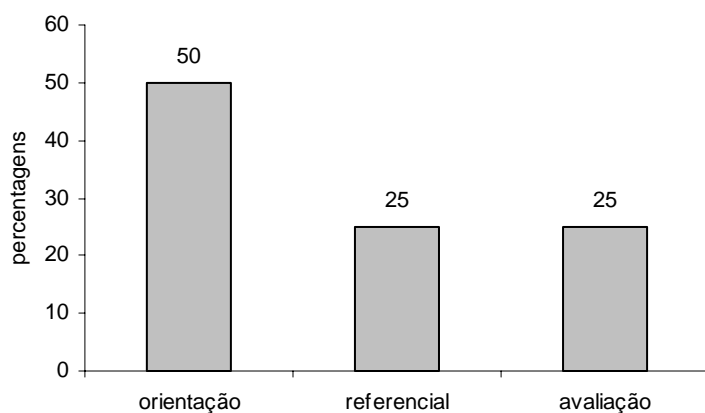


Figura 1.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Descrição dos resultados da criança

Diferente das narrativas dos contextos anteriores, nessa narrativa a metade das sentenças serve para orientar o ouvinte sobre o contexto (50% das sentenças) e a outra metade delas esclarece as ações (em 25% das sentenças) e revela aspectos subjetivos da experiência (avaliação, em 25% das sentenças).

B – A participação da mãe

- N° total de intervenções: 12

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 1.8.

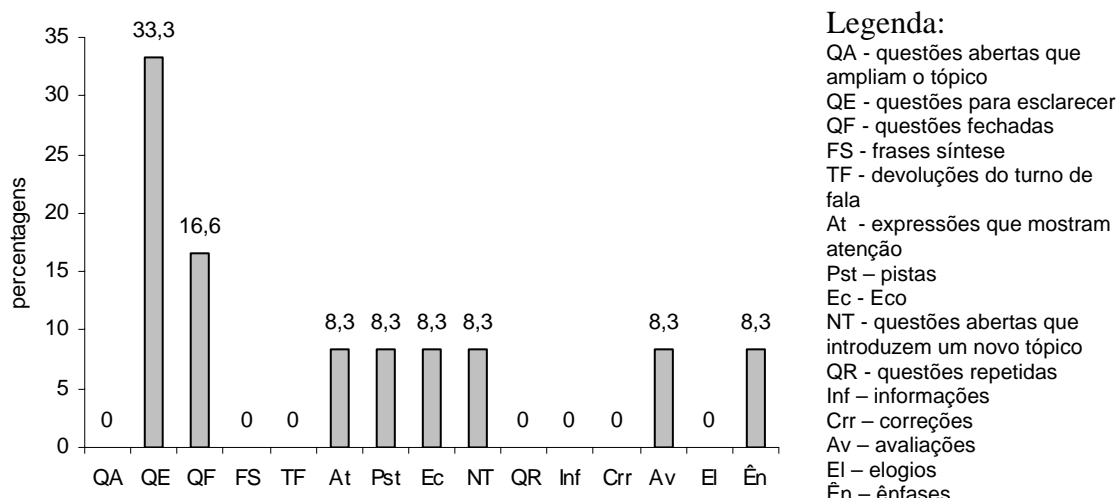


Figura 1.8. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante a narrativa do Contexto Enquadre Livre, a mãe fez três vezes mais intervenções que o número de sentenças do filho. A mãe privilegiou o uso de questões para esclarecer (em 33,3% das intervenções), mas também fez questões fechadas (em 16,6% das intervenções). Além disso, utilizou variados recursos para manter o fluxo da narrativa da criança, como expressões que mostram atenção (em 8,3% das intervenções), pistas (em 8,3% das intervenções), e ecos das falas da criança (em 8,3% das intervenções).

C - A interação narrativa

A Figura 1.9 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

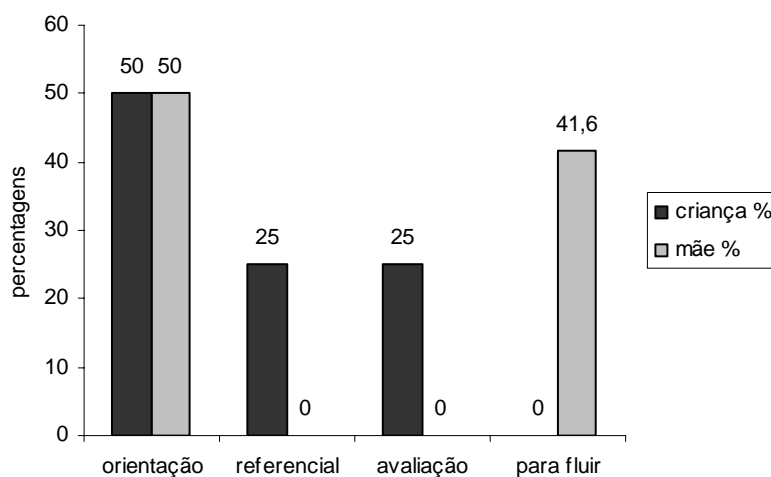


Figura 1.9. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Durante a narrativa do Contexto Enquadre Livre, a mãe fez mais intervenções que o número de sentenças do filho. Novamente, a criança não parecia ter disposição para narrar. Então, a mãe faz um esforço para obter as informações desejadas, conduzindo a narrativa e aproveitando as informações dadas pelo filho em suas perguntas subsequentes. O foco de interesse da mãe foram as informações contextuais.

A narrativa “Piquenique com a escola”, acompanhada da análise das sentenças da criança e das intervenções da mãe, relatada a seguir, exemplifica o tipo de narrativa produzida neste contexto.

Excerto nº 3: Piquenique com a escola (Anexo F, N7, pp.206)

Falas da criança	Falas da mãe
- O piquenique foi muito legal. A gente lanchou. Tinha sucrilhos, bolo e morango.	- Tu não me contaste como foi o piquenique, hoje de manhã. Só me disseste que tinha sido bom.
- Só sucrilhos.	Ai, que delícia! Comeste o que?
- Suco.	- E tomaste... O que tu tomaste?
- Limão.	- Suco de que?
- Não, ela tava com o nível A, o nível A.	- Hum. E quem foi no piquenique? A A. estava? Tu sentaste perto dela, ou não? Vocês botaram uma toalha...
	- Ah, ela estava com o nível A.

Análise das sentenças da criança

- “O piquenique foi muito legal.”/ função de avaliação
- “A gente lanchou.”/ função referencial
- “Tinha sucrilhos, bolo e morango.”/ função de orientação
- “Não, ela tava com o nível A, o nível A.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: Piquenique com a escola
- N° de sentenças da criança: 4 (em 5 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 50% das sentenças
 - Referencial: em 25% das sentenças
 - Avaliação: em 25% das sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de sentenças da mãe: 12 (em 6 turnos de fala)
- “Tu não me contaste como foi o piquenique hoje de manhã.”/ Frase (Questão) que introduz um novo tópico
- “Só me disseste que tinha sido bom.”/ Ênfase
- “Ai, que delícia!”/ Avaliação
- “Comeste o que?”/ Questão para esclarecer

- “E tomaste... O que tu tomaste?”/ Questão para esclarecer
- “Suco de que?”/ Questão para esclarecer
- “Hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “E quem foi no piquenique?”/ Questão para esclarecer
- “A A. estava?”/ Questão fechada
- “Tu sentaste perto dela, ou não?”/ Questão fechada
- “Vocês botaram uma toalha...”/ Pista
- “Ah, ela estava com o nível A.”/ Eco

SÍNTESE DOS RESULTADOS DOS TRÊS CONTEXTOS

A – A produção narrativa de F.

Tabela 1

Síntese da produção narrativa de F.

Caso	Tempo total	n° de registros	n° de narrativas	n° de sentenças
Festa Junina	1 h 1 min	24	7	115 (média 16,4)

A Figura 1.10 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas nos três contextos.

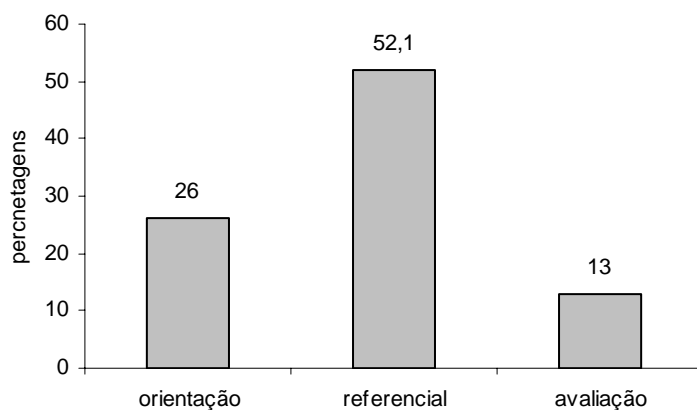


Figura 1.10. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas.

No início da pesquisa, F. tinha quatro anos e cinco meses. Ele produziu sete narrativas de experiências pessoais em uma hora de gravação. Considerando as narrativas em seu conjunto, verifica-se que metade das sentenças tem a função de esclarecer as ações que ocorreram no evento (em 52,1% das sentenças); já as informações que orientam o

ouvinte sobre o contexto constam em 26% das sentenças, e 13% das sentenças tem a função de informar o ouvinte sobre o que pensar sobre o evento do ponto de vista subjetivo da experiência. Além disso, F. solicita a participação de seu ouvinte, propondo que ele(a) antecipe coisas, confirme ou lhe acrescente informações.

Quanto à influência do contexto sobre a produção narrativa da criança, verifica-se que o Contexto das Histórias Dirigidas para a Mãe foi o mais favorável, porque F. estava disposto a narrar. Então, forneceu espontaneamente e com maior autonomia informações que situavam os eventos em seus contextos apropriados, deu esclarecimentos sobre as ações e ainda falou de aspectos subjetivos das experiências. Além disso, em duas narrativas F. introduziu o tema da narrativa (Anexo F, N1, pp.192 e N3, pp.199), sendo que numa delas se apresentou (N1). F. tem o hábito de falar sobre seu dia antes de dormir na companhia de sua mãe e é muito ativo e inquieto (durante a visita, F. não conseguia ficar parado, mudava de um brinquedo para o outro). Em contrapartida, estão as narrativas dos outros dois contextos, em que as informações para esclarecer os acontecimentos dependeram da intervenção materna (Anexo F, N6, pp.204 e N7, pp.206).

B – A participação da mãe

A Figura 1.11 ilustra as percentagens de cada tipo de intervenção, considerando os três contextos.

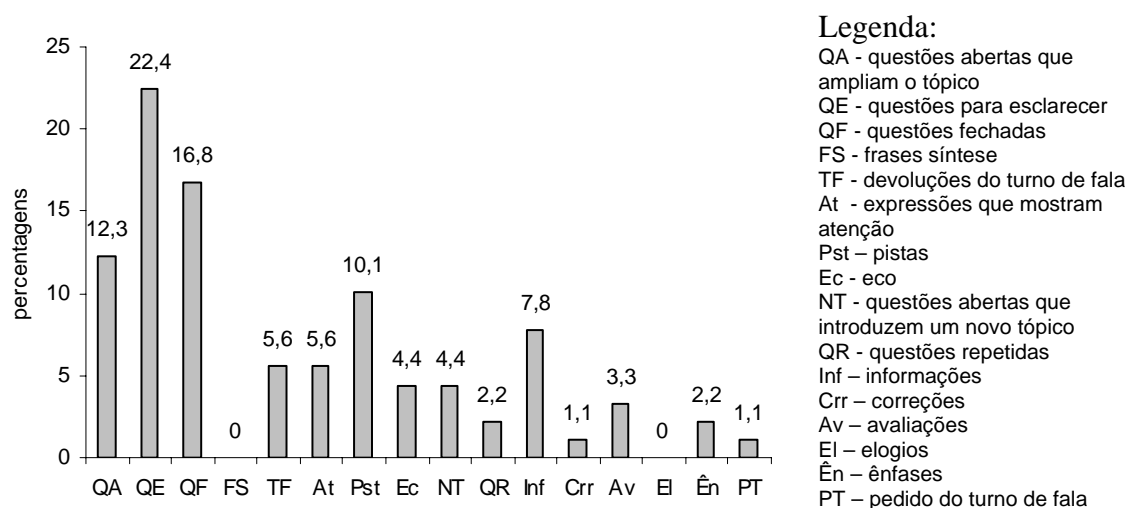


Figura 1.11. Percentagens dos tipos de intervenções da mãe.

Nos três contextos, a mãe utilizou estratégias para ampliar a narrativa do filho, sendo que nos contextos Visita Domiciliar e Enquadre Livre, ela fez mais intervenções do que o número de sentenças que o filho emitiu. A estratégia utilizada pela mãe de F. para ampliar suas narrativas foi utilizar questões para esclarecer (22,4% das intervenções),

questões fechadas (16,8% das intervenções) e questões abertas que ampliam o tópico (12,3% das intervenções). Além disso, a mãe utilizou nos três contextos, variados recursos para manter o fluxo da narrativa: expressões que mostram atenção, devoluções de turno de fala, ecos, pistas e informações, que representam juntas 33,4% do total de suas intervenções.

A Figura 1.12 ilustra os principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos: obter informações de orientação, referenciais e de avaliação.

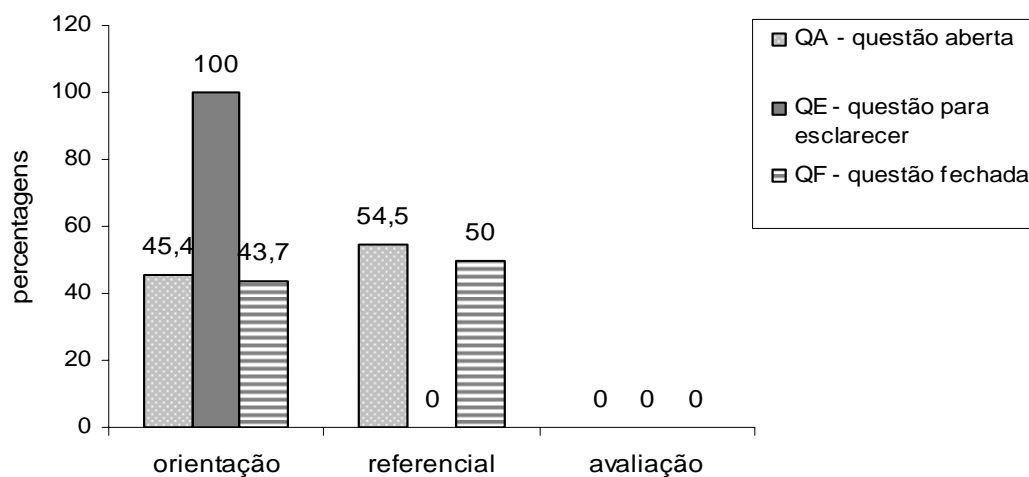


Figura 1.12. Principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos.

Observa-se que a mãe utiliza questões para esclarecer apenas para pedir informações contextuais (100% das questões para esclarecer). Com esse mesmo propósito ela também faz questões para ampliar o tópico (45,4% das questões para ampliar o tópico) e questões fechadas (43,7% das questões fechadas). Já a metade das questões para ampliar o tópico (54,5% das questões para ampliar o tópico) e das questões fechadas (50% das questões fechadas) são feitas para compreender melhor as ações.

Para identificar tipos de intervenção que possam ter inibido a narrativa da criança, foram consideradas as diferenças entre as intervenções maternas utilizadas durante a narrativa mais longa e a narrativa mais curta da criança. Tomando a narrativa mais curta de F. (Anexo F, N7, pp.206) e a mais longa (Anexo F, N1, pp.192) observa-se que na narrativa mais curta, a mãe fez questões para esclarecer (33,3% de QE) e questões fechadas (16,6% de QF) e não fez questões abertas para ampliar o tópico; já na narrativa mais longa, a mãe fez questões abertas para ampliar o tópico (18% de QA) e questões para esclarecer (27,2% de QE), mas não fez questões fechadas. Além disso, nessas duas narrativas, a mãe fez perguntas na metade das vezes que se dirigiu ao filho. Destaca-se, no entanto, que somente a narrativa mais longa apresenta devoluções de turno de fala (27,2% de TF).

DISCUSSÃO

Na família de F., contar histórias é uma atividade muito valorizada. Além das histórias (de livros, filmes e inventadas) contadas por pais e avós, os pais cultivam o hábito de falar sobre o passado. O filho pergunta como os pais eram quando pequenos e eles mostram álbuns e contam suas histórias e as de seus antepassados. F. aprecia tanto esses relatos que surpreende os pais pedindo histórias de quando a avó bisa era pequena. Esse contexto familiar se reflete na riqueza de todas as narrativas produzidas por essa criança, não só nos relatos de experiências pessoais (as fitas de F. também continham recontos de histórias de livros e filmes, histórias inventadas, narrativas de brinquedos, planos para o futuro e muitos diálogos com ambos os pais). No papel de narrador, quando disposto, F. demonstra desenvoltura e se mostra exigente quanto a sua performance, o que se constata quando ele pede para contar novamente o ensaio da festa junina (Anexo F, N1, pp.192).

No que diz respeito à produção narrativa nos três contextos, F. já tem iniciativa para narrar suas experiências pessoais, conforme esperado para sua idade (Perroni, 1992). Quanto ao número de sentenças por narrativa, F. chegou a produzir uma narrativa com 45 sentenças (Anexo F, N1, pp.192), quando a média para sua idade, segundo Peterson e McCabe (1983), é de 8,1 sentenças. Essa narrativa também demonstra que F. tem capacidade de sustentar o discurso narrativo, apesar do grande número de turnos de intervenção do interlocutor (Umiker-Sebeok, 1979). Além disso, F. parece tentar seguir a ordem temporal dos eventos em suas narrativas. Este padrão cronológico, de acordo com Peterson e McCabe (1983), pode ser encontrado em todas as idades.

Quanto à função das sentenças nas narrativas, F. enfatiza as ações como esperado para sua idade (Botvin e Sutton-Slith, 1977; van den Broeck e cols., 1996). Porém, também fornece informações contextuais precisas e faz avaliações.

Os resultados mostram que o papel da mãe de F. não é imprescindível para que o filho narre suas experiências pessoais (Anexo F, N3, pp.199). Passa a sê-lo quando ele não está muito disposto a narrar. A mãe, no entanto, sempre faz perguntas específicas para que o filho enriqueça seu relato. Por três vezes, a mãe interrompeu a gravação após uma sucessão de perguntas não respondidas (Anexo F, N1, pp.192; N2, pp.195; N6, pp.204). Espera-se que uma participação assim tão ativa da mãe diminua ao longo desse ano, uma vez que em conversas com crianças de cinco anos, as investigações têm mostrado que a mãe participa menos do que com crianças de 4 anos (Perroni, 1992). Também nota-se que a narrativa mais longa de F. corresponde a uma percentagem maior de devoluções de turno de fala o que parece indicar que a mãe ainda dá pouco espaço para que a criança fale.

Essa mãe se ajustaria, segundo Fivush (1991) aos parâmetros definidos para uma mãe altamente elaboradora. Ela tem o hábito de falar sobre o passado com o filho, utilizando uma estratégia rica para ampliar a narrativa do filho: fazer as perguntas específicas descritas por Peterson e McCabe (1994). No que diz respeito à narrativa de suporte da mãe, conforme Nelson (1998), é possível observar que ela enfatiza a objetividade dos fatos, fazendo perguntas com o objetivo de ajudar o filho a contextualizar precisamente os eventos e organizá-los numa seqüência temporal. Essa ênfase pode ser verificada em perguntas como “Quem foi que pesou, mediu os ingredientes?” (Anexo F, N2, pp.195), “Os meninos entraram primeiro, como é que foi?” (Anexo F, N4, pp.200), “Viram aqui embaixo ou lá em cima, a televisão?” (Anexo F, N5, pp.202).

A interação narrativa dessa díade parece funcionar de forma complementar. F. enfatiza mais as ações e sua mãe exige que forneça orientações adicionais. Na maioria de suas narrativas, F. faz avaliações, deixando claro o que gostaria que sua mãe pensasse sobre a experiência e ainda pergunta para a mãe o que ela achou, como aparece na história do bolo de cenoura (Anexo F, N2, pp.195). Por essa razão, a mãe não necessita fazer perguntas ao filho sobre aspectos subjetivos de suas experiências. Também se observa que enquanto algumas experiências foram compartilhadas com a mãe com prazer, em outras, ele passou a ela as informações que julgou estritamente necessárias, não cedendo a seus apelos para estender a conversa (Anexo F, N1, pp.192; N2, pp.195; N6, pp.204).

CASO 2: O CAVALINHO PITI

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO FAMILIAR

Formam a família o pai, a mãe, uma filha de sete anos e E., um menino de cinco anos. Possuem residência própria, ambos os pais tem curso superior e são profissionais liberais. A mãe considera-se muito satisfeita com sua carreira profissional, mas não considera o mesmo com relação ao marido. Nessa família, além da subsistência, o trabalho representa uma razão para viver e também satisfação pessoal.

A mãe considera que a família é capaz de expressar carinho tanto verbal, quanto fisicamente. Avaliando a intimidade entre os membros da família, a mãe acredita que E. procura se manter igualmente próximo de ambos pais, mas tem uma ligação muito intensa com a irmã, de quem é dependente. A família de origem materna é percebida mais presente do ponto de vista físico que afetivo, enquanto que a única ligação com a família de origem paterna existe entre a sogra e o marido, sobretudo após a morte do sogro. No geral, a

família tem um relacionamento social satisfatório, com muitos amigos de diferentes grupos.

No que diz respeito ao espaço dedicado à televisão (TV) na vida familiar há um desacordo, uma vez que a mãe não tem o hábito de assisti-la, mas seu marido sim. Diariamente, a mãe limita para os filhos o tempo de uso da TV, sendo esta proibida durante as refeições. Já o computador é usado pelos pais apenas profissionalmente, sendo que as crianças o utilizam quando, duas vezes por semana, visitam o local de trabalho do pai.

Quanto ao uso de histórias na vida familiar, a mãe costuma falar sobre o passado, mas é o pai quem tem este hábito de forma mais acentuada, em especial comparando situações de hoje com experiências passadas. À noite, é a mãe quem conta histórias de livros ou inventadas. Já o pai o faz somente quando solicitado pelos filhos. O avô materno gosta muito de contar histórias para os netos.

A criança observada é um menino alegre, ativo, simpático e desembaraçado na presença de adultos. Durante a visita, solicitou várias vezes que a mãe lhe fornecesse limites, em função de sua dificuldade para permanecer parado e das disputas constantes com sua irmã. No que diz respeito à rotina diária, E. acorda pelas 10h e é a empregada quem se ocupa dele durante a manhã. Então, ele brinca de videogame, com os cachorros ou vê TV. A mãe leva e busca na escola. Todos almoçam e jantam juntos. Toma o seu banho sozinho, mas sob a supervisão da mãe. Vai se deitar em seu quarto às 23:30h, com seu travesseirinho (*Nhã-nhã*). Nesse momento, alternadamente, pede a companhia do pai ou da mãe e costuma falar de seu dia.

RESULTADOS

1- CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 7
- Tempo total de gravação: 5 minutos e 10 segundos

A- A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 5 (2 delas, sem intervenção materna)
- N° total de sentenças: 45 (em média 9 sentenças por narrativa)

A Figura 2.1 mostra as percentagens de sentenças com cada função (orientação, referencial e de avaliação) nas narrativas produzidas.

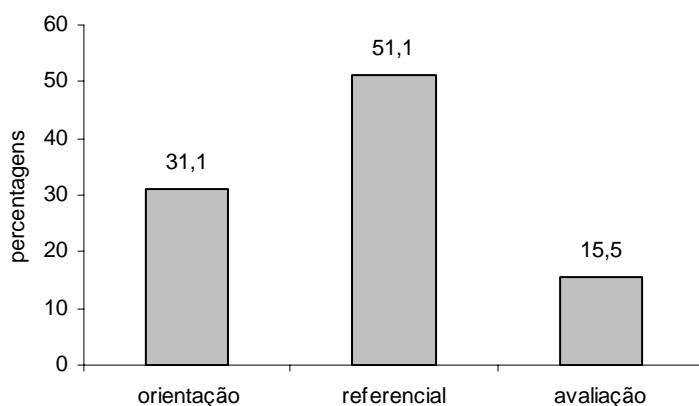


Figura 2.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação.

Descrição dos resultados da criança

E. é capaz de relatar suas experiências pessoais, sem a ajuda da mãe (Anexo G, N3, pp.211 e N4, pp.212). Como narrador, situa os eventos em seus contextos apropriados, incluindo informações sobre quando e onde o evento ocorreu e quem eram as pessoas envolvidas (em 31,1% das sentenças). A maior parte das sentenças tem a função de esclarecer as ações que ocorreram no evento (em 51,1% das sentenças). Além disso, fala de aspectos subjetivos da experiência emitindo julgamentos e falando de seus sentimentos (em 15,5% das sentenças).

B - A participação da mãe

- N° total de intervenções: 6 (média 1,2 por narrativa)
- N° de narrativas sem intervir: 2

As porcentagens dos tipos de intervenção da mãe são mostradas na Figura 2.2.

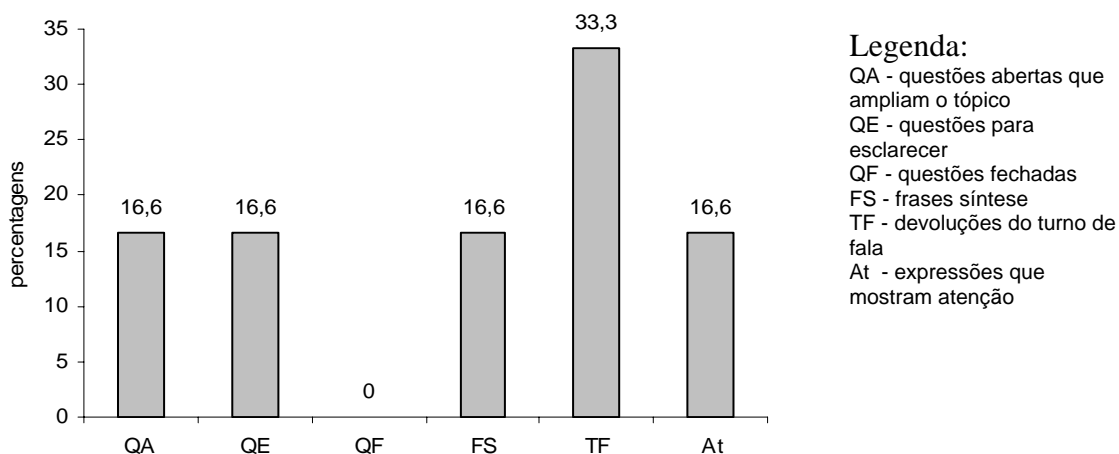


Figura 2.2. Percentagens dos tipos de intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante o Contexto das Histórias Dirigidas para a Mãe, a mãe fez poucas intervenções, uma vez que havia informações suficientes sobre as ações que ocorreram em seus respectivos contextos, exceto na narrativa do problema da escova (Anexo G, N1, pp.209). Além disso, E. deixou claro em suas narrativas, o que gostaria que sua mãe pensasse sobre os eventos por ele vividos. Então, a maior parte (66,6%) das intervenções da mãe parece se destinar, simplesmente, a manter o fluxo da narrativa da criança, por meio de devoluções do turno de fala, de expressões que mostram atenção e de sínteses. Porém, quando fez perguntas utilizou questões abertas que ampliam o tópico (em 16,6% das intervenções) ou questões para esclarecer (em 16,6% das intervenções).

C – A interação narrativa

A Figura 2.3 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

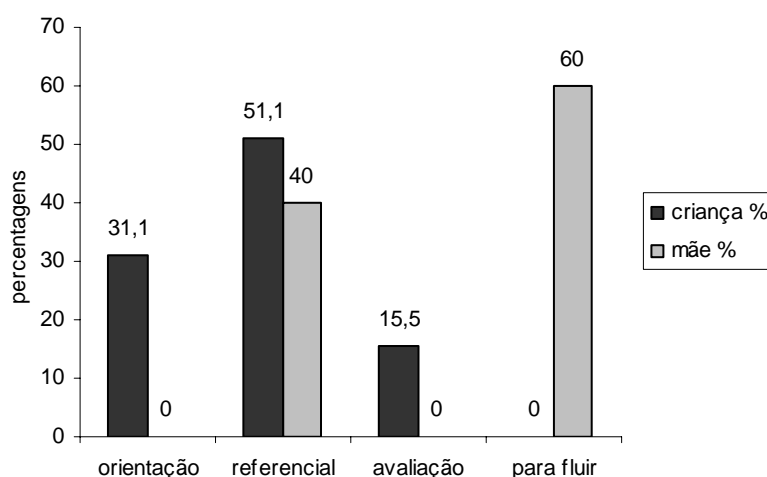


Figura 2.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Observa-se que o número de sentenças da criança (45) é sete vezes maior do que o número de intervenções da mãe (6). Além disso, a criança fornece espontaneamente informações que orientam o ouvinte quanto ao contexto do acontecimento, assim como, quanto ao que pensar sobre o evento. Por outro lado, a mãe amplia os tópicos em discussão e intervém para manter o fluxo da narrativa do filho. A narrativa da brincadeira do cavalinho Piti é um exemplo das histórias contadas nesse contexto.

Excerto nº 4: A história da brincadeira do cavalinho Piti (Anexo G, N2, pp.210)

falas da criança	falas da mãe
– ...(acha que) eu vou lembrar?	– Lembra.
– Uhhmm...No judô, eu tava brincando com o G. de cavalinho Piti. Quem queria ser o cavaleiro que ficava montado em cima de mim. Eu falei pro F. e ele não quis. Daí ele...Daí, o G. disse: - "Eu". Daí, eu...já que cavalo corre, eu corri. E ele bateu de olho no tatame.	– Ahhh...tá. E aí?
– E aí, ficou um vermelhinho aqui no olho dele.	

Análise das sentenças da criança

- “...(acha que) eu vou lembrar?”/ função de avaliação
- “No judô, eu tava brincando com o G. de cavalinho Piti.”/ função referencial
- “Quem queria ser o cavaleiro...”/ função de orientação
- “...que ficava montado em cima de mim.”/ função de orientação
- “Eu falei pro F.”/ função de orientação
- “...e ele não quis.”/ função de orientação
- “Daí ele...Daí, o G. disse: - "Eu".”/ função de orientação
- “Daí, eu...já que cavalo corre,”/ função de avaliação
- “...eu corri.”/ função referencial
- “E ele bateu de olho no tatame.”/ função referencial
- “E aí, ficou um vermelhinho aqui no olho dele.”/ função referencial

Análise da narrativa

- Tema: A história da brincadeira do cavalinho Piti
- Nº de sentenças da criança: 11 (em 3 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 45,4% das sentenças
 - Referencial: em 36,3% das sentenças
 - Avaliação: em 18% das sentenças

Comentários extra:

- Reproduz falas do evento

Análise das intervenções da mãe

- Nº de intervenções da mãe: 3
- “Lembra.”/ Frase para devolver o turno de fala

- “Ah! Tá...”/ Expressão que mostra atenção
- “E aí?”/ Frase para devolver o turno de fala

2 - CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- N° de registros: 1
- Tempo total de gravação: 4 minutos e 45 segundos

A- A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 1
- N° total de sentenças: 8

A Figura 2.4 mostra as percentagens de sentenças com cada função (orientação, referencial e de avaliação) nas narrativas produzidas.

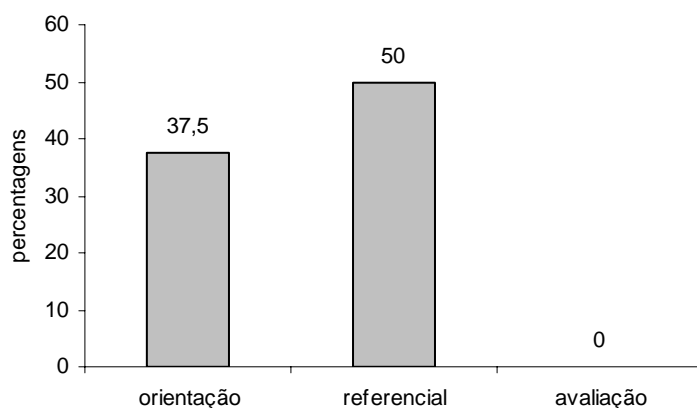


Figura 2.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação.

Descrição dos resultados da criança

E. inicia sua narrativa sobre as férias descrevendo as ações, sem contextualizá-las. Com a ajuda da mãe, ele fornece informações situando o lugar dos acontecimentos e complementando a fala da irmã, explicita o contexto da história que A. contou (em 37,5% das sentenças). Espontaneamente, esclarece as ações que ocorreram no evento (em 50% das sentenças). Além disso, ele solicita a participação da mãe, pedindo que ela confirme as informações dadas e não faz avaliações.

B - A participação da mãe

- N° total de intervenções: 3 (excluídas três intervenções dirigidas à pesquisadora)

As percentagens dos tipos de intervenção da mãe são mostradas na Figura 2.5.

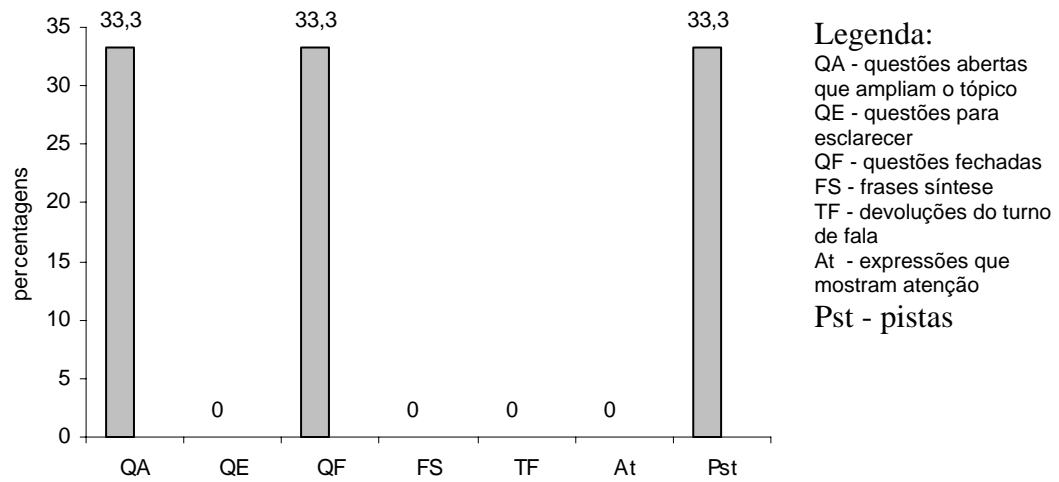


Figura 2.5. Percentagens dos tipos de intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante o Contexto Visita Domiciliar, o contexto dos acontecimentos relatados não estava claramente definido. Então, a mãe utiliza uma questão aberta para ampliar o tópico em discussão, seguida de uma pista fornecendo informações contextuais (onde e com quem). Finalmente, a mãe faz uma questão fechada para que o filho situe o contexto temporal dos acontecimentos. Contudo, é ela mesma quem acaba por cumprir essa tarefa, dirigindo-se diretamente à pesquisadora em três intervenções.

C – A interação narrativa:

A Figura 2.6 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

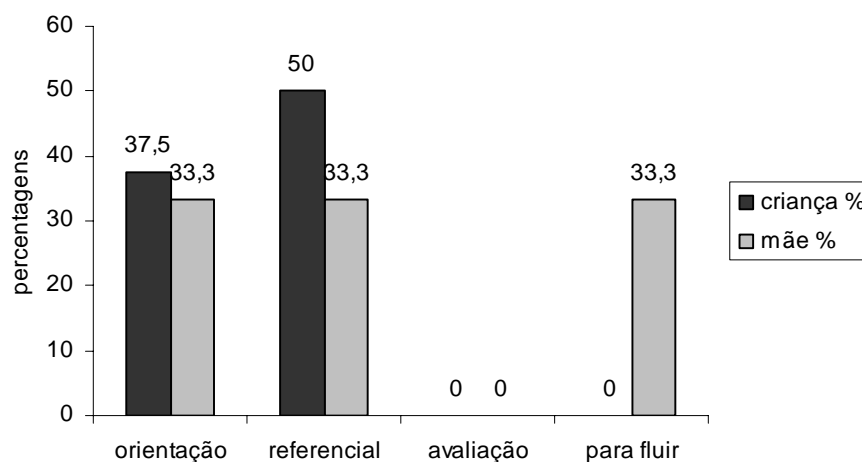


Figura 2.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Em comparação com os resultados do contexto anterior, observam-se algumas mudanças: o número de sentenças da criança aumentou (uma acima da média); o número de intervenções da mãe duplicou (média de 1,2 por narrativa); a criança não forneceu espontaneamente informações para orientar o ouvinte quanto ao contexto do acontecimento, assim como, quanto ao que pensar sobre o evento. Por outro lado, a mãe intervém para ampliar o tópico em discussão e para situar as informações num contexto espaço-temporal.

A “narrativa das férias”, acompanhada da análise das sentenças da criança e das intervenções da mãe, relatada a seguir, exemplifica o tipo de narrativa produzida neste contexto.

Excerto nº 5: Narrativa das férias (Anexo G, N6, pp.214)

falas da criança	falas da mãe
– Tá. Fui quatro, cinco, seis vezes ao cinema. (pausa) Né, mãe? E ela foi oito.	– O que mais, o que é que vocês fizeram mais? Vocês foram para a praia com a vó...
– É. Fomos de novo pra praia e duas vezes pra praia. Compramos a minha mochila do X-man!	(A irmã responde: -“ A A. me ensinou karatê. Ahn... e ele a interrompe)
– E contou uma história pra gente de quando ela era pequena...	– É que a gente não viajou nessas férias.
– Ahhhhhhhhh!	(...) - Então, eles foram para a praia com a minha sogra. Ficaram três dias, né? E depois voltaram. Aí, aqui, a gente ia ao cinema, se visitava os amigos.
(sai correndo da sala)	

Análise da narrativa

- “Tá. Fui quatro, cinco, seis vezes ao cinema.”/ função referencial
- “Né, mãe?”/ pedido de confirmação
- “E ela foi oito.”/ função referencial
- “É.”/ função de orientação
- “Fomos de novo pra praia e duas vezes pra praia./ função de orientação
- “Compramos a minha mochila do X-man!”/ função referencial
- “E contou uma história pra gente / função referencial
- “... de quando ela era pequena.”/ função de orientação

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 3 (consideradas apenas as intervenções dirigidas para a construção da narrativa)
- “O que mais, o que é que vocês fizeram mais?/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Vocês foram para a praia com a vó.../ Pista
- “Então, eles foram para a praia com a minha sogra.”/ Dirigida à pesquisadora
- “Ficaram três dias, né?"/ Questão fechada
- “E depois voltaram.”/ Dirigida à pesquisadora
- “Aí, aqui, a gente ia ao cinema, se visitava os amigos.”/ Dirigida à pesquisadora

3 – CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 7
- Tempo total de gravação: 16 minutos e 28 segundos

A- A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 2
- N° total de sentenças: 18 (9 sentenças por narrativa)

A Figura 2.7 mostra as percentagens de sentenças com cada função (orientação, referencial e avaliação) presentes nas narrativas.

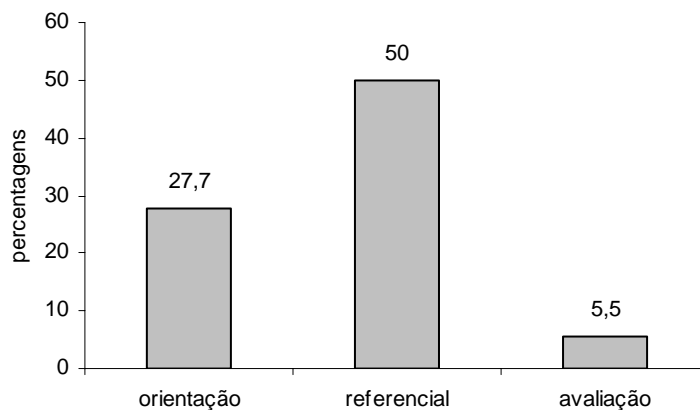


Figura 2.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação.

Descrição dos resultados da criança

As duas narrativas desse contexto são relatos de conflitos entre E. e seus colegas. Há um tom contrariado na voz de E. que indica as ações (em 50% das sentenças), não parecendo disposto a fornecer mais detalhes. As informações sobre quando e onde

ocorreram os eventos (em 27,7% das sentenças) surgem em resposta a perguntas da mãe, o que também ocorre com uma avaliação que não constituiu uma sentença (“Chato.” Anexo G, N7, pp.216). Entretanto, a avaliação da oitava narrativa (Anexo G, N8, pp.217) ocorre espontaneamente fechando o relato (em 5,5% das sentenças). Observa-se, ainda, a inclusão de comentários extra, como duas recusas em responder e a repetição de uma sentença.

B - A participação da mãe

- N° total de intervenções: 26 (em média 13 por narrativa)

As percentagens dos tipos de intervenção da mãe são mostradas na Figura 2.8.

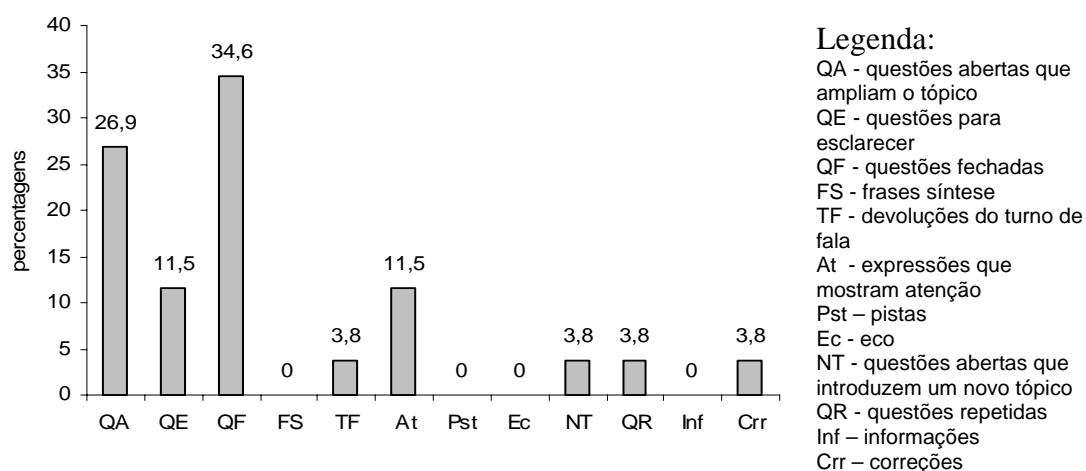


Figura 2.8. Percentagens dos tipos de intervenções da mãe

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante as narrativas do Contexto Enquadre Livre, o número médio de intervenções da mãe é dez vezes maior do que a média no Contexto das Histórias Dirigidas para a Mãe (de 1,2 para 13 por narrativa). Como faltavam elementos para compreender os acontecimentos em seus respectivos contextos, a mãe solicita que o filho preencha os espaços em uma estrutura típica de narrativa. Para tanto, a mãe privilegia o uso de questões fechadas (34,6% das intervenções), faz questões abertas que ampliam o tópico (26,9% das intervenções) e questões para esclarecer (11,5% das intervenções). Além disso, a mãe procura manter o fluxo da narrativa da criança, por meio de expressões que mostram atenção (11,5% das intervenções).

C – A interação narrativa

A Figura 2.9 mostra a comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

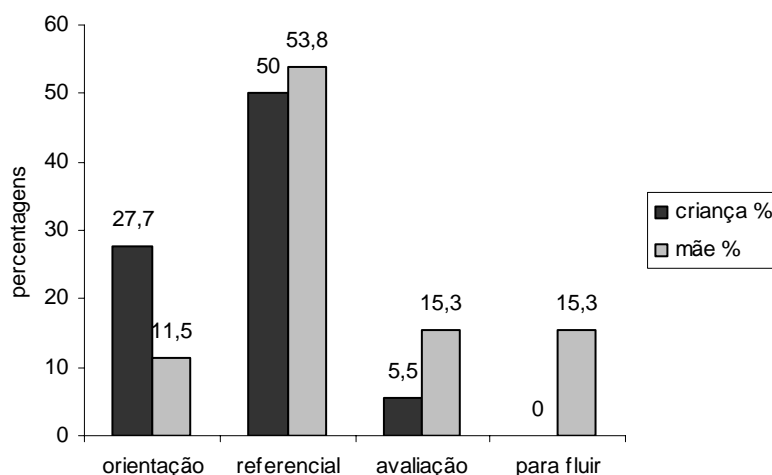


Figura 2.9. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Observa-se que o número de intervenções da mãe é maior (1,4 vezes) do que o número de sentenças da criança. Nesse contexto, 50% das sentenças da criança e 53,8% das intervenções da mãe servem para esclarecer as ações, uma vez que E. não fornece espontaneamente as informações necessárias para compreender os acontecimentos. Além disso, E. não orienta adequadamente o ouvinte quanto ao contexto em que ocorreram. A percentagem de sentenças contendo informações de orientação que nos contextos anteriores era 31,1% e 37,5 %, respectivamente, caiu para 27,7%. Por essa razão, a mãe investiga o que ocorreu durante os eventos, fazendo perguntas específicas, como: porque aconteceu, o que fizeram a ele, como fizeram, o que aconteceu quando incomodaram, para quem ele contou, como é que foi isso, onde foi e quem estava junto com ele.

A narrativa sobre um “conflito na escola” ilustra o Contexto Enquadre Livre.

Excerto nº 6: Conflito na escola (Anexo G, N8, pp.217)

falas da criança	falas da mãe
... no G. Bati no, no C. Bati no A...	- Foi? Porque, amor?
- Porque começaram a me incomodar.	- O que eles fizeram?
- Incomodar.	-Tá. Não fala igual a um bebê. Como é que eles te incomodaram? E aí, o que aconteceu quando eles te incomodaram?
- Eu derrubei eles. Daí, eu fiquei de castigo.	- E tu conversaste com a R.?

- Não.	- O que é que ela te falou?
- Ela tava trilhando corda e daí, não dava pra avisar ela.	- E foi no pátio?
- Foi.	- E quem é que estava junto?
- A D.	- Tá. E aí, tu explicaste pra D. o que aconteceu?
- Era a R. que tinha me botado de castigo. Ela só deixou eu sair, quando o (M.) colocou de castigo.	- Ah.
- A R. e a D. não são muito legais.	- Porque, filho? Porque? O que é que aconteceu que tu não achas elas...?

Análise das sentenças da criança

- “Bati no, no C.”/ função referencial
- “Bati no A.”/ função referencial
- “Porque começaram a me incomodar.”/ função referencial
- “Incomodar.”/ repete
- “Eu derrubei eles.”/ função referencial
- “Daí, eu fiquei de castigo.”/ função referencial
- “Ela tava trilhando a corda.” / função de orientação
- “...e daí, não dava pra avisar lá.”/ função de orientação
- “Foi.”/ função de orientação
- “Era a R. que tinha me botado de castigo.”/ função referencial
- “Ela só deixou eu sair,” / função referencial
- “...quando o (M.) colocou de castigo.”/ função de orientação
- “A R. e a D. não são muito legal.”/ função de avaliação

Análise da narrativa

- Tema: Conflito na escola
- N° de sentenças da criança: 13 (em 10 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 30,7% das sentenças
 - Referencial: em 61,5% das sentenças
 - Avaliação: em 7,6% das sentenças

Comentários extra: Repete uma sentença

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 17 (em 10 turnos de fala)

- “Foi?”/ Questão fechada
- “Porque, amor?”/ Questão para esclarecer
- “O que eles fizeram?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “Não fala igual à um bebê.”/ Comentário crítico
- “Como é que eles te incomodaram?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “O que é que aconteceu quando eles te incomodaram?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “E tu conversaste com a R.?”/ Questão fechada
- “O que é que ela te falou?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Foi no pátio?”/ Questão fechada
- “E quem é que estava junto?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “E aí, tu explicaste pra D. o que aconteceu?”/ Questão fechada
- “Ah.”/ Expressão que mostra atenção
- “Porque, filho?”/ Questão para esclarecer
- “Porque?”/ Questão repetida
- “O que é que aconteceu que tu não achas elas...?”/ Questão aberta que amplia um tópico

SÍNTESE DOS RESULTADOS DOS TRÊS CONTEXTOS

A – A produção narrativa de E.

Tabela 2

Síntese da produção narrativa da criança

Caso	Tempo total	nº de registros	nº de narrativas	nº de sentenças
Cavalinho Piti	26 min 23 seg	15	8	71 (média 8,8)

A Figura 2.10 ilustra a percentagem de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação no total de narrativas produzidas.

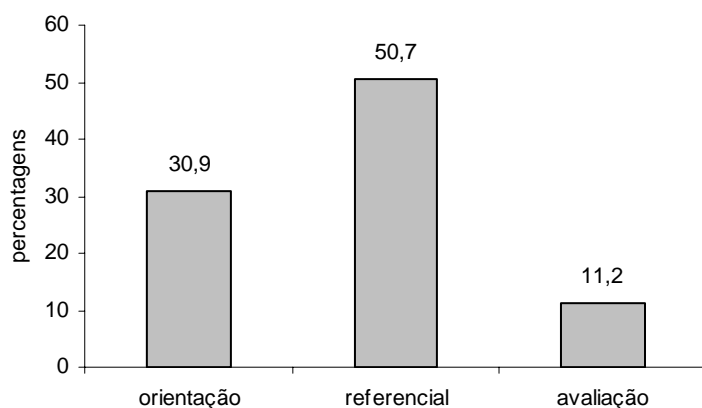


Figura 2.10. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação no total de narrativas produzidas nos três contextos.

No início da pesquisa, E. tinha cinco anos e cinco meses. Ele produziu oito narrativas de experiências pessoais em 26 minutos de gravação. Considerando as narrativas em seu conjunto, verifica-se que a metade das sentenças tem a função de esclarecer as ações que ocorreram no evento (em 50,7% das sentenças), sendo que as informações que orientam o ouvinte sobre o contexto constam em 30,9% das sentenças. Já 11,2% das sentenças, têm a função de informar o ouvinte sobre o que pensar sobre o evento do ponto de vista subjetivo da experiência.

No que diz respeito à produção narrativa nos três contextos observam-se duas situações distintas, quando o narrador está disposto a falar e quando a fala resulta do estímulo materno. Quando disposto, E. situa espontaneamente os eventos em seus contextos apropriados, incluindo informações sobre quando e onde o evento ocorreu e quem eram as pessoas envolvidas e, ainda, fala de aspectos subjetivos da experiência emitindo julgamentos e falando de seus sentimentos. Além disso, é capaz de fazê-lo sem a ajuda da mãe (Anexo G, N3, pp.211 e N4, pp.212). Em contrapartida, estão as narrativas em que apenas as sentenças que descrevem as ações ocorrem espontaneamente. Nesses casos, as informações complementares para esclarecer os acontecimentos dependem da intervenção materna (Anexo G, N1, pp.209; N6, pp.214; N7, pp.216 e N8, pp.217).

Quanto à influência do contexto sobre a produção narrativa da criança, verifica-se que o Contexto das Histórias Dirigidas para a Mãe foi o mais favorável para E., por diversas razões: a) o hábito de falar sobre seu dia antes de dormir na companhia de sua mãe; b) em função de suas características pessoais: muito ativo e inquieto (durante a visita, E. não conseguia ficar parado, ficava correndo pela sala); c) por ter produzido mais narrativas; d) por ter fornecido com maior autonomia, as informações sobre o contexto dos

eventos e sobre os aspectos subjetivos das experiências e, por fim; e) as duas únicas narrativas do Contexto do Enquadre Livre foram produzidas em conversas com a mãe, antes de dormir.

B – A participação da mãe:

A Figura 2.11 ilustra as percentagens de cada tipo de intervenção considerando os três contextos.

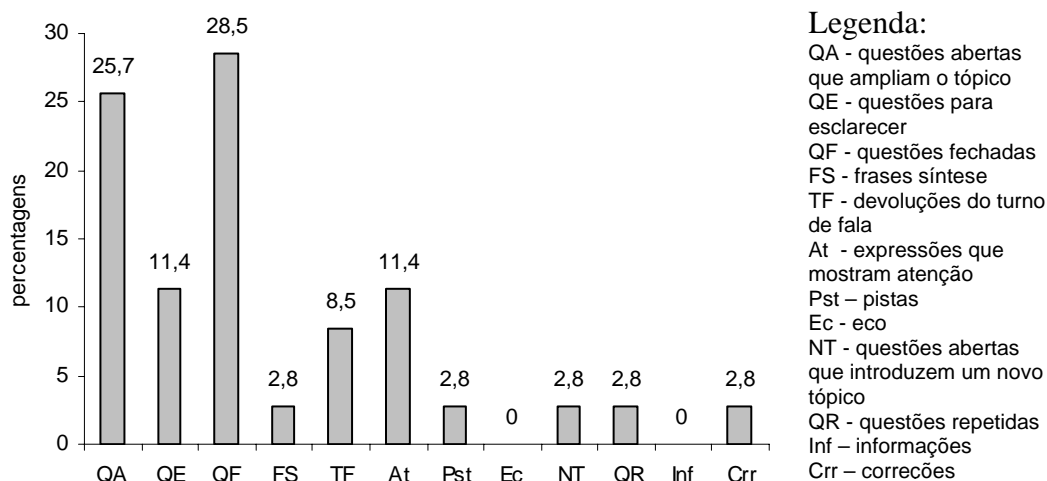


Figura 2.11. Tipos de intervenção da mãe.

Durante o Contexto das Histórias Dirigidas para a Mãe, a mãe fez poucas intervenções. No Contexto da Visita domiciliar, a mãe entendeu que E. não seguiria contando sobre as férias e tratou de completar o seu relato. Então, em nenhuma das duas situações a mãe pode ser observada empreendendo esforços para obter informações do filho, como ocorreu no Contexto Enquadre Livre, quando E. não forneceu espontaneamente as informações que esclareceriam os acontecimentos, o que exigiu um esforço maior de sua mãe.

Para ampliar a narrativa de seu filho, a mãe privilegiou o uso de questões fechadas (28,5% das intervenções), de questões abertas que ampliam o tópico (25,7% das intervenções) e questões para esclarecer (11,4% das intervenções). Além disso, a mãe utilizou recursos para manter o fluxo da narrativa: expressões que mostram atenção, devoluções de turno de fala, pistas e frases sínteses que representam juntas 25,5% do total de suas intervenções.

A Figura 2.12 ilustra os principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos: obter informações de orientação, referenciais e de avaliação.

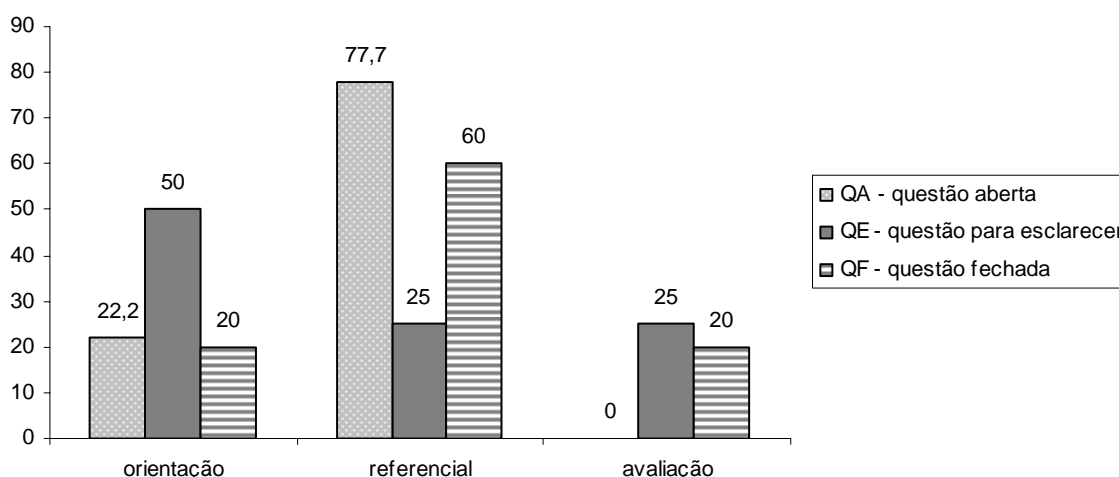


Figura 2.12. Tipos e objetivos das intervenções.

Observa-se que a maior parte das questões abertas para ampliar o tópico (77,7% das QA) e das questões fechadas (60% das QF) serviram para investigar as ações, enquanto a maior parte das questões para esclarecer (50% das QE) foram feitas para obter informações sobre orientação espaço-temporal e sobre as pessoas envolvidas nos eventos. Já para melhor compreender os aspectos subjetivos da experiência, a mãe fez questões para esclarecer (25% das QE) e questões fechadas (20% das QF), mas não fez questões abertas para ampliar o tópico. Além disso, essa mãe também utiliza questões para esclarecer e questões fechadas com qualquer dos três interesses investigados.

Para identificar tipos de intervenção que possam ter inibido a narrativa da criança, foram consideradas as diferenças entre as intervenções maternas utilizadas durante a narrativa mais longa e a narrativa mais curta da criança. Tomando a narrativa mais curta de E. (Anexo G, N7, pp.216) e a mais longa (Anexo G, N8, pp.217), observa-se que na narrativa mais curta a mãe fez mais questões fechadas (33,3% de QF) do que questões abertas para ampliar o tópico (11,1% de QA), enquanto que na narrativa mais longa, a mãe fez mais questões abertas para ampliar o tópico (35,2% de QA) do que questões fechadas (23,5% de QF). Além disso, a percentagem de perguntas entre as intervenções durante a narrativa mais curta é menor (55,5% de perguntas) do que na narrativa mais longa (70% de perguntas).

DISCUSSÃO

Nessa família, conversar sobre o passado é um hábito cultivado por ambos os pais, o que pode ter facilitado o desenvolvimento da habilidade para narrar experiências pessoais dessa criança, segundo Fivush (1991). Nesse sentido, também foi possível perceber durante

a visita que as crianças dessa família se interessam pelas histórias que outros viveram, o que foi claramente demonstrado quando referiram entusiasmados que a prima mais velha contou uma história de quando era pequena. Contar histórias também é uma atividade valorizada, pois a mãe costuma contar histórias (de livros e inventadas) assim como o pai e o avô. Em todos os registros feitos pela mãe havia narrativas da criança. Considerando todas essas informações, percebe-se que esse é um contexto familiar que favorece a produção de narrativas.

No que diz respeito à produção narrativa nos três contextos, E. mostra que já tem a iniciativa de narrar suas experiências pessoais, conforme esperado para sua idade (Perroni, 1992). Quanto ao número de sentenças por narrativa, E. chegou a produzir uma narrativa com 13 sentenças (Anexo G, N4, pp.212) sem a ajuda da mãe, o que está além do esperado para sua idade (em média 8,1 sentenças) (Peterson e McCabe, 1983). Há narrativas menores, como a do conflito com o amigo (Anexo G, N7, pp.216) e menos claras, como o problema da escova (Anexo G, N1, pp.209). Conforme Peterson e Biggs (1998), isto é esperado, pois crianças de todas as idades produzem narrativas menos coerentes, contendo menos informações de avaliação, quando versam sobre eventos estressantes.

Como narrador E. demonstrou ter a capacidade de sustentar o discurso narrativo, mesmo com um grande número de turnos de intervenção do interlocutor (Umiker-Sebeok, 1979), como mostra a sua narrativa mais longa, durante a qual ocorreu o maior número de perguntas de sua mãe (Anexo G, N8, pp.217). Por outro lado, fez duas narrativas sem a intervenção da mãe (Anexo G, N3, pp.211 e N4, pp.212). Segundo Hudson e Shapiro (1991), quando a criança é capaz de fazer sozinha uma narrativa de experiência pessoal, ela fica livre para focar os aspectos realmente importantes da experiência segundo sua própria perspectiva, não ficando limitada pelas perguntas que seguem a perspectiva do adulto sobre os eventos. Isto é o que parece estar acontecendo com E., uma vez que ele se afasta do padrão cronológico descrito por Peterson e McCabe (1983), ordenando os eventos segundo sua perspectiva e iniciando, em duas ocasiões, com um breve resumo, antes de desenvolver seu argumento (Anexo G, N2, pp.210; N3, pp.211).

Quanto à função das sentenças nas narrativas, E. enfatiza as ações como esperado para sua idade, segundo Botvin e Sutton-Smith (1977) e van den Broeck e cols. (1996). Porém, também fornece informações contextuais precisas e faz avaliações. Como destacou Fivush (1991), não estão apenas acontecendo coisas, mas vivências cheias de significado para E. Além disso, em suas avaliações, ele reflete e questiona o comportamento dos outros quando faz um julgamento sobre a atitude do colega, chamando-o de egoísta (Anexo G, N3, pp.211), quando questiona o comportamento do menino que lhe tomou a bolacha

(Anexo G, N4, pp.212) e quando afirma que sua professora e a assistente não são legais (Anexo G, N8, pp.217). Ao que tudo indica, E. está desenvolvendo a habilidade para refletir e questionar o comportamento dos outros o que, segundo Dunn (1988), é uma habilidade crucial que afeta o relacionamento das crianças de inúmeras maneiras.

Por outro lado, observa-se que o papel da mãe de E. não é imprescindível para que o filho narre suas experiências pessoais, a não ser que ele não queira fazê-lo ou esteja muito aborrecido. Nessas circunstâncias, a mãe faz perguntas específicas para que o filho preencha os espaços com informações que possam esclarecer o que se passa. Segundo Perroni (1992), é esperado que a participação da mãe fique menos ativa em conversas com crianças de cinco anos.

Quanto ao estilo narrativo materno, essa mãe parece se ajustar aos parâmetros definidos para mãe altamente elaboradora (Fivush, 1991, uma vez que a mãe tem o hábito de falar sobre o passado com o filho (o pai também tem) e quando necessário, utiliza uma estratégia rica para ampliar a narrativa do filho, fazendo as perguntas especificadas por Peterson e McCabe (1994). Esse foi o caso das duas narrativas do Enquadre Livre, quando a mãe pediu informações sobre o contexto, esclarecimentos sobre as ações (incluindo os motivos) e ainda procurou fazer com que E. lhe explicasse seus sentimentos depois da conversa com o pai (Anexo G, N7, pp.216) e a respeito da professora e sua assistente (Anexo G, N8, pp.217). Como essa mãe manifesta um claro interesse pelos aspectos subjetivos, afetivos e relacionais da experiência, sua narrativa de suporte corresponde a das mães que enfatizam os aspectos subjetivos (Nelson, 1998).

Cabe ainda discutir o amplo uso de questões fechadas nas narrativas do Enquadre Livre. De acordo com Melzi (2000), quando o objetivo é elaborar um tópico as mães utilizam mais questões fechadas do que abertas e, desse modo, dirigem a narrativa fornecendo informações sobre os eventos e os colocando em seqüência. A autora explica que, dessa forma, a mãe assume maior responsabilidade sobre o que está sendo narrado, tornando a tarefa mais fácil para a criança. Essa parece ter sido exatamente a intenção da mãe de E. quando teve que lidar com o aborrecimento dele.

A interação narrativa dessa díade parece funcionar de forma complementar: Se E. vai construindo seu relato de modo satisfatório, a mãe não intervém. Entretanto, quando entende que é necessário intervir tem uma participação mais ativa. Nessas ocasiões, E. enfatiza mais as ações e sua mãe também exige dele maiores esclarecimentos sobre seus atos. Nesse sentido, somam-se aos aspectos desenvolvimentais, as características pessoais de E. (inquieto e muito ativo). Em condições favoráveis, E. orienta o ouvinte sobre o contexto em que ocorrem os acontecimentos e quando não o faz a mãe está atenta e solicita

informações adicionais. Por fim, E. faz frequentemente avaliações em suas narrativas, pois sua mãe se interessa pelos aspectos subjetivos de suas experiências.

CASO 3: FORMIGA VERMELHA

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO FAMILIAR

D. é uma menina de quatro anos. Sua família, além do pai e da mãe, é constituída também por uma irmã de nove anos. A família possui residência própria, ambos os pais têm curso superior e são profissionais liberais. A mãe considera que ela e o marido estão muito satisfeitos com suas respectivas carreiras profissionais, porém preocupa-se porque ambos trabalham demais.

Quanto ao relacionamento afetivo, para a mãe a família é capaz de expressar carinho tanto verbal quanto fisicamente. Avaliando a intimidade entre os membros da família, a mãe acredita que D. seja mais próxima a ela. A família de origem materna é muito próxima, apesar de D. não ter chegado a conhecer a avó materna por esta ter morrido pouco antes de seu nascimento. Os avós paternos já morreram, sendo o relacionamento com o restante da família do pai distante. No geral, a família tem um relacionamento social satisfatório, mas os amigos são limitados a alguns setores.

No que diz respeito ao espaço dedicado à televisão (TV) na vida familiar, nenhum deles assistem muita TV. As crianças olham o Sítio do Pica-pau Amarelo, vídeos e DVDs. Já o computador é usado somente pelos pais, com finalidade profissional.

Quanto ao uso de histórias na vida familiar, a mãe costuma falar sobre o passado, em especial, comparando situações de hoje com experiências passadas. À noite, os pais contam histórias de livros. Há também uma tia-avó que gosta de contar histórias.

Do ponto de vista dos problemas familiares, a mãe reconhece que o casal tem dificuldade para lidar com a autoridade. Não foram citados problemas referentes à saúde física.

A criança observada é uma menina alegre, ativa, simpática e desembaraçada na presença de adultos. Durante o relato que fez das férias, na visita, solicitou várias vezes que a mãe a ajudasse a lembrar de nomes e fatos. No que diz respeito à rotina diária, D. acorda pelas 8:30hs e é a empregada quem lhe dá a mamadeira. Durante a manhã, faz balé duas vezes por semana, e passeia na casa da tia-avó, onde brinca de Polly, desenha e dança. Vai para a escola com o transporte escolar e quem a busca é a babá. A mãe almoça e janta com as filhas todos os dias e o pai duas vezes por semana. D. toma banho sozinha, mas sob a supervisão da mãe ou da babá. Vai se deitar em seu quarto às 10:30hs, na companhia da

mãe, e tem o hábito de chupar o dedo para dormir. Costuma falar de seu dia durante o almoço e à tardinha, quando a mãe chega do trabalho.

RESULTADOS

1 - CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 9
- Tempo total de gravação: 36 minutos e 12 segundos

A - A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 5
- N° total de sentenças: 109 (em média, 21,8 sentenças por narrativa)

A Figura 3.1 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação nas narrativas produzidas.

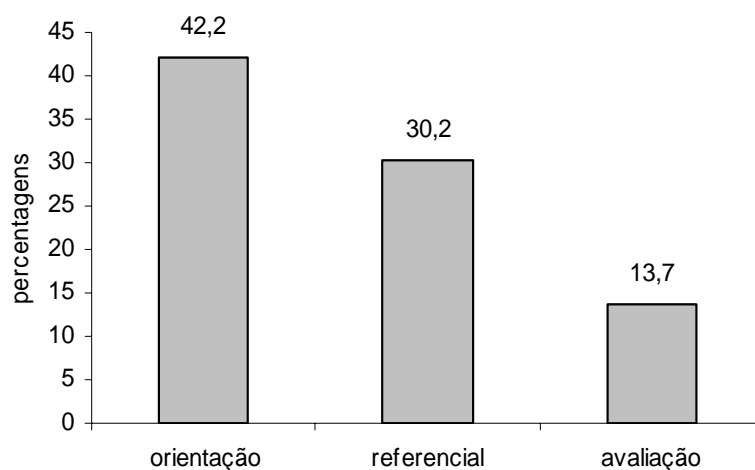


Figura 3.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Descrição dos resultados da criança

D. narra cinco experiências pessoais organizadas numa seqüência temporal, com a ajuda da mãe. As narrativas contêm, predominantemente, informações sobre o contexto dos acontecimentos (42,2% das sentenças), mas descrevem bem as ações (30% das sentenças) e os aspectos subjetivos das experiências (avaliações: 13,7% das sentenças).

B – A participação da mãe

- N° total de intervenções: 39 (em média 7,8 por narrativa)

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 3.2.

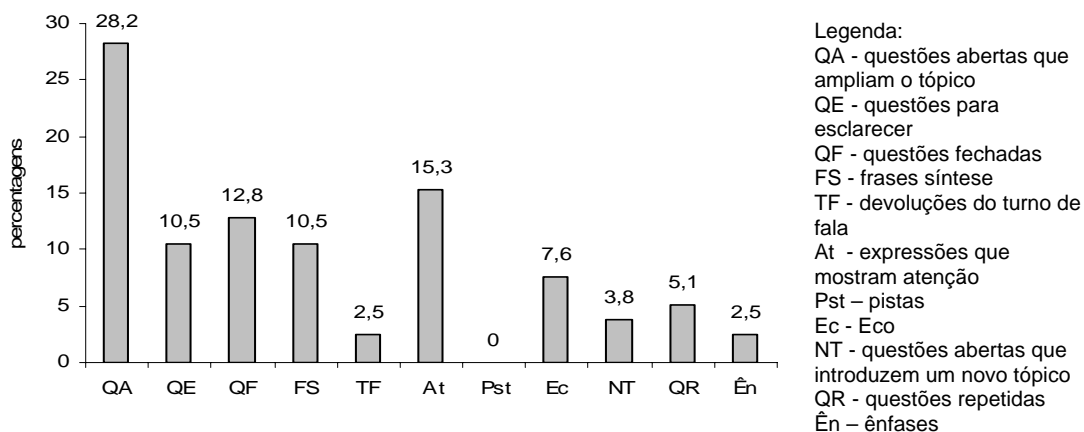


Figura 3.2. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante o Contexto Histórias Dirigidas para a Mãe, esta fez 39 intervenções. A mãe prefere as questões abertas para ampliar o tópico (28,2% das intervenções), utilizando menos questões fechadas (em 12,8% das intervenções) e questões para esclarecer (10,5% das intervenções). Além disso, ela emprega variados recursos para manter o fluxo da narrativa da criança, principalmente as expressões que mostram atenção (em 15,3% das intervenções) e frases síntese (em 10,5% das intervenções).

C - A interação narrativa

A Figura 3.3 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

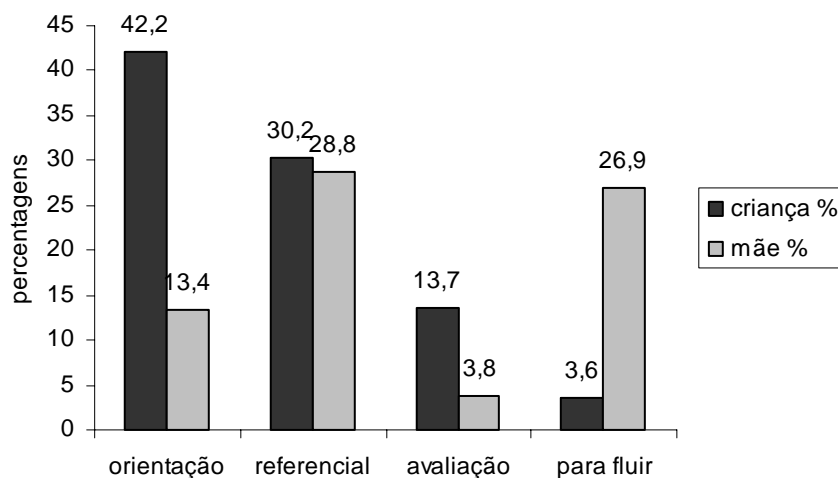


Figura 3.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa:

Observa-se que o número de sentenças da criança é bem maior (2,7 vezes) que o número de intervenções da mãe. Além disso, a criança fornece espontaneamente informações que orientam o ouvinte quanto ao contexto do acontecimento, esclarece as ações e revela o que deseja que a mãe pense sobre o evento. Por outro lado, a mãe amplia os tópicos em discussão e intervém para manter o fluxo da narrativa da filha. A narrativa a seguir é um exemplo das histórias contadas nesse contexto.

Excerto nº 7: O dia na casa da amiga F. (Anexo H, N3, pp.225)

Falas da criança	Falas da mãe
- Oi ! Eu sou a D.. É que assim ó, eu fui na casa da F. e a gente se divertiu muito. A gente foi até a escola sozinhas, sem a P.(<i>mãe da F.</i>)! E foi muito legal! E a gente nem se “perdiu”. Foi as primeiras que entrou na aula. Daí, a gente viu o G., vindo atrás da gente. E foi muito legal. Mas, ontem, na M. foi muito chato!	- Agora, a D. vai contar o que é que elas fizeram lá na casa da F.
- Mas, a gente brincou...E daí, ontem, hoje, na F., a M. foi junto.	- Foi?
- Ela foi e nós três e chegamos juntas. Daí, depois, C. (<i>a mãe da M.</i>) nos pegou. A gente tava indo no banheiro. E a gente fez umas baguncinhas no banheiro. Depois, voltamos pra sala. E foi muito legal também. O meu amigo também tinha ido atrás da gente, o G. O carro da P. era muito legal. Eu fui no carro da P. sem cinto!	- Foi? (...)
(<i>riu</i>) - E foi muito legal! Eu me diverti muito! E depois, a gente foi pra escola.	- Tu estás brincando!?

Análise das sentenças da criança

- “Oi ! Eu sou a D..”/ função de orientação (voz do narrador)
- “É que assim ó,”/ pede o turno de fala
- “... eu fui na casa da F.”/ função de orientação
- “... e a gente se divertiu muito.”/ função de avaliação
- “A gente foi até a escola sozinhas, sem a P.!”/ função referencial
- “E foi muito legal!”/ função de avaliação
- “E a gente nem se “perdiu”.”/ função de avaliação

- “Foi as primeiras que entrou na aula, na aula.”/ função de orientação
- “Daí, a gente viu o G.”/ função referencial
- “... vindo atrás da gente.”/ função de orientação
- “E foi muito legal.”/ função de avaliação
- “Mas, ontem, na M. foi muito chato!”/ função de avaliação
- “Mas, a gente brincou...”/ função referencial
- “E da, ontem, hoje, na F., a M. foi junto.”/ função de orientação
- “Ela foi”/ função de orientação
- “... e nós três e chegamos juntas.”/ função de orientação
- “Daí, depois, a C. nos pegou.”/ função referencial
- “A gente tava indo no banheiro.”/ função de orientação
- “E a gente fez umas baguncinhas no banheiro.”/ função referencial
- “Depois, voltamos pra sala.”/ função de orientação
- “E foi muito legal também.”/ função de avaliação
- “O meu amigo também tinha ido atrás da gente, o G.”/ função de orientação
- “O carro da P. era muito legal.”/ função de orientação
- “Eu fui no carro da P. sem cinto!”/ função de orientação
- “E foi muito legal!”/ função de avaliação
- “Eu me diverti muito!”/ função de avaliação
- “E depois, a gente foi pra escola.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: O dia na casa da amiga F.
- N° de sentenças da criança: 27 (em 4 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 48,1% das sentenças
 - Referencial: em 18,5% das sentenças
 - Avaliação: em 29,6% das sentenças

Comentários extra:

- Presença de voz do narrador
- Pede o turno de fala

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 4 (em 4 turnos de fala)

- “Agora, a D. vai contar o que é que elas fizeram lá na casa da F.”/ Questão aberta que introduz um novo tópico
- “Foi?”/ Questão fechada
- “Foi?”/ Questão fechada
- “Tu estás brincando!?”/ Frase síntese

2 - CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- N° de registros: 1
- Tempo total de gravação: 7 minutos e 15 segundos

A - A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 1
- N° total de sentenças: 47

As percentagens de sentenças com cada função (de orientação, referencial e de avaliação) nas narrativas produzidas são mostradas na Figura 3.4.

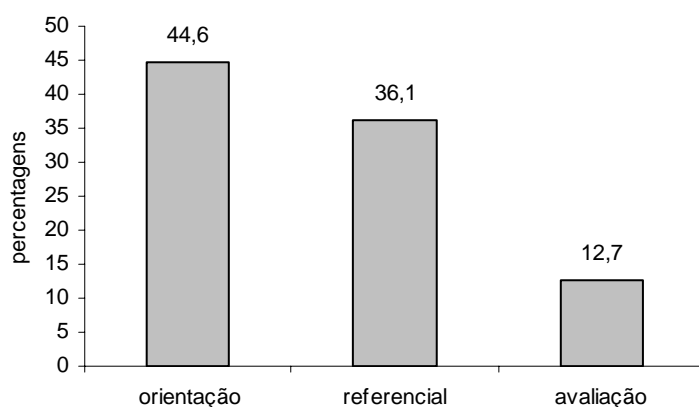


Figura 3.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Descrição dos resultados da criança

Na visita domiciliar, D. produziu uma longa narrativa sobre as férias (47 sentenças). A criança foi organizando a seqüência dos eventos apoiando-se nas perguntas e aproveitando as pistas que sua mãe lhe oferecia. A narrativa contém, predominantemente, informações sobre o contexto dos acontecimentos (44,6% das sentenças), mas descreve bem as ações (36,1% das sentenças) e retrata aspectos subjetivos da experiência (12,7% das sentenças).

B – A participação da mãe

- N° total de intervenções: 57

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 3.5.

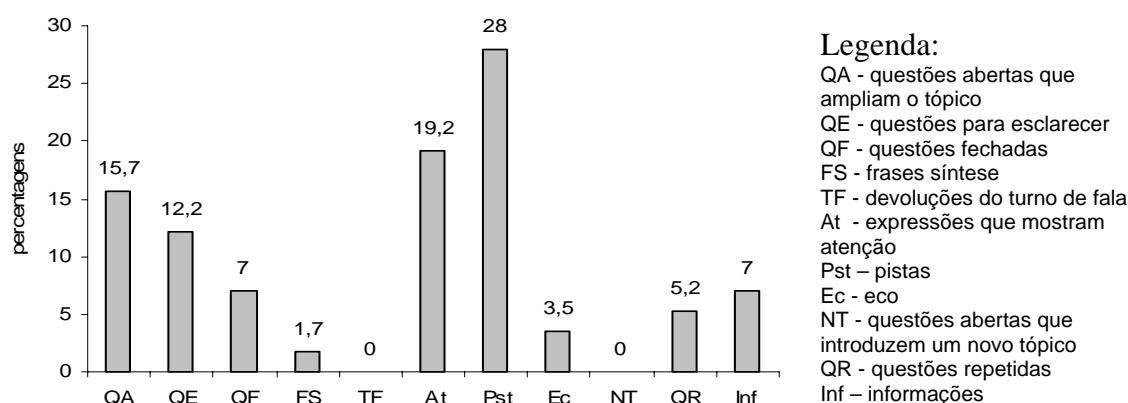


Figura 3.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante a narrativa do Contexto Visita Domiciliar, a mãe fez dez intervenções a mais que o número de sentenças da filha. A mãe utilizou questões abertas para ampliar o tópico (15,7% das intervenções) e questões para esclarecer (12,2% das intervenções). Além disso, ela utilizou variados recursos para manter o fluxo da narrativa da criança, principalmente, as pistas (em 28% das intervenções) e as expressões que mostram atenção (em 19,2% das intervenções).

C - A interação narrativa

A Figura 3.6 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

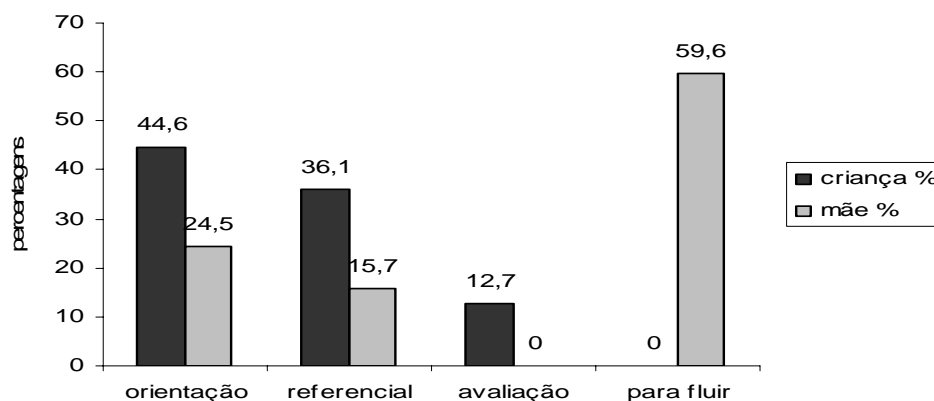


Figura 3.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa:

Observa-se que a mãe faz mais intervenções do que a filha usou sentenças, sendo ela quem conduz a narrativa. A criança vai fornecendo as informações, seguindo a ordem das perguntas da mãe. Há, no entanto, um encadeamento entre as informações dadas pela criança e as perguntas subsequentes da mãe. Além disso, é visível o prazer das duas ao rememorar a experiência, rindo, trocando olhares e fazendo caretas. Essa narrativa, com a análise das sentenças da criança e das intervenções da mãe, está descrita a seguir.

Excerto nº 8: A viagem de férias com a família (Anexo H, N6, pp.230)

Falas da criança	Falas da mãe
- E a gente...A gente foi pra Natal e levou a T. junto...	- A gente foi aonde?
- As dundas... (<i>rindo</i>)	- As dunbas ou as dundas ou as dunas? (<i>rindo</i>)
- Dunas.	- As dunas. E a gente foi...
(<i>interrompendo</i>) - A gente foi nas dunas. Então, a gente tomou banho de mar.	- Uhm-hum. E o que é que a gente fez nas dunas?
- A gente foi andando assim (<i>fez as mãos deslizarem</i>).	- Ah-há. E era em que tipo de carro que a gente andava?
- Num... (<i>pensativa</i>)	- Como é que era o nome daquele carro, que não tem porta, não tem capota?
- Hummm (<i>tom choroso</i>)	(<i>sussurrando</i>) - Bugui.
- E a gente andou num bugui. (<i>tom animado</i>)	- E a gente andava devagarinho nas dunas, ou andava...
- Rápido.	- E o que aconteceu com a D.?
- Eu bati a cabeça.	- Foi. E quando que a D. bateu a cabeça?
- Numa hora que ia lá embaixo e foi assim.(<i>mostrou com as mãos uma lombada</i>)	- E o moço foi muito rápido, né?
- É.	- E aí, a D. bateu com a cabeça naquele... no Santo Antônio. Daí, o que é que a D. falou para a mamãe?
(<i>fica rindo</i>)	- E o que a D. disse para a mamãe, daí?
- O que eu não queria mais ir nas dunas.	- Isso. E depois, no que mais que a gente andou? Como é que era o nome daquela montanha de areia que a gente

	esqui...que a gente descia? Uma que tem um nome meio feio...
<i>(D. faz uns gemidinhos enquanto a mãe fornece as pistas) - Como?</i>	- Aquela...
<i>(interrompe, com voz firme) - O ski-bunda!</i> A gente foi...a gente ia num...a gente ia sentado e a mãe ia comigo na frente e eu botava a mão no joelho. Daí, a gente caia dentro d'água.	- Uhn-hum.
- Mãe, né que a água era funda e eu fui?	- Foi.
- Mas, o moço podia ir mais longe, porque mais longe, eu também daria pé.	- É...
<i>(interrompe) - Mais, mais, ãhn, manhê, manhê! Mas é que se fosse naquele fundão que a gente, que ele atirasse a gente, daí, tu teria que me pegar de bóia, né?</i>	- Teria, porque tu não tinhas bóia.
- É.	- E teve uma outra coisa que também tinha um nome assim meio gozado, mas que em vez de descer a montanha, a gente ia pelo ar. Como é que se chamava aquilo ?
- O aero-bunda.	<i>(todas rimos) - É. A Disney dos nordestinos. É tudo assim, né? Como é que a D. ficou fazendo lá embaixo?</i> (...) Como é que era aquilo que a D. ficou fazendo lá na...Tinha uma lagoa lá?
- Tinha. Era de jacaré! <i>(ri)</i>	- Jacaré. Ai! O que mais que tinha? O que é que tinha quando a gente estava almoçando?
<i>(Olha para a mãe, pensativa)</i>	- Aconteceu uma coisa quando a gente tava almoçando. Duas coisas aconteceram, bem estranhas, quando a gente estava almoçando lá naquele lugar da lagoa.
- O que foi?(bem baixinho para à mãe)	- O tombo. <i>(sussurrado)</i>
- O pai e a mana caíram de trás com a... de trás, os dois se empurraram com a cadeira e os dois foram assim pra trás. E tava uma árvore atrás, atrás e ainda por cima. Tinha uma árvore.	- Qual é a outra coisa daí, mais interessante, que aconteceu, quando a gente estava almoçando? Não te lembras de um animalzinho assim ?

- Uma co...uma cobra! (<i>rindo</i>) Ela entrou dentro do lago.	
- Ela passou bem pertinho. (<i>rindo</i>)	- Diz pra Lídia, se ela passou longe ou perto da mamãe.
- E era cobra... Era cobra d'água.	- Diz o tamanho que ela era.(ri) (<i>As duas mostram com os braços e seguem rindo</i>) - Não foi?
- Só que não era invenenosa.	- Dizem que era cobra d'água.
- Tinha um lago que a gente comia e dava comida pros peixinhos. E era água, a gente almoçava na água. A cadeira era na água. A gente pedia a farinha prum cozinheiro e a gente pescava os peixinhos.	- E tem uma outra coisa legal.
- Na água.	- Aonde que pescava o peixinho? Lembra aonde que a gente pescava o peixinho?
- Num saco.	- Não, mas como é que a gente pegava o peixinho?
- Botando agüinha, um pouco. Botando farinha ali dentro e daí, pega o peixinho.	- E como é que a gente fazia o peixinho entrar naquele saco?
- A gente devolveu ele. Só pra fica cuidando um pouquinho, né mãe?	- E depois, que é que a gente fez com o peixinho?
- Garrafa.	- Hum-hum. E não tinha uma outra coisa também que a gente pegava o peixinho? O que o moço deu para a mana?
- A gente pegava eles na garrafa. Deu! (<i>se desencosta da mãe e levanta</i>)	- Hum-hum. (<i>Todas rimos e encerrei a gravação</i>)

Análise das sentenças da criança

- “E a gente...A gente foi pra Natal”/ função de orientação
- “... e levou a T. junto.”/ função de orientação
- “A gente foi nas dunas.”/ função de orientação
- “Então, a gente tomou banho de mar.”/ função referencial
- “A gente foi andando assim.”/ função referencial

- “E a gente andou num bugui.”/ função referencial
- “Eu chorei.”/ função referencial
- “Eu bati a cabeça.”/ função referencial
- “Numa hora que ia lá embaixo”/ função de orientação
- “e foi assim.”/ função de orientação
- “É.”/ função de orientação
- “Que eu não queria mais ir nas dunas.”/ função de avaliação
- “A gente foi...”/ sentença incompleta
- “a gente ia num...”/ sentença incompleta
- “a gente ia sentado”/ função de orientação
- “e a mãe ia comigo na frente”/ função de orientação
- “e eu botava a mão no joelho.”/ função referencial
- “Daí, a gente caia dentro d’água.”/ função referencial
- “Mãe, né que a água era funda”/ função de orientação (pede confirmação)
- “e eu fui?”/ função de orientação
- “Mas, o moço podia ir mais longe,”/ função de avaliação
- “porque mais longe, eu também daria pé.”/ função de avaliação
- “Mas é que se fosse naquele fundão”/ função de avaliação
- “que a gente, que ele atirasse a gente,”/ função de avaliação
- “Daí, tu teria que me pegar de bóia, né?”/ função de avaliação (pede confirmação)
- “É.”/ função de orientação
- “Tinha.”/ função de orientação
- “Era de jacaré!”/ função de orientação
- “O que foi?”/ pede que a mãe lhe indique a resposta certa
- “Ela entrou dentro do lago.”/ função referencial
- “Ela passou bem pertinho.”/ função de orientação
- “E era cobra...era cobra d’água.”/ função de orientação
- “Só que não era invenenosa.”/ função de orientação
- “Tinha um lago”/ função de orientação
- “que a gente comia”/ função referencial
- “e dava comida pros peixinhos.”/ função referencial
- “E era água,”/ função de orientação
- “a gente almoçava na água.”/ função referencial
- “A cadeira era na água.”/ função de orientação
- “A gente pedia a farinha prum cozinheiro.”/ função referencial

- “E a gente pescava os peixinhos.”/ função referencial
- “Botando agüinha, um pouco.”/ função referencial
- “Botando farinha ali dentro”/ função referencial
- “e daí, pega o peixinho.”/ função referencial
- “A gente devolveu ele.”/ função referencial
- “Só pra fica cuidando um pouquinho, né mãe?”/ função de orientação (pede confirmação)
- “A gente pegava eles na garrafa.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: Férias
- N° de sentenças da criança: 47 (em 34 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 44,6% das sentenças
 - Referencial: em 36,1% das sentenças
 - Avaliação: em 12,7% das sentenças

Comentários extra:

- Presença de duas sentenças incompletas
- Pede que a mãe lhe indique a resposta certa
- Pede confirmação de informações em duas sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 57 (em 34 turnos de fala)
- “A gente foi aonde?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “As dunbas ou as dundas ou as dunas?”/ Questão para esclarecer
- “As dunas.”/ Eco
- “E a gente foi...”/ Pista
- “Uhm-hum. ”/ Expressão que mostra atenção
- “E o que é que a gente fez nas dunas?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Ah-há.”/ Expressão que mostra atenção
- “E era em que tipo de carro que a gente andava?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Como é que era o nome daquele carro, que não tem porta, não tem capota?”/ Pista
- “Bugui.”/ Informação
- “E a gente andava devagarinho nas dunas, ou andava...”/ Pista
- “E o que aconteceu com a D.?”/ Questão aberta que amplia o tópico

- “Aconteceu uma coisa com a D.”/ Pista
- “Foi.”/ Confirmação
- “E quando que a D. bateu a cabeça?”/ Questão para esclarecer
- “E o moço foi muito rápido, né?”/ Questão fechada
- “E aí, a D. bateu com a cabeça naquele... no Santo Antônio.”/ Frase síntese
- “Daí, o que é que a D. falou para a mamãe?”/ Pista
- “E o que a D. disse para a mamãe, daí?”/ Questão repetida
- “Isso.”/ Expressão que mostra atenção
- “E depois, no que mais que a gente andou?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Como é que era o nome daquela montanha de areia que a gente esqui...que a gente descia?”/ Pista
- “Uma que tem um nome meio feio...”/ Pista
- “Aquela...”/ Pista
- “Uhm-hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Foi.”/ Confirmação
- “É...”/ Confirmação
- “Teria, porque tu não tinhas bóia.”/ Confirmação
- “E teve uma outra coisa que também tinha um nome assim meio gozado, mas que em vez de descer a montanha, a gente ia pelo ar. Como é que se chamava aquilo? Pista
- “É.”/ Confirmação
- “É tudo assim, né?”/ Questão fechada
- “Como é que a D. ficou fazendo lá embaixo?”/ Pista
- “Como é que era aquilo que a D. ficou fazendo lá na...”/ Questão repetida
- “Tinha uma lagoa lá?”/ Questão fechada
- “Jacaré.”/ Eco
- “Ai!”/ Expressão que mostra atenção
- “O que mais que tinha?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “O que é que tinha quando a gente estava almoçando?”/ Pista
- “Aconteceu uma coisa quando a gente estava almoçando.”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Duas coisas aconteceram, bem estranhas, quando a gente estava almoçando lá naquele lugar da lagoa.”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “O tombo.”/ Informação
- “Qual é a outra coisa daí, mais interessante, que aconteceu, quando a gente estava almoçando?”/ Pista

- “Não te lembrás de um animalzinho, assim?”/ Pista
- “Diz pra Lídia, se ela passou longe ou perto da mamãe.”/ Questão para esclarecer
- “Diz o tamanho que ela era.”/ Pista
- “Não foi?”/ Questão fechada
- “Dizem que era cobra d’água.”/ Informação
- “E tem uma outra coisa legal.”/ Informação
- “Aonde que pescava o peixinho?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Lembra aonde que a gente pescava o peixinho?”/ Questão repetida
- “Não, mas como é que a gente pegava o peixinho?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “E como é que a gente fazia o peixinho entrar naquele saco?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “E depois, o que é que a gente fez com o peixinho?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Hum-hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “E não tinha uma outra coisa também que a gente pegava o peixinho?”/ Pista
- “O que o moço deu para a mana.”/ Pista
- “Hum-hum.”/ Expressão que mostra atenção

3 - CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 5
- Tempo total de gravação: 30 minutos

A - A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 4
- N° total de sentenças: 62 (em média 15,5 sentenças por narrativa)

A Figura 3.7 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação nas narrativas produzidas.

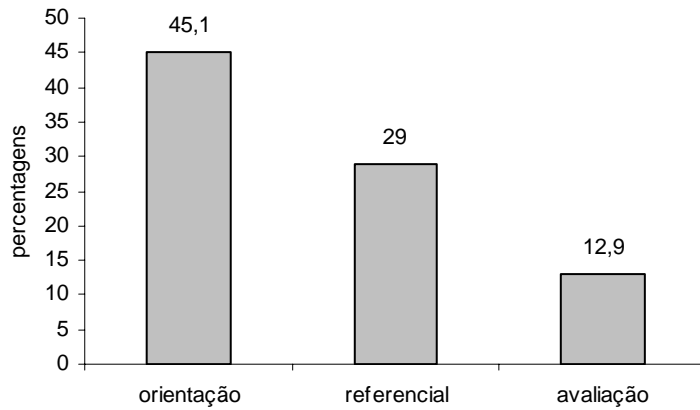


Figura 3.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Descrição de resultados da criança

No Contexto Enquadre Livre, D. produziu quatro narrativas, organizadas seguindo uma seqüência temporal. Novamente, as narrativas contêm, predominantemente, informações sobre o contexto dos acontecimentos (45,1% das sentenças), mas descrevem bem as ações (29% das sentenças) e retratam aspectos subjetivos da experiência (avaliações em 12,9% das sentenças).

B – A participação da mãe

- N° total de intervenções: 71 (em média 17,7 por narrativa)

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 3..8.

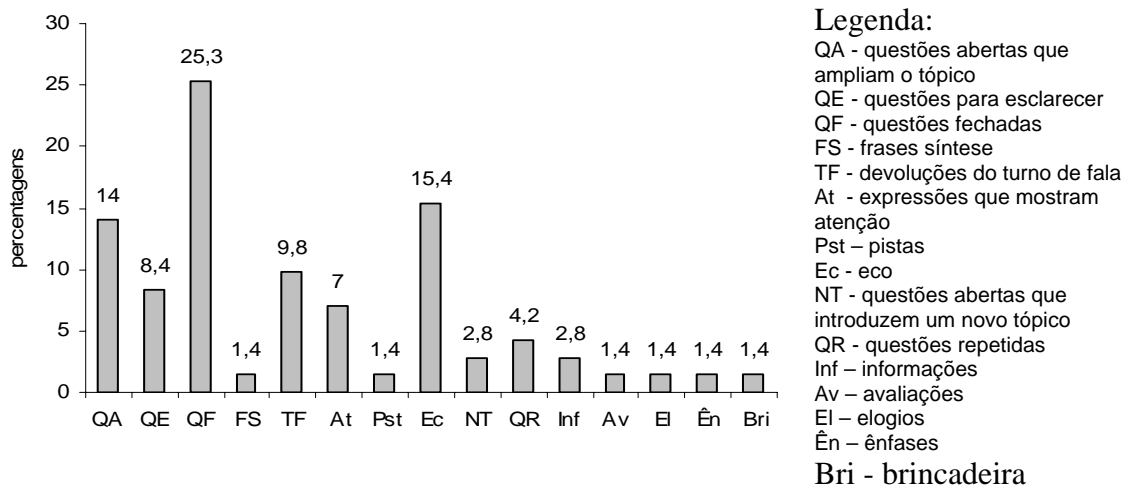


Figura 3.8. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição de resultados da participação da mãe

A mãe prefere fazer questões fechadas (25,3% das intervenções), mas também faz questões abertas que ampliam o tópico (14% das intervenções). Novamente, a mãe utiliza

variados recursos para manter o fluxo da narrativa da criança, como os ecos de falas da criança (15,4% das intervenções) e devoluções de turno de fala (9,8% das intervenções).

C - A interação narrativa

A Figura 3.9 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

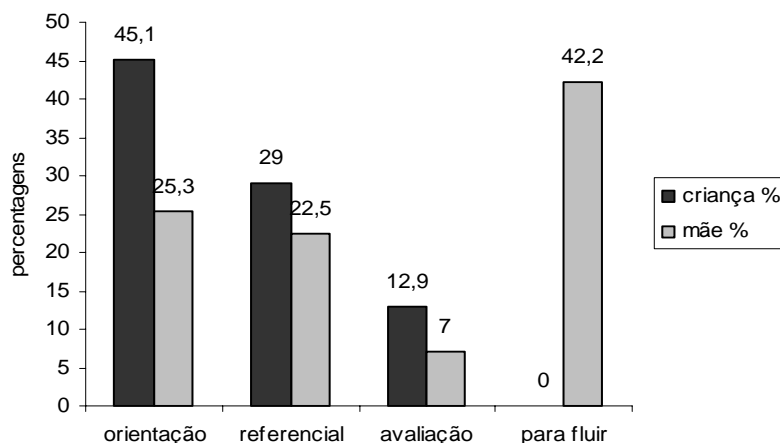


Figura 3.9. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Nesse contexto, observa-se que o número de intervenções da mãe está próximo do número de sentenças da criança. A criança segue fornecendo espontaneamente informações que orientam o ouvinte quanto ao contexto do acontecimento, esclarecendo as ações e explorando aspectos subjetivos das experiências. Por outro lado, a mãe amplia os tópicos em discussão e intervém para manter o fluxo da narrativa da filha. A narrativa “Formiga Vermelha” é um exemplo das histórias contadas nesse contexto.

Excerto nº 9: Formiga Vermelha (Anexo H, N10, pp.243)

Falas da criança	Falas da mãe
- Tinha um formigueiro desse tamanho no pátio grande.	- Como é que é?
- Hoje.	- Um formigueiro desse tamanho no pátio grande? Quando?
- Cheio de formiga, mãe. Não existe mais formiga do que isso. Aí, eu tive que ficar tapando.	- Quando tu foste para o recreio?

- Tapando as formigas.	- Como assim, tapando?
- Vermelha.	- E elas eram perigosas?
- Ela pica.	- Vermelhas. O que acontece quando a formiga é vermelha?
- Dóiê! Ela picou a minha colega hoje.	- Pica. E dói?
- A formiguinha do sonho?	- Picou a tua colega hoje? Foi a mesma formiguinha que te picou aquela vez?
(começa a falar como nenê) - Só se a mamãe ficar comigo hoje...	- É, aquela que depois tu sonhaste? Foi? (...) Vem pra cá conversar com a mamãe, vem. A gente passou o dia todo longe uma da outra.
- Eu não lembro, só sei que ninguém andou no balanço hoje, porque tava molhado. E daí a gente, a gente saiu molhada do colégio, porque choveu, daí o pa... Daí, a chuva não me esperou, e a gente se molhou no pátio grande.	- Tu és o meu neném? Diz pra mãe uma coisa, e aí, o que mais aconteceu no colégio?
- Não	(Risos) - A chuva não esperou, é?
- Direto!	- É? Ela foi assim, muito...
- Aha. E ela também me picou aqui.	- ...muito malvada com vocês?
- Ela me picou aqui.	- Ela te picou?
- Sim.	- A chuva te picou?
- Pica porque era chuva vermelha...	- Eu não sabia que chuva picava. Pica?
-... que nem formiga.	- Ahh...
	- Ahh...

Análise das sentenças da criança

- “Tinha um formigueiro desse tamanho no pátio grande.”/ função de orientação
- “Não existe mais formiga do que isso.”/ função de avaliação
- “Aí, eu tive que ficar tapando.”/ função referencial

- “Tapando as formigas.”/ função referencial
- “Ela pica.”/ função de orientação
- “Dóiê!”/ função de orientação
- “Ela picou a minha colega hoje.”/ função referencial
- “Só se a mamãe ficar comigo hoje...”/ solicitação
- “Eu não lembro.”/ função de avaliação
- “Só sei que ninguém andou no balanço hoje,”/ função de orientação
- “... porque tava molhado.”/ função de orientação
- “E daí a gente, a gente saiu molhada do colégio,”/ função de orientação
- “... porque choveu.”/ função de orientação
- “Daí, a chuva não me esperou”/ função de orientação
- “... e a gente se molhou no pátio grande.”/ função de orientação
- “E ela também me picou aqui.”/ função referencial
- “Ela me picou aqui.”/ repete
- “Pica, porque era chuva vermelha que nem formiga.”/ função de avaliação

Análise da narrativa

- Tema: Formiga Vermelha
- N° de sentenças da criança: 18 (em 17 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 50% das sentenças
 - Referencial: em 22,2% das sentenças
 - Avaliação: em 16,6% das sentenças

Comentários extra:

- Repete uma sentença
- Solicitação para a mãe

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 14 (em 18 turnos de fala)
- “Como é que é?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Um formigueiro desse tamanho no pátio grande?”/ Eco
- “Quando?”/ Questão para esclarecer
- “Quando tu foste para o recreio?”/ Questão fechada
- “Como assim, tapando?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “E elas eram perigosas?”/ Questão fechada

- “Vermelha.”/ Eco
- “O que acontece quando a formiga é vermelha?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Pica.”/ Eco
- “E dói?”/ Questão fechada
- “Picou a tua colega hoje?”/ Questão fechada
- “Foi a mesma formiguinha que te picou aquela vez?”/ Questão fechada
- “É, aquela que depois tu sonhaste?”/ Questão fechada
- “Foi?”/ Questão repetida
- “Vem pra cá conversar com a mamãe, vem.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “A gente passou o dia todo longe uma da outra.”/ Ênfase
- “Tu é o meu neném?”/ Questão fechada
- “Diz pra mãe uma coisa, e aí, que mais que aconteceu no colégio?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “A chuva não esperou, é?”/ Eco parcial
- “É?”/ Questão fechada
- “Ela foi assim, muito... muito malvada com vocês?”/ Questão fechada
- “Ela te picou?”/ Eco parcial
- “A chuva te picou?”/ Questão fechada
- “Eu não sabia que chuva picava.”/ Entra na brincadeira
- “Pica?”/ Questão fechada
- “Ahh.”/ Expressão que mostra atenção
- “Ahh.”/ Expressão que mostra atenção

SÍNTESE DOS RESULTADOS DOS TRÊS CONTEXTOS

A – A produção narrativa de D.

Tabela 3

Síntese da produção narrativa de D.

Caso	Tempo total	n° de registros	n° de narrativas	n° de sentenças
Formiga Vermelha	1h 13 min	15	10	218(média 21,8)

A Figura 3.10 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas nos três contextos.

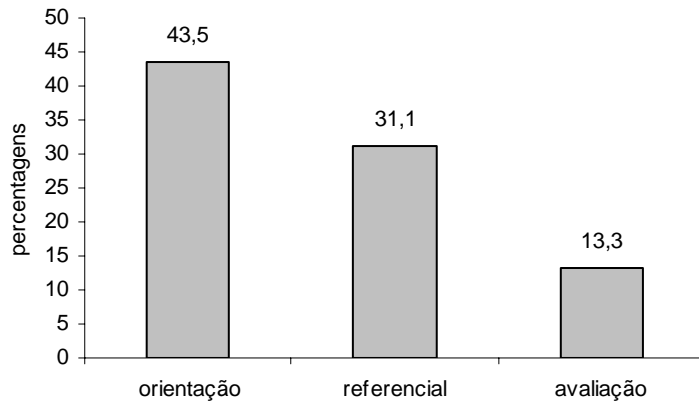


Figura 3.10. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas.

No início da pesquisa, D. tinha quatro anos e oito meses. Ela produziu dez narrativas de experiências pessoais em uma hora e treze minutos de gravação. Considerando as narrativas em seu conjunto, verifica-se que quase a metade das sentenças tem a função de orientar o ouvinte sobre o contexto (43,5% das sentenças), as ações são bem exploradas (31,1% das sentenças) e faz avaliações (13,3% das sentenças). Além disso, solicita a participação de seu ouvinte, propondo que ele(a) antecipe coisas, confirme ou lhe acrescente informações. Quanto à influência do contexto sobre a produção narrativa da criança, verifica-se que os três contextos foram favoráveis para a produção de narrativas, uma vez que em todos há narrativas longas.

B – A participação da mãe

A Figura 3.11 ilustra as porcentagens de cada tipo de intervenção, considerando os três contextos.

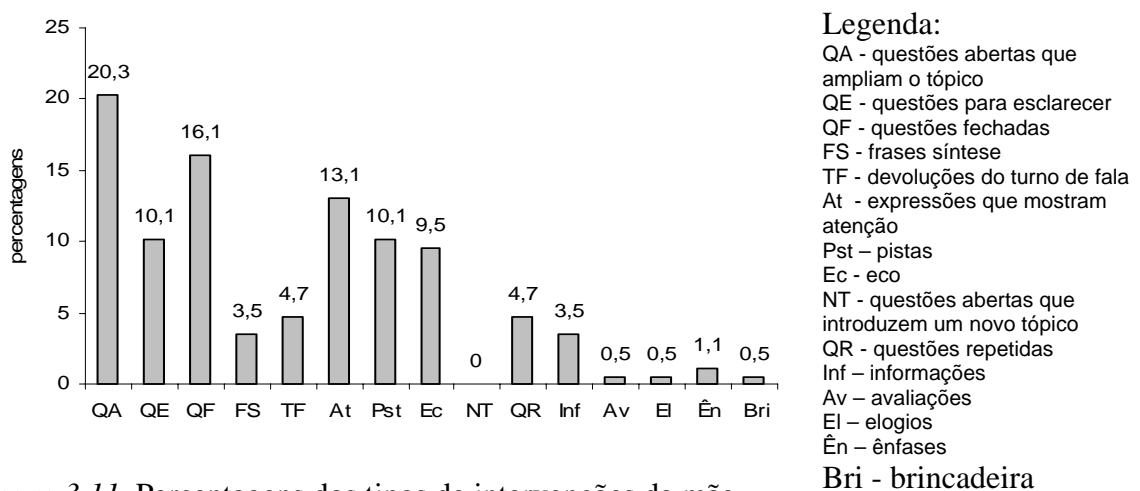


Figura 3.11. Percentagens dos tipos de intervenções da mãe.

Todos os contextos permitiram uma apreciação dos tipos de intervenção utilizados pela mãe para ampliar a narrativa de sua filha. A mãe prefere as questões abertas para ampliar o tópico (20,3% das intervenções) e, também, utiliza questões fechadas (em 16,1% das intervenções) e questões para esclarecer (10,1% das intervenções). Além disso, ela utiliza variados recursos para manter o fluxo da narrativa da criança, especialmente as expressões que mostram atenção (em 13,1% das intervenções), as pistas (em 10,1% das intervenções) e ecos de falas da criança (em 9,5% das intervenções).

A Figura 3.12 ilustra os principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos: obter informações de orientação, referenciais e de avaliação.

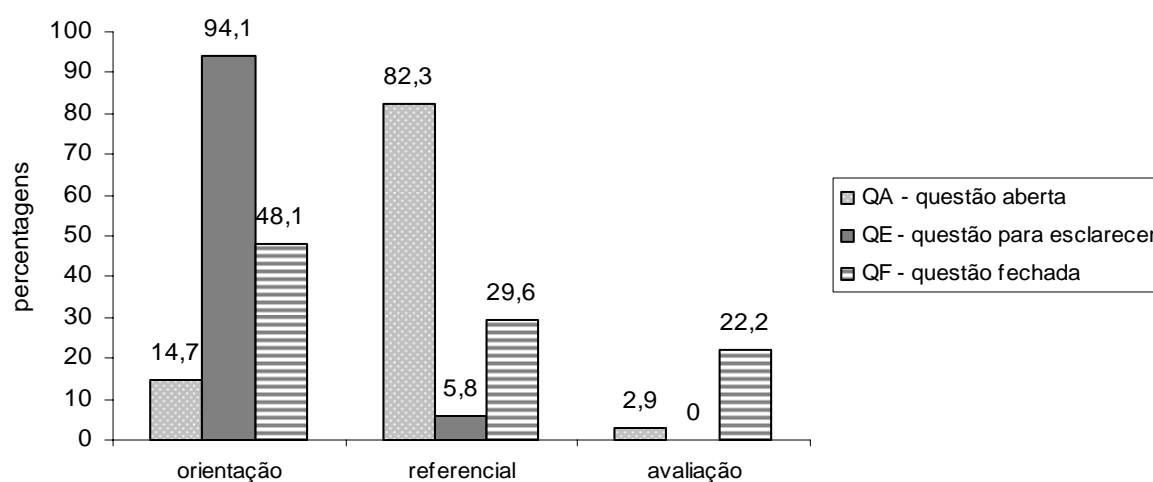


Figura 3.12. Principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos.

Observa-se que a mãe utiliza questões para esclarecer, para pedir informações contextuais (94,1% das questões para esclarecer). Entretanto, a maior parte das questões fechadas (48,1% das questões fechadas) e, ainda, 14,7% das questões para ampliar o tópico têm esse mesmo propósito. Já para melhor compreender as ações, a mãe prefere fazer questões para ampliar o tópico (82,3% das questões para ampliar o tópico), mas também faz questões fechadas (29,6% das questões fechadas). Por fim, para compreender os aspectos subjetivos das experiências, a mãe faz questões fechadas.

Para identificar tipos de intervenção que possam ter inibido a narrativa da criança, foram consideradas as diferenças entre as intervenções maternas utilizadas durante a narrativa mais curta e a narrativa mais longa da criança. Tomando a narrativa mais curta de D. (Anexo H, N9, pp.241) e a mais longa (Anexo H, N6, pp.230) observa-se que na narrativa mais curta a mãe privilegia o uso de questões fechadas (71% de QF) para fazer suas perguntas, enquanto na narrativa mais longa, as questões fechadas representam apenas 17,3% das perguntas que a mãe fez. Contudo, nas duas narrativas a porcentagem de

perguntas da mãe, considerando todas as intervenções, é a mesma. Além disso, na narrativa mais longa a mãe participa mais através de pistas (28% de Pst) e expressões que mostram atenção (19,2% de At) do que na narrativa mais curta (5,8% de Pst e 5,8% de At).

DISCUSSÃO

É importante considerar o lugar das histórias e das conversas sobre o passado na cultura dessa família. A mãe costuma falar sobre o passado, em especial, comparando situações de hoje com experiências passadas, o que pode explicar a habilidade de narrar experiências pessoais dessa criança (Fivush, 1991). Ela ouve diariamente histórias de livros contadas pelos pais e, também, histórias contadas pela tia-avó. Além disso, a mãe e as filhas brincam de inventar histórias, jogo em que cada uma continua do momento em que a anterior parou. Então, contar histórias é uma atividade familiar estimulada e valorizada, o que faz com que D. se sinta à vontade e aprecie compartilhar com a família o que viveu.

Quanto à produção narrativa nos três contextos, D. mostra que já tem a iniciativa de narrar suas experiências pessoais, o que é esperado para a idade (Perroni, 1992). Já o número de sentenças por narrativa supera a média de 7,3 sentenças encontrada por Peterson e McCabe (1983) em meninas de quatro anos. Sua narrativa mais longa tem 47 sentenças (Anexo H, N6, pp.230) e foi produzida com a ajuda da mãe, em 34 turnos de intervenções, mostrando que D. já é capaz de sustentar o discurso narrativo (ver Umiker-Sebeok, 1979). A narrativa menos clara e coerente de D. tem como tema um conflito com uma amiga (Anexo H, N1, pp.220), que se configura como um evento estressante. Segundo Peterson e Biggs (1998), crianças de todas as idades produzem narrativas menos coerentes, com especialmente menos informações de avaliação, em situações difíceis.

No que se refere à função das sentenças, observa-se que D. orienta o ouvinte sobre o contexto detalhadamente, esclarecendo bem as ações e fazendo avaliações. A respeito de suas avaliações, observa-se que D. explica como se sentiu (são exceções a N5, pp.228.; N9, pp.241, que podem ser encontradas no Anexo H), como outros se sentiram (Anexo H, N2, pp.223) e, ainda, cogita o que poderia ter acontecido (Anexo H, N6, pp.230). Além disso, solicita a participação de seu ouvinte, propondo que ele(a) antecipe coisas, confirme ou lhe acrescente informações.

Já o papel da mãe de D. é ativo, e sua colaboração é aproveitada por sua filha que, a partir de suas perguntas e pistas, vai lembrando e acrescentando mais informações em seus relatos. A narrativa mais longa de D. (Anexo H, N6, pp.230) demonstra o quanto ela aproveita e exige a participação de sua mãe. Em todas as narrativas, a mãe faz perguntas do

tipo “como foi” e pede alguma explicação para a filha, explorando suas respostas. Há narrativas claramente conduzidas pela mãe (Anexo H, N6, pp.230; N9, pp.241 ; N10, pp.243) e outras em que a filha conduz o relato (Anexo H, N2, pp.223 ; N3, pp.225; N4, pp.227).

Essa mãe, no que concerne ao estilo narrativo, parece enquadrar-se nos parâmetros definidos para uma mãe altamente elaboradora (Fivush, 1991). Ela tem o hábito de falar sobre o passado com a filha e, quando necessário, utiliza uma estratégia rica para ampliar a narrativa da filha, fazendo as perguntas caracterizadas como específicas por Peterson e McCabe (1994). No que diz respeito à narrativa de suporte da mãe (Nelson, 1998), é possível observar que a mãe enfatiza os aspectos subjetivos das experiências. Nota-se essa ênfase em perguntas, como “O que é que ela fez que tu não gostaste?” (Anexo H, N1, pp.220), “E aí, o que mais que vocês fizeram de legal?” (Anexo H, N2, pp.223), “Mas, o que são as coisas legais que a B. faz?” (Anexo H, N8, pp.239) e “E tu te assustaste?” (Anexo H, N9, pp.241).

A interação narrativa dessa díade parece funcionar de forma complementar. D. enfatiza mais as informações sobre o contexto e sua mãe aprecia essas orientações, rindo e fazendo comentários. A mãe chama atenção para os aspectos subjetivos das experiências, o que leva D. a fazer muitas avaliações. Algumas vezes, as perguntas da mãe transformam a conversa em uma brincadeira, como quando ela pergunta: “E era aniversário dela ou ela ia casar com alguém?” (Anexo H, N7, pp.236), “Foi a mesma formiguinha que te picou aquela vez?” e “Eu não sabia que chuva picava. Pica?” (Anexo H, N10, pp.243).

CASO 4: O JOGADOR

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO FAMILIAR

A família é constituída pelo pai, a mãe, um filho de 8 anos e L., um menino de quatro anos. Possuem residência própria, ambos os pais tem curso superior e são profissionais liberais. A mãe sente-se satisfeita com sua carreira profissional, mas considera que o marido sente-se ainda mais satisfeito com a sua própria carreira. Nessa família, além da subsistência, o trabalho representa uma satisfação pessoal.

Quanto ao relacionamento afetivo, para a mãe a família tem o hábito de expressar carinho tanto verbal, quanto fisicamente. Avaliando a intimidade entre os membros da família, a mãe acredita que L. é mais próximo dela, mas tem uma ligação ainda mais intensa com o irmão. As duas famílias de origem são consideradas muito próximas. Já no

que tange ao relacionamento social, a família possui amigos limitados a alguns setores, especialmente aqueles que compartilham a mesma profissão do marido.

No que diz respeito ao espaço dedicado à televisão (TV), na vida familiar os pais não tem o hábito de assisti-la e limitam o uso da TV para os filhos. Assim, os meninos assistem canais mais informativos após o almoço, como o *Discovery Channel* e o *Animal Planet*, e à noite, vêem filmes de vídeo. Já o computador é usado pelos pais profissionalmente e pelos meninos para brincar de joguinhos.

Quanto ao uso de histórias na vida familiar, é o pai quem fala sobre o passado quando surge uma oportunidade durante o jantar, nos finais de semana. À noite, é a mãe quem conta histórias de livros e o pai, eventualmente, inventa histórias.

Do ponto de vista dos problemas familiares, a mãe se sente mobilizada diante de situações em que precisa permitir que os filhos se afastem dela, como no caso de irem dormir em casa de amigos. Não foram relatados problemas no que diz respeito à saúde física.

A criança observada pareceu, inicialmente, muito tímida e inibida com a presença do pesquisador em sua casa. Entretanto, com a inclusão do irmão na entrevista, L. se mostrou alegre e ativo. No que concerne à rotina diária, L. acorda às 7h e a mãe lhe dá uma mamadeira. A mãe leva e busca na escola. Almoça com a mãe, porém no jantar não há uma rotina. Durante à tarde, pratica futebol duas vezes por semana e nos outros dias fica em casa com a babá ou vai brincar na casa de um colega. Toma o seu banho sozinho, sob a supervisão da mãe ou da babá. Dorme em seu quarto, ao redor das 9:30h, e a mãe o acompanha.

RESULTADOS

1- CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 4
- Tempo total de gravação: 23 minutos e 11 segundos

A- A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 1
- N° de sentenças: 4

A Figura 4.1 ilustra as percentagens de sentenças com cada função (orientação, referencial e de avaliação) nas narrativas produzidas.

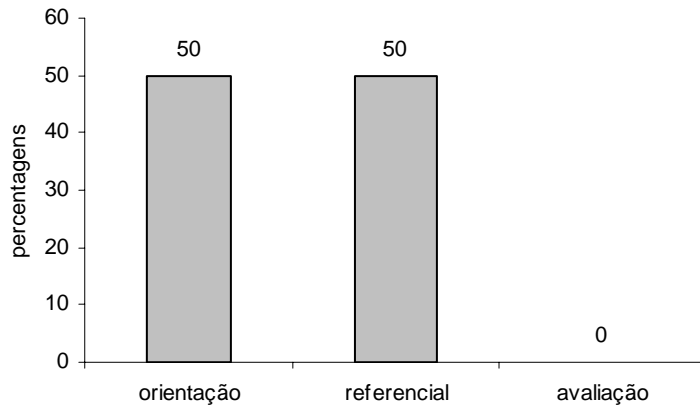


Figura 4.1. Percentagens das sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação.

Descrição dos resultados da criança

Em 23 minutos de gravação de conversas entre L. e sua mãe, apenas uma narrativa de quatro sentenças foi produzida, com a ajuda da mãe. Ele relata ações sem contextualizá-las e, depois traz informações sobre o contexto do evento (em 50% das sentenças). Entretanto, não faz uma conexão entre as sentenças. Além disso, avalia o evento com apenas uma palavra (“Bom”).

B - A participação da mãe

- N° total de intervenções : 10

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 4.2.

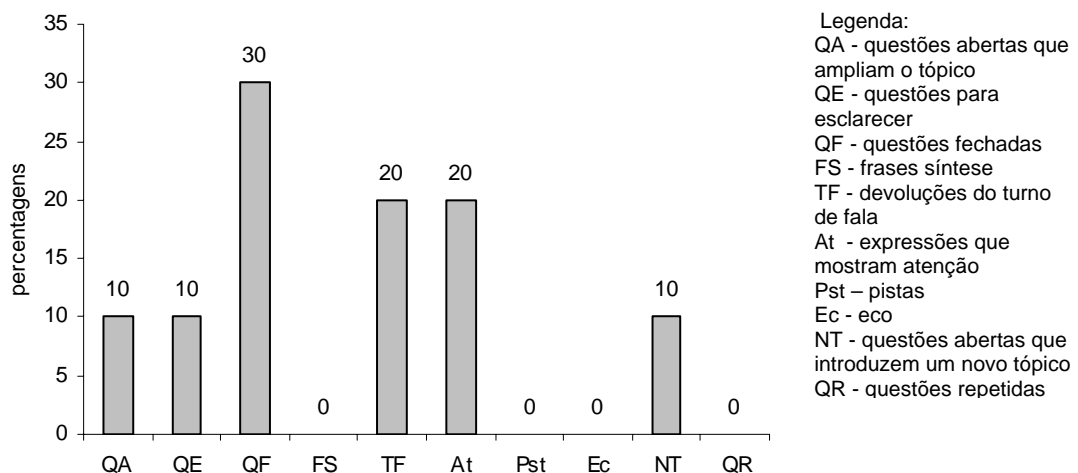


Figura 4.2. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante a narrativa do Contexto Histórias Dirigidas para a Mãe, a mãe fez duas vezes e meia mais intervenções que o número de sentenças do filho. A mãe privilegia o uso de questões fechadas (30% das intervenções), mas faz uma questão para esclarecer (10% das intervenções) e uma questão aberta para ampliar o tópico (10% das intervenções). Entretanto, a maior parte das intervenções da mãe (40% das intervenções) parece se destinar, simplesmente, a manter o fluxo da narrativa da criança, por meio de devoluções do turno de fala e de expressões que mostram atenção.

C – A interação narrativa

A Figura 4.3 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

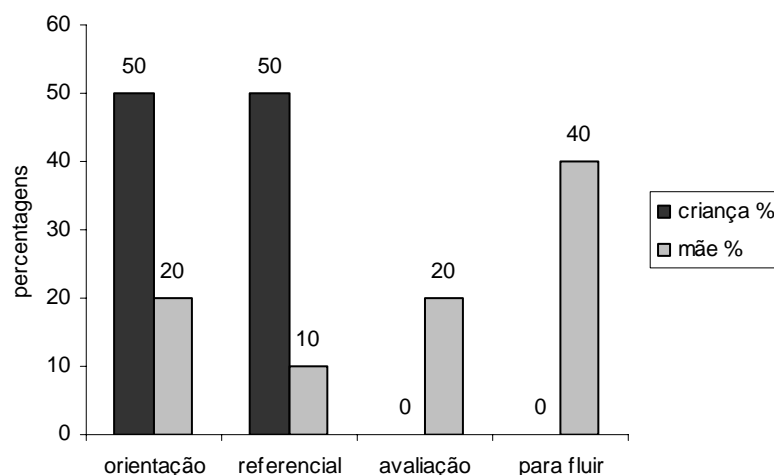


Figura 4.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Observa-se que a mãe faz muitas intervenções, em comparação às falas de seu filho, sendo ela quem conduz a narrativa. A criança vai fornecendo as informações, seguindo a ordem das perguntas da mãe. Entretanto, as informações dadas pela criança só foram aproveitadas em uma pergunta subsequente da mãe, no último turno de fala, junto a duas outras intervenções. Além disso, é a mãe quem avalia a experiência (“E estava muito engraçado, não estava?”). Essa narrativa, com a análise das sentenças da criança e das intervenções da mãe, está descrita a seguir.

Excerto nº 10: Festa de aniversário (Anexo I, N1, pp.247)

falas da criança	falas da mãe
	– Como é que tava o aniversário de ontem, L. ?
– Bom.	– Daí, me conta o que tu fizeste ?
– Pulei ! Brinquei, brinquei, brinquei e brinquei...	– Só isso ?
– Uhm-hum.	– Tá bom.
(mais adiante)	
– Fui lá na piscina de bolinhas, no tobogã...	– Ah é ? E o que mais ?
– Uhm...só isso !	– E de quem era esse aniversário ?
– Do G. Foi lá que um se vestiu de super-homem.	– Ah! E estava muito engraçado, não estava ? Tinha um que se vestiu de presidiário também ? Tu te lembras disso ?

Análise das sentenças da criança

- “Pulei !”/ função referencial
- “Brinquei, brinquei, brinquei e brinquei...”/ função referencial
- “Fui lá na piscina de bolinhas, no tobogã...”/ função de orientação
- “Foi lá que um se vestiu de superhomem.”/ função de orientação

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 10 (em 7 turnos de fala)
- “Como é que estava o aniversário de ontem, L.?”/ Questão para esclarecer
- “Daí, me conta o que tu fizeste?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Só isso?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Tá bom.”/ Expressão que mostra atenção
- “Ah é?”/ Expressão que mostra atenção
- “E o que mais?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “E de quem era esse aniversário?”/ Questão para esclarecer
- “Ah! E estava muito engraçado, não estava?”/ Questão fechada
- “Tinha um que se vestiu de presidiário também?”/ Questão fechada
- “Tu te lembras disso?”/ Questão fechada

2 - CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- N° de registros: 2
- Tempo total de gravação: 7 minutos

A- A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 1
- N° total de sentenças: 19

A Figura 4.4 ilustra as percentagens de sentenças com cada função (orientação, referencial e de avaliação) na narrativa produzida.

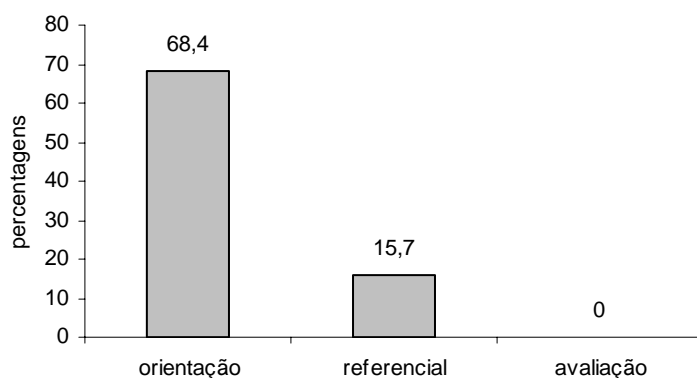


Figura 4.4. Percentagens das sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação.

Descrição dos resultados da criança

Na visita domiciliar, L. produz uma narrativa longa (19 sentenças) sobre as férias, com a ajuda da mãe. A narrativa contém, predominantemente, informações sobre o contexto dos acontecimentos (68,4% das sentenças) e descreve pouco as ações (15,7% das sentenças). Dessa vez, aparece uma tentativa de seqüenciar os eventos, seguindo a linha do tempo e dos lugares visitados. Além disso, como na narrativa anterior, L. avalia o evento em resposta à pergunta da mãe, com apenas uma palavra (“Sim”). Finalmente, expressa claramente três vezes o desejo de não seguir falando.

B - A participação da mãe

- N° total de intervenções : 21 (excluídas as intervenções dirigidas à pesquisadora)

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 4.5.

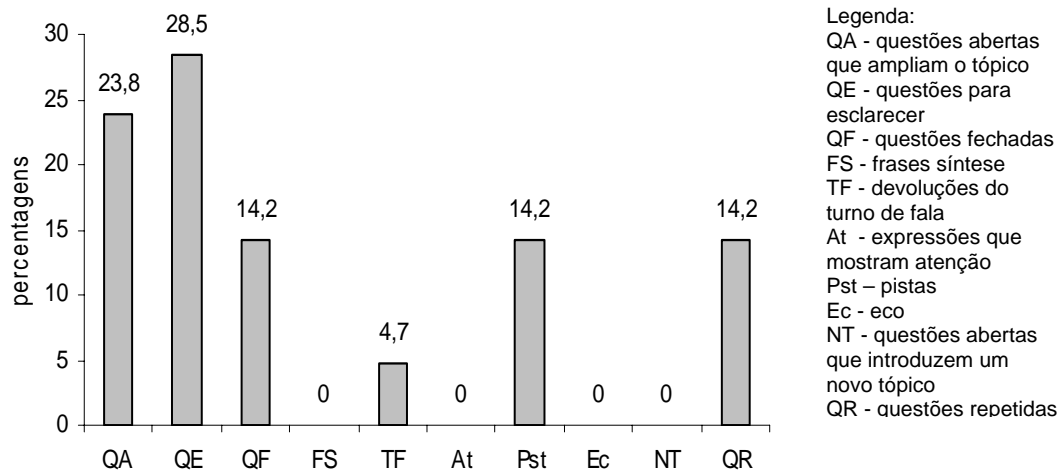


Figura 4.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante a narrativa do Contexto Visita Domiciliar, a mãe fez mais intervenções que o número de sentenças emitidas pelo filho. Na maior parte de suas intervenções (66,5% das intervenções) a mãe fez perguntas, utilizando questões para esclarecer (28,5% das intervenções) e questões abertas que ampliam o tópico (23,8% das intervenções) que foram sendo repetidas (14,2% de questões repetidas). Também utilizou em proporções idênticas: questões fechadas (14,2% das intervenções) e pistas (14,2% das intervenções).

C – A interação narrativa nesse contexto

A Figura 4.6 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

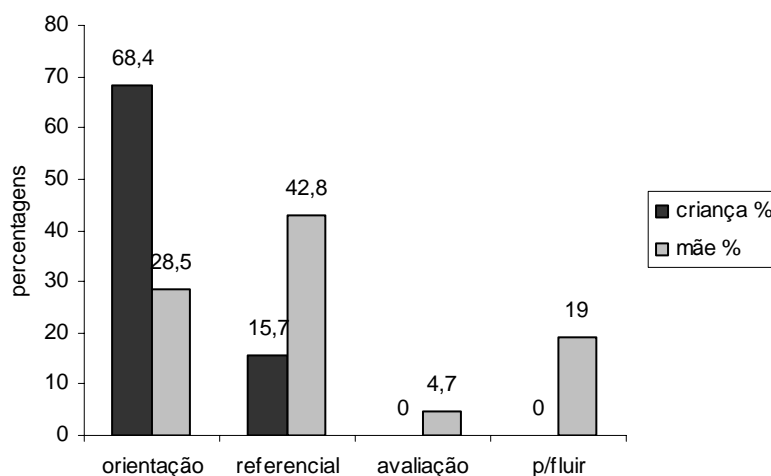


Figura 4.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Novamente, a mãe fez mais intervenções que o número de sentenças de seu filho e é ela quem conduz a narrativa. Entretanto, em comparação com os resultados do contexto anterior, observam-se algumas mudanças. A criança inicia fornecendo informações e tenta se orientar pela linha do tempo e dos lugares onde esteve. A mãe começa a intervir e logo corrige a ordem temporal organizada pelo filho. Em seguida, L. passa a seguir a ordem das perguntas da mãe. Contudo, nessa interação a mãe aproveita, em perguntas subsequentes, as informações dadas pela criança e lhe fornece pistas. Além disso, insiste em pedir que o filho explique melhor as ações (questões repetidas em 14,2% das intervenções). Ao final, como anteriormente, a mãe faz uma questão fechada para investigar o que o filho achou da experiência (“E tava bom?”). A criança apenas confirma o que a mãe diz. Essa narrativa, com a análise das sentenças da criança e das intervenções da mãe, está descrita a seguir.

Excerto nº 11: Férias (Anexo I, N2, pp.248)

falas da criança	falas da mãe
– Fui pra B., visitar meu tio, minha tia...	– O tio e a tia...
– É.	– E quem mais estava na casa do tio e da tia?
– Um cachorro chamado Sultão.	– E o que ele fez no D.?
– Mordeu o pé.	– E que mais que nós fizemos, conta mais.
	– Ips, ips ! Esqueceu ? Pra onde é que nós fomos ?
– (ri) Uhm...Pro G.	– Não, antes do G., onde é que nós fomos ? (mãe fala com outro filho)
(irmão responde baixinho) – Beto Carreiro...depois, G., depois, pra praia e Porto Alegre. (...) Pronto, só isso!	– E o que tu fizestes lá no Beto Carrero, hein ? (...) Conta o que tu fizestes lá no Beto Carrero.
– Vi um <i>show</i> da Escalibur!	– E o que é que nós fizemos lá no show do Escalibur ?
– Torcemos pro cavaleiro azul!	– Pro azul ? Não foi o verde ?
– Ähn-ähn.	

– Não se lembro.	– O que mais que nós fizemos ?
<i>(concordou com aceno de cabeça)</i>	– Que tu andaste naquela coisa que sacudia... <i>(se dirige para a pesquisadora)</i> E esse ano ele já teve altura, né ?
– Fui na piscina.	– E o que mais que nós fizemos. Lá no G., o que tu fizestes?
– Sim.	– E tava bom?
– Depois, fui pra praia.	– Deixa eu ver se tem mais alguma coisa...
– Cento e um sabores só...	– E naquela pizzaria, o que foi que nós comemos, naquela pizzaria lá em C... Que o tio M. nos levou ?
– A gente ficou num hotel em G., fomos uma piscina... Depois fomos pra praia. Depois...depois, vie...fomos pra Porto Alegre !	– O que mais L.? Senta ali mais perto da fita, para poder gravar melhor.
– Madagascar	– E o que é que nós fizemos em Porto Alegre nas férias ? (...) Que filme que nós fomos ver no cinema ?
– Não me lembro mais, pronto! Não me lembro mais!	– Deixa eu me lembrar o que mais nós fizemos...Tanta coisa né ?... Que a gente faz...

Análise das sentenças da criança

- “Fui pra B., visitar meu tio, minha tia...”/ função de orientação
- “É.”/ função de orientação
- “Um cachorro chamado Sultão.”/ função de orientação
- “Mordeu o pé.”/ função referencial
- “Depois, a gente viajou pra ...”/ função de orientação
- “Depois, eu viajei pra G.”/ função de orientação
- “Fiquei no hotel.”/ função de orientação
- “Daí, fui pra praia e Porto Alegre.”/ função de orientação
- “Vi um show da Escálibur!”/ função referencial
- “Torcemos pro cavaleiro azul!”/ função referencial

- “Não se lembro.”/ recusa
- “Fui na piscina.”/ função de orientação
- “Depois, fui pra praia...”/ função de orientação
- “A gente ficou num hotel em G,”/ função de orientação
- “fomos numa piscina...”/ função de orientação
- “Depois fomos pra praia.”/ função de orientação
- “Depois...depois, vie...fomos pra Porto Alegre!”/ função de orientação
- “Não me lembro mais, pronto!”/ recusa
- “Não me lembro mais!”/ recusa

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 21 (em 18 turnos de fala)
- “O tio e a tia...”/ Pista
- “E quem mais tava na casa do tio e da tia?”/ Questão para esclarecer
- “E o que que ele fez no D.?”/ Questão para esclarecer
- “E que mais que nós fizemos, conta mais.”/ Questão aberta para ampliar o tópico
- “Ips, ips ! Esqueceu?”/ Questão fechada (para testar a memória)
- “Pra onde é que nós fomos?”/ Questão para esclarecer
- “Não, antes do G., onde é que nós fomos ?”/ Questão para esclarecer
- “E o que tu fizestes lá no Beto Carrero, hein ?”/ Questão aberta para ampliar o tópico
- “Conta o que tu fizestes lá no Beto Carrero.”/ Questão repetida
- “E o que é que nós fizemos lá no show do Escálibur ?”/ Questão para ampliar o tópico
- “Pro azul ? Não foi o verde ?”/ Questão para esclarecer
- “O que mais que nós fizemos ?”/ Questão para ampliar o tópico
- “Que tu andaste naquela coisa que sacudia...”/ Pista
- “Esse ano ele teve altura...o ano passado...”/ Dirigida à pesquisadora
- “Tem uns brinquedos que tem altura, né?”/ Dirigida à pesquisadora
- “Então, tinha um que se mexia lá...”/ Dirigida à pesquisadora
- “E o ano passado, ele não tinha altura e não podia ir. ” / Dirigida à pesquisadora
- “E esse ano ele já teve altura, né?”/ Questão fechada
- “E o que mais que nós fizemos.”/ Questão repetida
- “Lá no G., o que tu fizestes?”/ Questão que amplia o tópico
- “E tava bom?”/ Questão fechada
- “Deixa eu ver, se tem mais alguma coisa...”/ Dirigida à pesquisadora

- “E naquela pizzaria, o que foi que nós comemos, naquela pizzaria lá em C... que o tio M. nos levou?”/ Pista
- “O que mais L.?”/ Questão que amplia o tópico
- “Senta ali mais perto da fita, para poder gravar melhor.” / Referência à gravação
- “E o que é que nós fizemos em Porto Alegre nas férias?”/ Questão que amplia o tópico
- “Que filme que nós fomos ver no cinema?”/ Questão para esclarecer
- “Deixa eu me lembrar o que mais nós fizemos...”/ Dirigida à pesquisadora
- “Tanta coisa né ?... que a gente faz...”/ Dirigida à pesquisadora

3 - CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 4
- Tempo total de gravação: 30 minutos

A- A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 1
- N° total de sentenças: 20

A Figura 4.7 ilustra as percentagens de sentenças com cada função (orientação, referencial e de avaliação) na narrativa produzida.

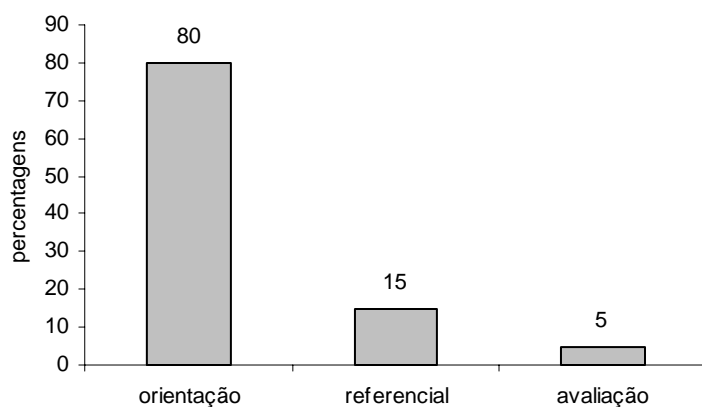


Figura 4.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e avaliação.

Descrição dos resultados da criança

Em trinta minutos de gravação das interações verbais com a mãe e, eventualmente, com outras pessoas presentes (o irmão e amigos), apenas uma narrativa foi produzida. Novamente, a narrativa contém, predominantemente, informações sobre o contexto dos acontecimentos (80% das sentenças) e descreve pouco as ações (15% das sentenças).

Nessa narrativa, L. também procura seguir a seqüência cronológica dos acontecimentos, procurando manter uma conexão entre as sentenças. Como nas narrativas anteriores, avalia o evento em resposta a uma questão fechada da mãe, com apenas uma palavra (“Foi”).

B - A participação da mãe

- N° total de intervenções : 21

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 4.8.

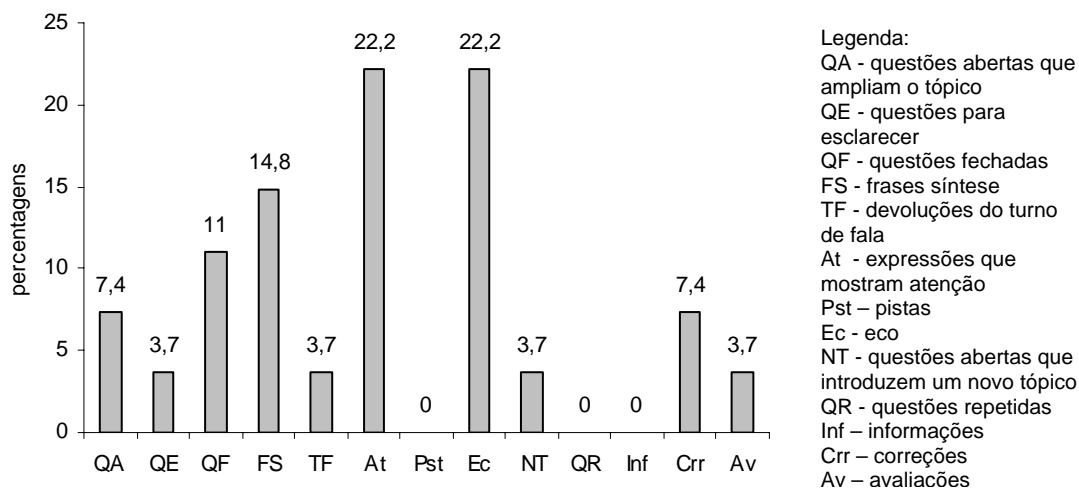


Figura 4.8. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante a narrativa do Contexto Enquadre Livre, a mãe faz apenas uma intervenção a mais do que o número de sentenças do filho. A mãe utiliza questões fechadas (11,1% das intervenções) e questões abertas para ampliar o tópico (7,4% das intervenções). Entretanto, mais do que pedir informações, a mãe utilizou expressões que mostram atenção (22,2% das intervenções), eco das falas da criança (22,2% das intervenções) e frases síntese (14,8% das intervenções).

C - A interação narrativa

A Figura 4.9 mostra a comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

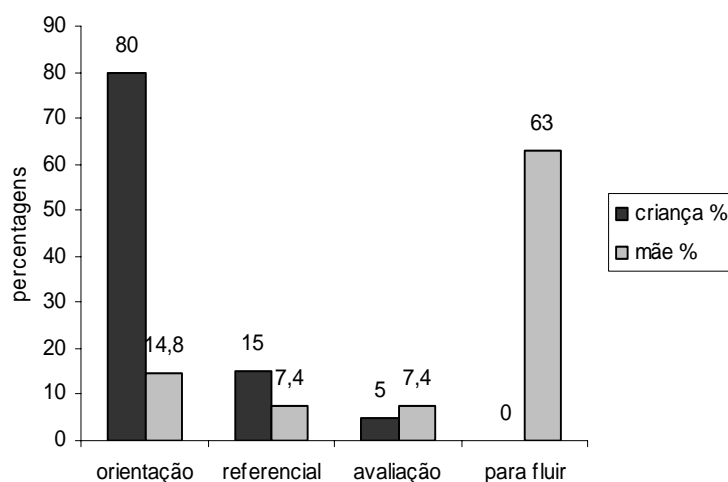


Figura 4.9. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Em comparação com as narrativas dos contextos anteriores, observam-se algumas similaridades. Novamente é a mãe quem conduz a narrativa e a criança fornece, predominantemente, informações sobre o contexto e o *setting* da experiência, descreve menos as ações e avalia a experiência, em resposta à pergunta da mãe. Por outro lado, como na narrativa do Contexto Histórias Dirigidas para a Mãe, a mãe faz mais perguntas sobre o contexto dos acontecimentos do que sobre as ações. Além disso, a mãe se preocupa com a sintaxe das palavras e corrige. Entretanto, a maior parte das intervenções da mãe (totalizando 59,2% das intervenções) parece se destinar, simplesmente, a manter o fluxo da narrativa da criança, através de ecos de suas falas, expressões que mostram atenção e frases síntese. Essa narrativa, com a análise das sentenças da criança e das intervenções da mãe, está descrita a seguir.

Excerto nº 12: Visita à fonoaudióloga (Anexo I, N3, pp.252)

falas da criança	falas da mãe
- Duendes.	- O L. vai contar como é que foi lá na fonoaudióloga. Tinha um jogo, como é que era o jogo?
-Ágata.	- Ah, o jogo de duendes. Quais eram as pedras?
- Quartzo azul.	- Isso.
	- Quartzo azul.

- Ametista.	- Ametista.
- Etita.	- Hematita
- E o nome da ema.	- Hematita. E o que mais? Quartzo? Ágata...Quartzo, o que que tu falou, rosa?
- Rosa, azul e verde.	- E verde.
- Esses são os quartzos.	- Tá. E como é que era o jogo?
- Tinha umas cartas, assim, que tinha um desenho que embaixo tinha o nome da pedra, como quartzo azul...	- O nome da pedra.
- marrita...	- E aí o que é que tinha que fazer?
- Tem um número aqui e um número aqui. E daí, se sai o número cinco...	- ãhn...
- Daí, tu pulava cinco pedras.	- Tá. Ah, tá. Pulava...
- Aqui, tu, a última que tu pular...Tu, que tinha uma coisa assim e vai ser o jogo. A última que tu pular na quinta. A quinta pedra tinha que ir na cor dela, porque tinha uma cor aqui, uma cor aqui, uma cor aqui.	- Aí, tu ia na cor da pedra.
- Ahn-han!	-Ahhh...
- Daí, tu tira quartzo azul e coloca lá!	- Colocava lá. É assim o jogo?
- Uhm-hum! Eu virei o jogo...Porque tinha que fechar com a sua pedra.	- E tu conseguiste?
- Uhm-hum!	- Que legal!
- Ela tava ganhando e depois, eu virei o jogo.	- Virou o jogo? Ah, querido. E foi legal?
- Foi.	

Análise das sentenças da criança

- “Esses são os quartzos.”/ função de orientação
- “Tinha umas cartas, assim,/ função de orientação
- “...que tinha um desenho/ função de orientação
- “...que embaixo tinha o nome da pedra, como quartzo azul...”/ função de orientação
- “Tem um número aqui e um número aqui.”/ função de orientação

- “E daí, se sai o número cinco...”/ função de orientação
- “Daí, tu pulava cinco pedras.”/ função de orientação
- “Aqui, tu, a última que tu pular,/ função de orientação
- “...tu que tinha uma coisa assim/ função de orientação
- “...e vai ser o jogo.”/ função de orientação
- “A última que tu pular na quinta.”/ função de orientação
- “A quinta pedra tinha que ir na cor dela,/ função de orientação
- “...Porque tinha uma cor aqui, uma cor aqui, uma cor aqui.”/ função de orientação
- “Daí, tu tira quartzo azul e / função de orientação
- “... coloca lá!”/ função de orientação
- “Eu virei o jogo.../ função referencial
- “...porque tinha que fechar com a sua pedra.”/ função de orientação
- “Ela tava ganhando e depois,/ função referencial
- “...eu virei o jogo./ função referencial
- “Foi.”/ função de avaliação

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 27 (em 19 turnos de fala)
- “L. vai contar como é que foi lá na fonoaudióloga.”/ Referência à gravação (introduz tema)
- “Tinha um jogo, como é que era o jogo?”/ Questão aberta que introduz um novo tópico
- “Ah, o jogo de duendes.”/ Eco
- “Quais eram as pedras?”/ Questão para esclarecer
- “Isso.”/ Expressão que mostra atenção
- “Quartzo azul.”/ Eco
- “Ametista.”/ Eco
- “Hematita.”/ Corrige
- “E o que mais?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Quartzo... Ágata...Quartzo, ”/ Frase síntese
- “...o que que tu falou, rosa?”/ Questão fechada
- “E verde.”/ Eco
- “Tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “E como é que era o jogo?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “O nome da pedra.”/ Frase síntese
- “E aí, o que é que tinha que fazer?”/ Questão aberta que amplia o tópico

- “Ähn...”/ Expressão que mostra atenção
- “Tá. Ah, tá. Pulava...”/ Expressão que mostra atenção
- “Aí, tu ia na cor da pedra.”/ Frase síntese
- “Ahhh...”/ Expressão que mostra atenção
- “Colocava lá.”/ Eco
- “E assim é o jogo?”/ Questão síntese
- “E tu conseguiu?”/ Questão fechada
- “Que lega! ...”/ Avaliação
- “Virou o jogo?”/ Eco
- “Ah, querido. ...”/ Expressão que mostra atenção
- “E foi legal?”/ Questão fechada

SÍNTESE DOS RESULTADOS DOS TRÊS CONTEXTOS

A – A produção narrativa de L.

Tabela 4

Síntese da produção narrativa de L.

Caso	Tempo total	nº de registros	nº de narrativas	nº de sentenças
Jogador	60 min 11 seg	10	3	43 (em média: 14,3)

A Figura 4.10 ilustra a percentagem de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas.

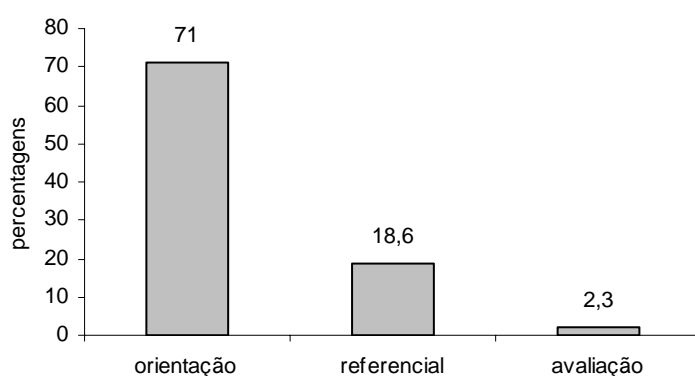


Figura 4.10. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas nos três contextos.

No início da pesquisa, L. tinha quatro anos e nove meses. Em uma hora de gravação, ele produziu somente três narrativas de experiências pessoais, uma em cada

contexto. Considerando as narrativas em seu conjunto, verifica-se que a maior parte das sentenças tem a função de orientar o ouvinte sobre o contexto dos acontecimentos (71% das sentenças) enquanto que as ações são bem menos exploradas (18,6% das sentenças). Já as avaliações só ocorrem em resposta a perguntas diretas da mãe e são monossilábicas.

Quanto à influência do contexto sobre a produção narrativa da criança, verifica-se que o Contexto da Visita Domiciliar e o do Enquadre Livre foram mais favoráveis, porque foram produzidas narrativas mais longas e pela presença do irmão, tendo em vista a timidez do narrador (durante a visita, L. passou a participar da entrevista, quando o irmão veio para a sala e se integrou na conversa).

B – A participação da mãe

A Figura 4.11 ilustra as percentagens de cada tipo de intervenção considerando os três contextos.

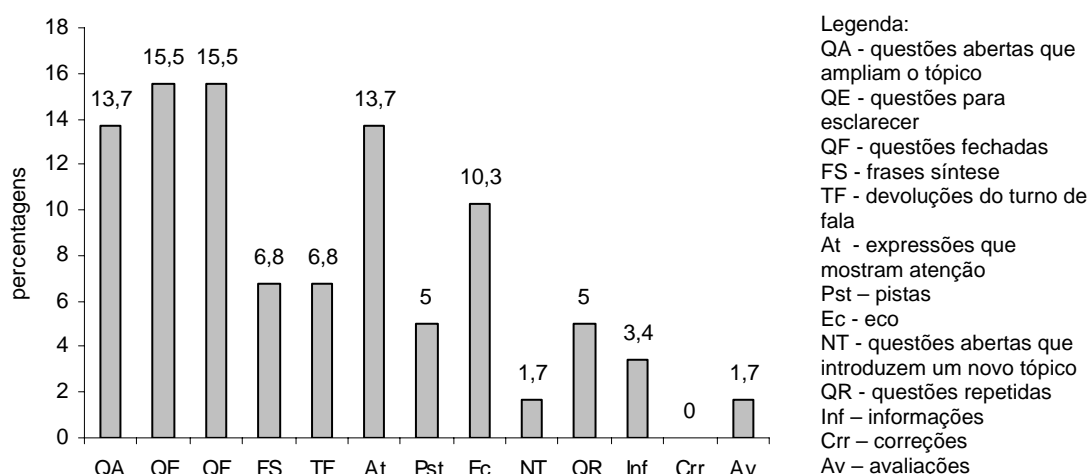


Figura 4.11. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe

Nos três contextos, a mãe fez mais intervenções do que o número de sentenças do filho. Em todos os contextos apareceu, claramente, a estratégia utilizada pela mãe para ampliar a narrativa do filho.

A estratégia utilizada pela mãe de L. para ampliar suas narrativas foi pedir informações através de questões para esclarecer (15,5% das intervenções), questões fechadas (15,5% das intervenções) e de questões abertas que ampliam o tópico (13,7% das intervenções) sendo que, usa questões repetidas (5% das intervenções). Além disso, a mãe utilizou nos três contextos muitos recursos para manter o fluxo da narrativa: expressões que mostram atenção, devoluções de turno de fala, ecos, frases sínteses e pistas que representam juntas 42,6% do total de suas intervenções.

A figura 4.11 ilustra os principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos: obter informações de orientação, referenciais e de avaliação.

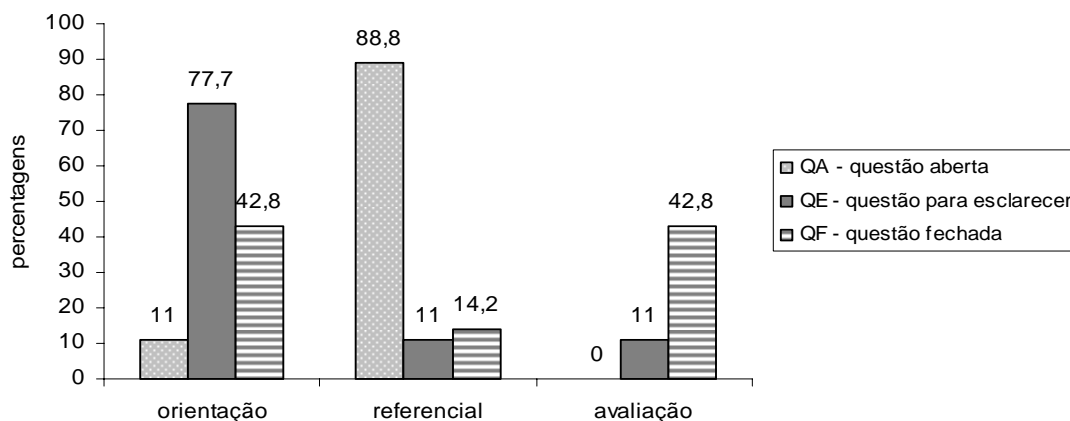


Figura 4.11. Principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos.

Observa-se que a mãe pergunta sobre as ações através de questões para ampliar o tópico (88,8% das questões tem esse interesse), pede informações sobre o contexto através de questões para esclarecer (77,7% das questões tem esse interesse). Já as questões fechadas são utilizadas para saber sobre o contexto, investigar as ações e compreender aspectos subjetivos da experiência de seu filho. Entretanto, para investigar aspectos subjetivos ela prefere fazer questões fechadas.

Para identificar tipos de intervenção que possam ter inibido a narrativa da criança, foram consideradas as diferenças entre as intervenções maternas utilizadas durante a narrativa mais longa e a narrativa mais curta da criança. Tomando a narrativa mais curta de L. (Anexo I, N1, pp.247) e a mais longa (Anexo I, N2, pp.248), observa-se que na narrativa mais curta a proporção das perguntas da mãe está duas vezes maior (50% de perguntas) do que na mais longa (22% de perguntas) e também está duas vezes maior a proporção de questões fechadas na narrativa mais curta (30% de QF) em comparação à narrativa mais longa (14,2% de QF).

DISCUSSÃO

Essa família não costuma conversar sobre o passado, mas a mãe tem um forte envolvimento com a educação dos filhos. As crianças assistem apenas *Animal Planet* e *Discovery Kids* na TV aberta, olham vídeos à noite e diariamente, ouvem histórias de livros contadas pela mãe. As transcrições das fitas mostraram muitos jogos (alguns deles pedagógicos, como a Loto aritmética), brincadeiras e situações em que a mãe integra os filhos em tarefas domésticas, como fazer pizzas e botar a mesa. Assim, a maioria das

interações que foram gravadas está ancorada no tempo presente e envolvem atividades físicas, sem enfatizar o desempenho verbal. Entretanto, a mãe está atenta à pronúncia de L. (ele faz algumas trocas de fonemas) e à sintaxe, na fala dos dois filhos. A procura de ajuda especializada (fonoaudióloga) indica que a mãe detectou dificuldades de seu filho com relação à comunicação verbal.

No que diz respeito à produção narrativa nos três contextos, L. mostra que ainda não tem a iniciativa de narrar suas experiências pessoais, o que já é esperado para crianças de sua idade (Perroni, 1992). Entretanto, é capaz de produzir narrativas longas com a ajuda da mãe, o que constitui um claro exemplo de utilização do suporte do adulto para a realização de uma tarefa que está um pouco além do que a criança conseguiria fazer sozinha (Vygotsky, 1984; Wertsch, 1985). Então, o número de sentenças por narrativa está acima do esperado para sua idade que é de 8,1 sentenças (Peterson e McCabe, 1983). Como essas narrativas têm grande número de turnos de intervenção da mãe, também se verifica que a criança é capaz de sustentar o discurso narrativo (Umiker-Sebeok, 1979). Além disso, L. parece tentar seguir a ordem temporal dos eventos em suas narrativas, o que é esperado para sua idade, ainda que o padrão chamado cronológico possa ser encontrado em todas as idades (Peterson e McCabe, 1983).

Quanto à função das sentenças nas narrativas, L. enfatiza as informações contextuais, o que não é característico de sua idade (Peterson e McCabe, 1983). Porém, como todas as informações fornecidas resultam da intervenção materna, essa poderia ser uma característica do discurso da mãe. De acordo com Perroni (1992), entre quatro e cinco anos, acontece uma transição importante nos papéis assumidos pela mãe e pelo filho nas interações narrativas: o papel da mãe vai ficando menos ativo na medida em que a criança vai ganhando mais autonomia para narrar suas experiências. Com essa criança, essa transição ainda não começou, uma vez que é a mãe quem conduz as narrativas, através de perguntas que ao serem respondidas pelo filho vão preenchendo os elementos dentro de uma estrutura típica de narrativa (Perroni, 1992).

Igualmente, a preferência da mãe por questões para esclarecer e questões fechadas também reflete aspectos subjetivos da interação dessa díade. Segundo Melzi (2000), quando a mãe opta por questões fechadas e por questões para esclarecer, existe uma resposta certa para a pergunta, e o papel da criança é selecionar essa informação em sua memória. Para a autora, as mães podem usar muitas questões fechadas como meio de assumir maior responsabilidade sobre o que está sendo narrado, tornando a tarefa mais fácil para a criança. Essa parece ter sido exatamente a intenção da mãe de L. O uso de pistas e sínteses, além de ajudar a narrativa a fluir, parece ter tido esse mesmo propósito.

Entretanto, é preciso considerar que também pode ocorrer o efeito contrário, pois a narrativa mais curta de L. (Anexo I, N1, pp.247) corresponde a um aumento na proporção de questões fechadas.

Quanto ao estilo narrativo materno, observa-se que a mãe não se comporta dentro dos parâmetros definidos para mães altamente ou pouco elaboradoras. A mãe de L. não tem o hábito de falar sobre o passado com o filho. Entretanto, nas três situações de interação narrativa, a mãe utilizou questões que ampliaram a narrativa do filho, conforme o estilo caracterizado como altamente elaborador por Fivush (1991), e fez as perguntas específicas descritas por Peterson e McCabe (1994).

No que diz respeito à narrativa de suporte da mãe, observa-se que esta mãe enfatiza a objetividade dos fatos, conforme descreve Nelson (1998), uma vez que ela faz perguntas e correções, com o objetivo de ajudar o filho a contextualizar os eventos e organizá-los numa seqüência temporal. Contudo, essa mãe também se interessa pelos aspectos subjetivos das experiências, uma vez que faz avaliações e pergunta o que o filho sentiu, mas, essa não é a ênfase de suas intervenções.

Os resultados mostraram que L. enfatiza as informações sobre o contexto dos acontecimentos em suas narrativas e que sua mãe também exige que ele forneça mais orientações. O estudo longitudinal de Peterson e McCabe (1991), com crianças de até 31 meses e seus pais, constatou correspondência entre o número de sentenças da criança que informam sobre orientação e o número de questões para esclarecer utilizadas pelos pais durante seu desenvolvimento. Na ausência de dados sobre o desenvolvimento prévio da comunicação verbal nessa díade, não se pode afirmar que a mãe tenha preferido utilizar, anteriormente, questões para esclarecer. Porém, observa-se que hoje a mãe privilegia o uso de questões para esclarecer e o filho fornece informações contextuais em maior quantidade do que o esperado para sua idade.

CASO 5: TEATRO DA TARTARUGA

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO FAMILIAR

P. é uma menina de cinco anos, que vive com seu pai e sua mãe. Moram em residência própria, tendo a mãe curso superior completo e o pai incompleto. Os dois são profissionais liberais, sentindo-se muito satisfeitos com as respectivas carreiras profissionais. Nessa família, o trabalho representa satisfação pessoal.

A mãe considera que sua família prefere expressar carinho verbalmente. Avaliando a intimidade entre os membros da família, a mãe acredita que a filha está mais próxima

dela do que do marido. Ambas as famílias de origem são consideradas muito próximas. Quanto aos amigos, estes são muitos e de várias procedências.

O espaço dedicado à televisão (TV) na vida familiar é limitado, pois os pais a assistem esporadicamente e P. só vê filmes de vídeo à noite. Já o computador é usado raramente pela mãe em casa, podendo P. brincar nele apenas nos fins de semana e só por meia hora.

As histórias ocupam um lugar importante na vida familiar: ambos os pais costumam falar sobre o passado, sendo que quando viajam vão contando histórias, alternando-se como narradores. O avô paterno também gosta de contar sobre seu passado, pois como imigrante, quer compartilhar sua cultura com a neta. Todas as noites, a mãe conta histórias de livros e, às vezes, o pai se reveza com ela, inventando histórias para a filha. Há também uma tia que cuida de P. e lhe conta histórias após o almoço.

P. é uma menina alegre e simpática. Durante a visita, inicialmente, mostrava-se retraída, mas foi se aproximando gradativamente da pesquisadora e, logo, já queria mostrar-lhe os brinquedos em seu quarto. No que diz respeito à rotina diária, P. acorda às 9hs, tomando uma mamadeira que é dada pelo pai. Passa a manhã em casa na companhia da tia, quando assiste TV, brinca de vestir fantasias, desenha, pinta, recorta e faz presentes para oferecer aos outros. À tarde, vai à escola, sendo que é a mãe quem a leva e busca. Todos almoçam juntos, porém P. janta mais cedo, acompanhada da mãe. Toma banho sozinha, sob a supervisão da tia. Geralmente, em torno das 10:30h, adormece no sofá na companhia de um dos pais. É nesse momento e também nos finais de semana que ela fala de suas experiências.

RESULTADOS

1 - CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 4
- Tempo total de gravação: 15 minutos e 34 segundos
- N° de narrativas: 0

Em 15 minutos e 34 segundos de gravação, P. produziu 6 narrativas que não eram relatos de experiências pessoais e, sim, histórias criadas por ela.

2 - CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- N° de registros: 1
- Tempo total de gravação: 5 minutos e 30 segundos

A - A produção narrativa da criança:

- N° de narrativas: 2
- N° total de sentenças: 29 (em média, 14,5 sentenças por narrativa)

A Figura 5.1 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação nas narrativas produzidas.

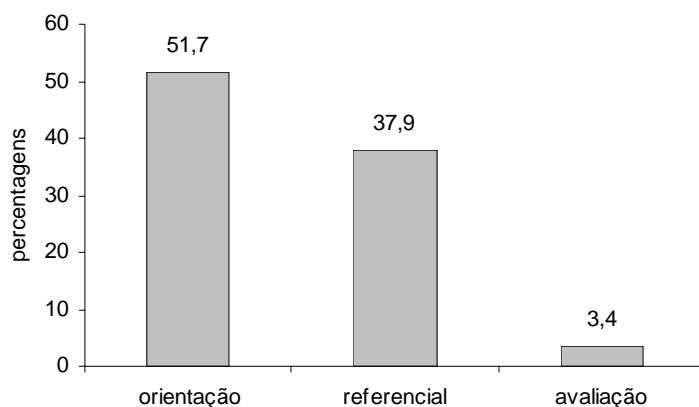


Figura 5.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Descrição dos resultados da criança

Na visita domiciliar, P. produziu duas narrativas sobre as férias, uma delas bastante longa (22 sentenças). As narrativas contêm, predominantemente, informações sobre o contexto dos acontecimentos (51,7% das sentenças) e também descrevem as ações (37,9% das sentenças). Em uma das narrativas, P. faz uma avaliação em resposta a uma pergunta da mãe que não se referia aos aspectos subjetivos da experiência (Anexo J, N2, pp.258.). Na narrativa sobre o pingüim morto (Anexo J, N1, pp.256), as informações seguem a seqüência das perguntas da mãe. Entretanto, na narrativa do teatro da tartaruga, P. parece tentar seguir a ordem cronológica dos acontecimentos.

B – A participação da mãe:

- N° total de intervenções: 38 (em média 19 por narrativa)

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 5.2.

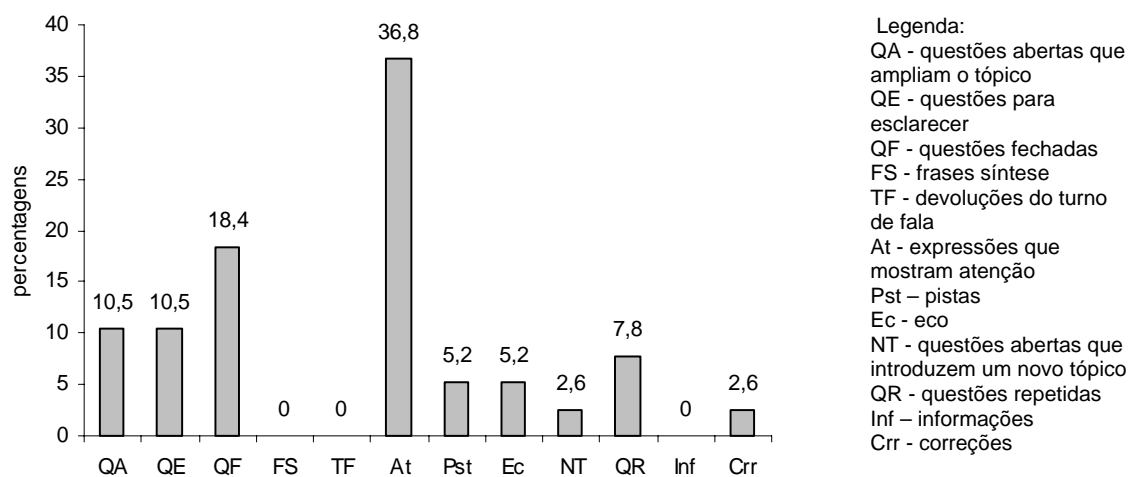


Figura 5.2. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante a narrativa do Contexto Visita Domiciliar, a mãe utilizou questões fechadas (18,4% das intervenções), questões para esclarecer (10,5% das intervenções) e questões abertas que ampliam o tópico (10,5% das intervenções), repetindo essas mesmas questões (7,8% de questões repetidas). Contudo, a maior parte das intervenções da mãe parece se destinar, simplesmente, a manter o fluxo da narrativa da criança, através de expressões que mostram atenção (36,8% das intervenções). Além disso, observa-se que a mãe não fez perguntas sobre os aspectos subjetivos das experiências.

C - A interação narrativa

A Figura 5.3 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

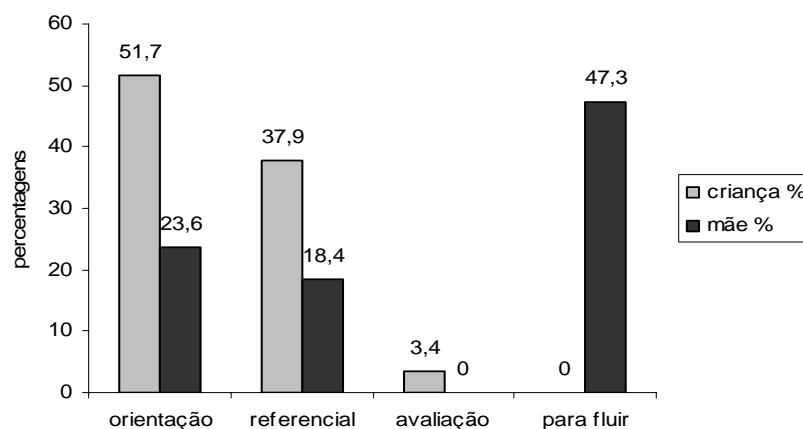


Figura 5.3. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa:

Observa-se que a mãe faz mais intervenções, em comparação ao número de sentenças de sua filha, sendo ela quem conduz a narrativa. A criança vai fornecendo as informações, seguindo a ordem das perguntas da mãe. Há, no entanto, um encadeamento entre as informações dadas pela criança e as perguntas subsequentes da mãe. Uma das narrativas sobre as férias, com a análise das sentenças da criança e das intervenções da mãe, está descrita a seguir.

Excerto nº 13: O teatro da tartaruga (Anexo J, N1, pp.256)

Falas da criança	Falas da mãe
(<i>P. fica pensativa e olha para mãe</i>)	– E aquele teatro que vocês fizeram. Como é que era o nome? (<i>olha para P.</i>) Lembra? Da menina que não crescia, como é que era, da mamãe que era pequena.
- É da tartaruginha aquele.	- Uhm. Como é que era a história?
- Eu era a R.	- Uhm-hum.
- O P. era o P.	- ãhn-han.
- E a L. era a tartaruga.	- Uhm.
- Ela botou um casco (mostrou as costas).	- Botou um casco nas costas?
- Sim. Mas, não era um casco marrom. Ela botou uma almofada embaixo da roupa.	- Uhm. E como é que foi a história? E tu eras o quê?
- Eu era a R.	- Uhm. E aí, como é que vocês faziam, como é que foi o teatro?
- Foi bom.	- Tá, mas como é que era a história do teatro.
- Ahn...a história do teatro? Era, a gente fez o teatro pros pais, sabe, e pras mães.	- Uhm-hum.
- Mas como tu não tava lá, a gente fez o teatro pra só duas mulheres.	- Para tia B.?
- E pra...(<i>fica pensativa</i>)	- E para tia E., não foi?
- Não. E pra tia E. e pra outra era a...	

- A C.	- A C.?
- E pra E. e pra...	- Ah...
- Dizia.	- E o que é que tu falavas nesse teatro? O que é que tu dizias? Tu não dizias nada?
- Eu dizia...a J. pedizia a comida.	- Ah...Então, como é que era?
- Ela tava sentada numa árvore, que era, que era uma cadeira. E a gente disse: - "Oi, tartaruga !". E aí - "Oi, crianças !", ela dizia. - "Pode contar pra gente uma história?" E contou. E depois, foi a outra peça.	- Uhn-hum.
- A outra parte!	- Qual foi a outra?
	- Hum.

Análise das sentenças da criança

- “É da tartaruginha aquele.”/ função de orientação
- “Eu era a R.”/ função de orientação
- “O P. era o P.”/ função de orientação
- “E a L. era a tartaruga.”/ função de orientação
- “Ela botou um casco.”/ função referencial
- “Mas, não era um casco marrom.”/ função de orientação
- “Ela botou uma almofada embaixo da roupa.”/ função referencial
- “Eu era a R.”/ função de orientação
- “Foi bom.”/ função de avaliação
- “Era, a gente fez o teatro pros pais, sabe, e pras mães.”/ função de orientação
- “Mas, como tu não tava lá,”/ função de orientação
- “... a gente fez o teatro pra só duas mulheres.”/ função de orientação
- “E pra tia E. e pra outra era a...”/ função de orientação
- “Dizia.”/ confirmação
- “Eu dizia, a J. pedizia a comida.”/ função referencial
- “Ela tava sentada numa árvore,”/ função de orientação
- “... que era, que era uma cadeira.”/ função de orientação
- “E a gente disse: - “Oi, tartaruga!”/ (voz do narrador) função referencial
- “E aí - "Oi, crianças !", ela dizia.”/ (voz do narrador) função referencial

- “Pode contar pra gente uma história?”/ (voz do narrador) função referencial
- “E contou.”/ função referencial
- “E depois, foi a outra peça.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: O teatro da tartaruga
- N° de sentenças da criança: 22 (em 18 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 59% das sentenças
 - Referencial: em 31,8% das sentenças
 - Avaliação: em 4,5% das sentenças

Comentários extras:

- Presença da voz de narrador (... disse:), em três sentenças em que imita as vozes.
- Uma confirmação de informação dada pela mãe

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 29 (em 19 turnos de fala)
- “E aquele teatro que vocês fizeram.”/ Frase (questão) que introduz um novo tópico
- “Como é que era o nome?”/ Questão para esclarecer
- “Lembra?”/ Questão fechada
- “Da menina que não crescia, como é que era, da mamãe que era pequena.”/ Pista
- “Uhm.”/ Expressão que mostra atenção
- “Como é que era a história?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Ãhn-han. .”/ Expressão que mostra atenção
- “Uhm. .”/ Expressão que mostra atenção
- “Botou um casco nas costas?”/ Eco
- “Uhm.”/ Expressão que mostra atenção
- “E como é que foi a história?”/ Questão repetida
- “E tu eras o quê?”/ Questão para esclarecer
- “Uhm.”/ Expressão que mostra atenção
- “E aí, como é que vocês faziam, como é que foi o teatro?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “Mas como é que era a história do teatro.”/ Questão repetida
- “Uhm-hum.”/ Expressão que mostra atenção

- “Para tia B.?”/ Questão fechada
- “E para tia E., não foi?”/ Questão fechada
- “A C.?”/ Questão fechada
- “Ah...”/ Expressão que mostra atenção
- “E o que é que tu falavas nesse teatro?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “O que é que tu dizias?”/ Questão repetida
- “Tu não dizias nada?”/ Questão fechada
- “Ah...”/ Expressão que mostra atenção
- “Então, como é que era?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Uhm-hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Qual foi a outra?”/ Questão para esclarecer
- “Uhm.”/ Expressão que mostra atenção

3 - CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 2
- Tempo total de gravação: 30 minutos

A - A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 2
- N° total de sentenças: 61 (em média 30,5 sentenças por narrativa)

A Figura 5.4 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação nas narrativas produzidas.

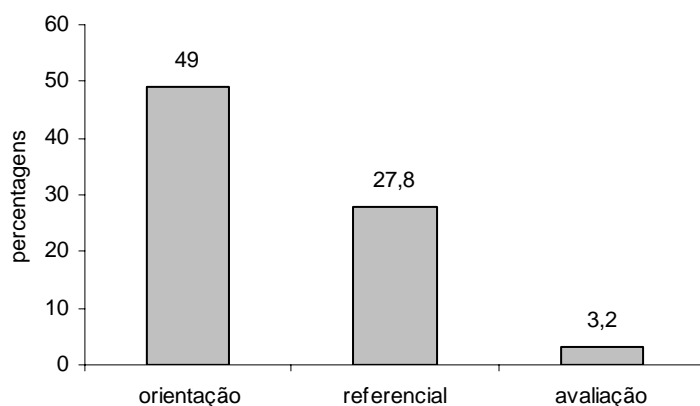


Figura 5.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Descrição dos resultados da criança:

No Contexto Enquadre Livre, P. produziu duas narrativas, uma delas bastante longa (51 sentenças). As narrativas contêm, predominantemente, informações sobre o contexto dos acontecimentos (49% das sentenças) e também descrevem as ações (27,8% das sentenças). Na narrativa sobre o programa de sábado (relatada a seguir), P. segue a ordem das perguntas da mãe. Entretanto, na narrativa sobre o passeio com a escola (Anexo J, N3, pp.261), P. faz o relato utilizando sua própria perspectiva, destacando os episódios que mais chamaram a sua atenção. Nesse sentido, faz duas avaliações, uma em referência a um estado interno (“E daí, deixa eu ver...”) e a outra revelando uma preferência (“... que é a bebida que eu prefiro”).

B – A participação da mãe

- N° total de intervenções: 75 (em média 37,5 por narrativa)

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 5.5.

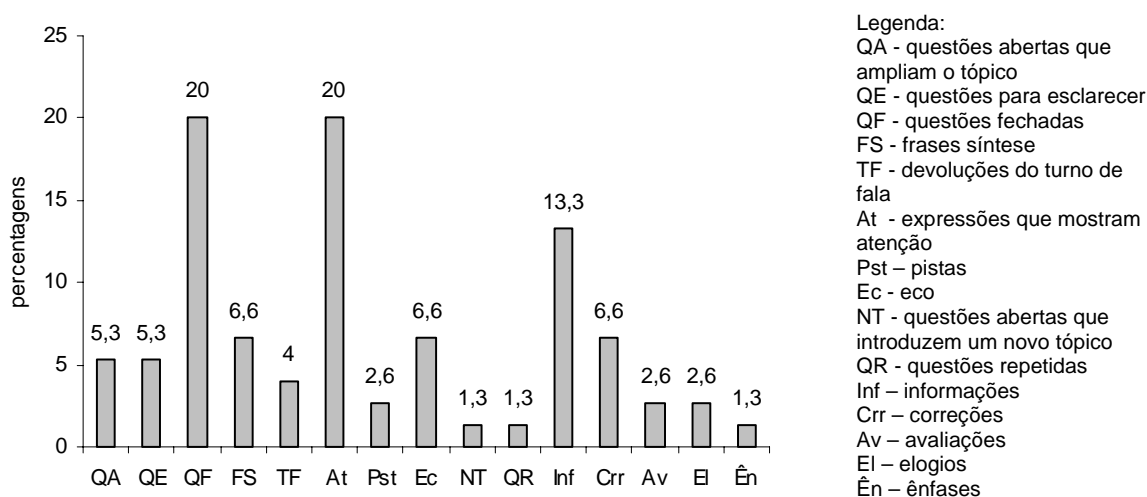


Figura 5.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Durante as narrativas do Contexto Enquadre Livre, a mãe segue fazendo um maior número de intervenções que o número de sentenças da filha, especialmente na narrativa sobre o passeio (Anexo J, N3, pp.261). A mãe prefere fazer questões fechadas (20% das intervenções), combinando-as com expressões que mostram atenção (20% das intervenções) e fornecendo informações pertinentes ao que está sendo contado (13,3% das intervenções). Novamente observa-se que a mãe não faz perguntas sobre os aspectos subjetivos das experiências.

C - A interação narrativa:

A Figura 5.6 ilustra a participação da criança e sua mãe ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

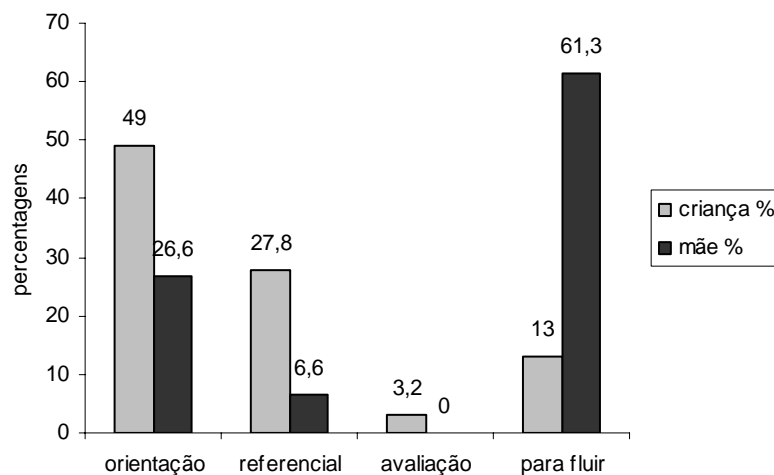


Figura 5.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa

Observa-se que a mãe segue fazendo mais intervenções, em comparação ao número de sentenças de sua filha. Porém, dessa vez há uma longa narrativa conduzida por P. Nas duas narrativas, a criança produz mais sentenças com a função de orientar e a mãe pede mais informações contextuais. Entretanto, a maior parte das intervenções da mãe (totalizando 61,3% das intervenções) parece se destinar, simplesmente, a manter o fluxo da narrativa da criança, sobretudo através de expressões que mostram atenção. Novamente, há um encadeamento entre as informações dadas pela criança e as perguntas subsequentes da mãe. A narrativa “Programa de Sábado”, com a análise das sentenças da criança e das intervenções da mãe, está descrita a seguir.

Excerto nº 14: Programa de sábado com a mãe (Anexo J, N4, pp.268)

Criança	mãe	pai
- A gente foi no cinema, tinha...	- Fala normal, querida, fala altinho. Senão, a gente não escuta depois. Fala para o pai ouvir, para todo mundo.	- Vamos lá, vamos lá.

- A gente...	- ãhn?
...foi...	- Quem é que foi? Tu e quem?
- A mamãe e eu, sentei num banco azul...	- Banco azul?
... que tinha lá embaixo.	- Era um banco de... era um banco de estofamento?
- Não.	- Era o banquinho aquele do cinema que tu botas em cima da poltrona.
	- Ah, tu usou aqueles banquinhos ...
	<i>(mais adiante)</i> E depois onde é que nós fomos, depois que nós saímos do cinema?
- Na livraria.	
	- E o que tu fizestes lá na livraria?
- Livraria, ... li um livrinho.	
	- Tu nem lembras, né? Do que era aquele livrinho? Tu leste um monte de livrinhos, né?
- Aha. Eu li um que é pra <i>(inaudível)</i> ...colorido.	
	- Brilhozinho, né?
- E outro que tem um monte de histórias pra cada dia...	
	- É. Um monte de histórias, uma história para cada dia, né?
- E daí depois eu fui pra casa e...	
	- A gente foi no super.
- E daí...	
	- E terminou o nosso sábado.
- E terminou o nosso sábado!	
	- Hum... O sábado foi bem...

Análise das sentenças da criança

- “A gente foi no cinema,”/ função de orientação
- “... tinha ...”/ sentença incompleta
- “A gente...foi...”/ sentença incompleta
- “A mamãe, e eu sentei num banco azul”/ função de orientação

- "... que tinha lá embaixo."/ função de orientação
- "Livraria, ... li um livrinho..."/ função referencial
- "Eu li um que é pra (...) colorido."/ função de orientação
- "E outro que tem um monte de histórias pra cada dia."/ função de orientação
- "E daí, depois eu fui pra casa e"/ função de orientação
- "E terminou o nosso sábado!"/eco

Análise da narrativa da criança

- Tema: Programa de sábado com a mãe
- N° de sentenças da criança: 10 (em 13 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 60% das sentenças
 - Referencial: em 10% das sentenças
 - Avaliação: não há

Comentários extras:

- Duas sentenças incompletas ao iniciar a narrativa
- Uma sentença que ecoa a fala da mãe

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 13 (em 10 turnos de fala)
- "Fala normal, querida, fala altinho."/ Correção
- "Senão a gente não escuta depois."/ Referência à gravação
- "Fala para o pai ouvir, para todo mundo."/ Correção
- "Era o banquinho aquele do cinema que tu botas em cima da poltrona."/ Dirige-se ao marido
- "É."/ Expressão que mostra atenção
- "E depois onde é que nós fomos, depois, que nós saímos do cinema?"/ Questão aberta que amplia o tópico
- "E o que tu fizestes lá na livraria?"/ Questão aberta que amplia o tópico
- "Tu nem lembras, né?"/ Questão fechada
- "Do que era aquele livrinho?"/ Questão para esclarecer
- "Tu lestes um monte de livrinhos, né?"/ Questão fechada
- "Brilhozinho, né?"/ Informação
- "É, um monte de histórias, uma história para cada dia, né?"/ Eco
- "A gente foi no super."/ Informação

- “E terminou o nosso sábado.”/ Frase síntese
- “Hum. O sábado foi bem...”/ Avaliação

SÍNTESE DOS RESULTADOS DOS TRÊS CONTEXTOS

A – A produção narrativa de P.

Tabela 5

Síntese da produção narrativa de P.

Caso	Tempo total	n° de registros	n° de narrativas	n° de sentenças
Teatro da tartaruga	51 min 4 seg	7	4	90 (média 22,5)

A Figura 5.7 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas nos três contextos.

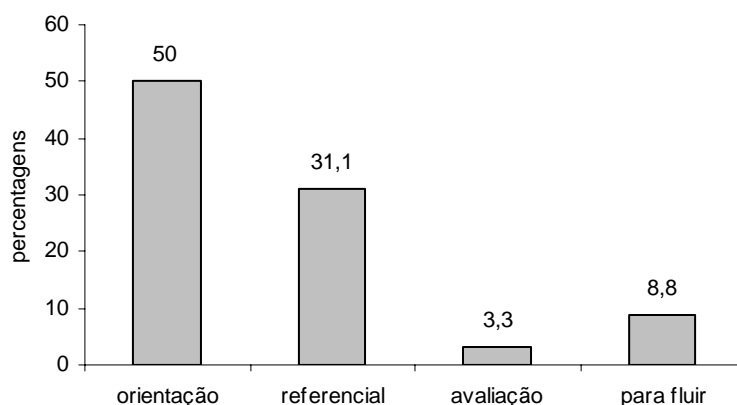


Figura 5.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas.

No início da pesquisa, P. tinha cinco anos e cinco meses. Ela produziu quatro narrativas de experiência pessoal em 51 minutos de gravação, duas no Contexto Visita Domiciliar e duas no Contexto Enquadre Livre. Considerando as narrativas em seu conjunto, verifica-se que a maior parte das sentenças tem a função de orientar o ouvinte sobre o contexto dos acontecimentos (50% das sentenças), as ações são bem exploradas (31,1% das sentenças), mas há poucas avaliações. Entretanto, há sentenças com o objetivo explícito de manter em curso a interação narrativa (“Sabe o que?” Anexo J, N3, pp.261). Nessa narrativa, P. também mostrou ser capaz de construir uma seqüência utilizando a ordem cronológica dos eventos, mas não ficando por ela restrita, pois seguiu sua própria perspectiva para destacar os principais aspectos do relato.

Quanto à influência do contexto sobre a produção narrativa da criança, verifica-se que o Contexto das Histórias Dirigidas para a Mãe não foi favorável à produção de narrativas, uma vez que a criança não desejava contar experiências pessoais e, sim, criar suas próprias histórias cheias de fantasia. Já os contextos Visita Domiciliar e Enquadre Livre, foram mais favoráveis, porque foram produzidas longas e densas narrativas de experiências pessoais.

B – A participação da mãe

A Figura 5.8 ilustra as percentagens de cada tipo de intervenção, considerando os três contextos.

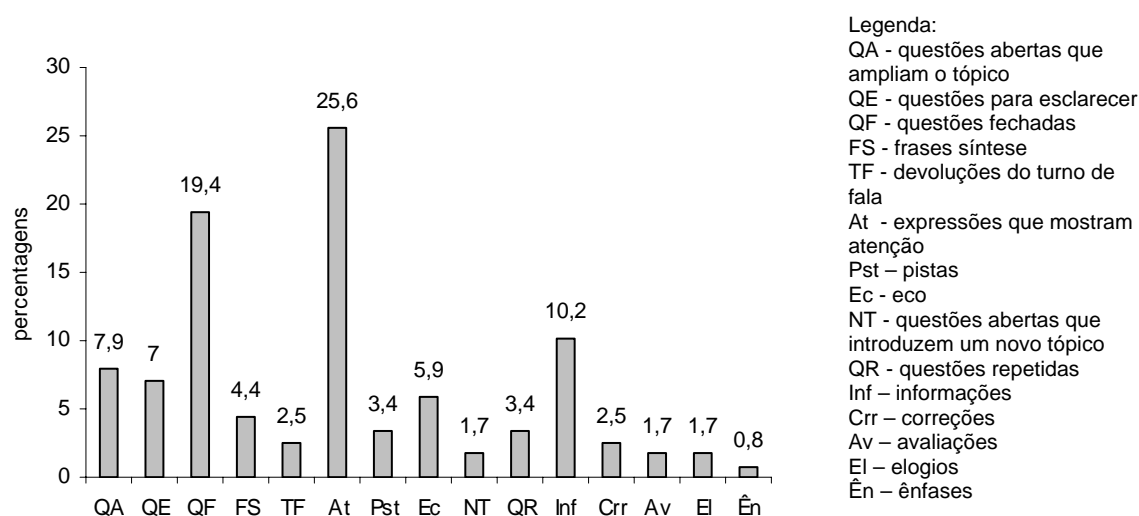


Figura 5.8. Percentagens dos tipos de intervenções da mãe.

Os contextos Visita domiciliar e Enquadre Livre permitiram uma apreciação dos tipos de intervenção utilizados pela mãe para ampliar a narrativa de sua filha. A estratégia da mãe foi privilegiar o uso de questões fechadas (19,4% das intervenções) e utilizar diversos recursos para manter o fluxo da narrativa: expressões que mostram atenção (25,6% das intervenções), ecos (5,9% das intervenções), devoluções de turno de fala (2,5% das intervenções), pistas (3,4% das intervenções), frases sínteses (4,4% das intervenções), elogios (1,7% das intervenções) e informações (10,2% das intervenções), os quais representam juntos 53,9% das intervenções.

A Figura 5.9 ilustra os principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos: obter informações de orientação, referenciais e de avaliação.

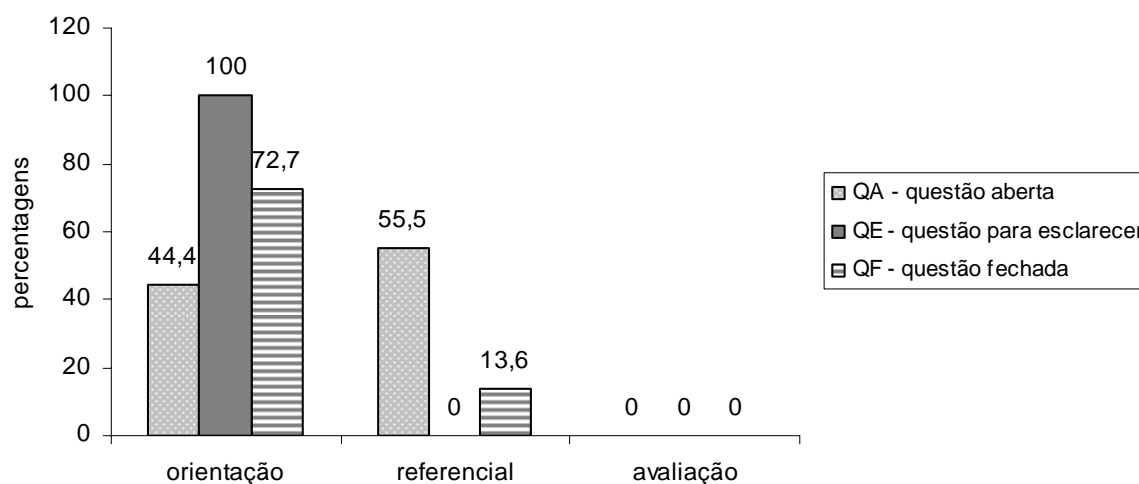


Figura 5.9. Principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos.

Observa-se que a mãe utiliza questões para esclarecer apenas para pedir informações contextuais (100% das questões para esclarecer). Entretanto, a maior parte das questões fechadas também é feita com esse interesse (72,7% das questões fechadas). Já para compreender melhor as ações, a mãe faz questões para ampliar o tópico (55,5% das questões com esse interesse) e também questões fechadas (13,6% das questões fechadas). Além disso, não ocorreram questões sobre aspectos subjetivos das experiências.

Para identificar tipos de intervenção que possam ter inibido a narrativa da criança, foram consideradas as diferenças entre as intervenções maternas utilizadas durante a narrativa mais curta e a narrativa mais longa da criança. Tomando a narrativa mais curta de P. (Anexo J, N1, pp.256) e a mais longa (Anexo J, N3, pp.261) observa-se que: na narrativa mais curta a proporção das questões para esclarecer (11,1% de QE), expressões que mostram atenção (33,3% de At), pistas (11,1% de Pst), e ecos (11,1% de Ec) é maior do que na narrativa mais longa (4,8% de QE; 22,5% de At; 3,2% de Pst e 6,4% de Ec). Além disso, na narrativa mais curta não há questões abertas que ampliam o tópico e há uma correção. Contudo, nas duas narrativas a proporção de perguntas da mãe é a mesma.

DISCUSSÃO

Os resultados mostram que as histórias contadas nessa família, como as histórias de livros contadas pela mãe, histórias inventadas pelo pai, memórias do avô paterno, e ainda, o hábito de contar histórias durante as viagens de carro, influenciam as narrativas contadas pela criança, tornando-as ricas e densas. Essa família tem uma cultura de contar histórias que está sendo passada para P. A menina se sente à vontade no papel de narradora, demonstrando interesse e prazer em compartilhar suas experiências, o que se pode

constatar quando ela utiliza estratégias para manter a mãe interessada em suas histórias, dizendo: “Sabe o quê?” e mais tarde, felicitando a mãe por acertar as respostas (Anexo J, N3, pp.261). As gravações feitas no Contexto Histórias Dirigidas para a Mãe continham histórias criadas por P., com enredos cheios de imaginação e criatividade, também demonstrando a influência desse contexto familiar.

A produção narrativa nos contextos Visita Domiciliar e Enquadre Livre indica que P., aos cinco anos e cinco meses, já narra suas experiências pessoais sem a necessidade de ser estimulada. Em todas as narrativas, o número de sentenças supera a média de 7.3 sentenças, encontrada por Peterson e McCabe (1983) em meninas de cinco anos. A mais longa narrativa de P. tem 51 sentenças (Anexo J, N3, pp.261) e serve para exemplificar três aspectos importantes de seu desenvolvimento: primeiro, ela é capaz de sustentar o discurso narrativo com um grande número de turnos (45 turnos) de intervenção da mãe; segundo, observa-se que apesar da narrativa exemplificada ter sido construída com a ajuda da mãe, a criança procurou se manter fiel aos aspectos que realmente julgava importantes, mesmo quando as intervenções da mãe sugeriam outro rumo para a conversa (por exemplo, ao perguntar o que haviam comido no lanche); por fim, essa narrativa demonstra que P. não se limita à ordem cronológica, detendo-se nas partes mais significativas e emocionantes da experiência, segundo sua própria perspectiva. Essas considerações sugerem que ela já está apta a narrar sozinha suas experiências pessoais.

A mãe, por sua vez, não se encaixa dentro dos parâmetros definidos para mães altamente ou pouco elaboradoras. No que concerne ao estilo narrativo, a mãe de P. tem o hábito de falar sobre o passado com a filha e durante as interações narrativas agrega informações pertinentes que enriquecem o relato. Porém, utiliza pouco as perguntas específicas que Peterson e McCabe (1994) indicam como importantes para ampliar a capacidade narrativa da criança, preferindo investigar sobre o contexto e as ações dos eventos através de questões fechadas, muitas delas (40%) feitas na forma negativa (“Não tinha churrasco lá?” Anexo J, N3, pp.261).

A mãe de P., no que diz respeito à narrativa de suporte, enfatiza a objetividade dos fatos, fazendo perguntas e correções, com o objetivo de ajudar a filha a contextualizar os eventos e ser fiel aos fatos (“Do pingüim não, tu tiraste uma foto com o pingüim, né?” Anexo J, N1, pp.256) (Nelson, 1998). Observa-se, também, que esta mãe não pergunta sobre aspectos subjetivos das experiências, o que justifica o número baixo de avaliações emitidas por P.

Nas quatro interações narrativas, o papel da mãe foi ligeiramente mais ativo que o da filha. A mãe utiliza muitos recursos, cujo objetivo é simplesmente manter a criança

falando, especialmente expressões que mostram atenção; já quando faz perguntas, prefere usar questões fechadas. Segundo Melzi (2000), o uso preferencial de questões fechadas evidencia que a mãe assume maior responsabilidade sobre o que está sendo narrado. Porém, essa ajuda não parece necessária aqui, considerando a capacidade para narrar já adquirida por essa criança. Por exemplo, a narrativa mais curta de P. foi produzida quando a mãe fez questões fechadas, acompanhando-as com pistas, e não fez questões abertas.

No que diz respeito ao que ocorre nas interações narrativas dessa dupla, observa-se que P. enfatiza as informações sobre o contexto dos acontecimentos em suas narrativas e sua mãe também solicita um número maior de informações contextuais. Também mãe e filha falam menos sobre as ações e muito pouco sobre aspectos subjetivos das experiências. Contudo, é notável o prazer que mãe e filha demonstram quando se envolvem em interações narrativas. Existe um forte elemento lúdico durante as conversas entre as duas que se manifesta nas entonações, nos risos e numa espécie de jogo em que a criança interrompe a frase e deixa que a mãe adivinhe o resto. Essa brincadeira pode explicar em parte o uso de questões fechadas, pois ao tentar adivinhar a resposta certa, a mãe construiu questões fechadas (“Ah, a boleadeira?” Anexo J, N3, pp.261).

CASO 6: MENINA QUE CRESCEU

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO FAMILIAR

C., uma menina de quatro anos, o pai e a mãe formam uma família, que vive em casa própria e cujos pais são ambos comerciantes. A mãe tem curso superior, estando o pai ainda cursando o seu. A mãe não se considera satisfeita com sua carreira profissional, ao contrário do marido que, segundo ela, gosta muito do que faz. Nessa família, além da subsistência, o trabalho representa também satisfação pessoal.

Quanto ao relacionamento afetivo, para a mãe a família é capaz de expressar carinho tanto verbal quanto fisicamente. Avaliando a intimidade entre os membros da família, a mãe acredita que C. está começando a se aproximar mais dela, mas que a menina tem uma ligação muito intensa com o pai. A família de origem paterna é mais próxima do que a família de origem materna. No geral, a família tem um relacionamento social satisfatório, com poucos amigos, porém amigos “de verdade”.

No que diz respeito ao espaço dedicado à televisão (TV) na vida família, o pai tem o hábito de assisti-la, mas não a mãe. Esta limita para a filha o tempo máximo de duas horas diárias para TV. Já o computador é usado apenas pelos pais, profissionalmente.

Quanto ao uso de histórias na vida familiar, eventualmente o pai conta como eram as relações em sua família de origem. Nas terças-feiras, quando C. traz um livro novo da biblioteca da escola, os pais o lêem à noite para ela.

Do ponto de vista dos problemas familiares, a mãe reconhece que o casal tem dificuldade para lidar com a autoridade, sendo ela mais rígida do que o marido. A esse respeito explicou que vinha recorrendo a punições físicas, observando, no entanto, que esse procedimento não resolvia o problema. No que tange à saúde física, a mãe sofre de asma.

A criança observada é uma menina ativa e simpática. Inicialmente, estava um pouco inibida com a minha presença, mas aos poucos foi se aproximando e trazendo seus brinquedos para me mostrar. No que diz respeito à rotina diária, C. acorda pelas 8:30h e é a mãe quem lhe dá o leite e um pãozinho. Durante a manhã, C. fica na companhia da mãe assistindo vídeos até às 10:30h e depois, sempre, brinca de bonecas. O pai leva e busca na escola, exceto uma vez por semana, quando a mãe o faz. A mãe almoça com C. e todos jantam juntos. C. toma banho só, mas supervisionada pela mãe. Vai se deitar em seu quarto às 22h. Nesse momento, na companhia do pai ou da mãe, fala de seu dia “como um papagaio”.

RESULTADOS

1 - CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 6
- Tempo total de gravação: 12 minutos e 30 segundos

A - A produção narrativa da criança

- N° de narrativas: 2
- N° total de sentenças: 17 (em média 8,5 sentenças por narrativa)

A Figura 6.1 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação nas duas narrativas produzidas.

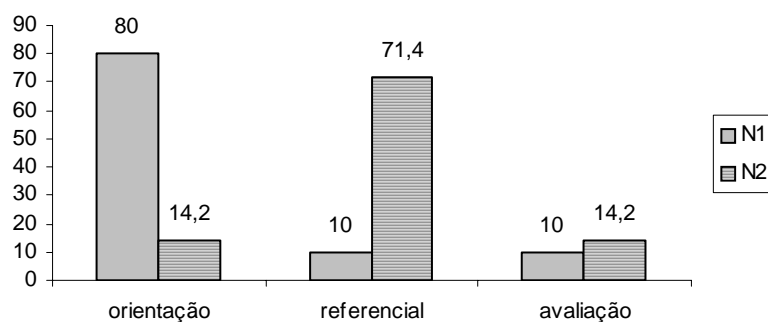


Figura 6.1. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação na Narrativa 1 e na Narrativa 2.

Descrição dos resultados da criança:

C. relata duas experiências pessoais de forma bem diferente. Por essa razão, a Figura 1 retrata separadamente cada uma delas. A primeira narrativa (Anexo K, N1, pp.271) descreve um evento feliz, com informações sobre o contexto em 80% das sentenças. Em contrapartida, a segunda (Anexo K, N2, pp.272) descreve um evento estressante, com 71,4% das sentenças para esclarecer as ações. Nas duas narrativas, C. faz avaliações em que explica o porque dos eventos: porque ela tinha “muito, muito mais anos” (Anexo K, N1, pp.271) e porque ela mexeu no cachorro enquanto ele estava com o osso (Anexo K, N2, pp.272).

B – A participação da mãe

- N° total de intervenções: 10 (em média, 5 por narrativa)

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 6.2.

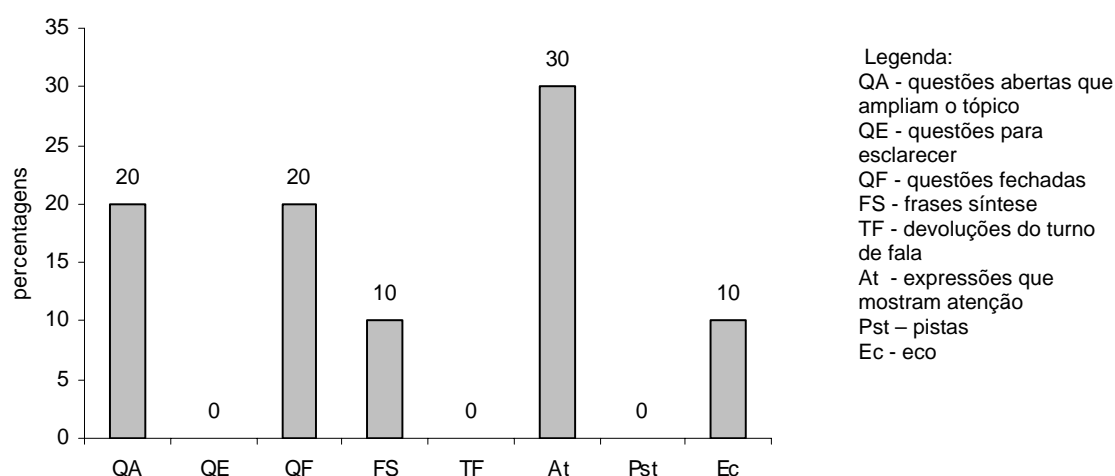


Figura 6.2. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe:

Durante as narrativas do Contexto Histórias Dirigidas para a Mãe, esta fez dez intervenções, oito na primeira narrativa e duas na segunda narrativa. A mãe utiliza equitativamente questões abertas para ampliar o tópico (20% das intervenções) e questões fechadas (20% das intervenções). Entretanto, a maior parte das intervenções da mãe parece se destinar, simplesmente, a manter o fluxo da narrativa da criança, por meio de expressões que mostram atenção (30% das intervenções), ecos das falas da criança (10% das intervenções) e frases síntese (10% das intervenções). Além disso, as duas narrativas são

finalizadas por frases com um humor irônico: “Tu já estás velha, então” (Anexo K , N1, pp.271) e “Mas então, tu gostas de mexer com ele”(Anexo K, N2, pp.272).

C - A interação narrativa

A Figura 6.3 ilustra a participação da criança e sua mãe, ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

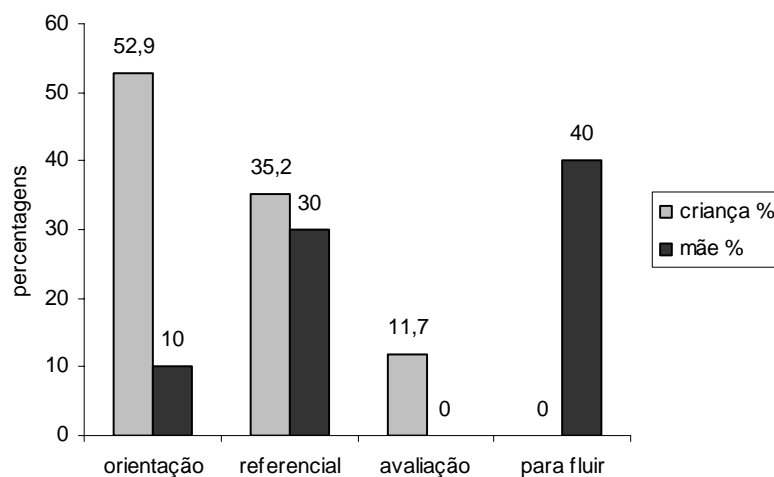


Figura 6.3. Comparação entre o número e a função das sentenças da criança e o número e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa:

Observa-se que o número de sentenças da criança é maior que o número de intervenções de sua mãe. A criança vai fornecendo as informações, a mãe pede explicações, mas deixa a narrativa seguir o curso dado pela filha. As informações dadas pela criança não são aproveitadas em perguntas subseqüentes da mãe. Além disso, é a mãe quem parece terminar as narrativas com frases sínteses do tipo moral da história. A narrativa “Menina que cresceu” é um exemplo das histórias contadas nesse contexto.

Excerto nº 15: Menina que cresceu (Anexo K, N1, pp.271)

Falás da criança	Falás da mãe
- E daí eu cresci muito, muito, muito. E a profe viu que eu cresci, e nenhum dos coleguinhas cresceram.	- Só tu cresceste? Bah, tu vê...
- E a profe cresceu.	- E a profe cresceu. Ah, foi porque vocês se mediram? Como é que foi?
- Não, é que eu, eu, eu tinha um monte de anos e cresci. Tinha todos os anos. Eu tinha 10, mais 6, mais 7. Tinha 8, mais 9, mais 10.	- Bah, tu vê... Tu já estás velha, então. (ri)

Análise das sentenças da criança

- “E daí eu cresci muito, muito, muito.”/ função de orientação
- “E a profe viu”/ função referencial
- “... que eu cresci”/ função de orientação
- “... e nenhum dos coleguinhas cresceram.”/ função de orientação
- “E a profe cresceu.”/ função de orientação
- “É que eu, eu, eu tinha um monte de anos”/ função de avaliação
- “... e cresci.”/ função de orientação
- “Tinha todos os anos.”/ função de orientação
- “Eu tinha 10, mais 6 mais 7.”/ função de orientação
- “Tinha 8, mais 9, mais 10.”/ função de orientação

Análise da narrativa:

- Tema: A menina que cresceu (C. constata que cresceu)
- N° de sentenças da criança: 10 (em 3 turnos de fala)

Funções das sentenças:

- Orientação: em 80% das sentenças
- Referencial: em 10% das sentenças
- Avaliação: em 10% das sentenças

Comentários extra:

- Presença de ênfases: “muito, muito, muito” e “mais, mais, mais”.

Análise das intervenções da mãe:

- N° de intervenções da mãe: 8 (em 3 turnos de fala)
- “Ih, bah...”/ Expressão que mostra atenção
- “Só tu crescestes?”/ Questão fechada
- “Bah, tu vê...”/ Expressão que mostra atenção
- “E a profe cresceu.”/ Eco
- “Ah, foi porque vocês se mediram?”/ Questão fechada
- “Como é que foi?”/ Questão aberta para ampliar o tópico
- “Bah, tu vê...”/ Expressão que mostra atenção
- “Tu já estás velha, então.”/ Frase síntese

- N° de registros: 1
- Tempo total de gravação: 1 minuto
- N° de narrativas: 0

Durante a visita domiciliar, C. não produziu nenhuma narrativa. Inicialmente, estava inibida e quando ficou mais à vontade, trouxe seus brinquedos para a sala. O brinquedo consistia em apresentar suas bonecas e acessórios, dizendo seus nomes.

3 - CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 4
- Tempo total de gravação: 30 minutos

A - A produção narrativa da criança:

- N° de narrativas: 3
- N° total de sentenças: 36 (em média, 12 sentenças por narrativa)

As percentagens de sentenças com cada função (de orientação, referencial e de avaliação) nas narrativas produzidas aparecem na figura 6.4.

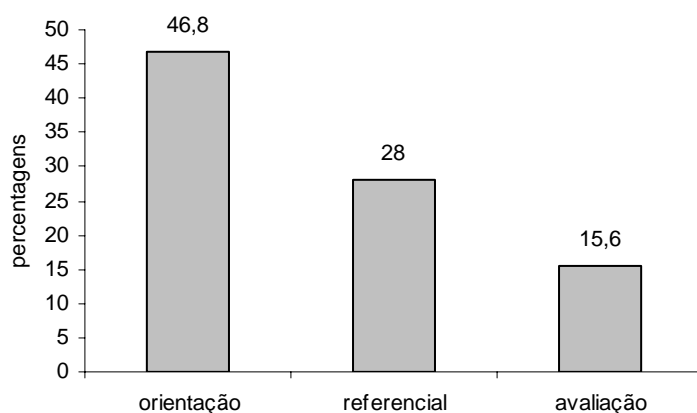


Figura 6.4. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação.

Descrição dos resultados da criança:

Em trinta minutos de gravação das interações verbais com a mãe e, eventualmente com o pai presente, foram produzidas três narrativas. C. fornece mais informações sobre o contexto dos acontecimentos (46,8% das sentenças), mas também descreve as ações (28% das sentenças) e faz avaliações (15,6% das sentenças). Nas narrativas, C. destaca os

aspectos mais importantes das experiências, não se prendendo à seqüência cronológica dos acontecimentos, nem desviando de rumo com as perguntas da mãe.

B – A participação da mãe

- N° total de intervenções: 32 (em média 16 por narrativa)

As percentagens de cada tipo de intervenção da mãe estão ilustradas na Figura 6.5.

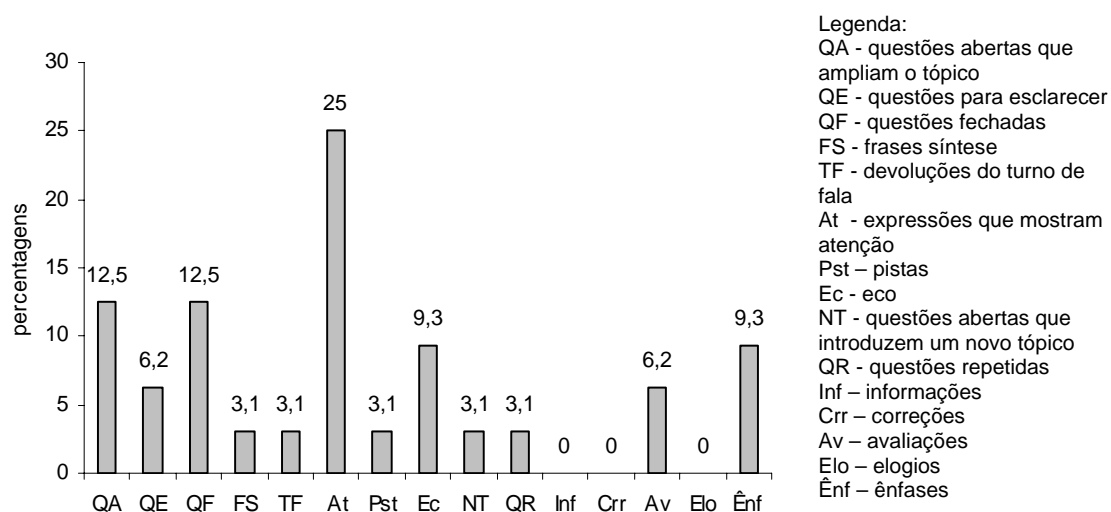


Figura 6.5. Percentagens dos tipos de intervenção da mãe.

Descrição dos resultados da participação da mãe

Novamente, nas narrativas do Contexto Enquadre Livre há menos intervenções maternas do que o número de sentenças da criança. A mãe continua utilizando questões abertas para ampliar o tópico (12,5% das intervenções) e questões fechadas (12,5% das intervenções), mas também fez questões para esclarecer (6,2% das intervenções). Novamente, mais do que pedir informações, a mãe estava interessada em manter o fluxo da narrativa, utilizando expressões que mostram atenção (25% das intervenções) e ecos das falas da criança (9,3% das intervenções).

C - A interação narrativa

A Figura 6.6 ilustra a participação da criança e sua mãe, ao comparar a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

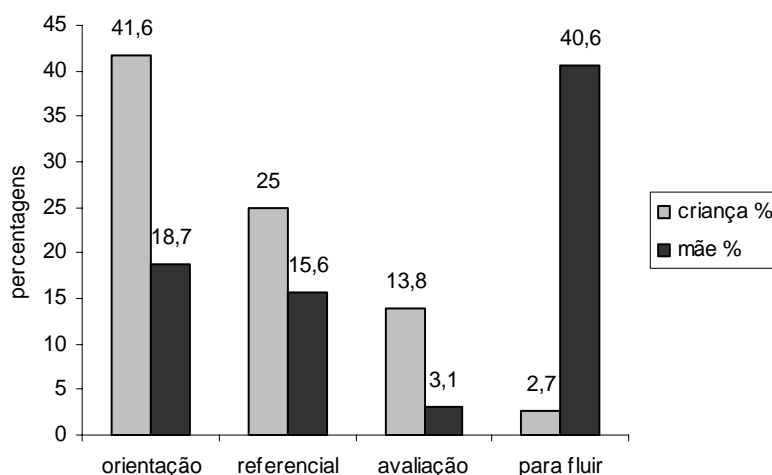


Figura 6.6. Comparação entre a função das sentenças da criança e o objetivo das intervenções da mãe.

Descrição dos resultados da interação narrativa:

Observa-se que o número de sentenças da criança segue sendo maior que o número de intervenções de sua mãe. Novamente, é C. quem conduz as narrativas, sendo que fornece as informações espontaneamente em duas delas, enquanto que a narrativa sobre a visita ao museu (descrita a seguir) é resultado de uma provocação feita pela mãe. Logo a seguir, em resposta à provocação materna, C. provoca a mãe, afirmando que viu e sabe de coisas que ela não sabe. Nessa narrativa, as informações dadas pela criança são aproveitadas nas perguntas subsequentes da mãe. Essa foi a narrativa escolhida para ilustrar as produções desse contexto.

Excerto nº 16: Visita ao museu (Anexo K, N3, pp.274)

Falas da criança	Falas da mãe
- Agora eu vou.	- É... A mãe vai convidar a S. para falar do museu, porque ela foi lá, né? Porque tu não queres falar, então...
- Quando a gente foi lá com a S. no museu, tu não sabe, sobrou umas coisas para ver.	- Então, fala. O que tu vistes lá no museu? (<i>tosse</i>) O que tu vistes lá no museu?
- E eu vi, tu não viu.	- O quê?
- Umas flores...	- O que é que tu visses e eu não vi? Ah, as formigas?

- ... que se mexem. É bem legal! Que é um joguinho. Alguém fala na flor, e fala ali dentro no coisinha, nesse coisinha daqui, ó.	- Umas flores.
- Este.	- Hum.
- Não.	- Tu chegaste a falar?
- Não. Na outra flor, daí, falava uma pessoa e outra pessoa.	- Não?
- Quê?	- Uhm,sei, sei. E tu querias ter falado?
- Não, eu não queria.(tom firme)	- Tu querias ter falado?
	- Ah, tá. (pausa)
	- O que é que tinha no museu?

Análise das sentenças da criança:

- “Agora eu vou.”/ (introdução) função de iniciar/manter a narrativa
- “Quando a gente foi lá com a S. no museu,”/ função de orientação
- “... tu não sabe,”/ função de avaliação
- “...sobrou umas coisas para ver”/ função de orientação
- “E eu vi,”/ função referencial
- “... tu não viu.”/ função de orientação
- “Umas flores... que se mexem.”/ função de orientação
- “É bem legal!”/ função de avaliação
- “Que é um joguinho.”/ função de orientação
- “Alguém fala na flor,”/ função de orientação
- “... e fala ali dentro no coisinha, nesse coisinha daqui, ó.”/ função de orientação
- “Na outra flor, daí falava uma pessoa e outra pessoa.”/ função referencial
- “Não, eu não queria.”/ função de avaliação

Análise da narrativa:

- Tema: Visita ao museu
- N° de sentenças da criança: 13 (em 10 turnos de fala)

Funções das sentenças:

- Orientação: em 53,8% das sentenças
- Referencial: em 15,3% das sentenças

- Avaliação: em 23% das sentenças

Comentários extra:

- Faz uma introdução quando cede à provocação materna
- Provoca a mãe, afirmando que viu e sabe de coisas que ela não sabe

Análise das intervenções da mãe:

- N° de intervenções da mãe: 16 (em 11 turnos de fala)
- “É... A mãe vai convidar a S. pra falar do museu, porque ela foi lá, né?”/ Provocação
- “Porque tu não queres falar, então...”/ Provocação
- “Então, fala.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “O que tu vistes lá no museu?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “O que tu vistes lá no museu?”/ Questão repetida
- “O quê?”/ Questão para esclarecer
- “O que é que tu vistes e eu não vi?”/ Questão para esclarecer
- “Ah, as formigas?”/ Questão fechada
- “Umas flores...”/ Eco
- “Hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Tu chegaste a falar?”/ Questão fechada
- “Não?”/ Eco
- “Uhm, sei, sei.”/ Expressão que mostra atenção
- “E tu querias ter falado?”/ Questão fechada
- “Ah, tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “O que é que tinha no museu?”/ Questão aberta que amplia o tópico

SÍNTESE DOS RESULTADOS DOS TRÊS CONTEXTOS

A – A produção narrativa de C.

Tabela 6

Síntese da produção narrativa de C.

Caso	Tempo total	n° de registros	n° de narrativas	n° de sentenças
Menina que cresceu	43 min 30 seg	12	5	53 (média 10,6)

A Figura 6.7 ilustra as percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas nos três contextos.

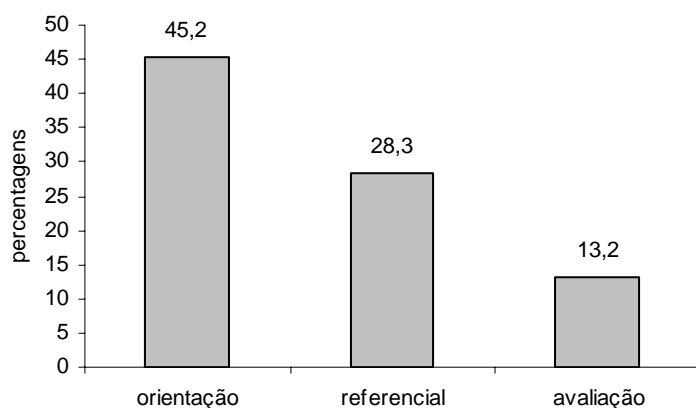


Figura 6.7. Percentagens de sentenças com as funções de orientação, referencial e de avaliação no total de narrativas produzidas.

No início da pesquisa, C. tinha quatro anos e nove meses. Ela produziu cinco narrativas de experiências pessoais em 43 minutos de gravação, duas no Contexto Histórias Dirigidas para a Mãe e três no Contexto Enquadre Livre. Considerando as narrativas em seu conjunto, verifica-se que a maior parte das sentenças tem a função de orientar o ouvinte sobre o contexto dos acontecimentos (45,2% das sentenças); as ações são menos exploradas (28,3% das sentenças); e faz avaliações (13,2% das sentenças). Além disso, observa-se que nas narrativas de eventos estressantes (Anexo K, N2, pp.272; N4, pp.276; N5, pp.278), a percentagem de sentenças para esclarecer as ações quase duplica. A menor percentagem de sentenças sobre ações quando o evento foi estressante foi 29% (Anexo K, N4, pp.276), enquanto que a maior entre os eventos não-estressantes foi 15% (Anexo K, N1, pp.271).

Quanto à influência do contexto sobre a produção narrativa da criança, verifica-se que o Contexto Visita Domiciliar foi o menos favorável, uma vez que a criança não desejava contar experiências pessoais e, sim, brincar. Entretanto, não é possível afirmar que os outros contextos foram favoráveis para a produção de narrativas pessoais. No contexto Histórias Dirigidas para a Mãe, C. criou muitas histórias cheias de fantasia enquanto brincava. Já no Contexto Enquadre Livre, há diálogos com os pais antes de dormir que não resultaram em narrativas de experiências pessoais.

B – A participação da mãe

A Figura 6.8 ilustra as percentagens de cada tipo de intervenção considerando os três contextos.

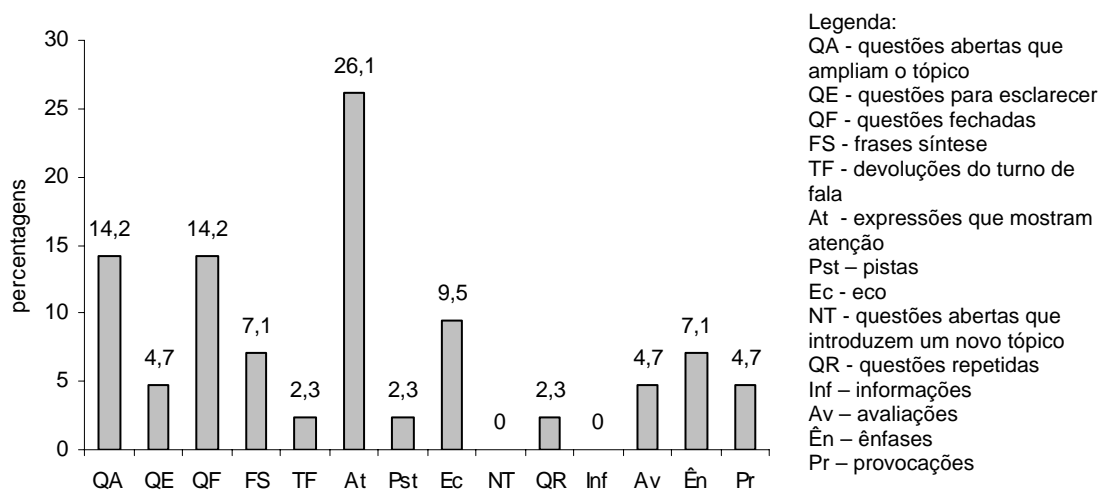


Figura 6.8. Percentagens dos tipos de intervenções da mãe.

Os contextos Histórias Dirigidas para a Mãe e Enquadre Livre permitiram uma apreciação dos tipos de intervenção utilizados pela mãe. A estratégia da mãe foi privilegiar o uso de questões abertas para ampliar o tópico (14,2% das intervenções) e questões fechadas (14,2% das intervenções). Entretanto, mais do que pedir informações, a mãe utilizou recursos para manter o fluxo da narrativa, como expressões que mostram atenção (26,1% das intervenções) e ecos das falas da criança (9,5% das intervenções). Além desses, usou ainda outros recursos, como frases sínteses (7,1% das intervenções), devoluções de turno de fala (2,3 % das intervenções), pistas (2,3% das intervenções) e avaliações (4,7% das intervenções). Todos esses recursos juntos representam 52% das intervenções.

A Figura 6.9 ilustra os principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos, isto é, obter informações de orientação, referenciais e de avaliação.

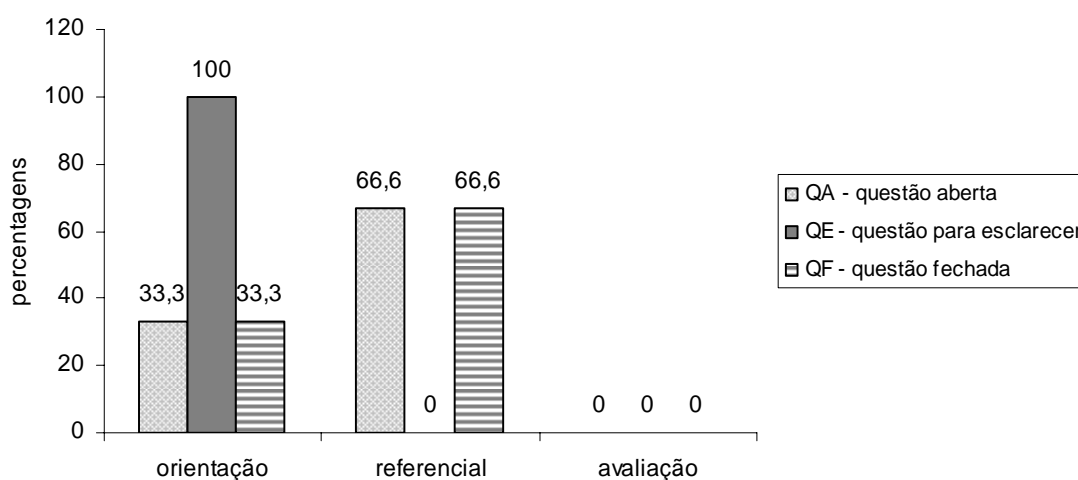


Figura 6.9. Principais tipos de intervenção da mãe e seus objetivos.

Observa-se que a mãe utiliza questões para esclarecer apenas para pedir informações contextuais (100% das questões para esclarecer). Contudo, com esse mesmo propósito, ela faz questões para ampliar o tópico (33,3% das questões com esse interesse) e questões fechadas (33,3% das questões com esse interesse). Para compreender melhor as ações, a mãe prefere fazer questões para ampliar o tópico (66,6% das questões com esse interesse) e também questões fechadas (66,6% das questões fechadas). Já para investigar aspectos subjetivos da experiência da filha, a mãe só fez uma questão fechada.

Para identificar tipos de intervenção que possam ter inibido a narrativa da criança, foram consideradas as diferenças entre as intervenções maternas utilizadas durante a narrativa mais longa (com a ajuda da mãe) e a narrativa mais curta da criança. Tomando a narrativa mais curta de C. (Anexo K, N5, pp.278) e a mais longa (Anexo K, N4, pp.276) observa-se que na narrativa mais curta a proporção das perguntas da mãe está maior (25% de perguntas) do que na mais longa (16,6% de perguntas) e também é maior a proporção de questões abertas para ampliar o tópico na narrativa mais curta (25% de QA) em comparação à narrativa mais longa (8,3% de QA).

DISCUSSÃO

As histórias não fazem parte do cotidiano dessa família. Apenas o pai fala eventualmente de seu passado. A leitura de livros é cultivada apenas na escola, quando às terças-feiras o jardim A faz uma visita à biblioteca. Por outro lado, existe o hábito de ver TV, uma vez que C. tem permissão para assisti-la por até duas horas diárias.

O fato de C. ter a mãe como interlocutora neste trabalho pode ter também influenciado os resultados. Na entrevista, a mãe referiu com certa amargura que a filha era mais distante dela e mais próxima de seu marido, o que seria evolutivamente esperado nessa etapa do desenvolvimento psicosssexual de C. Além disso, a mãe refere que a filha fala “feito um papagaio à noite”, quando estão todos juntos. As gravações do Contexto Enquadre Livre contêm muitos diálogos quando o pai está presente, confirmando a impressão da mãe. Esses sentimentos contraditórios, típicos da fase edípica, formam o cenário das interações narrativas dessa dupla.

Fiese e Wamboldt (2003) argumenta que as narrativas construídas entre os membros da família servem como marcadores do funcionamento dessa família. Nesse sentido, em algumas interações narrativas dessa dupla, circula um afeto belicoso, como quando a mãe utiliza um humor irônico (Anexo K, N1, p; N2, pp.272); quando provoca a filha para que ela fale (Anexo K, N3, pp.274); quando a filha responde à provocação da mãe, afirmando que viu e sabe de coisas que ela não sabe, e por fim, quando a filha usa um

tom firme na voz e termina a conversa com um “Não, eu não queria” (Anexo K, N3, pp.274).

O espaço limitado das histórias e conversas sobre o passado e a interferência dos aspectos subjetivos da interação dessa díade contribuem para deixar C. pouco à vontade no papel de narradora. Ela só demonstrou satisfação em reportar uma de suas experiências (Anexo K, N1, pp.271) e produziu a narrativa mais curta (Anexo K, N5, pp.278), em resposta a uma percentagem maior de perguntas de sua mãe.

No que diz respeito à produção narrativa nos dois contextos verifica-se que C. aos quatro anos e nove meses tem iniciativa de narrar suas experiências pessoais como esperado para sua idade (Perroni,1992). Já a média de sentenças de C. por narrativa, está acima do esperado para meninas de quatro anos que, segundo Peterson e McCabe (1983), é de 7,3 de sentenças. Quanto à função das sentenças, observam-se duas situações distintas: quando se trata de eventos estressantes, C. enfoca mais as ações; já nos demais eventos, a percentagem de sentenças de ações diminui bastante, aparecendo um número maior de informações contextuais. Peterson e Biggs (1998) chamam a atenção para o fato de que as narrativas de eventos estressantes são menos coerentes, contendo menos informações de avaliação, em crianças de todas as idades. Neste caso, isso só parece ter acontecido na narrativa sobre a Roda Gigante (Anexo K, N5, pp.276), quando no início C. pensa que sonhou com uma situação que realmente aconteceu e, a seguir, relembra o episódio (misturando prazer e medo) e diz que está pensando nisso. C. procura explicar o porque dos eventos, as motivações que ela tinha ou que outros tinham para seus atos em suas avaliações (“... é que eu tinha um monte de anos”. Anexo K, N1, pp.271; “É porque ele tava com o osso”. Anexo K, N2, pp.272).

Ao iniciar uma narrativa, C. parece já ter decidido previamente o que gostaria de contar, pois não aproveita as perguntas da mãe, detendo-se nas partes mais significativas da experiência, segundo sua própria perspectiva. Essa premeditação aparece nas introduções “Quando a gente foi lá com a S. no museu, tu não sabe, sobrou umas coisas para ver; e eu vi, tu não viu” (Anexo K, N3, pp.274); e “... um dia a B. inventou ali na porta com o M.” (Anexo K, N4, pp.276); e também na frase final “Mas eu tô pensando nisso.” (Anexo K, N5, pp.278). Esses exemplos sugerem que C. se prepara para narrar sozinha suas experiências pessoais. Entretanto, verifica-se que ainda falta vocabulário para descrever algumas situações (Anexo K, N4, pp.276) e que seus relatos acabam ficando pobres. Isto se deve, possivelmente, á falta de interlocução com um adulto, quando ainda se faz necessária essa colaboração.

O papel da mãe de C. é pouco ativo e não serve de suporte para que a filha narre suas experiências pessoais, uma vez que a mãe pergunta pouco e, se faz mais perguntas, obtém menos respostas, como na narrativa mais curta de C. Quanto ao estilo narrativo materno, observa-se que a mãe se encaixa dentro dos parâmetros definidos para mães pouco elaboradoras (Fivush, 1991). A mãe de C. não tem o hábito de falar sobre o passado com a filha e durante as interações narrativas não agrega informações pertinentes que possam enriquecer o relato, com exceção da experiência na roda-gigante em que é a mãe quem esclarece a situação (Anexo K, N5, pp.278). Além disso, a mãe faz poucas perguntas específicas quando a filha não disponibiliza informações que possam esclarecer o que se passa, explorando também pouco as respostas.

No que diz respeito à narrativa de suporte da mãe (Nelson, 1998), não é possível afirmar que esta mãe enfatize os aspectos subjetivos da experiência (há apenas uma pergunta de avaliação), nem tampouco que enfatize a objetividade dos fatos, uma vez que não faz perguntas após respostas imprecisas. A mãe utiliza, principalmente, recursos cujo objetivo é simplesmente manter a criança falando e não insiste nas respostas a perguntas que faz. Por outro lado, a criança parece querer contar as coisas a seu modo, precipitando sua autonomia quando teria, ainda, sido benéfico contar com a colaboração do adulto.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO GERAL

Esse estudo tem um enquadre sociointeracionista. Neste sentido, com base em Vygotsky (1988, 1989) considera-se que qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece inicialmente no plano social e só depois no psicológico. Assim, a função desenvolve-se no início entre as pessoas, ou seja, interpsicologicamente, interiorizando-se mais tarde e transformando-se em intrapsicológica. Do mesmo modo, entende-se que o contexto natural para a aquisição de ferramentas psicológicas é a situação de comunicação verbal entre a criança e o adulto. Essas ferramentas psicológicas seriam palavras, conceitos, sinais, símbolos e, segundo Bruner (1991), a narrativa. A zona de desenvolvimento proximal, criada conjuntamente pelo adulto e pela criança, possibilita que aquilo que a criança ainda não pode realizar sozinha se torne possível graças à colaboração com o adulto. Nesse sentido, os hábitos maternos de conversar sobre o dia da criança e de contar histórias possibilitam criar um cenário social, onde a função de organizar a experiência em forma narrativa surge. Essas interações verbais entre a criança e sua mãe, portanto, se constituem como o contexto natural de aprendizagem da habilidade de narrar e o suporte oferecido à criança pela mãe durante as interações narrativas modifica-se de acordo com as possibilidades da criança.

Essa discussão inicia com um comentário sobre os hábitos maternos de conversar sobre o dia da criança e de contar histórias e sua possível influência no narrar das crianças. Na seqüência, respondendo às questões da pesquisa, discutem-se as intervenções da mãe que ampliam ou inibem a capacidade narrativa da criança, e a influência do contexto nestas intervenções. Complementarmente, as características culturais que emergem da análise dos dados são, então, discutidas, seguidas da análise da produção narrativa das crianças. Por fim, são apresentadas as considerações finais do estudo.

As conversas sobre o dia da criança e as histórias antes de dormir

Os resultados desse estudo evidenciam a importância dos hábitos maternos de conversar sobre o dia da criança e de contar histórias. Quanto ao hábito materno de conversar sobre o dia da criança, observou-se que aquelas acostumadas a essa rotina produziram mais narrativas e o fizeram com maior autonomia. Na entrevista com as mães foi investigado o horário em que cada criança tinha mais disposição para conversar sobre as coisas que lhe aconteceram. Das seis mães, cinco não tiveram dificuldade para reconhecer qual era esse momento; já a criança que não tinha um horário específico de

conversar com a mãe (Jogador) construiu menos narrativas e necessitou mais de apoio para narrar.

Não falar sobre o passado pode ser indicativo de problemas familiares, entre os quais a presença de segredos. Carter e McGoldrick (1995) verificaram que famílias que estão vivenciando problemas carecem de uma perspectiva temporal, tendendo ou a engrandecer o momento presente, ficando imobilizadas em pensamentos imediatos, ou se fixando no futuro, na expectativa de algo temido ou desejado. Em consequência disso, segundo as autoras, perdem a consciência de que a vida significa um contínuo movimento desde o passado e para o futuro, com os relacionamentos familiares se transformando. A presença de um segredo provoca efeitos nocivos na comunicação familiar, como argumentou Imber-Black (1994), pois limita as conversas em muitas áreas e reduz a capacidade para resolver problemas ou para enfrentar questões desenvolvimentais normais. No caso de L., há uma ancoragem no presente revelada por uma intensa atividade que é permanentemente acompanhada de fala, sem dar lugar a pausas. A intensidade dessa atividade parece estar dificultando o estabelecimento de um enquadre para conversar sobre o passado.

Quanto ao tipo de perspectiva para olhar o passado, a metade das mães da amostra enfatiza a objetividade dos fatos (Festa Junina, Jogador e Teatro da Tartaruga). Para Nelson (1998), essa ênfase produziria um suporte materno que incentivaria uma narrativa mais fixada à seqüência temporal dos acontecimentos. Essas três crianças produziram narrativas mais obedientes à seqüência temporal dos acontecimentos, se comparadas com as demais. Duas mães enfatizam os aspectos subjetivos da experiência (Cavalinho Piti e Formiga Vermelha), o que favorece a busca de coerência na produção da narrativa. Novamente, observa-se que nas narrativas dessas duas crianças há uma preocupação menor com a sucessão temporal dos acontecimentos e maior em relacionar os eventos uns com os outros, alcançando mais coerência em seus relatos.

O hábito de contar histórias para as crianças, segundo Heath (2002), favorece o futuro desempenho escolar delas, porque, ao ouvi-las, a criança desenvolve padrões de associação entre velhos e novos conhecimentos. Para a autora, essa rotina ajudaria a criança a desenvolver a longa cadeia de padrões inter-relacionados que serão utilizados para buscar significados no ambiente em que ela vive. Nesse estudo, apenas a família de C. (Menina que Cresceu) não obedecia a esta rotina. Esta criança encontrou mais dificuldades para narrar suas experiências, quer por falta de vocabulário ou por falhar ao tentar estabelecer relações lógicas entre as informações que fornecia. No caso de C., no entanto, poderia haver ainda a possibilidade do suporte materno não ter sido suficientemente

eficiente, já que a mãe mostrou dificuldade para captar o sentido dado pela filha aos acontecimentos. Segundo Michaels (2002), em situações como esta, o adulto não consegue prever a direção da evolução da conversa. Como as perguntas são elaboradas com base nessa previsão, a comunicação fracassa.

A ausência das histórias antes de dormir pode revelar, também, a falta de outro tipo de suporte. Gutfreind (2003) observa que as histórias contadas antes de dormir podem ter uma função transicional, no sentido que Winnicott (1975) deu ao termo, ajudando a criança diante da solidão ou de sentimentos depressivos evocados pela experiência do adormecimento. No caso de C., há dois registros que evidenciam sua intensa ansiedade antes de dormir (Anexo E, pp.175). É nessas ocasiões que C. fala sem parar, passando de um assunto a outro, como que buscando chamar a atenção dos pais para mantê-los a seu lado. Nas duas ocasiões em que isto acontece, a mãe afasta-se primeiro e o pai não fornece um limite claro, sendo que a despedida vai se prolongando através de sucessivos “boa noites e sonha com os anjinhos”.

As observações acima confirmam a hipótese de vários autores (Fivush, 1991; Fivush & Haden, 1997; Haden, 1998; McCabe & Peterson, 1991; 1994; Reese & Fivush, 1993) de que o hábito de contar histórias para as crianças e, sobretudo, o costume de falar com as crianças sobre experiências passadas ou sobre o que aconteceu durante as separações temporárias constituem meios de facilitar a tarefa de aprender a narrar. No entanto, a falta das conversas sobre o passado e das histórias antes de dormir significam mais do que a perda da oportunidade de aprender a narrar, pois pode expressar dificuldades de ordem relacional que estão imbricadas nesse processo.

Então, o que fizeram as mães deste estudo nas interações narrativas, que ampliaram ou inibiram a habilidade narrativa das crianças ?

As intervenções maternas que ampliam ou inibem a narrativa da criança

Duas situações foram examinadas: o que fizeram as mães para ampliar a habilidade narrativa das crianças e o que ocorria quando a mãe não tinha êxito na tentativa de fazer a criança falar mais, isto é, em situações em que a criança ficou inibida em sua capacidade de narrar.

As crianças desse estudo reagiram a modificações no comportamento habitual da mãe durante as interações verbais. Assim sendo, as narrativas das crianças resultaram ampliadas ou inibidas diante das seguintes condições: quando a mãe fez mais, ou menos, perguntas entre suas intervenções; quando fez mais, ou menos, questões abertas que ampliam o tópico ou questões fechadas; e quando mudou o seu tipo de investimento de

atenção ao relato, aparente na sua participação mais ou menos ativa. Além disso, observou-se que o encadeamento entre as falas da mãe e da criança também pode ser um fator determinante do sucesso ou do fracasso na tentativa de narrar da criança.

Uma explicação para essa sensibilidade da criança a mudanças na participação da mãe durante a interação narrativa é que a criança desenvolve a habilidade para narrar suas experiências pessoais em antecipação à interação parental habitual (McCabe e Peterson, 1991). Indo mais além, uma vez que a criança utiliza a maneira habitual de conversar de sua mãe para organizar sua própria narrativa, a modificação no hábito conversacional materno retira da criança a possibilidade de antecipar como vai evoluir a tarefa e exige que ela improvise. Como veremos a seguir, esta situação pode se constituir como um interessante desafio para a criança ou como uma exigência acima do que ela pode alcançar.

- **Quando a mãe faz mais ou menos perguntas que o habitual**

Os resultados desse estudo mostraram, assim como também os de McCabe e Peterson (1991), que o fato da mãe fazer mais perguntas do que seu habitual pode, igualmente, ter ampliado ou inibido o narrar da criança. A esse respeito, as autoras norte-americanas consideram igualmente desencorajador perguntar demais ou perguntar pouco, mostrando desinteresse ao que a criança tem a dizer. Quando as mães das duas crianças com menor desenvoltura quanto à capacidade de narrar (Jogador e Menina que Cresceu) perguntaram mais, obtiveram, de seus filhos, narrativas mais curtas. Deu-se o contrário no caso de E. (Cavalinho Piti) que, em resposta ao aumento de perguntas de sua mãe, produziu sua narrativa mais longa. Porém, é preciso considerar que E. já tem iniciativa, autonomia e desenvoltura para narrar os acontecimentos de sua vida, uma condição muito diferente daquela das outras duas crianças citadas. Umiker-Sebeok (1979) já mostrava que o efeito do aumento de intervenções maternas numa interação narrativa depende do desenvolvimento da capacidade de narrar da criança.

A modificação na maneira de perguntar da mãe influenciou de modo diferente as crianças investigadas, especialmente, quando a mãe aumentou, diminuiu ou suprimiu as questões abertas que ampliam o tópico ou as questões fechadas.

- **Quando a mãe aumenta, diminui ou suprime as questões abertas que ampliam o tópico**

A diminuição ou ausência de questões abertas que ampliam o tópico, dentre as perguntas que a mãe fez, corresponde às narrativas mais curtas produzidas pelas três crianças que já estavam à vontade no papel de narradoras (Festa Junina, Cavalinho Piti e

Teatro da Tartaruga). Já no caso de C. (Menina que cresceu), que tem menos desenvoltura como narradora e não utiliza as perguntas da mãe como suporte, a narrativa mais curta ocorreu quando sua mãe fez mais questões abertas que ampliam o tópico. Então, a ausência de questões abertas que ampliam o tópico pode ser um fator limitante nas interações narrativas, mas acentuar o uso desse tipo de questões quando a criança ainda está aprendendo a narrar pode tornar esta tarefa difícil demais e gerar frustração na criança. Isso, como lembra Melzi (2000), acontece porque o uso de questões abertas faz com que a criança assuma maior responsabilidade sobre a informação fornecida, chamando para si a tarefa de controlar a organização dessa informação em uma narrativa. Observa-se, portanto, que é a capacidade de narrar da criança que determina qual é a quantidade de questões abertas que devem ser usadas durante a interação narrativa. Dito de outro modo, a mãe precisa ser capaz de perceber quando a criança está pronta para ser mais exigida, uma constatação que reforça a perspectiva de Vygotsky (1989) no que concerne à definição da zona de desenvolvimento próximo como um espaço criado pela participação conjunta dos integrantes da díade.

- **Quando a mãe aumenta ou suprime as questões fechadas**

Também se observam conseqüências interessantes quando as mães modificam sua maneira de perguntar, acentuando ou suprimindo o uso de questões fechadas. As narrativas mais curtas de três crianças (Cavalinho Piti, Formiga Vermelha e Jogador) ocorreram quando suas respectivas mães aumentaram o uso de questões fechadas. Estas mesmas crianças fizeram suas narrativas mais longas quando as mães utilizaram uma percentagem mais baixa que o habitual de questões fechadas, ou simplesmente não as usaram. Portanto, acentuar o uso de questões fechadas pode ser um fator limitante nas interações narrativas e diminuir seu uso pode favorecer a produção narrativa da criança. Esses resultados, no entanto, não ocorreram com todas as crianças, mas sim com aquelas que já tinham autonomia para narrar, mostrando novamente que a possibilidade de uma estratégia materna ter um resultado positivo ou negativo depende da habilidade narrativa da criança. Nesse sentido, Melzi (2000), ao discutir os resultados de sua investigação, observa que, ao fazer mais questões fechadas, a mãe facilita à criança a tarefa de narrar, pois assume a responsabilidade de conduzir a narrativa, fornecendo as informações sobre os eventos e seqüenciando esses eventos para ela. Essas informações indicam que o uso de questões fechadas tem o seu lugar na interação verbal mãe-criança e parece importante em situações em que há necessidade de auxiliar um narrador iniciante ou possibilitar a narrativa de um evento estressante. Em outras palavras, a mãe precisa discernir quando é útil para a criança ter a tarefa de narrar facilitada para, então, utilizar questões fechadas. Novamente,

Vygotsky (Wertsch, 1985) ajuda a explicar estes resultados: o papel do adulto na interação com a criança deve levar em conta o nível de independência da mesma, evoluindo, na ontogênese, da regulação feita pelo outro para a auto-regulação.

- **Quando a mãe demonstra atenção ao relato da criança de forma mais ou menos ativa do que o habitual**

O investimento de atenção da mãe ao relato da criança, ou seja, a maneira materna de mostrar que está acompanhando e compreendendo o que é dito pode funcionar como interferência ou auxiliar o fluxo do pensamento da criança, ampliando sua narrativa. As mães das duas crianças menores do grupo (Festa Junina e Formiga Vermelha) combinaram as perguntas com recursos mais ativos, como ecos, pistas e informações pertinentes ao tópico em discussão, tendo seus filhos produzido narrativas ricas e em maior número que os demais. Contudo, quando uma dessas mães, a mãe de F. (Festa Junina), aumentou muito o uso de pistas e informações durante a visita produziu-se um efeito contrário, pois a criança mostrou-se incomodada com as interrupções da mãe, e por três vezes, deu por encerrada a conversação. Com uma outra criança, E. (Cavalinho Piti), produziu-se um efeito semelhante durante a visita domiciliar: quando sua mãe modificou sua maneira habitual de ouvi-lo, fornecendo pistas e informando diretamente à pesquisadora, a criança abdicou da autoria do relato. Há, por outro lado, situações em que a mãe intui que o filho não iria se engajar facilmente na conversa e por isso, então, altera seu comportamento.

Assim sendo, mostrar atenção ao relato da criança, através de uma participação mais ativa, utilizando-se de frases sínteses, ecos, pistas e informações, pode ser útil no sentido de permitir que o narrador iniciante estenda sua narrativa para além do que conseguiria sozinho. Nesse tipo de participação, a mãe vai dando *feedbacks* sucessivos para a criança daquilo que ela está entendendo e, por conseguinte, ajuda-a a se ouvir, auxiliando na interiorização da linguagem (Galperin, 1966). Por outro lado, no caso da criança que já possui iniciativa e autonomia para narrar, poderia ser mais interessante que a participação da mãe fosse menos ativa, como constatado por Perroni (1992). Neste último caso, o uso de expressões que mostram atenção pode ser mais apropriado, porque dá ao narrador maior liberdade para narrar (Melzi, 2000). Com menos interferência no fluxo do pensamento da criança esta fica mais livre para assumir a autoria do relato.

- **A questão do encadeamento entre as falas da criança e de sua mãe**

Há ainda um outro aspecto das interações narrativas que parece favorecer a construção de narrativas mais longas e coerentes. Trata-se do encadeamento entre as falas da criança e da mãe. Observa-se que nas narrativas mais longas de cada criança houve uma

sincronia maior entre as falas da criança e a participação da mãe. Nessas ocasiões, evidenciou-se que as mães captaram bem o tópico enfocado pela criança e procuraram utilizar a informação por ela fornecida em suas perguntas subseqüentes. Além disso, tiveram a atitude de um ouvinte atento, pedindo explicações quando não compreendiam. Esta atitude é o que Rice (1989, citado em Borges & Salomão, 2003) chama de contingência da fala materna, referindo-se à articulação imediata da expressão do adulto ao tópico da fala da criança, possibilitando com isso a continuidade da conversação.

Esse encadeamento resulta de um ajuste preciso que se relaciona a outros aspectos mais subjetivos da interação mãe-criança e é dependente da própria história que essa díade construiu ao longo do tempo. Minuchin e Nichols (1993) chamaram de canção silenciosa da vida a esse processo automático e contínuo de ajuste nos relacionamentos afetivos, que é cimentado por uma mútua acomodação e apoio. Entretanto, para os autores, o próprio ruído e tumulto da vida cotidiana podem abafar o som dessas harmonias, levando à falta de sintonia.

Esse tipo de falta de sintonia apareceu em todos os casos, em algum momento, podendo ser observado nas conversações livres que não resultaram em narrativas. Nessas ocasiões, as mães tenderam a (1) falar mais que os(as) filhos(as); (2) usar muitas questões fechadas, principalmente, quando em seqüência; (3) construir frases mais longas; (4) fazer mais de uma intervenção por turno de fala; (5) repetir as questões sem rephraseá-las; (6) e não aproveitar as informações fornecidas pela criança em perguntas subseqüentes. O anexo que exhibe o procedimento para extração de narrativas (Anexo E, pp.172) permite essa observação.

As mães tiveram participações diferentes nos três contextos em que interagiram com seus filhos. Estas diferenças teriam influído nas interações narrativas mãe-criança?

A questão dos contextos

Os contextos (Histórias Dirigidas para a Mãe, Visita Domiciliar e Enquadre Livre) tanto favoreceram como inibiram a produção narrativa das crianças. Por essa razão, não foi possível determinar que algum deles tenha favorecido a emergência de narrativas para todas as crianças. O fato de todos os contextos terem sido dirigidos por adultos pode ter limitado a expressão narrativa da criança, mas examinar a influência da participação da mãe nas interações narrativas era uma questão central nesse estudo. Peterson e McCabe (1983) e Perroni (1992) verificaram que crianças de cinco anos podem recusar-se a narrar ou produzem relativamente poucas narrativas clássicas quando solicitadas por adultos, em comparação às narrativas produzidas quando em interação com crianças da mesma idade.

Portanto, o contexto de pares pode ser mais propício, nesta idade, se o propósito for somente avaliar a capacidade da criança produzir narrativas. Uma série de autores mostra a importância do contexto de pares para o desenvolvimento sociocognitivo da criança (Piaget, 1976; Corsaro, 1992; Corsaro & Eder, 1990).

Já a participação das mães foi bastante afetada pela mudança de contextos. Todas as mães foram mais participativas nos contextos Visita Domiciliar e Enquadre Livre: fizeram mais intervenções, utilizaram mais pistas e agregaram mais informações ao relato da criança. A mãe de C. (Menina que Cresceu) não teve uma participação mais ativa no contexto Visita Domiciliar, mas no Contexto Enquadre Livre, em função da presença do pai, sua participação junto com sua filha foi menos tensa e mais prazerosa. As mães, portanto, não se comportaram sempre da mesma maneira durante as interações verbais com seus filhos, tendo sido influenciadas pelo contexto, assim como pela disposição dos filhos de se engajarem numa conversação. Há, no entanto, características do comportamento das mães que são comuns à maioria das interações narrativas de que participaram.

Os aspectos culturais da participação da mãe nas interações narrativas

Em quatro casos (Cavalinho Piti, Festa Junina, Formiga Vermelha e Jogador), as mães pediram informações em metade das vezes que se dirigiram aos filhos. Na outra metade das intervenções, elas utilizaram recursos variados para auxiliar a criança a seguir falando, sendo que os mais usados foram expressões que mostram atenção, ecos, pistas e informações pertinentes ao tópico em discussão. Porém, essas mães aumentaram o número de questões quando as circunstâncias exigiram, como fez a mãe de E. (Cavalinho Piti) nas narrativas de conflitos no contexto Enquadre Livre, ou quando entenderam que esse era o papel que se esperava delas, como no contexto Visita Domiciliar. As duas mães que não utilizaram o mesmo padrão acima fizeram menos perguntas (Menina que Cresceu e Teatro da Tartaruga) e tiveram as maiores percentagens de expressões que mostram atenção, indicando que a responsabilidade da construção da narrativa esteve com as crianças.

Pesquisas recentes têm verificado diferenças culturais na maneira como as mães participam em conversações com seus filhos. Melzi (2000) constatou, por exemplo, que as mães americanas de origem latina (América Central) estão mais interessadas na habilidade de seus filhos para estabelecer e manter um diálogo, enquanto mães americanas de origem européia (Irlanda) focam sua atenção na habilidade da criança para organizar e descrever a experiência passada. A pesquisadora verificou que as mães latino-americanas foram menos diretivas, assumindo um papel secundário nas co-construções narrativas. Então, preferiram utilizar questões abertas, com o intuito de introduzir aspectos da narrativa que a criança

ainda não tinha discutido. Já as mães euroamericanas foram mais diretivas, isto é, conduziam as narrativas, fornecendo informações sobre o evento e colocando essas informações em seqüência para seus filhos. Por essa razão, preferiram questões fechadas, com o intuito de elaborar melhor o tópico em discussão.

Comparando-se, especificamente, o uso de questões abertas com o de questões fechadas, observa-se que as mães desse estudo fazem mais questões fechadas do que abertas, o que indicaria que elas são mais diretivas, conduzindo as narrativas. Este resultado contradiz aquele de Melzi (2000), que indica que as mães latino-americanas preferem usar questões abertas. A classe social a que pertencem as mães latino-americanas das duas amostras, deste estudo e do de Melzi, poderia explicar algumas dessas diferenças. Este é um tópico para ser desenvolvido em futuras investigações.

Além disso, constata-se que as mães desse estudo fazem questões fechadas com todo tipo de propósito, isto é, para solicitar esclarecimentos sobre ação, sobre contexto e sobre aspectos subjetivos (avaliações). Já as questões abertas são mais usadas para esclarecer ações (70% das questões abertas) e as questões para esclarecer, para pedir informações de orientação (86,9% das questões para esclarecer). Essa ampla utilização das questões fechadas pode estar ligada a características intrínsecas da nossa língua, o que também merece ser melhor investigado.

No estudo de Melzi (2000) também foi observado que as mães latino-americanas preferem usar expressões que mostram atenção, permitindo à criança a liberdade de escolher qualquer aspecto da experiência, mesmo não diretamente relacionado ao tópico. As mães euroamericanas, por sua vez, buscam manter a conversação mais centralizada sobre um tópico, como mostraram pesquisas recentes (Michaels, 2002; Melzi, 2000). Assim, as mães euroamericanas preferem repetir a fala da criança como meio de pedir esclarecimentos e enfatizar aspectos que elas julgam importantes (Melzi, 2000).

Há, no entanto, divergência entre os autores no que concerne à utilidade das mães repetirem as falas dos filhos. McCabe e Peterson (1991), por exemplo, entenderam que repetir as falas da criança não fornece informações, não as ajudando, portanto, a melhorar a habilidade de narrar. Essa não é a opinião de pesquisadoras brasileiras, como Faria (2002), que lembra um detalhe muitas vezes esquecido nas investigações sobre a aquisição da linguagem, a saber, que a mãe também repete a criança, não ocorrendo somente o contrário, ou seja, que a criança repete ou imita a mãe. Assim, também, Vêras e Salomão (2005) verificaram que as mães de crianças com atraso de linguagem, em nossa cultura, utilizam mais esse recurso, numa tentativa de indicar às crianças que a frase ou palavra proferida foi compreendida. Nesse sentido, ecoar as falas da criança parece ser um

comportamento materno remanescente do período de aquisição da fala, tendo a mãe o objetivo de espelhar a fala da criança para ajudá-la a prosseguir.

Neste estudo, constatou-se que os dois recursos mais utilizados pelas mães foram as expressões que mostram atenção e os ecos. Nos seis casos evidencia-se uma preferência das mães pelo uso de expressões que mostram atenção, o que mostra que as mães brasileiras comportaram-se, neste estudo, como as latino-americanas, conforme Melzi (2000). No entanto, em três casos, esta preferência por expressões que mostram atenção é mais evidente. No caso de E. (Cavalinho Piti), essa preferência materna parece apropriada, uma vez que E. já tem autonomia para narrar. No caso de C. (Menina que Cresceu), a mãe não parece estar concedendo liberdade para a filha narrar, mas sim, deixando de fornecer-lhe um suporte adequado. Já no caso de P. (Teatro da Tartaruga), este uso de expressões que mostram atenção alia-se ao uso preferencial desta mãe por questões fechadas. Isto parece ter permitido a ela alternar o controle na condução da narrativa. Como se nota, as mães nem sempre fazem uso dessas expressões considerando o nível de desenvolvimento da criança, como seria o indicado.

No que diz respeito aos ecos, isto é, à repetição de falas da criança, estes foram menos usados por todas as mães, quando comparados às expressões que mostram atenção. As mães que utilizaram esse recurso o fizeram no máximo em 10% das intervenções (Menina que cresceu, Formiga Vermelha e Jogador). Dois desses casos são de narradores iniciantes e a outra criança é uma das mais jovens do grupo (Formiga Vermelha). Por esta razão, é possível que a presença de ecos esteja relacionada ao fato da criança, aos olhos da mãe, ter ainda pouca autonomia, levando-a a espelhar mais as falas da criança. Esta é outra questão que merece investigação futura.

A produção narrativa das crianças

No tempo que corresponde a uma hora de gravação, as crianças produziram de três a dez narrativas de experiências pessoais, não se observando diferenças no número produzido em relação ao gênero. A diferença observada na produção de narrativas das crianças pode dever-se aos diferentes níveis de habilidade narrativa ou a que elas (ou suas mães) não tenham julgado que tivessem acontecido coisas importantes para serem contadas. Como argumentaram Labov (1972) e Bruner (1991), se uma experiência se torna comum, não havendo uma violação de expectativa ou de uma regra de comportamento, a narrativa não é construída. O número de narrativas produzidas neste estudo não pode ser comparado com aquele relatado na literatura (Peterson & McCabe, 1983; Umiker-Sebeok, 1979; Botvin & Sutton-Smith, 1977; Shapiro & Hudson, 1991) por razões diversas. Entre

elas, as mais importantes são a metodologia empregada (estudos longitudinais versus transversais) e o tipo de narrativa investigado (experiências pessoais versus recontos de histórias, narrativas inventadas ou brinquedos narrados).

No que se refere ao número médio de sentenças por narrativa, esperado para crianças que tem entre quatro e cinco anos, há discrepância entre os dados dos diferentes estudos relatados na literatura. A média de sentenças por narrativa encontrada por Peterson e McCabe (1983) para crianças de cinco anos, é de 7,3 para meninas e de 8,1 para meninos. Contudo, as crianças de 40 meses do estudo de Fivush e Haden (1997) obtiveram uma média de 10 sentenças por narrativa. A diferença entre as classes sociais a que pertencem as crianças dessas duas amostras talvez possa explicar essa discrepância.

Neste estudo, a média de sentenças por narrativa para as meninas foi de 18,3, variando de 10,6 e 22,5 sentenças. Já para os meninos, a média de sentenças por narrativa foi de 13,2, variando entre 8,8 e 16,4. Este resultado se aproxima dos resultados de Fivush e Haden (1997) que utilizaram, como no presente estudo, uma amostra de crianças provenientes da classe média. Além disso, os resultados de Haden, Haine e Fivush (1997) também mostraram que as narrativas de meninas eram mais longas.

Quanto à função das sentenças nas narrativas, observa-se, como em estudos anteriores (Fivush & Haden, 1997; Peterson & McCabe, 1983; Umiker-Sebeok, 1979), que as crianças incluem mais informações de orientação e referenciais do que avaliações. No geral, no entanto, também se observa que o gênero influenciou a composição da narrativa das crianças. Nas narrativas das três meninas, uma média de 46,2% das sentenças forneceu informações de orientação, 30,1% esclareceu as ações e 11,7% foram avaliações. Já com relação aos meninos, 42,6% das sentenças referiram-se à orientação, 40,4% foram usadas para esclarecer ações e 8,8% para avaliações. Quando se examina mais detidamente a função das sentenças entre os meninos, verifica-se que em dois meninos a metade das sentenças é utilizada para esclarecer ações e não para orientação. A função orientação cresce entre os meninos graças à participação mais diretiva da mãe do terceiro menino, que conduz a narrativa da criança. Se por essa razão, as narrativas deste terceiro menino não forem consideradas típicas, os resultados mostram que os meninos preferiram esclarecer ações ao invés de fornecer orientações. Esses resultados confirmam Haden, Haine e Fivush (1997) que também encontraram que as meninas forneceram mais informações de orientação e avaliações.

Ainda considerando possíveis diferenças devido a questões de gênero, cabe examinar os tipos de avaliações que meninos e meninas fizeram nesse estudo. A percentagem de vezes que meninos e meninas avaliam a experiência em si, apenas

considerando se ela foi boa ou ruim, é muito próxima (38% para meninos e 34,2% para meninas). Porém, considerando os outros tipos de avaliação incluídos nessa categoria, observam-se diferenças interessantes. As meninas se referem mais a estados internos o que inclui seus sentimentos, idéias e funções mentais (p. ex., estou pensando ou lembrando), como foi constatado por Fivush e Haden (1997). As meninas também utilizaram mais marcadores de intensidade e quantidade junto com comparações (10,5% das avaliações de meninas e 4,7% das de meninos). Esse tipo de avaliação é esperado em crianças de cinco anos, segundo Umiker-Sebeok (1979). Além disso, apenas as meninas fizeram avaliações considerando coisas que poderiam ter acontecido. Já os meninos desse estudo, interpretam mais do que as meninas o que pensam e sentem os outros (38% das avaliações de meninos e 10,5% das de meninas).

Esses achados correspondem a uma amostra pequena, no entanto, produzem indagações. Como lembram Valsiner e Benigni (1986), a criança se desenvolve dentro de um contexto de significados da cultura que fornece aos pais os esquemas para a compreensão das metas e métodos de educação. Então, pode-se pensar que essas diferenças encontradas na forma de avaliar a experiência vivida podem refletir os padrões culturais para a educação de meninos e meninas. Assim, pode ser que o padrão para a educação de meninos ainda seja desenvolver as habilidades necessárias para ataque e fuga. Em contrapartida, as meninas seguiriam sendo mais preparadas para voltarem o olhar para o que acontece dentro de si mesmas e, portanto, estimuladas a pensar mais nos riscos.

Considerações finais

Os resultados desse estudo mostraram que não são os tipos de questões ou estilo materno, tomados isoladamente, os fatores que determinam se a narrativa da criança será ampliada ou inibida. Uma narrativa ampliada parece resultar de uma “colaboração em espiral”, como foi chamada por Haden, Haine e Fivush (1997), que acontece durante as interações narrativas mãe-criança. Assim sendo, é necessário que ocorra uma adequação harmoniosa entre o suporte oferecido pela mãe, as características pessoais da criança e seu nível de desenvolvimento. No entanto, esta adequação está sempre em um movimento de constante transformação. Então, a criança fala e a mãe utiliza o que ela falou para fazer uma afirmação ou pergunta relacionada à idéia da criança que, por sua vez, utilizará a fala da mãe para organizar a sua próxima fala, que estando num outro registro, exigirá novo ajuste da mãe e assim sucessivamente. Este processo assemelha-se ao descrito por Pine (1994, citado em Borges & Salomão, 2003) em relação à aquisição da linguagem. Essa semelhança, provavelmente, se deve ao fato dessas duas aquisições, a linguagem e a forma

narrativa, compartilhem as mesmas estruturas cognitivas subjacentes, como sugeriram Botvin e Sutton-Smith (1977).

É necessário, portanto, examinar o suporte verbal materno em conjunto com o nível de desenvolvimento da criança, considerando sua idade e estágio do desenvolvimento da habilidade de narrar, utilizando assim um modelo bidirecional. Fivush (1991) já havia chamado a atenção para a bidirecionalidade no processo de desenvolvimento narrativo da criança, ressaltando que a habilidade verbal da criança pode influenciar o estilo narrativo da mãe, já que a criança que é verbalmente mais sofisticada elicia um estilo narrativo mais sofisticado da mãe. Pesquisas brasileiras recentes sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem também indicam isso, destacando-se entre elas o trabalho de Salomão e suas colaboradoras (Borges & Salomão, 2003; Braz & Salomão, 2002; Vêras & Salomão, 2005).

Os resultados do presente estudo confirmam que as crianças aprendem a narrar, em conversas sobre eventos passados com os adultos de seu meio imediato e que essas conversas parecem se constituir no cenário ideal para essa aprendizagem. É esse cenário de atividade social que oportuniza a colaboração do adulto com a criança, que ao lhe fornecer seu suporte permite que ela possa ir além de seus limites, constituindo-se em uma atividade que acontece no espaço que Vygotsky chamou de zona de desenvolvimento próximo. Essa aprendizagem, por sua vez, terá múltiplas implicações sobre o desenvolvimento da criança, pois permitirá futuras aquisições cognitivas, permeará as trocas afetivas com os outros (família/grupo social) e a construção da própria história pessoal. A esse respeito, Welch-Ross (1997) argumentou que parece ser bom para a criança coordenar a própria representação do evento com a do seu parceiro adulto em uma conversa sobre o passado, participando, assim, de um ato de intersubjetividade e atenção compartilhada. Assim, durante essas conversas sobre o passado, a criança vai organizando suas memórias em representações narrativas, o que por sua vez, permitirá o acesso posterior a elas. Como consequência, poderá organizar a sua própria linha de vida.

Algumas dificuldades metodológicas que foram se apresentando no decorrer da investigação merecem ser destacadas. A primeira delas refere-se a como as mães entenderam sua tarefa na pesquisa, e como a desenvolveram no primeiro contexto. A solicitação de gravar a criança contando coisas que ela tivesse realmente vivido foi, de uma certa forma, mal interpretada, pois todas as mães gravaram também outras produções, como relato de histórias, histórias inventadas e brincadeiras narradas. Exemplificando, a mãe de P. (Teatro da Tartaruga), por exemplo, não gravou nenhuma experiência pessoal durante o Contexto Histórias Dirigidas para a Mãe. Já a mãe de L., incluiu seu outro filho

em várias ocasiões durante esse mesmo contexto, quando foi pedido para que as gravações fossem realizadas sem a presença de outras pessoas. Estas situações obrigaram a que fossem utilizados outros dois contextos, Visita Domiciliar e Enquadre Livre, facilitando assim a emergência das histórias.

No que diz respeito às situações em que ocorreram gravações, as brincadeiras e jogos, além de não favorecerem a narrativa de experiências pessoais, dificultaram muito a transcrição das fitas, obrigando a edição das mesmas. Além disso, como já era esperado, a situação artificial introduzida pela presença do gravador interferiu tanto na produção da narrativa da criança, quanto na participação da mãe. São exemplos disso, interrupções de mães para que a criança falasse mais perto ou mais alto para ser gravada e pedidos das crianças para parar ou para não gravar. Houve, no geral, no entanto, um esforço por parte das mães para que as gravações se efetuassem da melhor maneira.

Ainda a esse respeito, é preciso considerar que as gravações não captam as contribuições não-verbais da criança (ou da mãe), pois não incluem as respostas gestuais, as mímicas faciais e a troca de olhares que substituem as palavras, como já advertia Goffman (1998). Nesse sentido, não é possível precisar o que motivou a mãe a insistir mais ou desistir de perguntar algo à criança. Da mesma forma, nada sabemos do comportamento não-verbal da mãe durante a fala do(a) filho(a). Por exemplo, ela poderia estar emitindo sinais de estar atenta, incentivando que a narrativa se estendesse, ou ao contrário, estar dividindo sua atenção com outras coisas, inibindo um relato mais pormenorizado. As gravações certamente apontam para tais situações, mas não é possível ter certeza disso. É importante, dizer, no entanto, que a grande maioria dos estudos que investigam a interação narrativa mãe-criança utiliza audiogravação.

Torna-se necessário ainda fazer algumas considerações gerais sobre a questão do tempo de gravação e do número de registros. O caso Cavalinho Piti teve o menor tempo de gravação (26 min 23 seg), mas teve o segundo maior número de registros (15) e o segundo maior número de narrativas (8). Esses dados indicam que essa mãe fez uma seleção prévia, gravando estritamente os momentos em que iriam ocorrer narrativas de experiências pessoais. Então, o tempo de gravação ou o número de registros não significam, necessariamente, um número maior de narrativas. Para exemplificar, quando as mães gravaram trinta minutos (Contexto Enquadre Livre), verificou-se que as crianças produziram de uma a quatro narrativas.

Já quanto ao uso de critérios para identificação dos estilos altamente e pouco elaboradores, os resultados deste estudo confirmam o que já foi constatado por Reese e Fivush (1993), a saber, que as mães podem apresentar características dos dois estilos,

diferindo apenas na prevalência de um em relação ao outro. Além disso, observa-se que há outros fatores que também influenciam como a mãe participará em uma interação narrativa, como seu interesse pelo tema ou sua percepção de que o(a) filho(a) está com dificuldade de falar sobre o assunto, como já discutido anteriormente.

Finalmente, para a realização de pesquisas futuras sobre as interações verbais mãe-criança, sugere-se examinar durante as seqüências das falas entre a mãe e a criança, onde se localizam as questões abertas, para esclarecer e fechadas. Esse caminho destacará a evolução do diálogo, mantendo o olhar no encadeamento das falas. Além disso, sugere-se investigar como mãe e filho(a) compreendem o enunciado um do outro, e como traduzem o que compreenderam em sua fala subsequente.

REFERÊNCIAS

- Andolfi, M., Angelo, C., Menghi, P., Nicolò-Corigliano, A. M. (1989). Por trás da máscara familiar. (M. C. R. Goulart, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1983)
- Andolfi, M. (1996). A linguagem do encontro terapêutico. (R. S. Di Leone, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1994)
- Borges, L. C. & Salomão, N. R. (2003). Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. Psicologia Reflexão e Crítica, 16(2), 327-336.
- Botvin, G. & Sutton-Smith, B. (1977). The development of complexity in children's fantasy narratives. Developmental Psychology, 13, 377-388.
- Braz, F. S. & Salomão, N. R. (2002). A fala dirigida a meninos e meninas: um estudo sobre o *input* materno e suas variações. Psicologia Reflexão e Crítica, 15(2), 333-344.
- Brockmeier, J. & Harré, R. (2003). Narrativa: Problemas e promessas de um paradigma alternativo. Psicologia Reflexão e Crítica, 16(3), 525-535.
- Bruner, J. (1985). Vygotsky: a historical and conceptual perspective. Em J. V. Wertsch (Org.), Culture, communication and cognition – Vygotskian Perspectives (pp. 21-34). London: Cambridge University Press.
- Bruner, J. (1987). Life as narrative. Social Research, 54(1), 11-32.
- Bruner, J. (1991). The narrative construction of reality. Critical Inquiry, 18, 1-21.
- Bruner, J. (1997a). Realidade mental mundos possíveis. (M. A. G. Domingues, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.(Original publicado em 1986)
- Bruner, J. (1997b). Atos de significação. (S. Costa, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.(Original publicado em 1990)
- Cain, K. (2003). Text comprehension and its relation to coherence and cohesion in children's fictional narratives. British Journal of Developmental Psychology, 21, 335-351.

- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Corsaro, W. A. (1992). Interpretative reproduction in children's peer cultures. Social Psychology Quarterly, *55*(2), 160-177.
- Corsaro, W. A. & Eder, D. (1990). Children's peer cultures. Annual Review of Sociology, *16*, 197-220.
- Costa, E. V. & Lyra, M. D. P. (2002). Como a mente se torna social para Barbara Rogoff? A questão da centralidade do sujeito. Psicologia Reflexão e Crítica, *15*(3), 637-647.
- Dunn, J. (1988). The beginnings of social understanding. Cambridge: Harvard University Press.
- Faria, N. R. B. (2002). A área de aquisição de linguagem sob os efeitos do reconhecimento da ordem própria da língua. Em A. Spinillo; G. Carvalho & T. Avelar (Orgs.), Aquisição da linguagem: teoria e pesquisa (pp. 13-43). Recife: Editora da UFPE.
- Fiese, B. H. & Wamboldt, F. S. (2003) Coherent accounts of coping with a chronic illness: Convergences and divergences in family measurement using a narrative analysis. Family Process, *42*, 439-451.
- Fivush, R. (1991). The social construction of personal narratives. Merrill-Palmer Quarterly, *37*(1), 59-82.
- Fivush, R. & Haden, C. A. (1997). Narrating and representing experience: Preschoolers' developing autobiographical accounts. Em P. W. van den Broek, P. J. Bauer & T. Bourg (Orgs.), Developmental spans in event comprehension and representation (pp. 169-196). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Galperin, P. Y. (1966). On the notion of internalization. Voprosy psikhologii, *12*(6), 28-33.
- Goffman, E. (1998). Footing. Em B. T. Ribeiro & P. M. Garcez (Orgs.), Sociolinguística interacional: Antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso (pp. 70-97). Porto Alegre: AGE.

- Gonçalves, N. T. (1996). Ouvindo nossos mestres: Integrando teorias e técnicas. Em L. C. Prado (Org.), Famílias e terapeutas: Construindo caminhos (pp. 37-68). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gutfreind, C. (2003). O terapeuta e o lobo: A utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Habermas, T. & Paha, C. (2001). The development of coherence in adolescents' life narratives. Narrative Inquiry, 11(1), 35-54.
- Haden, C. (1998). Reminiscing with different children: Relation maternal stylistic consistency and sibling similarity in talk about the past. Developmental Psychology, 34(1), 99-114.
- Haden, C. A., Haine, R. A. & Fivush, R. (1997). Developing narrative structure in parent-child reminiscing across the preschool years. Developmental Psychology, 33(2), 295-307.
- Heath, S. B. (2002) What no bedtime story means: narrative skills at home and school. Em Alessandro Duranti (Org.), Linguistic Anthropology (pp. 319-342). Oxford: Blackwell Publishing.
- Hollingshead, A. B. (1975). Four factor index of social status. Working paper, Yale University, New Haven, CT.
- Hudson, J. & Nelson, K. (1983). Effects of script structure on children's story recall. Developmental Psychology, 19(4), 625-635.
- Hudson, J. A. & Shapiro, L. S. (1991). From knowing to telling: The development of children's scripts, stories and personal narratives. Em A. McCabe & C. Peterson (Orgs.), Developing narrative structure (pp. 89-136). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Imber-Black, E. (1994). Segredos na família e na terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Labov, W. (1972). Language in the inner city. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Labov, W. & Waletzky, J. (1967). Narrative analysis: Oral versions of personal experiences. Em J. Helm (Org.), Essays on verbal and visual arts (pp. 12-44). Seattle: University of Washington Press.
- Low, J. & Durkin, K. (1998). Structure and causal connections in children's on-line television narratives: What develops? Cognitive Development, 13, 201-225.
- Low, J. & Durkin, K. (2000). Event Knowledge and children's recall of television based narratives. British Journal of Developmental Psychology, 18, 247-267.
- Low, J. & Durkin, K. (2001). Individual differences and consistency in maternal talk style during joint story encoding and retrospection: Associations with children's long-term recall. International Journal of Behavioral Development, 25(1), 27-36.
- McCabe, A. & Peterson, C. (1991) Getting the story: A longitudinal study of parental styles of narrative elicitation. Em A. McCabe & C. Peterson (Orgs.), Developing narrative structure (pp. 217- 253). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Melzi, G. (2000). Cultural variations in the construction of personal narratives: Central American and European American mothers' elicitation styles. Discourse Processes, 30(2), 153-177.
- Michaels, S. (2002). Apresentação de narrativas: uma preparação oral para a alfabetização com alunos da primeira série. Em J. Cook-Gumperz (Org.), A construção social da alfabetização. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. & Nichols, M. P. (1993). A cura da família. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nelson, K. (1998). Comentary on Mark Freeman's "Mythical Time, Historical Time, and the Narrative Fabric of Self". Narrative Inquiry, 8(2), 409-418.

- Nelson, K. (2000). Narrative, time and emergence of the encultured self. Culture & Psychology, 6 (2), 183-196.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1998). Terapia familiar: Conceitos e Métodos. (M. F. Lopes, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1995)
- Penuel, W. R. & Wertsch, J. V. (1995). Vygotsky and identity formation: a sociocultural approach. Educational Psychologist, 30(2), 83-92.
- Perroni, M. C. (1992). O desenvolvimento do discurso narrativo. São Paulo: Martins Fontes.
- Peterson, C. & Biggs, M. (1998). Stitches and casts: Emocionalidade and narrative coherence. Narrative Inquiry, 8(1), 51-76.
- Peterson, C. & McCabe, A. (1983). Developmental psycholinguistics. New York: Plenum Press
- Peterson, C. & McCabe, A. (1994). A social interactionist account of developing decontextualized narrative skill. Developmental Psychology, 30(6), 937-948.
- Peterson & McCabe, (1991). Getting the story: A longitudinal study of parental styles in eliciting narratives and developing narrative skill. Em A. McCabe & C. Peterson (Orgs.), Developing narrative structure (pp. 215-253). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Piaget, J. (1976). Écrits Sociologiques. Revue européenne des sciences sociales, 38-39, 44-197.
- Reese, E., Haden, C. & Fivush, R. (1993). Mother-child conversations about the past: Relationships of style and memory over time. Cognitive Development, 8, 403-430.
- Reese, E. & Fivush, R. (1993). Parental styles of talking about the past. Developmental Psychology, 29(3), 596-606.

- Robson, C. (1993). General design issues. Em C. Robson (Org.), Real world research: A resource for a social sciences and practioner-researcher (pp. 38-76). Oxford: Blackwell.
- Rogoff, B. (1990). Apprenticeship in thinking: Cognitive development in social context. New York: Oxford University Press.
- Shapiro, L. R. & Hudson, J. A. (1991). Tell me a make-believe story: Coherence and cohesion on young children's picture-elicited narratives. Developmental Psychology, 27(6), 960-974.
- Shiro, M. (2003). Genre and evaluation in narrative development. Journal of Child Language, 30, 165-195.
- Silva, M. E. L. & Spinillo, A. G. (2000). A influência de diferentes situações de produção na escrita de histórias. Psicologia Reflexão e Crítica, 13(3), 337-350.
- Spinillo, A. G. (1993). Era uma vez... E foram felizes para sempre: Esquema narrativo e variações experimentais. Temas de psicologia, 1, 67-87.
- Stake, R. E. (1994). Case studies. Em N. Denzin & Y. Lincoln (Orgs.), Handbook of qualitative research (pp. 236-247). Londres: Sage.
- Umiker-Sebeok, J. (1979). Preschool children's intraconversational narratives. Journal of Child Language, 6, 91-109.
- Valsiner, J. & Benigni, L. (1986). Naturalistic research and ecological thinking in the study of child development. Developmental review, 6, 203-223.
- Valsiner, J. (1991). Building theoretical bridges over a lagoon of everyday events. Human development, 34, 307-315.
- Van den Broeck, P., Lorch, E., & Thurlow, R. (1996). Children's and adults' memory for memory for television stories: The role of causal factors, story-grammar categories and hierarchical level. Child Development, 67, 3010-3028.

- Véras, R. M. & Salomão, N. R. (2005). Interações entre díades mãe-criança que apresentam a linguagem expressiva típica e díades mãe-criança que apresentam a linguagem expressiva atrasada. Interação em Psicologia, 9(1), 165-176.
- Vygotsky, L. S. (1988). Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes
- Vygotsky, L. S. (1989). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1930)
- Welch-Ross, M. K. (1997). Mother-Child participation in conversation about the past: Relationships to Preschoolers' Theory of Mind. Developmental Psychology, 33(4), 618-629.
- Wertsch, J. V. (1985). Adult-child interaction as a source of self-regulation in children. Em S. R. Tussen (Org.), The growth of reflection in children (pp. 69-97). Orlando: Academic Press.
- Wertsch, J. V. & Sohmer, R. (1995). Vygotsky on learning and development. Human development, 38, 332-337.
- White, S. & Low, J. (2002). When mothers turn a visual story into a verbal one for their children: Previewing helps with the telling, conversing, and remembering. International Journal of Behavioral Development, 26(4), 360-370.
- Winnicott, D. (1975). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Lista de Tabelas

Caso 1

Tabela 1. Síntese da interação narrativa 1	192
Tabela 2. Síntese da interação narrativa 2	198
Tabela 3. Síntese da interação narrativa 3	200
Tabela 4. Síntese da interação narrativa 4	201
Tabela 5. Síntese da interação narrativa 5	203
Tabela 6. Síntese da interação narrativa 6	206
Tabela 7. Síntese da interação narrativa 7	208

Caso 2

Tabela 8. Síntese da interação narrativa 1	210
Tabela 9. Síntese da interação narrativa 2	211
Tabela 10. Síntese da interação narrativa 5	214
Tabela 11. Síntese da interação narrativa 6	215
Tabela 12. Síntese da interação narrativa 7	217
Tabela 13. Síntese da interação narrativa 8	219

Caso 3

Tabela 14. Síntese da interação narrativa 1	223
Tabela 15. Síntese da interação narrativa 2	225
Tabela 16. Síntese da interação narrativa 3	227
Tabela 17. Síntese da interação narrativa 4	228
Tabela 18. Síntese da interação narrativa 5	230
Tabela 19. Síntese da interação narrativa 6	236
Tabela 20. Síntese da interação narrativa 7	239
Tabela 21. Síntese da interação narrativa 8	241
Tabela 22. Síntese da interação narrativa 9	243
Tabela 23. Síntese da interação narrativa 10	246

Caso 4

Tabela 24. Síntese da interação narrativa 1	248
Tabela 25. Síntese da interação narrativa 2	251
Tabela 26. Síntese da interação narrativa 3	255

Caso 5

Tabela 27. Síntese da interação narrativa 1	257
Tabela 28. Síntese da interação narrativa 2	261
Tabela 29. Síntese da interação narrativa 3	268

Tabela 30. Síntese da interação narrativa 4	270
Caso 6	
Tabela 31. Síntese da interação narrativa 1	272
Tabela 32. Síntese da interação narrativa 2	273
Tabela 33. Síntese da interação narrativa 3	276
Tabela 34. Síntese da interação narrativa 4	278
Tabela 35. Síntese da interação narrativa 5	279

CONVERSAR SOBRE O PASSADO NA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA

Lídia Suzana Rocha de Macedo

**Volume II
(Anexos)**

**Dissertação apresentada como exigência parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia
sob orientação da Prof^ª Dr^ª Tania Mara Sperb**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento**

Maio, 2006

SUMÁRIO

Volume II

ANEXOS

Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido – para a escola	166
Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido – para os pais	167
Anexo C – Carta Convite para a mãe	168
Anexo D – Roteiro da entrevista semi-dirigida com a mãe.....	169
Anexo E – Procedimento de extração de narrativas	172
Anexo F – Caso Festa Junina	192
Anexo G – Caso Cavalinho Piti.....	209
Anexo H – Caso Formiga Vermelha	220
Anexo I – Caso Jogador	247
Anexo J – Caso Teatro da Tartaruga	256
Anexo K – Caso Menina que Cresceu.....	271

ANEXO A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

À direção da escola

Estamos realizando uma pesquisa a fim de compreender melhor quantas e quais são as informações que as crianças e os adultos de um mesmo grupo familiar lembram sobre as experiências passadas. Nossa intenção é verificar se existe uma relação entre a maneira de falar sobre o passado e a forma como as crianças narram suas experiências.

A escola infantil é um espaço privilegiado para o estudo desse fenômeno, pois, de acordo com a teoria, a criança aprende a narrar suas experiências durante o período pré-escolar. Além disso, como os pais de crianças dessa faixa etária costumam participar da vida escolar, a escola também pode viabilizar o acesso da pesquisadora aos pais.

Para essa pesquisa, estamos solicitando às mães que gravem aqueles momentos em que as crianças estiverem dispostas a contar algum acontecimento. Depois de entregues, as gravações serão registradas por escrito. A pesquisadora fará uma visita à casa da criança com o objetivo de solicitar que a criança conte algo que lhe aconteceu. Novamente, haverá uma gravação e uma transcrição posterior. Numa última etapa, a pesquisadora providenciará uma apresentação de um mágico para todas as crianças da sala de aula. As crianças que participarem do estudo serão convidadas, individualmente, a contar para a pesquisadora o que aconteceu nesse evento. Todos os participantes receberão nomes fictícios com a finalidade de não serem identificados. As informações serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e ficarão guardadas no Instituto de Psicologia da UFRGS.

Pelo presente consentimento declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa. Tenho o conhecimento de que receberei respostas a quaisquer dúvidas sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa. Estou ciente que terei total liberdade para retirar o meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer prejuízo.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto de pesquisa são a Prof^a Dr^a Tânia Mara Sperb, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e a mestranda Lídia Suzana Rocha de Macedo (fone para contato: 33282353).

Data __/__/__.

Diretora da Escola

Pesquisador Responsável

ANEXO B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Aos pais

Estamos realizando uma pesquisa a fim de compreender melhor quantas e quais são as informações que as crianças e os adultos de um mesmo grupo familiar lembram sobre as experiências passadas. Nossa intenção é verificar se existe uma relação entre a maneira de falar sobre o passado e a forma como as crianças narram suas experiências.

Por esta razão, estamos solicitando às mães que gravem aqueles momentos em que as crianças estiverem dispostas a contar algum acontecimento. Depois de entregues, as gravações serão registradas por escrito. A pesquisadora fará uma visita à casa da criança com o objetivo de solicitar que a criança conte algo que lhe aconteceu. Novamente, haverá uma gravação e uma transcrição posterior. Todos os participantes receberão nomes fictícios com a finalidade de não serem identificados. As informações serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e ficarão guardadas no Instituto de Psicologia da UFRGS.

Pelo presente consentimento declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa. Tenho o conhecimento de que receberei respostas a quaisquer dúvidas sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa. Estou ciente que terei total liberdade para retirar o meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer prejuízo.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto de pesquisa são a Prof^a Dr^a Tânia Mara Sperb, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e a mestranda Lídia Suzana Rocha de Macedo (fone para contato: 33282353).

Data __/__/__.

Participante do Projeto

Pesquisador Responsável

ANEXO C
CARTA CONVITE DA PESQUISA

Prezada Mãe

Como muitos contadores de história que vieram antes de mim, vou contar uma história que não é minha, mas que se tornou minha, porque se misturou ao motivo pelo qual me dirijo à você. Era uma vez numa terra distante, uma tribo que nunca havia tido contato com a televisão. Nessa tribo havia um contador de histórias chamado N’Guma. Ele sabia muitas histórias. Ele falava de lugares conhecidos e desconhecidos, de tempos distantes que já se foram e de tempos que virão, de histórias vividas por seus companheiros ou por outros que tinham vivido muito antes dele. Todos gostavam muito de estar com N’Guma, mas quando a TV chegou, parecia que tudo iria mudar. As pessoas ficavam todo o tempo hipnotizadas diante da TV e não procuravam mais o contador de histórias. Porém, com o passar do tempo, quando o poder do encanto da TV diminuiu, N’Guma voltou a ser procurado. Eles tinham descoberto que a TV contava muitas histórias, mas somente N’Guma contava a história deles.

Há muitas histórias a serem contadas, mas é preciso primeiro aprender a contá-las. Fivush e Haden (1997) consideram que as histórias são bem mais do que um meio conveniente de comunicar nossas experiências aos outros, porque, antes de tudo, elas seriam a maneira através da qual compreendemos nossa vida e a nós mesmos.

Sabe-se, no entanto, pouco sobre como se desenvolve esse processo de aprender a narrar, coerentemente, as próprias experiências no contexto familiar. A teoria indica que o período em que essa aprendizagem ocorre é o da pré-escola. Gostaria de convidar você para participar de uma pesquisa, cujo objetivo é levantar maiores informações sobre como a criança aprende a narrar suas experiências. Para maiores esclarecimentos, basta preencher seus dados, colocar no envelope e entregar para a professora, a seguir, entrarei em contato.

Lídia S. Rocha de Macedo

Psicóloga Clínica – Mestranda em Psicologia do Desenvolvimento da UFRGS

Dados de identificação

Nome da mãe:

Nome do pai:

Nome e idade dos filhos:

Endereço:

Telefone:

Melhor horário para contato:

ANEXO D
ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A MÃE

Bom, (nome da mãe), o meu nome é Lúcia. Sou psicóloga clínica, especialista em terapia familiar e faço mestrado na UFRGS, em psicologia do desenvolvimento. O interesse da minha pesquisa, como expliquei na carta convite, é compreender como a criança aprende a narrar as coisas que viveu. Hoje se sabe que isso tem relação com o desenvolvimento cognitivo, favorecendo o lembrar e o pensar, e, participando da maneira como a criança vai compreender o mundo e a si mesma. Com essa justificativa, vou te dar um pouco de trabalho, porque o ideal é saber como a criança conversa com a mãe em casa, na seu dia-a-dia. Então, primeiro, nós vamos ver qual é a horinha ideal em que (nome da criança) gosta de contar as coisas que aconteceram. Daí, vou te pedir para gravar os momentos em que (nome da criança) estiver contando para ti e tu estiveres conversando com ela(e) como costumás fazer. Isso deve acontecer durante um mês. Durante esse mês, quero que tu seleções três acontecimentos que ela(e) tiver contado, situações que tu sabes que ela(e) vai lembrar. Depois disso, eu vou marcar uma visita na tua casa. Daí, enquanto não estiveres na sala, vou pedir que ela me conte um deles. Então, em agosto virá um contador de histórias na sala de aula e contará uma história. Depois disso, vou chamar (nome da criança) para me contar essa história, para que todas as crianças participantes tenham a mesma história para contar. Os dados serão utilizados para fins de pesquisa e todos os nomes serão mantidos em sigilo e trocados por nomes fictícios. Está bem para ti ?

Então, agora, eu vou te fazer algumas perguntas para conhecer melhor em que ambiente vive (nome da criança).

1) Dados de identificação:

nome:	sexo:
data de nascimento:	idade:
estado civil:	profissão:
nível de instrução:	
religião:	
situação profissional:	
muito satisfatória ()	satisfatória ()
estável ()	regular ()
	instável ()

2) Dados de identificação do cônjuge:

nome:	sexo:
data de nascimento:	idade:
estado civil:	profissão:
nível de instrução:	
religião:	
situação profissional:	
muito satisfatória ()	satisfatória ()
estável ()	regular ()
	instável ()

3) Composição familiar:

nome	idade	sexo	profissão	parentesco

4) Características, estrutura e funcionamento da família:

- Existem problemas de saúde na família ? sim () não ()
especifique:.....
- Como vocês lidam com a questão da autoridade em casa ?
bem () razoavelmente bem () nem sempre bem () com dificuldade ()
- Como vocês resolvem os problemas ?
conversam até resolver () pedem ajuda a um terceiro () conversam e brigam, mas ficam com sensação de que as coisas não se resolvem () evitam falar para não dar briga () brigam e se afastam () cada um se resolve por si ()
- Como vocês lidam com os sentimentos ?
expressam carinho verbalmente () fisicamente ()
habitualmente () muitas vezes () poucas vezes () raramente ()
expressam raiva verbalmente () fisicamente ()
habitualmente () muitas vezes () poucas vezes () raramente ()
expressam medo () ansiedade ()
habitualmente () muitas vezes () poucas vezes () raramente ()
- Como é a relação com a família de origem materna ?
muito próxima () próxima () um pouco distante () distante ()
- Como é a relação com a família de origem paterna:
muito próxima () próxima () um pouco distante () distante ()
- Como é o relacionamento em casa ?
mais intimidade com a mãe () com o pai () entre os irmãos ()
entre um dos pais e filhos () entre um dos pais e outro adulto ()
- Aconteceram perdas na família nuclear (mortes, separações) ?
ausentes () presentes () especifique:
- Aconteceram perdas na família de origem (mortes, separações) ?
ausentes () presentes () especifique:
- Como se dão as relações sociais da família (amigos, colegas de trabalho, clube, academia)?
aberta () limitada alguns setores ()
trocas restritas () fechada ()
- A família compartilha crenças ou atividades? Quais?
política () religiosas () culturais () trabalho social () festas () esportes ()
- O que o trabalho representa nessa família ?
forma de substituir () razão para viver () satisfação pessoal () subsistência ()
- Alguém tem o hábito de falar sobre o passado ? Não () Sim () Quem ?
Em que circunstâncias ?
Com que frequência ?
- Alguém conta histórias para a criança ? Não () Sim () Quem ?
Em que circunstâncias ?
Com que frequência ?

- Qual o espaço que a TV ocupa na vida familiar ? Descrever a rotina da família quanto ao hábito de ver TV.
- Qual o espaço que o computador ocupa na vida familiar ? Descrever a rotina da família quanto ao hábito de utilizar o computador.

5) Rotina com a criança

- Horário que a criança acorda:
- O que toma de café da manhã? Quem dá ?

- Quem leva para a escola ?
- Quem busca na escola ?
- Quem almoça com a criança ?
- O que a criança faz à tarde ?
- Quem se ocupa da higiene da criança ?
- Quem janta com a criança ?
- A que horas a criança vai se deitar ?
- A criança usa o bico ou algum objeto na hora de dormir ?
- Quem se ocupa da criança nessa hora ?
- Existe algum momento do dia em que a criança costuma falar mais das coisas que fez ?

ANEXO E
PROCEDIMENTO PARA EXTRAÇÃO DAS NARRATIVAS

TRANSCRIÇÃO DAS FITAS DO CASO “MENINA QUE CRESCER”

1- CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

Nº de registros: 6

Tempo total de gravação: 12 minutos e 30 segundos

Nº de narrativas de experiências pessoais: 2

Observação: o início e o fim de cada narrativa estão em negrito.

1º Registro

Criança: ... no clube, eu...

Mãe: Fica aí.

Criança: Nadei na outra piscina só pra grande, e eu nadei que nem cachorrinho. E...

Mãe: Com quem que foi?

Criança: O pai, e mais ninguém.

Mãe: Aha. E que mais que tu fez?

Silêncio.

Criança 2: ... vou botar...

Criança: Eu vou botar, eu vou botar. Eu, porque eu sou a dona.

(corte na gravação)

2º Registro

(início de N1)

Mãe: Ihhh... Bah...

Criança: E daí eu cresci muito, muito, muito, e a profe viu que eu cresci. E nem disse que os coleguinhas cresceram.

Mãe: Só tu cresceste? Bah, tu vê.

Criança: E a profe cresceu.

Mãe: E a profe cresceu. Ah, e vocês se mediram, como é que foi?

Criança: Não, é que eu, eu, eu tinha um monte de anos e cresci. Tinha todos os anos. Tinha 10, mais 6 mais 7, tinha 8, mais 9, mais 10.

Mãe: Bah, tu vê. Tu já estás velha então.

(fim de N1)

(corte na gravação)

3º Registro**(início de N2)**

Criança: ... uma menininha boba. Daí ele me deu uma mordidona, quando tava guardando minhas coisas. Daí, eu coloquei outra vez, ele deu uma arranhada em mim, uma arranhada na minha mão.

Mãe: Mas e porque que ele te arranhou?

Criança: Porque eu tava mexendo no osso dele e ele me arranhou. Ele, é porque ele tava com osso.

Mãe: Mas então tu gostas de mexer com ele?

(fim de N2)

Criança: Daí o, eu ganhei um rádio, um rádio. O papagaio, um... uma estrela, eu ganhei, uma barbie, coroa rosa. Não, coroa “corolida”.

Mãe: Risos.

Criança: Corolida... corolida...

Mãe: Colorida.

Criança: Colorida.

Mãe: Isso.

Criança: Daí eu tava carregando a minha mochila, eu fui pra aula sozinha. Porque eu cresci.

Mãe: Ah, tu queres crescer então?

Criança: Daí, eu tava andando, eu tava assim: ióóó, ióóó (*imitando barulho de ambulância*)... Sei...

(*corte na gravação*)

4º Registro

Criança: ... e a gente tava no avião indo lá pra praia. O avião levou pra praia nós. A gente tava no avião, aqui era o avião. Mãe eu quero...

Mãe: Mas tu te lembras... tu te lembras que a gente foi passear de avião e tu gostastes?

Criança: Sim.

Mãe: Hum, tu ficaste ao lado do pai... Ficaste olhando lá para rua.

Criança: (*cantando*) A baratinha Iaia, a baratinha Ioio. Bateu asas e voou. (*repete diversas vezes*)

Silêncio.

Mãe: E agora?

Criança: Quer ver, mãe, vou dar um chute...

Mãe: M.! (*nome do cachorro*)

Criança: Quer ver, mãe, vou dar... kuat, kuat, kuat...

(*corte na gravação*)

5º Registro

Mãe: Não conseguiu?

Criança: Ih, foi lá pra barriga, ele ficou três... caiu a orelhinha...

Mãe: Ta, não tem problema. Continua contando a história.

Criança: Daí foi encolhido, por uma, por um esmalte.

Mãe: Risos. Hum, e daí?

Criança: Daí... ele tava, sabe quando? Gordão.

Mãe: Bah...

Criança: Aqui oh, aqui.

Mãe: Aha.

Criança: Entrou aqui na (*garandão????*). Daí saiu pela barriga... (*Criança fala algo cochichando*). foi lá, e ele engoliu. Ele foi ferido porque caiu, levou uma multa do guarda... o guarda tava passeando... (*Criança fala algo cochichando*).

Mãe: Ta.

Criança: Faz de conta que ele era de... ah, ah... que ele era brabo.

Mãe: Ta.

Criança: E levou uma multa com o guarda. Pá, pá. E foi lá pro hospital. Alguém carregou e não sangrou mais. É, a enfermeira, a enfermeira... Ta, ta, ta (*cantando*). Agora outra. Vou escolher uma historinha.

Silêncio. Barulhos na sala.

Criança: (*ao longe*) Essa pode ser, mãe? Essa pode ser?

Mãe: Aha.

Criança: Ra, ra ra. A barriga com uma faca... e...

Mãe: Humm.

Criança: Eu tava na escola, com guardinha... croc, croc, croc...

Mãe: Aha.

Criança: Ximbi... daí a enfermeira, sabe o que que ela fez? Botou um perfume no cabelo, botou batom, sapato, ficou cheiroso. Botou, botou. Lavou o cabelo, botou até este...

Mãe: Aha.

Criança: Tomou banho, ai... O cabelo dela ficou bem cheirosinho.

Mãe: Aha. Ta, e ai, o que aconteceu na história?

Criança: Daí ele, ela botou um pouco do outro. Hum, ta cheiroso. Daí ela botou este.

Mãe: Aha.

Criança: Ela só botou um pouco. Toda, mas só na pernas. E tomou banho, ficou tanto cheirosa, que viveu felizes para sempre.

Palmas.

Criança: Mãe, não ficou...

(corte na gravação)

6º Registro

Criança: Vou lavar... Meu ta dormindo?

Mãe: Não.

Criança: Onde ele foi?

(corte na gravação)

2- CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

Nº de registros: 2

Tempo total de gravação: 45 segundos

Nº de narrativas de experiências pessoais: nenhuma

Ψ: Conta prá mim aqui, como é que essa história...de quando tu visitaste...?

Criança: Eu não gosto.

Mãe: A fada deu isso aqui prá ela e ela colocou um monte de tique-taque na cabeça. Como é que eram as brincadeiras que vocês faziam lá ?

Criança: Eu andei, sabe o quê? Não me lembro.(diz bem baixinho, se encolhendo junto da mãe e afundando o rosto em seu colo)

Mãe: *(ri e se dirige para mim)* Tu viu? *(segue rindo)*

Ψ: Então, conta uma outra história?

Criança: Não me lembro nenhuma.*(dirige um olhar sisudo para a mãe)*

Mãe: Ahhh ! *(surpresa)* Escuta aqui, tu não te lembra nenhuma?

Criança: *(permanece quieta, com o olhar severo para a mãe)*

Ψ: Eu já sei... A tal da fada, ela tinha um pó de pirilim pimpim que a criança esquecia de todas as histórias.

Criança: Ai! O M. *(cachorro)* soltou um pum!

(todas rimos e ela saiu correndo da sala)

A mãe se desculpou pela filha, dizendo que ela não era de conversa. Disse-lhe que não se preocupasse. A mãe me ofereceu um mate e se afastou para prepará-lo. Enquanto isso, C. veio trazendo brinquedos de seu quarto e me mostrando animadamente, ainda que sem se fixar em nenhum deles. A brincadeira consistia em apresentar os brinquedos.

3- CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

Nº de registros:

Tempo total de gravação: 30 minutos

Nº de narrativas de experiências pessoais: 2

7º Registro

Criança: Eu acho que vai a Aline.

(início de N3)

Mãe: É, a mãe vai convidar a Sofia pra falar do museu, que ela foi lá, né? Porque tu não queres falar, então...

Criança: Agora eu vou.

Mãe: Então, fala. O que tu viste lá no museu? (*tosse*) O que tu viste lá no museu?

Criança: Quando a gente foi lá com a Sofia no museu, tu não sabe, sobrou umas coisas para ver.

Mãe: O quê?

Criança: E eu vi, tu não viu.

Mãe: O que é que tu viste e eu não vi? Ah, as formigas?

Criança: Umas flores...

Mãe: Umas flores...

Criança: ... que se mexe. É bem legal! Que é um joguinho. Alguém fala na flor, e fala ali dentro no coisinha, nesse coisinha daqui, ó.

Mãe: Hum.

Criança: Este.

Mãe: Tu chegaste a falar?

Criança: Não.

Mãe: Não?

Criança: Não. Na outra flor, daí falava uma pessoa e outra pessoa.

Mãe: Uhm, sei, sei. E tu querias ter falado?

C – Que?

M – E tu querias ter falado?

Criança: Não, eu não queria.

Mãe: Ah, tá.

Mãe: O que tinha no museu?

(fim de N3)

(problemas na gravação)

Criança: Mãe, olha.

Mãe: Rasgada!

Criança: Aqui, olha, rasgada.

Mãe: Ah!

Criança: Olha mãe.

Mãe: Hum. Me diz uma coisa, do que é que vocês brincaram?

Criança: Mãe.

Mãe: Hum.

Criança: Ali e ali.

Mãe: Ta. Me diz uma coisa. O que vocês brincaram hoje?

Criança: Na escolinha?

Mãe: Não, hoje aqui com a L.! Com a L. O que, o que tu mais gostou? Conta pra mim.

Brincaram de corrida?

Criança: Não.

Mãe: Com o M.? De correr com o M.?

Criança: Não, de corre sim, mas de correr com a mão.

Mãe: Ah, ta. Eu vi que vocês brincaram ali na rua também. De Poly, ne? Foi a Poly?

Criança: Aha.

Mãe: E tu era mamãe e ela era a filhinha? Como é que era a história?

Criança: Ela era a filha.

Mãe: Hum.

Criança: E ela.....

Mãe: Tu gostou então de brincar com ela?

Criança parece falar muito baixo.

Criança: Porque ela não deu tamanco.

Mãe: Ah, não deu tamanco?

Criança: Pra mim...

Mãe: Bah, tu usou o dia inteiro o tamanco dela. Eu sei do que tu mais gostou, eu acho.

Criança: Do que?

Mãe: De ir lá no (*nome do colégio*), brincar com as gurias. Gostou mais do que brincar com a L.? É mesmo? É que tu reviu as tuas amigas, ne?

(início de N4)

Criança: Um dia a B. inventou ali na porta com o M?

Mãe: Hum...

Criança: Eu vou te mostrar. Não vai ali fora.

Mãe: Tá, tudo bem.

Criança: Vai ser dentro. Vai ser dentro, fecha a porta.

Mãe: Tá, não tem problema.

Criança: A B.

Mãe: O que a B. fez?

Criança: A B., quando ela chegou, olha, ela botou o M. aqui, olha...

Mãe: Ahh.

Criança: E ele fez, iaaa! Quase mordeu a B.

Mãe: Botou o M. ali?

Criança: É.

Mãe: Ai, coitadinho! Ai, eu não disseste pra ela parar?

Criança: Eu disse, eu ía contar pro meu pai. Eu chorava! Mãe, de tanto ele mancava.

Verdade!

Mãe: Bah, tu vê só! Ah, não deve deixar, outro dia não deve deixar. Ahum.

(fim de N4)

(corte na gravação)

8º Registro

Criança: ... vai ser, vai ter escorregador...

Mãe: Hum.

Criança: E vai ter balanço, que vai ter escorrega, que vai ter...

Mãe: E aonde que vai ser?

Criança: Aqui em casa.

Mãe: Ah.

Criança: Mas isso vai, vai ser la embaixo, só la embaixo. Não aqui em cima.

Pai: É?

Criança: Dai, vai poder descer, vai poder descer lá embaixo, né, pai?

Pai: Lá embaixo?

Criança: É, vai ser la embaixo.

Mãe: Lá embaixo? Lá embaixo no estacionamento?

Criança: Ah, é.

Pai: Lá embaixo da...

Criança: O esco...

Pai: Lá embaixo na, no, lá na rua?

Criança: É. E vai ter um escorregador, que vai pra areia.

Pai: Hum

Mãe: Hum.

Criança: Se vai poder levar a pazinha, vai ter que levar baldinho, pra poder botar. Vai ter que levar um...

Mãe: Tudo que é coisa?

Criança: Um pacote pra por as coisas dentro.

Pai: Que coisas?

Criança: As coisinhas de brincar assim.

Pai: Ah, pra brincar na areia?

Criança: Vai ter que pegar um pacote.

Mãe: Ai, e tu estás louca que chegue o teu aniversário?

Criança: E o meu aniversário vai ser sabe de que, mãe?

Mãe: De que?

Criança: Da Mônica.

Mãe: Ah. Do parque da Mônica, será?

Criança: Não, da pracinha da Mônica.

Pai: *Risos.*

Mãe: Hum.

Criança: Não, da festa da Mônica.

Mãe: E a...

Pai: Da turma. Da turma da Mônica.

Criança: Então do aniversário da Mônica.

Pai: *Risos.*

Mãe: E tu vai convidar muitas pessoas?

Criança: Vou convidar sabe quem, mãe?

Pai: Quem?

Criança: Eu vou convidar o V.

Mãe: Ah.

Criança: A S.

Mãe: O P.

Criança: Mãe...

Mãe: Ah, ta...

Pai: Deixa ela.

Criança: Eu que vou dizer. O P, ah, a L, ah, a S, eu, ai...

Mãe: A B.

Criança: A B., ah...

Mãe: A J., lá de Esteio, a gente convida?

Criança: A J., ah, e...

Mãe: Nossa, já tem bastante gente. Vamos ver quem mais...

Pai: (*Bem baixinho*) A G.

Mãe: Ah.

Criança: A G. Ham, a L.

Pai: A L.

Mãe: É, pode convidar...

Pai: A irmã da... R.?

Criança: Também. Eu vou convidar to...ela é nenezinha.

Pai: É, ela era nenezinha, agora ela já ta grandinha, te lembra? La no aniversario da B. ela tava la, ta maiorzinha ela.

Mãe: Então tá bom, muito bem.

Criança: Eu vou convidar mais dez pessoas.

Mãe: Mais dez!

Pai: *Risos*. E da escolinha, ninguém?

Criança: A N., a F., a A., a M., a M. E., a F.

Mãe: E os guris?

Pai: É? Menino não?

Criança: Sabe quem?

Pai: Quem?

Criança: O que eu mais gosto.

Pai: Quem é?

Criança: O R.

Pai: *Risos*. O que tu mais gosta é o R.?

Criança: O R., o V.

Mãe: Deixa eu ver...

Criança: O G.

Pai: E quem é o R.? É o filho da

Criança: É! A N., o V.

Pai: Mas tu gosta dele, né?

Criança: O V...

Mãe: Porque que tu briga com ele?

Criança: O E.

Pai: Ah, nem briga, fica brincando lá.

Criança: O E.

Pai: Ah, o V. foi nesse ultimo aniversario que tu foi, né?

Criança: É. Dos leão.

Pai: Hum.

Mãe: Ah, tava tão lindo aquele aniversario, né?

Criança: Hum, eu vou convidar...

Mãe: E chega!

Criança: Não, mais trinta!

Pai: Tu esqueceu... a G.

Criança: Ah, a G. E mais trinta agora que eu vou convidar.

Pai: E de onde trinta? Só se tu fores lá na outra escolinha.

Criança: Qual?

Pai: A outra, a (*nome da escola*).

Criança: Não, a I. A N., a L.

Pai: Deu...

Criança: ... que eu vou convidar. A I., a N. e a L. que eu vou convidar. E agora eu vou convidar a A.!

Mãe: A A.!

Criança: Lá do colégio, que eu ia. E... agora eu vou convidar mais...

Mãe: Pessoas?

Criança: Eu convidar mais agora três, três pessoas.

Mãe: Então ta, então agora vamos...

Criança: Não, agora três pessoas que eu vou convidar. Deixa eu ver... Agora eu vou convidar o Papai Noel...

Pai: Ah, é!

Criança: O Coelhoinho da Páscoa.

Pai: É, o Coelhoinho tem que convidar também.

Criança: Pra ele trazer ovinhos.

Pai: É. E quem mais?

Criança: E pro Papai Noel dá presentes.

Pai: O Papai...

Criança: No meu aniversário vai ser o dia das crianças, o dia do Coelhoinho da Páscoa vim, e o dia do Papai Noel vim. De todos.

Mãe: Ah...

Pai: Ta, tu falastes três, o Coelhoinho, o Papai Noel... Falta um.

Mãe: Esqueceu?

Criança: Ai, qual? Falta menina ou menino?

Pai: Não sei. Tu que falou que vai convidar.

Mãe: Mas será que o Papai Noel vai vir, hein? Tu estás te comportando? Ah?

Pai: Tu estás te comportando?

Criança: Mas é só o dia do Papai Noel vim. O meu aniversário vai ser junto...

Pai: Não tem nada a ver o aniversário...

Criança: Ah, então eu vou convidar um palhaço!

Pai: Um palhaço...

Mãe: Bah, um palhaço...

Criança: Não, dez palhaços.

Mãe: Dez palhaços?

Pai: E já sei. Umas meninas pra fazer tatuagem? É?

Criança: E umas pra fazer, pra pintar brilho, pra botar pozinho de purpurina.

Pai: Isso.

Mãe: Hum. Muito legal. Então...

Criança: E vai ter cheiro sabe de que?

Pai: Ah?

Criança: De morango, vai ter cheiro de morango. Cada brilhinho que tem roxo, ah, ah...

Pai: E tu vai fazer festinha lá no colégio?

Criança: Cada, cada... Se tem roxo no pacotinho, vai ter roxo de uva, se tem, no pacotinho, cheiro... ah, ah.

Pai: Amarelo, vai ter gosto de laranja.

Criança: Ah, ah.... se vai ter...

Mãe: Rosa vai ter?

Criança: Vermelho, vermelho, vai ter cheiro de morango. Se vai ter cheiro de laranja, vai ter...

Pai: Hum.

Mãe: É o amarelo...

Pai: De laranja.

Criança: O amarelo vai ter cheirinho de laranja. Ah...

Mãe: E verde vai ter cheiro de? Limão.

Criança: De limão. Ah... Preto cheiro...

Pai: Jabuticaba.

Criança: É.

Pai: *Risos*.

Criança: Daí, se quiser fazer o palhaço, ou uma borboleta sabe aonde? Aqui, oh. Bem grandona.

Pai: Hum. Na boca também?

Criança: Assim olha.

Pai: No nariz, na unha...

Mãe: Em volta da boca?

Criança: Assim, assim...

Pai: Legal.

Criança: Assim, assim, assim, assim. Mas vai ter que fechar um pouquinho os olhos.

Senão...

Mãe: Ah, sim...

Criança: Senão cai brilho no olho.

Pai: É.

Mãe: Uhu. Muito bem. Então...

Pai: Então vamos dormir?

Mãe: Então ta, boa noite, Cinderela.

Criança: Eu não sou.

Pai e mãe: *Risos*.

Criança: Ah, já sei. Vai ter palhaço, dez palhaços, uma Cinderela de boneca, uma Mônica de boneca.

Pai: Hum.

Criança: Vai ser só uma carinha assim...

Pai: Tá.

Criança: Que vai ter alguém dentro.

Pai: Tá. Deita, deita.

Mãe: Deita...

Criança: Os palhaços também vai ter alguém dentro.

Pai: Tá, então tá.

Mãe: Dá o pause, dá o pause.

Pai: Tá, vamos dormir...

Criança: Vai ter a Hello Kitty de boneca, sabia, pai?

Pai: Sabia.

Criança: Vai ter a Mônica, e o Cebolinha.

Pai: Vai ter um monte de gente. Hum.

Criança: Vai ter o Cebolinha, o Cascão, a Magali que come... Vai ser muito legal o meu aniversário, mais que o dos outros, né pai?

Pai: Hum. Aha!

Criança: Esse vai ser muito mais legal.

Pai: *Risos.*

Criança: Todo mundo vai gostar do meu aniver.

Pai: Ahum.

Criança: Porque vai ser muito legal, vai ser muito legal. E pai...

Pai: Hum?

Criança: Como é que, como é que, vai ter que botar as coisinhas, o pula-pula, os brinquedos lá embaixo. Como?

Pai: Sei lá! Vamos chamar alguém pra botar.

Criança: E a, a areia.

Pai: É.

Criança: Vai ter que chamar alguém?

Pai: É.

Criança: E se alguém, ah, e se lá viesse as coisinhas todas assim, ah, alguém vai pegar.

Pai: É?

Criança: Em quando sair aqui de casa.

Pai: Hum.

Criança: Mas vai ser aqui na minha casa, pai.

Pai: Tá bom.

Mãe: *(lá no fundo)* Vamos dormir agora!

Criança fala algo bem baixinho.

Pai: Vamos deitar?

Criança: Vamos. Pai, me espera que eu vou soltar um pum.

Pai: Ah!

Criança: Deu.

Pai: Ta.

Criança: Pai, sabe, mais uma vez eu vou soltar um pum na tua cara.

Pai: Ah, não.

Criança: *Risos.*

Pai: Não. Vamos rezar agora.

Criança: ... do Senhor, meu (*criança passa a falar enrolado*). A piedade divina sempre me rege e guarda, me protege e me ilumine, amém.

Pai: Amém.

Criança: Vai ser muito legal, pai.

Pai: Muito legal.

Criança: Daí tu vai fazer churrasco, vai fazer queijinho.

Pai: Aha.

Criança: Quando vai ter meu aniversário.

Pai: Claro.

Criança: Tu vai fazer lingüiçinha.

Pai: Isso. Boa noite.

Criança: Boa noite.

Pai: Sonha com os anjinhos.

Criança: Pai, só mais uma vez e vai dar meu aniversario.

Pai: Tá.

Criança: Pai, só mais uma vez, pra eu dormir ou é mais duas?

Pai: O que?

Criança: O meu aniversario, mais uma ou mais duas?

Pai: Semanas?

Criança: É.

Pai: Faltam três semanas.

Criança: Então, só falta pra dormir três.

Pai: Ah, umas quinze dormidas.

Criança: Ah, que grande pai!

Pai: É, falta bastante.

Criança: Falta bastante. Mas a minha mãe disse que só é mais um dia.

Pai: Um dia?

Criança: É.

Pai: Não, faltam uns quinze dias.

Criança: Então, a minha mãe disse que dois dias, dois.

Pai: Tá, vamos dormir. Boa noite. Boa noite.

Criança: Boa noite.

Pai: Sonha com os anjinhos.

Criança: Amém. Tu também, sonha com os anjinhos.

Pai: Amém. Tu também.

(corte na gravação)

9º Registro

Criança: Tu tinha uma bacana assim, grande...

Pai: Uma cama?

Criança: Não, ba, bacana.

Pai: Ah, um parque bacana.

Criança: Sim. Tinha... uma bacaca, que tinha uma ba, que tinha palhaços naquela bacana.

Pai: Que ba...Ah, cabana!

Criança: É, cabana.

Pai: Então, é um circo.

Criança: É um circo, os palhaços, que eu tô pensando nisso.

Pai: Hum. E tu fostes lá ou estás pensando em ir?

Criança: Eu só tô pensando, pai.

Pai: Ah.

Criança: Sabe porque que eu tô pensando?

Pai: Porque?

Criança: É que, pra eu sonhar.

Pai: Ah, tu queres sonhar. Por isso que tu estás pensando no circo...

Criança: E eu tô falando pra sonhar.

Pai: Ah... Daí, se tu pensas depois tu sonhas?

Criança: Sonho.

Pai: Hum.

Criança: Paiê.

Pai: O que é que tem nesse circo?

Criança: Hein? Tem o, o palhaço que ele é bem louquinho, pai.

Pai: É?

Criança: Eu tô pensando uma coisa pra falar pro meu pai, mãe.

Mãe: Ah, é?

Pai: E ele é muito louquinho?

Criança: É. Tu também tá no meu sonho.

Mãe: Eu?

Criança: Não, o meu pai e o M. tá.

Mãe: Aha, tá.

Criança: E tinha o palhaço que ele tinha nariz vermelho.

(início de N5)

Criança: Que eu, que o meu pai tava no meu sonho, eu e, o M, eu e a minha mãe.

Mãe: Hum. E nos estávamos fazendo o quê?

Criança: A gente tava na, numa roda-gigante, que o meu pai tava balançando a roda gigante.

Mãe e Pai: *Risos.*

Mãe: Ah, mas então aconteceu de verdade. Tu te lembrás que a gente andou e o pai começou a balançar lá em cima, que a mãe começou a gritar?

Pai: *Risos.*

Criança: Eu tava rindo. Foi tu que balançou, né pai?

Pai: Eu que balancei, te lembrás?

Criança: Sim.

Pai: E a mãe tava toda com medo.

Criança: Mas eu tô pensando nisso.

(fim de N5)

Pai: É.

Criança: Daí o meu pai tava, ah, ah, balançando a roda-gigante, e todo mundo caiu do banco.

Mãe: Nossa!

Criança: Menos, menos a minha mãe, menos meu pai, menos eu.

Pai: *Risos.*

Criança: O meu pai balançou bem forte até que todo mundo caiu.

Pai e Mãe: Ohhh.

Criança: E quando caiu, a, a minha mãe, daí, esmagou o homem.

Mãe: Ah, eu esmaguei o homem?

Criança: É. É que tu caiu de lá de cima.

Pai: Hum.

Mãe: Em cima do homem.

Criança: E daí, a gente vai ter, a gente foi correndo pro hospital.

Pai: Ah.

Criança: E saiu sangue.

Mãe: Ah.

Pai: De quem? Do homem?

Criança: Da minha mãe, do meu pai, do M. O M. também tava na roda-gigante.

Pai: Nossa.

Criança: Menos eu, que tava com sangue, menos a minha mãe, que tava com sangue, menos o meu pai, que tava com sangue...

Pai: É só o homem que tava?

Criança: Menos o M. que tava com sangue. Menos... todo, todo mundo que caiu da roda-gigante.

Pai: Ah.

Criança: Só o homem que se machucou, e tivemos que levar o homem.

Mãe: Pro hospital?

Criança: Não, também menina.

Pai: Todo mundo, menos nós.

Mãe: Ah.

Criança: Só quem tava na roda-gigante. Quem não tá na roda-gigante não foi.

Pai: Hum.

Mãe: Ah.

Pai: E o circo, o palhaço?

Criança: Ta, eu vou contar isso.

Mãe: Então conta.

Criança: Que o meu pai tava, ele se vestiu todo de palhaço, e ele fez, ele fez sabe o que?

Mãe: Palhaçada.

Criança: Palhaçada.

Pai: *Risos*.

Mãe: Tá, e todo mundo riu daí?

Criança: Sim.

Mãe: Bah.

Criança: mas ele so se fantasiou.

Mãe: Hum. Mas ele não era palhaço, então?

Criança: Não.

Pai: Deu bem quietinho uma torta na cara da mãe.

Mãe: Ah.

Criança: Não da.. daí a gente foi embora pro parque, daí a gente foi sabe aonde? No teatro, depois do ci, depois no cinema.

Mãe: Nossa, quanta coisa! Nós fizemos isso no mesmo dia?

Criança: Ah, ah, que tinha, que a gente viu o teatro do ursinho Poof.

Mãe: Hum.

Pai: Hum.

Criança: Que a S. foi junto, que ela não deixou ver as roupas dela.

Mãe: Bah. Não deixou ver?

Criança: Não.

Mãe: Porque? Ah?

Pai: Tava frio?

Criança: Ah, tava, sabe o que? Daí a gente foi numa piscina tri gigante, e tinha um escorregador tri gigante, tri gigante, tri gigante.

Mãe e Pai: Nossa.

Criança: Muito gigante, muito gigante.

Mãe: Daí...

Criança: A minha mãe foi lá no escorregador.

Pai: E tu não foi?

Criança: Fui. Naquele escorregador grandão.

Pai: E tu não teve medo?

Criança: Não. Menos a minha mãe não teve medo. E era muito grande.

Mãe: E daí nós...

Criança: E daí tu também tava no escorregador.

Pai: É, nós três escorregamos?

Criança: É. Menos o M.

Pai: Ahhhh.

Criança: Ele tava tomando banho na piscina.

Pai e mãe: Risos.

Mãe: É que ele caiu naquela piscina lá do tio P., te lembra?

Criança: Não. A, é, a, é sono, meus sonhos.

Mãe: Ah, isso tudo tu sonhou?

Pai: Foi outro sonho?

Criança: Daí o M., ele subiu na, tinha uma escadinha pra, naquele escorregador.

Pai: Hum.

Criança: O M. subiu na escada.

Mãe: Bah.

Criança: Assim, olha pai, que ele subiu.

Pai: Hum.

Criança: Assim, olha.

Pai: Oh. (*Risos*).

Mãe: Bah, mas que sono lindo esse teu, barbaridade.

Pai: Bah, muito.

Mãe: Será que eu também vou sonhar assim, hein?

Pai: Muito legal.

Criança: Eu vou sonhar, só que, só quem fala nisso.

Mãe: Isso mesmo, só quem fala que acaba sonhando.

Pai: É. Por isso que ela ta falando, pra ver se acaba sonha. Sonha com um sonho bem legal.

Criança: É que eu gosto, é que eu gosto de disso.

Mãe: Ah. Tu gosta do que?

Criança: Disso que eu falei.

Mãe: Hum.

Pai: Desse sonho.

Criança: É. Que eu, que o meu... e não precisa ter medo desse palhaço, sabe porque?

Pai: Hum?

Criança: Porque é só gente que tem dentro.

Pai: Ah, é.

Mãe: *Risos*.

Criança: O meu se fantasiou, tem gente, tem jeito...

Pai: Eu que to dentro.

Criança: É.

Pai: Só fantasiado de palhaço.

Mãe: É só uma máscara.

Pai: É, só pintado, com a cara pintada.

Mãe: É, e tem a...

Criança: É.

Mãe: ...tem o nariz de palhaço também.

Criança: É, e teve uma roupa de palhaço, com um tope aqui, oh, de palhaço...

Mãe: Ah, então vamos... já falamos bastante, bastante, vamos os três sonhar agora com o circo, com palhaço...

Criança: Mas tem que, tem que... Não pode, hum, hum, inventar outra coisa, porque pensou nisso, pensou.

Mãe e Pai: Ah, é.

Mãe: É verdade, pensou, pensou, não pode depois pensar outra coisa.

Pai: Senão mistura o sonho.

Criança: É. Daí sonha com os dois sonhos.

Pai: Ah é.

Mãe: É...

Criança: Os dois sonhos.

Pai: Então tá, vamos dormir então.

Mãe: Boa noite.

Criança: Boa noite, mãe. Boa noite, pai.

Pai: Boa noite. Sonha com os anjinhos.

Criança: Sonha com os anjinhos, amém, tu também.

Mãe: Ah, que coisa mais querida.

Pai: Amém. Tu também.

Criança: Amém. Tu também tá, pai?

Pai: Amém.

Mãe: Tá na hora... Que coisa mais querida.

Criança: Isso ai é coisa de shuishui.

Pai: Amém. Tu também.

Criança: Amém tu também, amém tu também.

(acaba o lado da fita)

ANEXO F
NARRATIVAS DO CASO “FESTA JUNINA”

1- CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 16
- Tempo total de gravação : 1h
- N° de narrativas: 5

Narrativa 1: Ensaio para a festa junina

Falas da criança	Falas da mãe
- Eu vou contar uma história para a minha mãe que sou eu, F.	- Da festa junina, como é que é a festa junina?
- Da festa junina, que eu vou contar essa história agora. Primeiro, as dança, e os gaúchos batem as botas. E as <i>brendas</i> vão girando em volta, e diz “Pára Pedro, pára. Pára Pedro, pára. Pára, pára, pára, Pedro.” Elas param, as <i>brendas</i> .	(<i>risos</i>)
- Aí, os gaúchos põem as botas e giram, e elas digam: “Pára Pedro, pára, pára, Pedro, até para. Pára Pedro, pára, até pára. Depois, convidam para, pra... eles... vão atrás do seu par, que a gente vai fazer uma apresentação...no meu colégio (<i>nome</i>). Porque...	- Eu acho que não vai ter porque está chovendo, hein?
- É que... eu acho que não vai ter porque vai chover. Tu sabe...	- E... e o que é que tu vais querer fazer lá, na festa junina?
- É que a gente vai fazer umas, vai levar umas <i>batatos</i> , e fazer comida. Depois, da, depois, de elas... Deixa eu contar de novo?	- Conta, pode contar. O que é que tu queres contar?
- Depois... Primeiro as... começou a música e eles batem as botas, os gaúchos, e as <i>brendas</i> giram eles, e ficam atrás de seu par. Depois, convida pra dançar, e eles dançam. Depois, volta para o seu lugar. E depois, batem as botas girando e convidam pra dançar. Depois, elas dançam e param atrás de seu par. Daí, depois, eles fazem uma festa, convidam pra dançar de novo. Depois, eles dançam, dançam. Eles batem o pé, as botas pra frente e pra trás. Depois, eles passam pra trás, e as <i>brendas</i> pra frente. Daí, elas e... O gaúcho fica ajoelhado e tira seu chapéu, e as <i>brendas</i> levantam seu vestido, e fazem de cabeça, e agradecem.	- Ô, F., me diz uma coisa. Quem é que está ensaiando com vocês?
(bem baixinho) - Quem é que tá...?	- Quem é que está ensaiando? Pode falar mais alto.

- A B. ta ensaiando, e a prof, e a A..	- Ah, tá.
- E depois...	- E vai ser só o nível A...
- Depois, e terminou.	... ou o maternal 2 também?
(F. escuta um ruído e encerra o assunto)	- Me conta só mais uma coisa que eu quero saber. Esta música, quem foi que escolheu, foram vocês ou foi a B.?

Análise das sentenças da criança

- “Eu vou contar uma história para a minha mãe”/ (introdução) função de orientação
- “... que sou eu, F.”/ (voz do narrador) função de orientação
- “Da festa junina, que eu vou contar essa história agora.”/ (introdução) função de orientação
- “Primeiro, as dança, e os gaúchos batem as botas.”/ função referencial
- “E as *brendas* vão girando em volta,”/ função referencial
- “... e diz “Pára Pedro, pára. Pára Pedro, pára. Pára, pára, pára, Pedro.”/ função referencial
- “Elas param, as *brendas*.”/ função referencial
- “Aí, os gaúchos põem as botas”/ função referencial
- “... e giram,”/ função referencial
- “... e elas digam: “Pára Pedro, pára... pára.”/ função referencial
- “Depois, convidam para,”/ função referencial
- “... pra... eles... vão atrás do seu par,”/ função referencial
- “... que a gente vai fazer uma apresentação...no meu colégio (nome).”/ função de orientação
- “É que... eu acho que não vai ter porque vai chover.”/ eco
- “Tu sabe...”/ Referência ao fato da mãe saber algo de antemão
- “É que a gente vai fazer umas,”/ função referencial
- “... vai levar umas *batatos*,”/ função referencial
- “... e fazer comida.”/ função referencial
- “Deixa eu contar de novo?”/ Referência à gravação
- “Primeiro as... começou a música”/ função de orientação
- “... e eles batem as botas, os gaúchos,”/ função referencial
- “... e as *brendas* giram eles,”/ função referencial
- “... e ficam atrás de seu par.”/ função referencial
- “Depois, convida pra dançar,”/ função referencial

- "... e eles dançam."/ função referencial
- "Depois, volta para o seu lugar."/ função referencial
- "E depois, batem as botas girando"/ função referencial
- "... e convidam pra dançar."/ função referencial
- "Depois, elas dançam"/ função referencial
- "... e param atrás de seu par."/ função referencial
- "Daí, depois, eles fazem uma festa, "/ função referencial
- "... convidam pra dançar de novo."/ função referencial
- "Depois, eles dançam, dançam."/ função referencial
- "Eles batem o pé, as botas pra frente e pra trás."/ função referencial
- "Depois, eles passam pra trás, e as *brendas* pra frente."/ função referencial
- "O gaúcho fica ajoelhado"/ função referencial
- "... e tira seu chapéu, "/ função referencial
- "... e as *brendas* levantam seu vestido, "/ função referencial
- "... e fazem de cabeça, "/ função referencial
- "... e agradecem."/ função referencial
- "Quem é que tá...?"/ eco
- "A B. ta ensaiando, e a prof, e a A.."/ função de orientação
- "Depois... e terminou."/ (fechamento) função de orientação
- "Só o nível A e o maternal 2."/ função de orientação
- "Foi a Bia que escolheu esta música."/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: Ensaio para a festa junina
- N° de sentenças da criança: 45 (em 9 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 20% das sentenças
 - Referencial: em 71% das sentenças
 - Avaliação: não há

Comentários extra:

- Presença de introdução e fechamento
- Ecoa as falas da mãe por duas vezes
- Referência ao fato da mãe saber algo de antemão
- Presença da voz do narrador

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 11 (em 10 turnos de fala)
- “Da festa junina, como é que é a festa junina?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Eu acho que não vai ter porque está chovendo, hein?”/ Informação
- “E... e o que tu vais querer fazer lá, na festa junina?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Conta, pode contar.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “O que é que tu queres contar?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Ô, F., me diz uma coisa.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Quem é que está ensaiando com vocês?”/ Questão para esclarecer
- “Quem é que está ensaiando?”/ Questão repetida
- “Pode falar mais alto.”/ Referência à gravação
- “Ah, tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “E vai ser só o nível A ...ou o maternal 2 também?”/ Questão para esclarecer
- “Me conta só mais uma coisa que eu quero saber.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Esta música, quem foi que escolheu, foram vocês ou foi a B.?”/ Questão para esclarecer

Tabela 1

Síntese da interação narrativa

N1	Sentenças x Intervenções	Turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	44	9	9	32	0	0
Mãe	11	10	3 (QE) 1 (QR) 1 (QA)	1 (QA)	0	3(TF) 1(At) 1(Inf)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); TF (frases para devolver o turno de fala); At (expressões que mostram atenção); QR (questões repetidas); Inf (informações).

Narrativa 2: A experiência de fazer bolo de cenoura

falas da criança	falas da mãe
	- Ah, sabe o que tu não me contaste, aquele dia do bolo. Como é que foi fazer o bolo de cenoura, que estava maravilhoso, o <i>carrot cake</i> ?
- Delicioso. Tu gostou?	

- Tá. Foi muito legal, divertido, e a gente até cozinhou e cada um fez uma coisa.	- Amei.(...) Tá, mas me conta. Como é que foi fazer o bolo? <i>(fala algo junto, mas interrompe)</i>
- Não, a gente nem se sujou.	- Mas, vocês colocaram avental? Vocês...
- A P.	- É, tu não chegaste sujo, mesmo, aquele dia. E me diz uma coisa, quem foi que fez, quem foi que misturou os ingredientes?
- A gente fez os ingredientes certos. Tá?	- E vocês fizeram o quê na hora do bolo?
- A gente... a teacher botava, e a gente mexia. Uma vez para cada um mexer.	- Tá. Mas, como é que foi fazer os ingredientes certos? É isso que eu não estou entendendo.
- Não, a gente fez um monte de coisa. Botamos farinha...	- Ah, vocês só mexeram a massa, foi isso?
- Botamos <i>flowers</i> ...	- Ah! Botaram farinha também.
- Ah, leite.	- <i>Flower</i> . E o que mais? <i>(silêncio)</i> - Tem eggs?
- Não sei.	- Leite... Como é que é leite em inglês, te lembra?
- Uhhmm... <i>Milk, milk</i> .	- <i>Milk</i> .
- E óleo.	- E a A., fez o quê?
- Não.	- Como é que é óleo? Tu sabes?
- <i>Oil</i> .	- <i>Oil</i> , deve ser, <i>oil</i> .
- Ah, e tem mais uma coisa.	- E me diz uma coisa...
- <i>Carrots</i> .	- <i>Ähn?</i>
- Deu, deu.	- <i>Carrots</i> ... E o que mais que vocês fizeram?
	- Tá, eu quero saber é o seguinte, antes aqui... Eu quero saber, quem foi que botou os ingredientes? Quem foi que pesou, mediu os ingredientes? Quem foi que mexeu? Quem foi que botou na... na forma de bolo?

Análise das sentenças da criança

- “Tu gostou?”/ pede informação

- “Foi muito legal, divertido,”/ função de avaliação
- “... e a gente até cozinhou”/ função referencial
- “... e cada um fez uma coisa.”/ função referencial
- “Não, a gente nem se sujou.”/ função de orientação
- “A gente fez os ingredientes certos.”/ função de orientação
- “Tá?”/ pede confirmação
- “A gente... a teacher botava,”/ função referencial
- “... e a gente mexia.”/ função referencial
- “Uma vez para cada um mexer.”/ função de orientação
- “Não, a gente fez um monte de coisa.”/ função referencial
- “Botamos farinha...”/ função referencial
- “Botamos *flowers*...”/ função referencial
- “Não sei.”/ recusa
- “Ah, e tem mais uma coisa.”/ pede o turno de fala
- “Deu, deu.”/ referência à gravação

Análise da narrativa

- Tema: A experiência de fazer bolo de cenoura
- N° de sentenças da criança: 15 (em 17 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 20% das sentenças
 - Referencial: em 46,6% das sentenças
 - Avaliação: em 6,6% das sentenças (a avaliação: - “Delicioso.”, está excluída dessa contagem, por não constituir uma sentença)

Comentários extra:

- Pede a avaliação da mãe
- Pede confirmação da informação que deu (“Tá?”)
- Presença de um pedido de turno de fala
- Presença de uma recusa

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 27 (em 18 turnos de fala)
- “Ah, sabe o que tu não me contaste, aquele dia do bolo.”/ Informação
- “Como é que foi fazer o bolo de cenoura, que estava maravilhoso, o *carrot cake*.”/ Questão aberta que introduz um novo tópico

- “Amei.”/ Avaliação
- “Tá, mas me conta.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Como é que foi fazer o bolo?”/ Questão repetida
- “Mas, vocês colocaram avelã?”/ Questão fechada
- “E vocês fizeram o quê na hora do bolo?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Tá, mas, como é que foi fazer os ingredientes certos?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “É isso que eu não estou entendendo.”/ Ênfase
- “Ah, vocês só mexeram a massa, foi isso?”/ Questão fechada
- “Ah, botaram farinha também.”/ Eco
- “*Flour*.”/ Informação
- “E o que mais?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Tem *eggs*?”/ Questão fechada
- “Leite...”/ Eco
- “Como é que é leite em inglês, te lembra?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “*Milk*.”/ Informação
- “E a Amanda, fez o quê?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Como é que é óleo?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Tu sabes?”/ Questão fechada
- “*Oil*, deve ser, *oil*.”/ Informação
- “*Ähn*?”/ Expressão para devolver o turno de fala
- “Tá, eu quero saber é o seguinte, antes aqui...”/ Frase para pedir o turno de fala
- “Eu quero saber, quem foi que botou os ingredientes?”/ Questão para esclarecer
- “Quem foi que pesou, mediu os ingredientes?”/ Questão para esclarecer
- “Quem foi que mexeu?”/ Questão para esclarecer
- “Quem foi que botou na... na forma de bolo?”/ Questão para esclarecer

Tabela 2

Síntese da interação narrativa

N2	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	15	17	3	7	2	2
Mãe	27	18	4 (QE) 3 (QA) 3 (QF)	3 (QA) 1 (QF) 1 (NT) 1 (QR)	0	2 (TF) 2 (Ec) 4 (Inf) 1 (Av) 1 (PT)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico); QR (questões repetidas); TF (frases para devolver o turno de fala); Ec (eco); Inf (informações); Av (avaliações); PT (pedido de turno de fala).

Nota. Na classificação dessa tabela não está incluída uma ênfase que a mãe fez.

Narrativa 3: Ensaio final para a festa junina

falas da criança	falas da mãe
(<i>início abrupto</i>) ...dia que eu vou como é que foi o nosso ensaio. No ensaio, a gente tava ensaiando hoje duas vez, e a gente ensaiou duas vez. A gente gostou muito, e a gente vai fazer uma apresentação lá no colégio (<i>nome</i>). Depois a gente vai cantar a música... Não, nós vamos cantar a música do CD, e vai aparecer lá no rádio que a gente vai fazer as voltas, e a gente vai gostar. Depois a gente vai lá e agradece. Os gaúchos dão as mãos pras <i>brendas</i> e tiram o chapéu e agradecem. E as outras pegam os vestidos...	- As meninas?
... e agradecem assim. Deu. Fim.	- Ah, tá.

Análise das sentenças da criança

- "...dia que eu vou"/ função de orientação
- "... como é que foi o nosso ensaio."/ (introdução) função de orientação
- "No ensaio, a gente tava ensaiando hoje duas vez, "/ função de orientação
- "... e a gente ensaiou duas vez. "/ repete
- "A gente gostou muito, "/ função de avaliação
- "... e a gente vai fazer uma apresentação lá no colégio (*nome*)."/ função de orientação
- "Depois, a gente vai cantar a música... "/ função referencial
- "... nós vamos cantar a música do CD, "/ função de orientação
- "... e vai aparecer lá no rádio"/ função de orientação
- "... que a gente vai fazer as voltas, "/ função referencial
- "... e a gente vai gostar. "/ função de avaliação
- "Depois, a gente vai lá"/ função referencial
- "... e agradece. "/ função referencial
- "Os gaúchos dão as mãos pras *brendas*"/ função referencial
- "... e tiram o chapéu"/ função referencial
- "... e agradecem. "/ função referencial
- "E as outras pegam os vestidos... "/ função referencial
- "... e agradecem assim."/ função referencial

Análise da narrativa

- Tema: Ensaio final da festa junina

- N° de sentenças da criança: 18 (em 2 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 33,3% das sentenças
 - Referencial: em 50% das sentenças
 - Avaliação: em 11% das sentenças

Comentários extra:

- Presença de introdução e fechamento (“Fim”)
- Repete uma frase

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 2 (em 2 turnos de fala)
- “As meninas?”/ Questão fechada
- “Ah, tá.”/ Expressão que mostra atenção

Tabela 3

Síntese da interação narrativa

N3	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	18	2	6	9	2	0
Mãe	2	2	1 (QF)	0	0	1 (At)

Legenda: QF (questões fechadas); At (expressões que mostram atenção).

Narrativa 4: Festa Junina

falas da criança	falas da mãe
- A apresentação vai muito ótima. Que até tive churrasco, cachorro-quente, de jogar lata no palhaço, jogo das argolas, e o jogo de garrafas. E a apresentação foi muito legal. Até que eu, a minha mãe amou, que dá eu gostei, foi muito legal, e...	- E qual foi a música?
- O “pára Pedro, Pedro pára. Pára Pedro, esse Pedro é uma parada.”	- Tá, mas como é que foi a apresentação? Os meninos entraram primeiro, como é foi?
- Os meninos entraram primeiro, as meninas entraram segundo. Uns ficam atrás, uns ficam na frente.	- F., e quem foi o teu par?
- Meu par? Foi a L.	- Humm.

Análise das sentenças da criança

- “A apresentação vai muito ótima.”/ função de avaliação
- “Que até tive churrasco, cachorro-quente,”/ função de orientação

- “...(tive) de jogar lata no palhaço, jogo das argolas, e o jogo de garrafas.”/ função referencial
- “E a apresentação foi muito legal.”/ função de avaliação
- “Até que eu, a minha mãe amou,”/ função de avaliação
- “... que daí eu gostei,”/ função de avaliação
- “... foi muito legal,”/ função de avaliação
- “Os meninos entraram primeiro,”/ função referencial
- “... as meninas entraram segundo.”/ função referencial
- “Uns ficam atrás,”/ função de orientação
- “... uns ficam na frente.”/ função de orientação
- “Foi a L.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: Festa junina
- N° de sentenças da criança: 12 (em 4 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 33,3 % das sentenças
 - Referencial: em 25% das sentenças
 - Avaliação: em 41,6% das sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 5 (em 4 turnos de fala)
- “E qual foi a música?”/ Questão para esclarecer
- “Tá, mas como é que foi a apresentação?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Os meninos entraram primeiro, como é que foi?”/ Pista
- “F., e quem foi o teu par?”/ Questão para esclarecer
- “Humm.”/ Expressão que mostra atenção

Tabela 4

Síntese da interação narrativa

N4	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	12	4	4	3	5	0
Mãe	5	4	2 (QE)	1 (QA)	0	1 (At) 1 (Pst)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); At (expressões que mostram atenção); Pst (pista).

Narrativa 5: F. descreve o dia que passou com a tia

falas da criança	falas da mãe
- Tá bom. Eu joguei na Internet... Também brinquei de tapa-certo. A AL .	- Eu quero que tu me contes como foi o teu dia, que tu não me contaste.
- ... te contou...	- Ah, vocês jogaram tapa-certo? (Junto com a criança) Quem jogou tapa certo?
- Eu joguei dama... joguei dama... e também... e também dama, e trilha.	- Como é que é trilha, tu sabes jogar? Foi a AL que te ensinou?
- Eu sei, sabia.	- Quem foi que te ensinou a jogar trilha?
- Ninguém. Só a C. leu...	- Ah, as instruções aquelas? F., que mais que tu fizeste com a AL hoje?
- Nada... daí eu assisti TV com ela.	- O que vocês assistiram na televisão?
- Ahmmm, deixa eu ver, deixa eu ver...	- Viram aqui embaixo ou lá em cima, a televisão aqui?
- Em cima.	- Ah, então foi o canal 46, 56, qual é o canal?
- É o canal 46.	- F., e o que é que almoçaste hoje?
- Da Cris, é... aquela carne que eu gosto.	- A galinha aquela que a Vovó sempre faz pra ti, né?
- Eu adoro, eu amo.	- E o que mais que tu fizeste? <i>Obs: Posteriormente, a mãe contou que eles seguiram falando, mas a fita tinha acabado.</i>

Análise das sentenças da criança

- “Eu joguei na Internet...”/ função referencial
- “Também brinquei de tapa-certo.”/ função referencial
- “A A. L. te contou...”/ referência ao fato da mãe saber algo de antemão
- “Eu joguei dama... joguei dama... e também... e também dama, e trilha.”/ função referencial
- “Eu sei, sabia.”/ função de orientação
- “Só a C. leu...”/ função de orientação
- “...daí eu assisti TV com ela.”/ função referencial
- “Ahmmm, deixa eu ver, deixa eu ver...”/ função de avaliação
- “É o canal 46.”/ função de orientação
- “Da Cris, é... aquela carne que eu gosto.”/ função de orientação
- “Eu adoro, eu amo.”/ função de avaliação

Análise da narrativa

- Tema: F. descreve o dia que passou com a tia
- N° de sentenças da criança: 11 (em 11 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 36,3% das sentenças
 - Referencial: em 36,3% das sentenças
 - Avaliação: em 18% das sentenças

Comentários extra:

- Referência ao fato da mãe saber algo de antemão.

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 15 (em 11 turnos de fala)
- “Eu quero que tu me contes como foi o teu dia, que tu não me contaste.”/ Frase (Questão) aberta que introduz um tópico
- “Ah, vocês jogaram tapa-certo?”/ Eco
- “Quem jogou tapa certo?”/ Questão para esclarecer
- “Como é que é trilha, tu sabes jogar?”/ Questão fechada
- “Foi a AL que te ensinou?”/ Questão fechada
- “Quem foi que te ensinou a jogar trilha?”/ Questão para esclarecer
- “Ah, as instruções aquelas?”/ Questão fechada
- “F., que mais que tu fizeste com a AL hoje?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “O que vocês assistiram na televisão?”/ Questão para esclarecer
- “Viram aqui embaixo ou lá em cima, a televisão?”/ Questão para esclarecer
- “Aqui?”/ Questão fechada
- “Ah, então foi o canal 46, 56, qual é o canal?”/ Questão para esclarecer
- “F., e o que é que almoçaste hoje?”/ Questão para esclarecer
- “A galinha aquela que a Vovó sempre faz pra ti, né?”/ Questão fechada
- “E o que mais que tu fizeste?”/ Questão aberta que amplia o tópico

Tabela 5

Síntese da interação narrativa

N5	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	11	11	4	4	2	0
Mãe	15	11	6 (QE) 5 (QF)	2 (QA) 1 (NT)		1 (Ec)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico); Ec (eco).

2- CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- Duração da visita: 30 minutos
- N° de registos: 1
- N° de narrativas: 1
- Tempo total de gravação: 1 minuto e 50 segundos

Narrativa 6: O desaparecimento do gato

Falas da criança	Falas da mãe
- O gato da ...	- Conta da história do gato, que a A. te contou.
-... da A.? Ele ficou com o pelo horrível. E foi embora porque ele fugiu. Foi embora prá sempre, ela disse.	-... da A.
- Fim.	- Isso mesmo.
- Ah, é que ele gostou de uma namorada...que ele gostou de uma e foi lá, prá namorar.	- Não, que fim. A gente começou a contar aquele negócio do gato, lembra? Que a A., a gente, perguntou assim: "Mas A., porque é que o gato foi embora?" Lembra que nós estávamos conversando sobre isso, tava o papai, a A., eu e tu. E aí, a A. disse assim: "Ah, eu acho que o gato foi embora porque ele foi visitar não sei quem". Sei lá prá onde que o gato tinha ido.
- Não.	- Ele morava no sítio da A., lembra? E daí, a A. disse assim: "Mas como? Como é que o gato foi embora, se ele é da gente, se ele gosta da gente?" E aí, tu te lembras o que tu respondeste para ela?
- Ah! Porque eu acho que ele gostava de uma namorada outra prá ele.	- Não te lembras?
- É porque ele não gostava mais daquela mais!	- Porque ele preferia a outra, né? Mas daí, a A. disse que não entendia porque, porque tinha...
- Da outra namorada. Fim!	- Daquela quem?

- E aí, tu te lembras, se a gata da A. tinha gatinhos ou não?

(*acenou negativamente*)

Análise das sentenças da criança

- “Ele ficou com o pelo horrível.”/ função de orientação
- “E foi embora”/ função referencial
- “... porque ele fugiu.”/ função referencial
- “Foi embora prá sempre,”/ função de orientação
- “... ela disse.”/ função referencial
- “Ah, é que ele gostou de uma namorada...”/ função de avaliação
- “... que ele gostou de uma”/ repete
- “... e foi lá,”/ função referencial
- “... prá namorar.”/ função de avaliação
- “Porque eu acho que ele gostava de uma namorada outra prá ele.”/ função de avaliação
- “Porque ele não gostava mais daquela mais!”/ função de avaliação

Análise da narrativa

- Tema: O desaparecimento do gato
- N° de sentenças da criança: 11 (em 8 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 18% das sentenças
 - Referencial: em 36,3% das sentenças
 - Avaliação: em 36,3% das sentenças

Comentários extra: Repete uma sentença

Análise das intervenções da mãe

- N° de sentenças da mãe: 17 (em 9 turnos de fala)
- “Conta da história do gato, que a A. te contou.”/ Frase que introduz um novo tópico
- “...da A.”/ Informação
- “Isso mesmo.”/ Expressão que mostra atenção
- “Não, que fim.”/ Correção
- “A gente começou a contar aquele negócio do gato, lembra?”/ Pista
- “Que a A., a gente, perguntou assim: “Mas A., porque é que o gato foi embora?”/ Pista
- “Lembra que nós estávamos conversando sobre isso, tava o papai, a A., eu e tu.”/ Pista

- “E aí, a A. disse assim: “Ah, eu acho que o gato foi embora porque ele foi visitar não sei quem.”/ Pista
- “Sei lá prá onde que o gato tinha ido.”/ Avaliação
- “Ele morava no sítio da A., lembra?”/ Pista
- “E daí, a A. disse assim: “Mas como? Como é que o gato foi embora, se ele é da gente, se ele gosta da gente?”/ Pista
- “E aí, tu te lembras o que tu respondeste para ela?”/ Questão fechada
- “Não te lembras?”/ Questão fechada
- “Porque ele preferia a outra, né?”/ Informação
- “Mas daí, a A. disse que não entendia porque, porque tinha...”/ Pista
- “Daquela quem?”/ Questão para esclarecer
- “E aí, tu te lembras, se a gata da A. tinha gatinhos ou não?”/ Questão fechada

Tabela 6

Síntese da interação narrativa

N6	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	11	8	2	4	4	0
Mãe	17	9	1 (QE) 1 (QF)	1 (QF)		1 (At) 7 (Pst) 2 (Inf) 1 (Av) 1 (NT)

Legenda: QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico); At (expressões que mostram atenção); Pst (pista); Inf (informações); Av (avaliações).

Nota. Na classificação dessa tabela não estão incluídas duas intervenções da mãe: uma questão fechada para testar a memória e uma correção.

3- CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 7
- Tempo total de gravação: 30 minutos
- N° de narrativas: 1

Narrativa 7: Piquenique com a escola

Falas da criança	Falas da mãe
- O piquenique foi muito legal. A gente lanchou. Tinha sucrilhos, bolo e morango.	- Tu não me contaste como foi o piquenique, hoje de manhã. Só me disseste que tinha sido bom.
- Só sucrilhos.	Ai, que delícia! Comeste o que?
	- E tomaste... O que tu tomaste?

- Suco.	
	- Suco de que?
- Limão.	
	- Hum. E quem foi no piquenique? A Amanda tava? Tu sentaste perto dela, ou não? Vocês botaram uma toalha...
- Não, ela tava com o nível A, o nível A.	
	- Ah, ela estava com o nível A.

Análise das sentenças da criança

- “O piquenique foi muito legal.”/ função de avaliação
- “A gente lanchou.”/ função referencial
- “Tinha sucrilhos, bolo e morango.”/ função de orientação
- “Não, ela tava com o nível A, o nível A.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: Piquenique com a escola
- N° de sentenças da criança: 4 (em 5 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 50% das sentenças
 - Referencial: em 25% das sentenças
 - Avaliação: em 25% das sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de sentenças da mãe: 12 (em 6 turnos de fala)
- “Tu não me contaste como foi o piquenique hoje de manhã.”/ Frase (Questão) que introduz um novo tópico
- “Só me disseste que tinha sido bom.”/ Ênfase
- “Ai, que delícia!”/ Avaliação
- “Comeste o que?”/ Questão para esclarecer
- “E tomaste... O que tu tomaste?”/ Questão para esclarecer
- “Suco de que?”/ Questão para esclarecer
- “Hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “E quem foi no piquenique?”/ Questão para esclarecer
- “A Amanda estava?”/ Questão fechada
- “Tu sentaste perto dela, ou não?”/ Questão fechada
- “Vocês botaram uma toalha...”/ Pista
- “Ah, ela estava com o nível A.”/ Eco

Tabela 7

Síntese da interação narrativa

N7	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo	
Criança	4	5	2	1	1	0	
Mãe	12	6	4 (QE) 2 (QF)	1 (NT)	0	1 (At)	1 (Pst)
						1 (Ec)	1 (Av)

Legenda: QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico); At (expressões que mostram atenção); Pst (pista); Ec (eco); Av (avaliações).

Nota. Na classificação dessa tabela não está incluída uma ênfase que a mãe fez.

ANEXO G
NARRATIVAS DO CASO “O CAVALINHO PITT”

1- CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 7
- Tempo total de gravação: 5 minutos e 10 segundos
- N° de narrativas: 5

Narrativa 1: E. cobra dos pais igualdade de tratamento (O problema da escova)

falas da criança	falas da mãe
– Eu ficava falando antes... Eu tava falando antes que minha mana é idiota, que minha mãe e meu pai precisava comprar uma escova para mim, porque... ãhn...ela tem duas e eu só tenho uma.	– Tá e aí o que é que aconteceu com a escova?
– Eu disse prá comprarem, prá comprar uma prá mim. E daí, eu contei prá eles. Deu.	

Análise das sentenças da criança

- “Eu ficava falando antes...”/ função de orientação
- “...que minha mana é idiota, ”/ função de avaliação
- “...que minha mãe e meu pai precisava comprar uma escova para mim”/ função de orientação
- “...porque... ãhn...ela tem duas”/ função de orientação
- “...e eu só tenho uma.”/ função de orientação
- “Eu disse prá comprarem,”/ função referencial
- “...prá comprar uma prá mim.”/ repete
- “E daí, eu contei prá eles.”/ função referencial

Análise da narrativa

- Tema: E. cobra dos pais igualdade de tratamento
- N° de sentenças da criança: 8 (em 2 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 50% das sentenças
 - Referencial: em 25% das sentenças
 - Avaliação: em 12,5% das sentenças

Comentários extra:

- Informação referencial insuficiente (omissão do que aconteceu com a escova)

- Repete uma sentença

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 1
- “Tá e aí o que é que aconteceu com a escova?”/ Questão para esclarecer

Tabela 8

Síntese da interação narrativa

N1	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	8	2	4	2	1	
Mãe	1	1		1 (QE)		

Legenda: QE (questões para esclarecer).

Narrativa 2: A brincadeira do cavalinho Piti

falas da criança	falas da mãe
- (acha que) eu vou lembrar?	
	- Lembra.
- Uhhmm...No judô, eu tava brincando com o G. de cavalinho Piti. Quem queria ser o cavaleiro que ficava montado em cima de mim. Eu falei pro F. e ele não quis. Daí ele...Daí, o G. disse: - ”Eu”. Daí, eu...já que cavalo corre, eu corri. E ele bateu de olho no tatame.	- Ahhh...tá. E aí?
- E aí, ficou um vermelhinho aqui no olho dele.	

Análise das sentenças da criança

- “(acha que) eu vou lembrar?”/ função de avaliação
- “No judô, eu tava brincando com o G. de cavalinho Piti.”/ função referencial
- “Quem queria ser o cavaleiro...”/ função de orientação
- “...que ficava montado em cima de mim.”/ função de orientação
- “Eu falei pro F.”/ função de orientação
- “...e ele não quis.”/ função de orientação
- “Daí ele...Daí, o G. disse: - ”Eu”.”/ função de orientação (voz do narrador)
- “Daí, eu...já que cavalo corre,”/ função de avaliação
- “...eu corri.”/ função referencial
- “E ele bateu de olho no tatame.”/ função referencial
- “E aí, ficou um vermelhinho aqui no olho dele.”/ função referencial

Análise da narrativa

- Tema: A brincadeira do cavalinho Piti
- N° de sentenças da criança: 11 (em 3 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 45,4 % das sentenças
 - Referencial: em 36,3 % das sentenças
 - Avaliação: em 18 % das sentenças

Comentários extra:

- Reproduz falas do evento
- Presença da voz do narrador

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 3
- “Lembra.”/ Para devolver o turno de fala
- “Ah! Tá...”/ Para mostrar atenção
- “E aí?”/ Para devolver o turno de fala

Tabela 9

Síntese da interação narrativa

N2	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	11	3	5	4	2	
Mãe	3	2				1(At) 2(TF)

Legenda: TF (frases para devolver o turno de fala); At (expressões que mostram atenção).

Narrativa 3: Injustiça na escolafalas da criança

– Hoje, o G., ele foi egoísta, porque daí, ãhn, a A. deixou cair o livro dela, hoje, da biblioteca no chão. Daí, alguém botou no meu crédito. Daí, o G. deu prá mim devolver lá na biblio. Daí, ãhn...era da A. e a A. chorou. Daí, ela foi lá pega. Deu.

Análise das sentenças da criança

- “Hoje, o G., ele foi egoísta,”/ função de avaliação
- “...porque daí, ãhn, a A. deixou cair o livro dela, hoje, da biblioteca no chão.”/ função referencial
- “Daí, alguém botou no meu crédito.”/ função referencial
- “Daí, o G. deu prá mim devolver lá na biblio.”/ função referencial
- “Daí, ãhn...era da A.”/ função de orientação

- "...e a A. chorou."/ função referencial
- "Daí, ela foi lá pega."/ função referencial

Análise da narrativa:

- Tema: Injustiça na escola (malentendido)
- N° de sentenças da criança: 7
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 14,2% das sentenças
 - Referencial: em 71,4% das sentenças
 - Avaliação: em 14,2% das sentenças

Narrativa 4: Injustiça na casa de um colega

falas da criança

– ...no F., lá de noite no F., eu fui na casa dele. Daí, um amigo do V., ähn... Eu fui lá embaixo pedir...Não, daí, o C. foi lá embaixo pedir uma bolacha prá M., daí, e um suco. Daí, o C. subiu e eu pedi duas pro C. e ele me deu.(tosse). Ele me deu. Daí, ähn... eu pedi lá prá M. e a M. me deu. Daí, o amigo do V. foi: - "Ah, obrigado". Daí, ele me enganou, prá mim olha um leão. Ele me enganou. Daí, ele pegou a minha bolacha. Deu.(*disse bem baixinho*)

Análise das sentenças da criança

- "...no F., lá de noite no F., eu fui na casa dele."/ função de orientação
- "Eu fui lá embaixo pedir..."/ função referencial
- "Não, daí, o C. foi lá embaixo pedir uma bolacha prá M., daí, e um suco."/ (correção) função referencial
- "Daí, o C. subiu / função referencial
- "...e eu pedi duas pro C."/ função referencial
- "...e ele me deu."/ função referencial
- "Daí, ähn... eu pedi lá prá M."/ função referencial
- "...e a Maria me deu."/ função referencial
- "Daí, o amigo do Vinicius foi: - "Ah, obrigado"."/ função referencial
- "Daí, ele me enganou, "/ função avaliação
- "...prá mim olha um leão."/ função referencial
- "Ele me enganou."/ repete
- "Daí, ele pegou a minha bolacha."/ função referencial

Análise da narrativa

- Tema: Injustiça na casa de um colega

- N° de sentenças da criança: 13
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 7,6 % das sentenças
 - Referencial: em 77 % das sentenças
 - Avaliação: em 15,3 % das sentenças

Comentários extra:

- Reproduz falas do evento
- Repete uma sentença
- Presença de uma correção

Narrativa 5: Pequeno acidente durante aula de artes plásticas

falas da criança	falas da mãe
<p>– Tô me lembrando como é que é. Tá, hum... quer dizer... Hoje, ãhn, eu fui numa coisa de fazer, de aprender a fazer máscara. Daí, eu não quis fazer máscara, por causa que escorreu água e gesso no meu olho.</p>	<p>– E aí, como é que terminou?</p>
<p>– Daí, eu não quis fazer máscara.</p>	<p>– E daí tu não fez.</p>
<p>– Não.</p>	

Análise das sentenças da criança

- “Tô me lembrando como é que é.”/ função de avaliação
- “Hoje, ãhn, eu fui numa coisa...”/ função de orientação
- “...de fazer, de aprender a fazer máscara.”/ função de orientação
- “Daí, eu não quis fazer máscara...”/ função referencial
- “...por causa que escorreu água e gesso no meu olho.”/ função de orientação
- “Daí, eu não quis fazer máscara.”/ repete

Análise da narrativa

- Tema: Pequeno acidente durante aula de artes plásticas
- N° de sentenças da criança: 6 (em 3 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 50% das sentenças
 - Referencial: em 33,3% das sentenças
 - Avaliação: em 16,6% das sentenças

Comentários extra: repete uma sentença

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 2
- “E aí, como é que terminou?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “E daí tu não fez.”/ Frase síntese

Tabela 10

Síntese da interação narrativa

N5	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	6	3	3	2	1	0
Mãe	2	2		1 (QA)	0	1 (FS)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); FS (frases sínteses).

2- CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- Duração da visita: 30 minutos
- N° de registros: 1
- Tempo total de gravação: 4 minutos e 45 segundos

Narrativa 6: Férias

falas da criança	falas da mãe
- Tá. Fui quatro, cinco, seis vezes ao cinema. (pausa) Né, mãe? E ela foi oito.	- O que mais, o que é que vocês fizeram mais? Vocês foram prá praia com a vó...
- É. Fomos de novo prá praia e duas vezes prá praia. Compramos a minha mochila do X-man!	(A irmã responde: -“ A A. me ensinou karatê. Ahn... e ele a interrompe)
- E contou uma história prá gente de quando ela era pequena...	- É que a gente não viajou nessas férias.
- Ahhhhhhhhh!	(...) Então, eles foram prá praia com a minha sogra. Ficaram três dias, né? E depois voltaram. Aí, aqui, a gente ía ao cinema, se visitava os amigos.

Análise da narrativa

- “Tá. Fui quatro, cinco, seis vezes ao cinema.”/ função referencial
- “Né, mãe?”/ pedido de confirmação
- “E ela foi oito.”/ função referencial
- “É.”/ função de orientação
- “Fomos de novo prá praia e duas vezes prá praia.”/ função de orientação

- “Compramos a minha mochila do X-man!”/ função referencial
- “E contou uma história prá gente” / função referencial
- “... de quando ela era pequena.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: Férias
- N° de sentenças da criança: 8 (em 4 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 37,5% das sentenças
 - Referencial: em 37,5% das sentenças
 - Avaliação: em nenhuma sentença

Comentários extra:

- Solicita a participação do ouvinte em uma sentença

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 3 (excluídas intervenções dirigidas à pesquisadora)
- “O que mais, o que é que vocês fizeram mais?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Vocês foram para a praia com a vó...”/ Pista
- “Então, eles foram prá praia com a minha sogra.”/ Dirigida à pesquisadora
- “Ficaram três dias, né?”/ Questão fechada
- “E depois voltaram.”/ Dirigida à pesquisadora
- “Aí, aqui, a gente ía ao cinema, se visitava os amigos.”/ Dirigida à pesquisadora

Tabela 11

Síntese da interação narrativa

N6	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	8	4	3	4	0	0
Mãe	3	3	1 (QF)	1 (QA)	0	1 (Pst)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QF (questões fechadas); Pst (pista).

3- CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 7
- Tempo total de gravação: 16 minutos e 28 segundos
- N° de narrativas: 2

Narrativa 7: Conflito com colega

falas da criança	falas da mãe
- Porque eu incomodei o G. É, e eu dei, eu dei um nele,.....	- Porque tu estás de castigo, meu filho?
- Sim.	- E aí, o teu pai te botou de castigo?
- Quando tu foi buscar a mana.	- Que horas foi isso?
- Chato.	- Como é... Vocês conversaram? Como é que foi isso?
- Não sei.	- Chato porquê? Explica pra mim.
- Não sei mais...	- Não quer falar?
	- Foi por isso que tu brigaste com G., hoje?

Análise das sentenças da criança

- “Porque eu incomodei o G.”/ função referencial
- “É, e eu dei, eu dei um nele,.....”/ função referencial
- “Quando tu foi buscar a mana.”/ função de orientação
- “Não sei.”/ recusa
- “Não sei mais...”/ recusa

Análise da narrativa

- Tema: Conflito com colega
- N° de sentenças da criança: 5 (em 6 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 20% das sentenças
 - Referencial: em 40% das sentenças
 - Avaliação: não constitui uma sentença (“Chato.”)

Comentários extra

- Recusa em duas sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 9 (em 7 turnos de fala)
- “Porque tu estás de castigo, meu filho?”/ Questão aberta que introduz um novo tópico
- “E aí, o teu pai te botou de castigo?”/ Questão fechada
- “A que horas foi isso?”/ Questão para esclarecer

- “Como é... Vocês conversaram?”/ Questão fechada
- “Como é que foi isso?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Chato porquê?”/ Questão fechada
- “Explica pra mim.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Não quer falar?”/ Questão fechada
- “Foi por isso que tu brigaste hoje, com o G.?” / Questão fechada

Tabela 12

Síntese da interação narrativa

N7	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	5	6	1	2	0	0
Mãe	9	7	1 (QE)	1 (QA) 1 (QF) 1 (NT)	2 (QF)	1 (TF)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); TF (devoluções de turno de fala); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico).

Narrativa 8: Conflito na escola

falas da criança	falas da mãe
... no G. Bati no, no C. Bati no A...	
	- Foi? Porque, amor?
- Porque começaram a me incomodar.	
	- O que eles fizeram?
- Incomodar.	
	-Tá. Não fala igual à um bebê. Como é que eles te incomodaram? E aí, o que aconteceu quando eles te incomodaram?
- Eu derrubei eles. Daí, eu fiquei de castigo.	
	- E tu conversaste com a R.?
- Não.	
	- O que é que ela te falou?
- Ela tava trilhando corda e daí, não dava pra avisar ela.	
	- E foi no pátio?
- Foi.	
	- E quem é que estava junto?
- A D.	
	- Tá. E aí, tu explicaste pra D. o que aconteceu?
- Era a R. que tinha me botado de castigo. Ela só deixou eu sair, quando o (M.) colocou de castigo.	
	- Ah.
- A R. e a D. não são muito legais.	
	- Porque, filho? Porque? O que é que aconteceu que tu não achas elas...?

Análise das sentenças da criança

- “Bati no, no C.”/ função referencial
- “Bati no A.”/ função referencial
- “Porque começaram a me incomodar.”/ função referencial
- “Incomodar.”/ repete
- “Eu derrubei eles.”/ função referencial
- “Daí, eu fiquei de castigo.”/ função referencial
- “Ela tava trilhando a corda / função de orientação
- “...e daí, não dava pra avisar lá.”/ função de orientação
- “Foi.”/ função de orientação
- “Era a R. que tinha me botado de castigo.”/ função referencial
- “Ela só deixou eu sair,” / função referencial
- “...quando o (M.) colocou de castigo.”/ função de orientação
- “A R. e a D. não são muito legal.”/ função de avaliação

Análise da narrativa

- Tema: Conflito na escola
- N° de sentenças da criança: 13 (em 10 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 30,7% das sentenças
 - Referencial: em 61,5% das sentenças
 - Avaliação: em 7,6% das sentenças
- Comentários extra: repete uma sentença

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 17 (em 10 turnos de fala)
- “Foi?”/ Questão fechada
- “Porque, amor?”/ Questão para esclarecer
- “O que eles fizeram?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “Não fala igual à um bebê.”/ Comentário crítico
- “Como é que eles te incomodaram?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “O que aconteceu quando eles te incomodaram?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “E tu conversaste com a R.?”/ Questão fechada
- “O que é que ela te falou?”/ Questão aberta que amplia um tópico

- “Foi no pátio?”/ Questão fechada
- “E quem é que estava junto?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “E aí, tu explicaste pra D. o que aconteceu?”/ Questão fechada
- “Ah.”/ Expressão que mostra atenção
- “Porque, filho?”/ Questão para esclarecer
- “Porque?”/ Questão repetida
- “O que é que aconteceu que tu não achas elas...?”/ Questão aberta que amplia um tópico

Tabela 13

Síntese da interação narrativa

N8	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	13	10	4	7	1	0
Mãe	17	10	1 (QA) 1 (QF)	5 (QA) 3 (QF) 1 (QE)	1 (QE) 1 (QR)	3 (At)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); QR (questões repetidas); At (expressões que mostram atenção).

ANEXO H

NARRATIVAS DO CASO “FORMIGA VERMELHA”

1- CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 9
- Tempo total de gravação: 36 minutos e 12 segundos
- N° de narrativas: 5

Narrativa 1: D. discute com sua amiga

Falas da criança	Falas da mãe
- É que assim, ó. A M. ficou me enchendo. Daí eu...	- Como é que foi?
- Daí, a M. ficou me enchendo e ela... (<i>barulhos</i>) : “Mãe, né que se senta assim, assim... Né, que se senta assim, depois vai ter que andar assim?”	- Quem falou isso?
- A M.	- A M.
- Depois, tem que andar assim, né?	- Ah-ha! Quer dizer, se sentar errado, depois, vai andar errado mais tarde.
- É, se senta assim, ó. Sabe como, mãe, que eu gosto.	- Ummm. E aí, como é que foi ? Ela perguntou isso para a mãe dela?
- E ela disse que não, a mãe dela, mas é verdade! Eu falo. Eu acho assim ó, mãe, daí a M., ela vinha me enchendo o saco e eu não gostei. (<i>chorosa</i>)	- Porque que ela te encheu o saco? O que é que ela fez que tu não gostaste?
- Ela ficou dizendo a toda hora prá mãe dela e a mãe dela ficou dizendo só prá mim. (<i>chorosa</i>)	- Mas eu não entendi. O que é que a M. dizia para a mãe dela?
- Ela dizia que eu tava mentindo, mas eu não tô mentindo. (<i>chorosa</i>)	- Mas sobre o que é? Como é? Conta para a mãe ?
- É assim ó, a M., ela tinha me enchido o saco, né? Daí, eu disse: "Ah, M., eu não vou nunca mais vim na tua casa, porque tu fica me enchendo na próxima vez".	- Tu não vais na casa da M., porque ela fica te chateando?
- É.	- O que é que ela faz que tu não gostas?
- Ela fica me chateando. Não gosto! (<i>chorando</i>)	- Sim. Mas o que é que ela faz?
(<i>chora</i>) - Não sei...	- Tá. Tu queres contar mais alguma coisa que aconteceu hoje à tarde na casa da M.?
-Não.	- Tu não queres contar mais nada ?

Análise das sentenças da criança

- “É que assim, ó.”/ pede o turno de fala
- “A M. ficou me enchendo.”/ função referencial
- “Daí, a M. ficou me enchendo e”/ repete
- “Mãe, né, que se senta assim, assim...”/ função de orientação
- “Né, que se senta assim,”/ repete
- “... depois, vai ter que andar assim?”/ função de orientação
- “Depois, tem que andar assim, né?”/ repete
- “É se senta assim, ó.”/ repete
- “Sabe como mãe, que eu gosto?”/ pede confirmação
- “E ela disse que não, a mãe dela,”/ função referencial
- “... mas é verdade!”/ função de avaliação
- “Eu falei.”/ função referencial
- “Eu acho assim ó, mãe...”/ pede o turno de fala
- “Daí, a M., ela vinha me enchendo o saco”/ repete
- “... e eu não gostei.”/ função de avaliação
- “Ela ficou dizendo a toda hora prá mãe dela”/ função de orientação
- “... e ela ficou dizendo só prá mim.”/ função referencial
- “Ela dizia”/ função referencial (voz do narrador)
- “... que eu tava mentindo.”/ função referencial
- “Mas, eu não tô mentindo.”/ função de avaliação
- “É assim ó,”/ pede o turno de fala
- “... a M., ela tinha me enchido o saco, né?”/ repete
- “Daí, eu disse:”/ função referencial (voz do narrador)
- “Ah, M., eu não vou nunca mais”/ função de orientação
- “... vim na tua casa,”/ função de orientação
- “... porque tu fica me enchendo, na próxima vez.”/ função referencial
- “É.”/ função referencial
- “Ela fica me chateando.”/ função referencial
- “Não gosto!”/ função de avaliação
- “Não sei...”/ recusa

Análise da narrativa

- Tema: D. se desentende com sua amiga
- N° de sentenças da criança: 30 (em 13 turnos de fala)

- Funções das sentenças:

- Orientação: em 16,6% das sentenças
- Referencial: em 36,6% das sentenças
- Avaliação: em 13,3% das sentenças

Comentários extra:

- Pede o turno de fala três vezes
- Presença da voz do narrador
- Presença de uma recusa
- Pede uma confirmação
- Repete cinco sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 22 (em 13 turnos de fala)
- “Como é que foi?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Quem falou isso?”/ Questão para esclarecer
- “A M.”/ Eco
- “Ah-ha!”/ Expressão que mostra atenção
- “Quer dizer, se sentar errado, depois vai andar errado, mais tarde.”/ Frase síntese
- “Uhhh.”/ Expressão que mostra atenção
- “E aí, como é que foi ?”/ Questão repetida
- “Ela perguntou isso para a mãe dela?”/ Questão fechada
- “Porque que ela te encheu o saco?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “O que é que ela fez que tu não gostaste?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Mas eu não entendi.”/ Ênfase
- “O que é que a M. dizia para a mãe dela?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Mas sobre o que é?”/ Questão para esclarecer
- “Como é?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Conta para a mãe ?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Tu não vais na casa da M., porque ela fica te chateando?”/ Frase síntese
- “O que é que ela faz que tu não gostas?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Sim.”/ Expressão que mostra atenção
- “Mas o que é que ela faz?”/ Questão repetida
- “Tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “Tu queres contar mais alguma coisa que aconteceu hoje à tarde na casa da M.?”/ Questão fechada

- “Tu não queres contar mais nada ?”/ Questão fechada

Tabela 14

Síntese da interação narrativa

N1	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	30	13	5	11	4	3
Mãe	22	13	1 (QA) 2 (QE)	5 (QA) 3 (QF) 2 (QR)		2 (FS) 1(TF) 4 (At) 1 (Ec)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); QR (questões repetidas); FS (frases sínteses); TF (frases para devolver o turno de fala); At (expressões que mostram atenção); Ec (eco).

Nota. Na classificação dessa tabela não está incluída uma ênfase que a mãe fez.

Narrativa 2: Viagem de fim de semana com a amiga de D.

Falas da criança	Falas da mãe
	- Tu vais me contar o que é que aconteceu lá.
- Eu subi em cima da cama da M. e era sem grade, só uma metade que não, e eu fui na metade que não e eu soltei a mão e não caí, e era no tapete que tinha embaixo. Daí, a M., ela ficou me chateando e ía dizer toda a vez prá mamã, prá mãe dela e eu...	
- Não, ela desligou a TV. Ela não gostou!	- Tu pulaste na cama dela e ela não gostou?
- A gente... Quando eu fui te, me levar, eu... Sabe o que é que eu fui? Eu fui num carro. Primeiro, do pai da M.. Depois, eu fui num outro, sem cinto nos dois. E daí, eu me diverti muito e eu... Só que daí, no meio do caminho, deu uma travada e eu e a Ma... O pai da M. deu uma travada e eu e a M., a gente, caiu prá frente. Só que a gente não caiu lá prá frente, que nem foi uma vritine.	- E aí, o que mais que vocês fizeram de legal?
- Daí, a gente foi numa loja e viu um cinema que era a “Bela e a Fera”.(...)	- Que nem foi o quê?

Análise das sentenças da criança

- “Eu subi em cima da cama da M.”/ função referencial
- “... e era sem grade, só uma metade que não.”/ função de orientação
- “E eu fui na metade que não”/ função de orientação

- "... e eu soltei a mão"/ função referencial
- "... e não caí,"/ função de orientação
- "... e era no tapete"/ função de orientação
- "... que tinha embaixo."/ função de orientação
- "Daí, a M., ela ficou me chateando"/ função referencial
- "... e ía dizer toda a vez prá mamã, prá mãe dela"/ função referencial
- "Não, ela desligou a TV."/ função referencial
- "Ela não gostou!"/ função de avaliação
- "A gente, quando eu fui te, me levar"/ função de orientação
- "Sabe o que é que eu fui?"/ propõe que o(a) ouvinte antecipe algo
- "Eu fui num carro, primeiro, do pai da M."/ função de orientação
- "Depois, eu fui num outro, sem cinto nos dois."/ função de orientação
- "E daí, eu me diverti muito"/ função de avaliação
- "Só que daí, no meio do caminho, deu uma travada"/ função referencial
- "O pai da M. deu uma travada"/ função de orientação
- "... e eu e a M., a gente, caiu prá frente."/ função referencial
- "Só que a gente não caiu lá prá frente,"/ função de orientação
- "... que nem foi uma vritine."/ função de orientação
- "Daí, a gente foi numa loja,"/ função de orientação
- "... e viu um cinema"/ função referencial
- "... que era a "Bela e a Fera"/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: Viagem de fim de semana com a amiga M.
- N° de sentenças da criança: 24 (em 4 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 54,1% das sentenças
 - Referencial: em 33,3% das sentenças
 - Avaliação: em 8,3% das sentenças

Comentários extra:

- Presença de correções
- Propõe que o(a) ouvinte antecipe algo

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 4 (em 4 turnos de fala)
- "Tu vais me contar o que é que aconteceu lá."/ Questão aberta que amplia o tópico

- “Tu pulaste na cama dela e ela não gostou?”/ Frase síntese
- “E aí, o que mais que vocês fizeram de legal?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Que nem foi o quê?”/ Questão para esclarecer

Tabela 15

Síntese da interação narrativa

N2	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	24	4	13	8	2	0
Mãe	4	4	1 (QE)	2(QA)		1 (FS)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); FS (frases sínteses).

Narrativa 3: O dia na casa da amiga F.

Falás da criança	Falás da mãe
- Oi ! Eu sou a D.. É que assim ó, eu fui na casa da F. e a gente se divertiu muito. A gente foi até a escola sozinhas, sem a P.(<i>mãe da F.</i>)! E foi muito legal! E a gente nem se perdeu. Foi as primeiras que entrou na aula, na aula. Daí, a gente viu o G., vindo atrás da gente. E foi muito legal. Mas, ontem, na M. foi muito chato!	- Agora a D. vai contar o que elas fizeram lá na casa da F.
- Mas, a gente brincou...E da, ontem, hoje, na F., a M. foi junto.	- Foi?
- Ela foi e nós três e chegamos juntas. Daí, depois, C. (<i>a mãe da M.</i>) nos pegou. A gente tava indo no banheiro. E a gente fez umas baguncinhas no banheiro. Depois, voltamos prá sala. E foi muito legal também, o meu amigo, também tinha ido atrás da gente, o G. O carro da P. era muito legal. Eu fui no carro da P. sem cinto!	- Foi? (...) Tu estás brincando!?
(<i>riu</i>) - E foi muito legal! Eu me diverti muito! E depois, a gente foi prá escola.	

Análise das sentenças da criança

- “Oi ! Eu sou a D..”/ função de orientação (voz do narrador)
- “É que assim ó,”/ pede o turno de fala
- “... eu fui na casa da F.”/ função de orientação
- “... e a gente se divertiu muito.”/ função de avaliação
- “A gente foi até a escola sozinhas, sem a P.!”/ função referencial
- “E foi muito legal!”/ função de avaliação
- “E a gente nem se perdeu.”/ função de avaliação

- “Foi as primeiras que entrou na aula, na aula.”/ função de orientação
- “Daí, a gente viu o G.”/ função referencial
- “... vindo atrás da gente.”/ função de orientação
- “E foi muito legal.”/ função de avaliação
- “Mas, ontem, na M. foi muito chato!”/ função de avaliação
- “Mas, a gente brincou...”/ função referencial
- “E da, ontem, hoje, na F., a M. foi junto.”/ função de orientação
- “Ela foi”/ função de orientação
- “... e nós três e chegamos juntas.”/ função de orientação
- “Daí, depois, a C. nos pegou.”/ função referencial
- “A gente tava indo no banheiro.”/ função de orientação
- “E a gente fez umas baguncinhas no banheiro.”/ função referencial
- “Depois, voltamos prá sala.”/ função de orientação
- “E foi muito legal também.”/ função de avaliação
- “O meu amigo também tinha ido atrás da gente, o G.”/ função de orientação
- “O carro da P. era muito legal.”/ função de orientação
- “Eu fui no carro da P. sem cinto!”/ função de orientação
- “E foi muito legal!”/ função de avaliação
- “Eu me diverti muito!”/ função de avaliação
- “E depois, a gente foi prá escola.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: O dia na casa da amiga F.
- N° de sentenças da criança: 27 (em 4 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 48,1% das sentenças
 - Referencial: em 18,5% das sentenças
 - Avaliação: em 29,6% das sentenças

Comentários extra:

- Presença de voz do narrador
- Pede o turno de fala

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 4 (em 4 turnos de fala)
- “Agora a D. vai contar o que elas fizeram lá na casa da F.”/ Questão aberta que introduz um novo tópico

- “Foi?”/ Questão fechada
- “Foi?”/ Questão fechada
- “Tu estás brincando!?”/ Frase síntese

Tabela 16

Síntese da interação narrativa

N3	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	27	4	12	5	8	0
Mãe	4	4	1 (QF)	1 (NT)	1 (QF)	1 (FS)

Legenda: QF (questões fechadas); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico); FS (frases sínteses).

Narrativa 4: D. conta o que fez no dia anterior

Falas da criança	Falas da mãe
- Eu fui na casa da M., ontem.	- E como é que foi?
- E foi bem legal. Só que não dá pra ir todas ao mesmo tempo, porque eu tenho que ficar sozinha. E não dá mais, agora, porque eu tive balê e ginástica. E eu não pude pular, porque eu tava doente. E eu não podia pular na cama elástica. Quem não foi reservada não pôde, mas quem foi pode. Todas as amigas foram reservadas, menos eu.	- O que é reservada?
- É quem vai pular e que não reservou, não vai pular.	- Tá(...)

Análise das sentenças da criança

- “Eu fui na casa da M., ontem.”/ função de orientação
- “E foi bem legal.”/ função de avaliação
- “Só que não dá pra ir todas, ao mesmo tempo,”/ função de orientação
- “... porque eu tenho que ficar sozinha.”/ função referencial
- “E não dá mais, agora,”/ função de orientação
- “Porque eu tive balê e ginástica.”/ função referencial
- “E eu não pude pular,”/ função referencial
- “... porque eu tava doente.”/ função de orientação
- “E eu não podia pular na cama elástica.”/ função referencial
- “Quem não foi reservada”/ função de orientação
- “... não pôde,”/ função de orientação
- “... mas quem foi pode.”/ função de orientação
- “Todas as amigas foram reservada, menos eu.”/ função de orientação
- “É quem vai pular”/ função de orientação

- "... e que não reservou"/ função de orientação
- "... não vai pular."/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: D. conta o que fez no dia anterior
- N° de sentenças da criança: 16 (em 3 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 68,7% das sentenças
 - Referencial: em 25% das sentenças
 - Avaliação: em 6,2% das sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 3 (em 3 turnos de fala)
- "E como é que foi?"/ Questão aberta que amplia o tópico; para compreender aspectos subjetivos
- "O que é reservada?"/ Questão para esclarecer; para obter descrição
- "Tá."/ Expressão que mostra atenção

Tabela 17

Síntese da interação narrativa

N4	Sentenças x turnos		orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
	Intervenções					
Criança	16	3	11	4	1	0
Mãe	3	3	1 (QE)		1 (QA)	1 (At)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); At (expressões que mostram atenção).

Narrativa 5: D. conta o dia na escola

Falas da criança	Falas da mãe
- Sim. É que na Bia, eu fiz um monte de coisa. E também, eu vi que a mãe foi no car... Eu vi quando tu tava, quando tu tava vindo pro colégio. Eu vi.	- E tu podes contar para a mamãe, alguma coisa que aconteceu hoje, no recreio?
- Vi, porque eu tava, ainda, no pátio.	- Tu me viste vindo para o colégio?
- Eu tava espiando os carros.	- Uhhmm...E o que é que tu estava fazendo no pátio?
- É.	- Espiando os carros?

- E o que é que tu viste, daí?

- Eu vi um monte de coisa.

Análise das sentenças da criança

- “É que na B.”/ função de orientação
- “... eu fiz um monte de coisa.”/ função referencial
- “E também, eu vi”/ função referencial
- “... que a mãe foi no car...”/ função de orientação
- “Eu vi”/ repete
- “... quando tu tava, quando tu tava vindo pro colégio,”/ função de orientação
- “... eu vi.”/ repete
- “Vi,”/ função referencial
- “... porque eu tava ainda no pátio.”/ função de orientação
- “Eu tava espiando os carros.”/ função referencial
- “É.”/ confirmação
- “Eu vi um monte de coisa.”/ função referencial

Análise da narrativa

- Tema: D. conta o dia na escola
- N° de sentenças da criança: 12 (em 5 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 33,3% das sentenças
 - Referencial: em 41,6% das sentenças
 - Avaliação: não há

Comentários extra:

- Presença de uma confirmação
- Repete duas sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 6 (em 5 turnos de fala)
- “E tu podes contar para a mamãe, alguma coisa que aconteceu hoje no recreio?”/ Questão aberta que introduz um novo tópico
- “Tu me viste vindo para o colégio?”/ Questão fechada
- “Uhhmm...”/ Expressão que mostra atenção
- “E o que é que tu estavas fazendo no pátio?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Espionando os carros?”/ Questão fechada

- “E o que é que tu viste, daí?”/ Questão aberta que amplia o tópico

Tabela 18

Síntese da interação narrativa

N5	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	12	5	4	5	0	0
Mãe	6	5	1 (QA)	1 (QA) 1 (NT)		1 (At) 2 (Ec)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico); At (expressões que mostram atenção); Ec (eco).

2- CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- N° de registros: 1
- Tempo total de gravação: 7 minutos e 15 segundos
- N° de narrativas: 1

Narrativa 6: A viagem de férias com a família

Falas da criança	Falas da mãe
- E a gente...A gente foi prá Natal e levou a T. junto...	- A gente foi aonde?
- As dundas... (<i>rindo</i>)	- As dundas ou as dunbas ? (<i>rindo</i>)
- Dunas.	- As dunas. E a gente foi...
(<i>interrompendo</i>) - A gente foi nas dunas. Então, a gente tomou banho de mar.	- Uhm-hum. E o que é que a gente fez nas dunas?
- A gente foi andando assim (<i>fez as mãos deslizarem</i>).	- Ah-há. E era em que tipo de carro que a gente andava?
- Num... (<i>pensativa</i>)	- Como é que era o nome daquele carro, que não tem porta, não tem capota?
- Hummm (<i>tom choroso</i>)	(<i>sussurrando</i>) - Bugui.
- E a gente andou num bugui. (<i>tom animado</i>)	- E a gente andava devagarinho nas dunas, ou andava...
- Rápido.	- E o que aconteceu com a D.?
- Eu bati a cabeça.	- Foi. E quando que a D. bateu a cabeça?
- Numa hora que ía lá embaixo e foi assim.(<i>mostrou com as mãos uma lombada</i>)	- E o moço foi muito rápido, né?
- É.	

<i>(fica rindo)</i>	- E aí, a D. bateu com a cabeça naquele... no Santo Antônio. Daí, o que é que a D. falou para a mamãe? - E o que a D. disse para a mamãe, daí?
- O que eu não queria mais ir nas dunas.	- Isso. E depois, no que mais que a gente andou? Como é que era o nome daquela montanha de areia que a gente esquí...que a gente descia? Uma que tem um nome meio feio...
<i>(D. faz uns gemidinhos enquanto a mãe fornece as pistas) - Como?</i>	- Aquela...
<i>(interrompe, com voz firme) - O ski-bunda!</i> A gente foi...a gente ía num...a gente ía sentado e a mãe ía comigo na frente e eu botava a mão no joelho. Daí, a gente caía dentro d'água.	- Uhn-hum.
- Mãe, né que a água era funda e eu fui?	- Foi.
- Mas, o moço podia ir mais longe, porque mais longe, eu também daria pé.	- É...
<i>(interrompe) - Mais, mais, ahn, manhê, manhê!</i> Mas é que se fosse naquele fundão que a gente, que ele atirasse a gente, daí, tu teria que me pegar de bóia, né?	- Teria, porque tu não tinhas bóia.
- É.	- E teve uma outra coisa que também tinha um nome assim meio gozado, mas que em vez de descer a montanha, a gente ía pelo ar. Como é que se chamava aquilo ?
- O aero-bunda.	<i>(todas rimos) - É.</i> A Disney dos nordestinos. É tudo assim, né? Como é que a D. ficou fazendo lá embaixo? (...) Como é que era aquilo que a D. ficou fazendo lá na...Tinha uma lagoa lá?
- Tinha. Era de jacaré! <i>(ri)</i>	- Jacaré. Ai! O que mais que tinha? O que é que tinha quando a gente estava almoçando?
<i>(Olha para a mãe, pensativa)</i>	- Aconteceu uma coisa quando a gente estava almoçando. Duas coisas aconteceram, bem estranhas, quando a gente estava almoçando lá naquele lugar da lagoa.
- O que foi?(bem baixinho para à mãe)	- O tombo. <i>(sussurrado)</i>
- O pai e a mana caíram de trás com a... de trás, os dois se empurraram com a cadeira e os dois foram assim prá trás. E tava uma árvore atrás, atrás e ainda por cima. Tinha uma árvore.	- Qual é a outra coisa daí, mais interessante,

	que aconteceu, quando a gente estava almoçando? Não te lembras de um animalzinho assim ?
- Uma co...uma cobra! (<i>rindo</i>)Ela entrou dentro do lago.	
	- Diz prá Lídia, se ela passou longe ou perto da mamãe.
- Ela passou bem pertinho. (<i>rindo</i>)	
	- Diz o tamanho que ela era.(ri) (<i>As duas mostram com os braços e seguem rindo</i>) - Não foi?
- E era cobra... Era cobra d'água.	
	- Dizem que era cobra d'água.
- Só que não era invenenosa.	
	- E tem uma outra coisa legal.
- Tinha um lago que a gente comia e dava comida pros peixinhos. E era água, a gente almoçava na água. A cadeira era na água. A gente pedia a farinha prum cozinheiro e a gente pescava os peixinhos.	
	- Aonde que pescava o peixinho? Lembra aonde que a gente pescava o peixinho?
- Na água.	
	- Não, mas como é que a gente pegava o peixinho?
- Num saco.	
	- E como é que a gente fazia o peixinho entrar naquele saco?
- Botando agüinha, um pouco. Botando farinha ali dentro e daí, pega o peixinho.	
	- E depois, que é que a gente fez com o peixinho?
- A gente devolveu ele. Só prá fica cuidando um pouquinho, né mãe?	
	- Hum-hum. E não tinha uma outra coisa também que a gente pegava o peixinho? O que o moço deu para a mana?
- Garrafa.	
	- Hum-hum.
- A gente pegava eles na garrafa. Deu! (<i>se desencosta da mãe e levanta</i>)	(<i>Todas rimos e encerrei a gravação</i>)

Análise das sentenças da criança

- “E a gente...A gente foi prá Natal”/ função de orientação
- “... e levou a T. junto.”/ função de orientação
- “A gente foi nas dunas.”/ função de orientação
- “Então, a gente tomou banho de mar.”/ função referencial
- “A gente foi andando assim.”/ função referencial
- “E a gente andou num bugui.”/ função referencial

- “Eu chorei.”/ função referencial
- “Eu bati a cabeça.”/ função referencial
- “Numa hora que ía lá embaixo”/ função de orientação
- “e foi assim.”/ função de orientação
- “É.”/ função de orientação
- “Que eu não queria mais ir nas dunas.”/ função de avaliação
- “A gente foi...”/ sentença incompleta
- “a gente ía num...”/ sentença incompleta
- “a gente ía sentado”/ função de orientação
- “e a mãe ía comigo na frente”/ função de orientação
- “e eu botava a mão no joelho.”/ função referencial
- “Daí, a gente caía dentro d’água.”/ função referencial
- “Mãe, né que a água era funda”/ função de orientação (pede confirmação)
- “e eu fui?”/ função de orientação
- “Mas, o moço podia ir mais longe,”/ função de avaliação
- “porque mais longe, eu também daria pé.”/ função de avaliação
- “Mas é que se fosse naquele fundão”/ função de avaliação
- “que a gente, que ele atirasse a gente,”/ função de avaliação
- “Daí, tu teria que me pegar de bóia, né?”/ função de avaliação (pede confirmação)
- “É.”/ função de orientação
- “Tinha.”/ função de orientação
- “Era de jacaré!”/ função de orientação
- “O que foi?”/ pede que a mãe lhe indique a resposta certa
- “Ela entrou dentro do lago.”/ função referencial
- “Ela passou bem pertinho.”/ função de orientação
- “E era cobra...era cobra d’água.”/ função de orientação
- “Só que não era invenenosa.”/ função de orientação
- “Tinha um lago”/ função de orientação
- “que a gente comia”/ função referencial
- “e dava comida pros peixinhos.”/ função referencial
- “E era água,”/ função de orientação
- “a gente almoçava na água.”/ função referencial
- “A cadeira era na água.”/ função de orientação
- “A gente pedia a farinha prum cozinheiro.”/ função referencial
- “E a gente pescava os peixinhos.”/ função referencial

- “Botando agüinha, um pouco.”/ função referencial
- “Botando farinha ali dentro”/ função referencial
- “e daí, pega o peixinho.”/ função referencial
- “A gente devolveu ele.”/ função referencial
- “Só prá fica cuidando um pouquinho, né mãe?”/ função de orientação (pede confirmação)
- “A gente pegava eles na garrafa.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: Férias
- N° de sentenças da criança: 47 (em 34 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 44,6% das sentenças
 - Referencial: em 36,1% das sentenças
 - Avaliação: em 12,7% das sentenças

Comentários extra:

- Presença de duas sentenças incompletas
- Pede que a mãe lhe indique a resposta certa
- Pede confirmação de informações em duas sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 57 (em 34 turnos de fala)
- “A gente foi aonde?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “As dunbas ou as dundas ou as dunas?”/ Questão para esclarecer
- “As dunas.”/ Eco
- “E a gente foi...”/ Pista
- “Uhm-hum. ”/ Expressão que mostra atenção
- “E o que é que a gente fez nas dunas?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Ah-há.”/ Expressão que mostra atenção
- “E era em que tipo de carro que a gente andava?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Como é que era o nome daquele carro, que não tem porta, não tem capota?”/ Pista
- “Bugui.”/ Informação
- “E a gente andava devagarinho nas dunas, ou andava...”/ Pista
- “E o que aconteceu com a D.?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Aconteceu uma coisa com a D.”/ Pista
- “Foi.”/ Confirmação

- “E quando que a D. bateu a cabeça?”/ Questão para esclarecer
- “E o moço foi muito rápido, né?”/ Questão fechada
- “E aí, a D. bateu com a cabeça naquele... no Santo Antônio.”/ Frase síntese
- “Daí, o que é que a D. falou para a mamãe?”/ Pista
- “E o que a D. disse para a mamãe, daí?”/ Questão repetida
- “Isso.”/ Expressão que mostra atenção
- “E depois, no que mais que a gente andou?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Como é que era o nome daquela montanha de areia que a gente esqui...que a gente descia?”/ Pista
- “Uma que tem um nome meio feio...”/ Pista
- “Aquela...”/ Pista
- “Uhm-hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Foi.”/ Confirmação
- “É...”/ Confirmação
- “Teria, porque tu não tinhas bóia.”/ Confirmação
- “E teve uma outra coisa que também tinha um nome assim meio gozado, mas que em vez de descer a montanha, a gente ía pelo ar. Como é que se chamava aquilo? Pista
- “É.”/ Confirmação
- “É tudo assim, né?”/ Questão fechada
- “Como é que a D. ficou fazendo lá embaixo?”/ Pista
- “Como é que era aquilo que a D. ficou fazendo lá na...”/ Questão repetida
- “Tinha uma lagoa lá?”/ Questão fechada
- “Jacaré.”/ Eco
- “Ai!”/ Expressão que mostra atenção
- “O que mais que tinha?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “O que é que tinha quando a gente estava almoçando?”/ Pista
- “Aconteceu uma coisa quando a gente estava almoçando.”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Duas coisas aconteceram, bem estranhas, quando a gente estava almoçando lá naquele lugar da lagoa.”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “O tombo.”/ Informação
- “Qual é a outra coisa daí, mais interessante, que aconteceu, quando a gente estava almoçando?”/ Pista
- “Não te lembras de um animalzinho, assim?”/ Pista
- “Diz prá Lídia, se ela passou longe ou perto da mamãe.”/ Questão para esclarecer

- “Diz o tamanho que ela era.”/ Pista
- “Não foi?”/ Questão fechada
- “Dizem que era cobra d’água.”/ Informação
- “E tem uma outra coisa legal.”/ Informação
- “Aonde que pescava o peixinho?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Lembra aonde que a gente pescava o peixinho?”/ Questão repetida
- “Não, mas como é que a gente pegava o peixinho?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “E como é que a gente fazia o peixinho entrar naquele saco?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “E depois, o que é que a gente fez com o peixinho?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Hum-hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “E não tinha uma outra coisa também que a gente pegava o peixinho?”/ Pista
- “O que o moço deu para a mana.”/ Pista
- “Hum-hum.”/ Expressão que mostra atenção

Tabela 19

Síntese da interação narrativa

N6	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo	
Criança	47	34	21	17	6	0	
Mãe	57	34	2 (QA) 7 (QE) 3 (QF) 2 (QR)	7 (QA) 1 (QF) 1 (QR)		1 (FS)	11 (At) 2 (Ec) 4 (Inf)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); QR (questões repetidas); FS (frases sínteses); At (expressões que mostram atenção); Pst (pista); Ec (eco).

3- CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 5
- Tempo total de gravação: 30 minutos
- N° de narrativas: 4

Narrativa 7: O aniversário de M. na escola

Falas da criança	Falas da mãe
	- Tá. E o que a D. pode contar do que

	aconteceu no colégio hoje?
- Hoje, eu não sei que horas, eu fui pro colégio, mas eu tive aniversário da minha amiga.	
	- Amiga? E como é que foi? Conta para a mamãe como é que foi o aniversário.
- Foi legal.	
	- Quem era a amiguinha que estava fazendo aniversário?
- A M.	
	- E daí, como era assim a festa?
- Foi maneiro.	
(Risos)	- Maneiro! (Risos).
	- E o que quer dizer maneiro?
- É de... quer dizer uma coisa legal.	
	- Mas assim, me conta pra mamãe... A mamãe não vai mais ficar fazendo perguntas... (a irmã pergunta com que roupa ela estava)
- De roupa branca, ela...	
	- Tá. Me conta como foi a festa.
- ... tava de noiva.	
	- De noiva?
(risos) - Ela tava toda de branco.	
	- É? E era aniversário dela ou ela ía casar com alguém?
- Ia casar.	
	(Risos) - Casar com quem?
- Com o F... com o F, com o P.... (Risos)	
	- Nossa, e aí? Ela casou com o P?
- Casou e depois, que foi o aniversário. Primeiro, era o casamento e depois, que foi o aniversário.	
	- Ah, tá. E depois que houve o casamento, o que aconteceu?
- Daí a gente... Depois foi o aniversário, e depois do aniversário a gente... não, depois a gente tava na aula da Bia depois do casamento...	

Análise das sentenças da criança

- “Hoje, eu não sei a que horas,”/ função de orientação
- “... eu fui pro colégio,”/ função referencial
- “... mas, eu tive aniversário da minha amiga.”/ função de orientação
- “Foi legal.”/ função de avaliação
- “Era maneiro.”/ função de avaliação
- “É de, quer dizer, uma coisa legal.”/ função de orientação
- “De roupa branca, ela... tava de noiva.”/ função de orientação

- “Ela tava toda de branco.”/ função de orientação
- “Ia casar.”/ função de orientação
- “Casou”/ função referencial
- “... e depois, que foi o aniversário.”/ função de orientação
- “Primeiro, era o casamento,”/ função de orientação
- “... e depois, que foi o aniversário.”/ repete
- “Depois, foi o aniversário.”/ repete
- “E depois do aniversário, a gente..”/ função de orientação
- “Não, depois, a gente tava na aula da B., depois do casamento.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: O aniversário da minha amiga M. na escola.
 - N° de sentenças da criança: 16 (em 12 turnos de fala)
 - Funções das sentenças:
 - Orientação: em 62,5% das sentenças
 - Referencial: em 12,5% das sentenças
 - Avaliação: em 12,5% das sentenças
- Comentários extra: Repete duas sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 20 (em 12 turnos de fala)
- “E o que a D. pode contar do que aconteceu no colégio hoje?”/ Questão aberta que introduz um novo tópico
- “Amiga?”/ Eco parcial
- “E como é que foi?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Conta para a mamãe.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Como é que foi o aniversário?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Quem era a amiguinha que estava fazendo aniversário?”/ Questão para esclarecer
- “E daí, como era assim a festa?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Maneiro?!”/ Eco
- “E o que quer dizer maneiro?”/ Questão para esclarecer
- “Mas assim, me conta pra mamãe...”/ Frase para devolver o turno de fala
- “A mamãe não vai mais ficar fazendo perguntas...”/ Informação
- “Tá, me conta como foi a festa.”/ Questão repetida
- “De noiva?”/ Eco
- “É?”/ Questão fechada

- “E era aniversário dela ou ela ia casar com alguém?”/ Questão para esclarecer
- “Casar com quem?”/ Questão para esclarecer
- “Nossa!”/ Expressão que mostra atenção
- “E aí, ela casou com o P?”/ Questão fechada
- “Ah, tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “E depois que houve o casamento, o que aconteceu?”/ Questão aberta que amplia o tópico

Tabela 20

Síntese da interação narrativa

N7	Sentenças x Intervenções	Turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	16	12	10	2	2	0
Mãe	20	12	3 (QE) 1 (QA) 1 (QF) 1 (QR)	3 (QA) 1 (QE) 3 (QF) 1 (NT)		2 (At) 3 (Ec) 1 (Inf)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); QR (questões repetidas); At (expressões que mostram atenção); Inf (informações); Ec (eco).

Narrativa 8: A aula de Educação Física

Falas da criança	Falas da mãe
- É. E a B. é também, faz umas coisas legal, e também, ham...	(a irmã pergunta se a B. é a prof de Educação Física) - Mas, o que são as coisas legais que a B. faz?
- Pára, eu...	- Não, a mãe quer que tu digas assim, ó: o que a B. faz de legal lá na aula de ginástica?
- Ela media... Ginástica?	- Educação Física.
- Daí, daí na educação física, se a B. nos dá aula... Ela um dia, hoje, ela, a gente tinha a D. e a B. rodando na corda, bem alto, e a gente tinha que passar por baixo.	- Puxa, que legal.
(a irmã pergunta se ela conseguiu) - Consegui. E era de encostar, e eu consegui.	- Como assim, encostar na corda?
- É. (...) Eu fui engatinhando.	- Embaixo da corda?
- Sim, e também... Daí eu, daí a Bia chegou na aula e, e a C. tava arrumando ainda. Daí, a gente foi embora. Ficou, assim, no pátio	

do meio, e depois do aniversário, e depois, no pátio grande. E depois, e depois, a mãe me buscou na ginástica. Fim. - Muito bem!

Análise das sentenças da criança

- “É.”/ função de orientação
- “E a B. é também, faz umas coisas legal,”/ função de avaliação
- “Pára, eu...”/ reclama de algo
- “Ela media...”/ função referencial
- “Daí, daí, na educação física, se a B. nos dá aula...”/ função de orientação
- “Ela um dia, hoje, ela, a gente tinha a D. e a B. rodando na corda, bem alto,”/ função referencial
- “... e a gente tinha que passar por baixo.”/ função de orientação
- “Consegui.”/ função referencial
- “E era de encostar,”/ função de orientação
- “... e eu consegui.”/ repete
- “Eu fui engatinhando.”/ função referencial
- “Daí eu, daí a Bia chegou na aula”/ função referencial
- “... e a C. tava arrumando ainda.”/ função referencial
- “Daí, a gente foi embora.”/ função referencial
- “Ficou, assim, no pátio do meio, e depois do aniversário, e depois, no pátio grande.”/ função de orientação
- “E depois, e depois, a mãe me buscou na ginástica.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: A aula de Educação Física
- N° de sentenças da criança: 16 (em 7 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 37,5% das sentenças
 - Referencial: em 43,7% das sentenças
 - Avaliação: em 6,2% das sentenças

Comentários extra:

- Repete uma sentença
- Reclama de algo

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 7 (em 7 turnos de fala)

- “Mas, o que são as coisas legais que a Bia faz?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Não, a mãe quer que tu digas assim, ó: o que a Bia faz de legal lá na aula de ginástica?”/ Questão repetida
- “Educação Física.”/ Eco
- “Puxa, que legal.”/ Avaliação
- “Como assim, encostar na corda?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Embaixo da corda?”/ Questão fechada
- “Muito bem!”/ Elogio

Tabela 21

Síntese da interação narrativa

N8	Sentenças x Intervenções	Turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	16	7	6	7	1	0
Mãe	7	7	1 (QF)	2 (QA) 1 (QR)		1 (Ec) 1 (EL) 1 (Av)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QF (questões fechadas); QR (questões repetidas); Ec (eco); Av (avaliações); EL (elogios).

Narrativa 9: Pequeno acidente com D. em casa

Falras da criança	Falras da mãe
- Que... É que eu tava aqui ó, na cadeira.	- Ah, mas, me conta uma coisa. O que aconteceu com a D., ontem de noite? A mamãe tinha saído. E aí, qual foi a arte que a D. fez ontem de noite?
- Aha. E daí, eu tava assim ó, na cadeira...	- Tu estavas jantando?
- Eu tava...	- Conta aqui pra mamãe que a gente imagina, ó.
- ... almoçando.	- Hum. Tu estavas sentada na cadeira. (<i>L. corrige: “Jantando!”</i>)
- Eu tava jantando. Daí, de repente, eu botei a cadeira bem pra trás, e a cadeira, e a cadeira derrubou. E eu botei, bati a cabeça bem lá naquele vidro. (...)	- E aí, querida, bateu a cabeça no vidro?
- Eu batei	- Como é que... fez barulho?
- É.	- E aí, como é que fez?
(<i>choraminga</i>)	- E aí, doeu?
- Doeu. Teve que botar até gelo.	- Até gelo. (<i>L. pergunta: Tu choraste muito?</i>)
- Chorei.	

- Sim.	- E tu te assustaste?
- Não.	- E tu achas que é legal ficar fazendo arte, assim?
	- Mas, no minuto seguinte, me contaram que a D. já estava em cima do armário. Aquele. Mexendo ali no som. E aí?

Análise das sentenças da criança

- “É que eu tava aqui ó, na cadeira.”/ função de orientação
- “E daí, eu tava assim ó, na cadeira...”/ função de orientação
- “Eu tava... almoçando.”/ função referencial
- “Eu tava jantando.”/ auto-correção
- “Daí, de repente, eu botei a cadeira bem pra trás”/ função referencial
- “... e a cadeira, e a cadeira derrubou.”/ função referencial
- “E eu botei, bati a cabeça bem lá naquele vidro.”/ função referencial
- “Eu batei...”/ repete
- “É.”/ função de orientação
- “Doeu,”/ função de avaliação
- “... teve que botar até gelo.”/ função de avaliação
- “Chorei.”/ função referencial

Análise da narrativa

- Tema: Pequeno acidente com D. em casa
- N° de sentenças da criança: 12 (em 11 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 25% das sentenças
 - Referencial: em 41,6% das sentenças
 - Avaliação: em 16,6% das sentenças

Comentários extra:

- Presença de uma autocorreção
- Repete uma sentença

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 17 (em 12 turnos de fala)
- “Ah, mas me conta uma coisa.”/ Frase para devolver o turno de fala

- “O que aconteceu com a D., ontem à noite?”/ Questão aberta que introduz um novo tópico
- “A mamãe tinha saído.”/ Pista
- “E aí, qual foi a arte que a D. fez ontem de noite?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Tu estavas jantando?”/ Questão fechada
- “Conta aqui para a mamãe que a gente imagina, ó.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Tu estavas sentada na cadeira.”/ Frase síntese
- “E aí, querida, bateu a cabeça no vidro?”/ Eco
- “Como é que... fez barulho?”/ Questão fechada
- “E aí, como é que fez?”/ Questão para esclarecer
- “E aí, doeu?”/ Questão fechada
- “Até gelo.”/ Eco
- “E tu te assustaste?”/ Questão fechada
- “E tu achas que é legal ficar fazendo arte assim?”/ Questão fechada
- “Mas, no minuto seguinte, me contaram que a D. já estava em cima do armário, aquele. Mexendo ali no som.”/ Informação
- “E aí?”/ Frase para devolver o turno de fala

Tabela 22

Síntese da interação narrativa

N9	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo	
Criança	12	11	3	5	2	0	
Mãe	17	12	1 (QE) 1 (QF)	1 (QA) 1 (QF) 1 (NT)	3 (QF)	1 (FS)	3 (TF) 1 (At) 1 (Pst) 1 (Inf)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico); FS (frases sínteses); TF (frases para devolver o turno de fala); At (expressões que mostram atenção); Pst (pista); Ec (eco); Inf (informações).

Narrativa 10: Formiga Vermelha

Falas da criança	Falas da mãe
- Tinha um formigueiro desse tamanho no pátio grande.	- Como é que é?
- Hoje.	- Um formigueiro desse tamanho no pátio grande? Quando?
	- Quando tu foste para o recreio?

- Cheio de formiga, mãe. Não existe mais formiga do que isso. Aí, eu tive que ficar tapando.	
- Tapando as formigas.	- Como assim, tapando?
- Vermelha.	- E elas eram perigosas?
- Ela pica.	- Vermelhas. O que acontece quando a formiga é vermelha?
- Dóiê! Ela picou a minha colega hoje.	- Pica. E dói?
- A formiguinha do sonho?	- Picou a tua colega hoje? Foi a mesma formiguinha que te picou aquela vez?
(começa a falar como nenê) - Só se a mamãe ficar comigo hoje...	- É, aquela que depois tu sonhaste? Foi? (...) Vem pra cá conversar com a mamãe, vem. A gente passou o dia todo longe uma da outra.
- Eu não lembro, só sei que ninguém andou no balanço hoje, porque tava molhado. E daí a gente, a gente saiu molhada do colégio, porque choveu, daí o pa... Daí, a chuva não me esperou, e a gente se molhou no pátio grande.	- Tu és o meu neném? Diz pra mãe uma coisa, e aí, o que mais aconteceu no colégio?
- Não	(Risos) - A chuva não esperou, é?
- Direto!	- É? Ela foi assim, muito...
- Aha. E ela também me picou aqui.	- ... muito malvada com vocês?
- Ela me picou aqui.	- Ela te picou?
- Sim.	- A chuva te picou?
- Pica porque era chuva vermelha ...	- Eu não sabia que chuva picava. Pica?
- ... que nem formiga.	- Ahh...
	- Ahh...

Análise das sentenças da criança

- “Tinha um formigueiro desse tamanho no pátio grande.”/ função de orientação
- “Não existe mais formiga do que isso.”/ função de avaliação
- “Aí, eu tive que ficar tapando.”/ função referencial
- “Tapando as formigas.”/ função referencial

- “Ela pica.”/ função de orientação
- “Dóiê!”/ função de orientação
- “Ela picou a minha colega hoje.”/ função referencial
- “Só se a mamãe ficar comigo hoje...”/ solicitação
- “Eu não lembro.”/ função de avaliação
- “Só sei que ninguém andou no balanço hoje,”/ função de orientação
- “... porque tava molhado.”/ função de orientação
- “E daí a gente, a gente saiu molhada do colégio,”/ função de orientação
- “... porque choveu.”/ função de orientação
- “Daí, a chuva não me esperou”/ função de orientação
- “... e a gente se molhou no pátio grande.”/ função de orientação
- “E ela também me picou aqui.”/ função referencial
- “Ela me picou aqui.”/ repete
- “Pica, porque era chuva vermelha que nem formiga.”/ função de avaliação

Análise da narrativa

- Tema: Formiga Vermelha
- N° de sentenças da criança: 18 (em 17 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 50% das sentenças
 - Referencial: em 22,2% das sentenças
 - Avaliação: em 16,6% das sentenças

Comentários extra:

- Repete uma sentença
- Solicitação para a mãe

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções: 27 (em 18 turnos de fala)
- “Como é que é?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Um formigueiro desse tamanho no pátio grande?”/ Eco
- “Quando?”/ Questão para esclarecer
- “Quando tu foste para o recreio?”/ Questão fechada
- “Como assim, tapando?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “E elas eram perigosas?”/ Questão fechada
- “Vermelha.”/ Eco
- “O que acontece quando a formiga é vermelha?”/ Questão aberta que amplia o tópico

- “Pica.”/ Eco
- “E dói?”/ Questão fechada
- “Picou a tua colega hoje?”/ Questão fechada
- “Foi a mesma formiguinha que te picou aquela vez?”/ Questão fechada
- “É, aquela que depois tu sonhaste?”/ Questão fechada
- “Foi?”/ Questão repetida
- “Vem pra cá conversar com a mamãe, vem.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “A gente passou o dia todo longe uma da outra.”/ Ênfase
- “Tu és o meu neném?”/ Questão fechada
- “Diz pra mãe uma coisa, e aí, que mais que aconteceu no colégio?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “A chuva não esperou, é?”/ Eco parcial
- “É?”/ Questão fechada
- “Ela foi assim, muito... muito malvada com vocês?”/ Questão fechada
- “Ela te picou?”/ Eco parcial
- “A chuva te picou?”/ Questão fechada
- “Eu não sabia que chuva picava.”/ Entra na brincadeira
- “Pica?”/ Questão fechada
- “Ahh.”/ Expressão que mostra atenção
- “Ahh.”/ Expressão que mostra atenção

Tabela 23

Síntese da interação narrativa

N10	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo	
Criança	18	17	9	4	3		
Mãe	27	18	1 (QE) 6 (QF) 1 (QR)	3 (QA) 2 (QF)	2 (QF)	2 (TF)	1 (Bri)
						2 (At)	5 (Ec)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); QR (questões repetidas); TF (frases para devolver o turno de fala); At (expressões que mostram atenção); Ec (eco); Bri (brincadeira).

Nota. Na classificação dessa tabela não está incluída uma ênfase que a mãe fez.

ANEXO I

NARRATIVAS DO CASO DO JOGADOR

1- CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 4
- Tempo total de gravação: 23 minutos 11 segundos
- N° de narrativas: 1

Narrativa 1: Festa de aniversário

falas da criança	falas da mãe
– Bom.	– Como é que estava o aniversário de ontem, L.?
– Pulei ! Brinquei, brinquei, brinquei e brinquei...	– Daí, me conta o que tu fizeste?
– Uhm-hum.	– Só isso?
<i>(mais adiante)</i> – Fui lá na piscina de bolinhas, no tobogã...	– Tá bom.
– Uhm...só isso!	– Ah é? E o que mais?
– Do G. Foi lá que um se vestiu de superhomem.	– E de quem era esse aniversário?
	– Ah! E estava muito engraçado, não estava? E tinha um que se vestiu de presidiário também? Tu te lembras disso?

Análise das sentenças da criança

- “Pulei !”/ função referencial
- “Brinquei, brinquei, brinquei e brinquei...”/ função referencial
- “Fui lá na piscina de bolinhas, no tobogã...”/ função de orientação
- “Foi lá que um se vestiu de superhomem.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: Festa de aniversário
- N° de sentenças da criança: 4 (em 7 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 25% das sentenças
 - Referencial: em 75% das sentenças

- Avaliação: não constituiu uma sentença (“Bom.”)

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 10 (em 7 turnos de fala)
- “Como é que estava o aniversário de ontem, L.?”/ Questão aberta que introduz um novo tópico
- “Daí, me conta o que tu fizeste?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Só isso?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Tá bom.”/ Expressão que mostra atenção
- “Ah é?”/ Expressão que mostra atenção
- “E o que mais?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “E de quem era esse aniversário?”/ Questão para esclarecer
- “Ah! E estava muito engraçado, não estava?”/ Questão fechada
- “E tinha um que se vestiu de presidiário também?”/ Questão fechada
- “Tu te lembras disso?”/ Questão fechada (para testar a memória)

Tabela 24

Síntese da interação narrativa

NI	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo	
Criança	4	7	2	2	(1)		
Mãe	10	7	1 (QE) 1 (QF)	1 (QA) 1 (NT)	1 (QF)	2 (TF)	2 (At)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); TF (frases para devolver o turno de fala); At (expressões que mostram atenção).

Nota. Na classificação dessa tabela não está incluída a questão fechada para testar a memória.

2- CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- Duração da visita: 30 minutos
- N° de registros: 2
- Tempo total de gravação: 7 minutos

Narrativa 2: Férias

falas da criança	falas da mãe
– Fui pra B., visitar meu tio, minha tia...	– O tio e a tia...
– É.	– E quem mais estava na casa do tio e da tia?
– Um cachorro chamado Sultão.	– E o que ele fez no D. ?

– Mordeu o pé.	– E que mais que nós fizemos, conta mais.
– (ri) Uhm...Pro G.	– Ips, ips ! Esqueceu ? Prá onde é que nós fomos ?
(irmão responde baixinho)	– Não, antes do G., onde é que nós fomos ? (mãe fala com outro filho)
– Beto Carreiro...depois, G., depois, prá praia e Porto Alegre. (...) Pronto, só isso!	– E o que tu fizeste lá no Beto Carrero, hein ? (...) Conta o que tu fizeste lá no Beto Carrero.
– Vi um <i>show</i> da Escálibur!	– E o que é que nós fizemos lá no show do Escálibur ?
– Torcemos pro cavaleiro azul!	– Pro azul ? Não foi o verde ?
– Ähn-ähn.	– O que mais que nós fizemos ?
– Não se lembro.	– Que tu andaste naquela coisa que sacudia... (se dirige para a pesquisadora) E esse ano ele já teve altura, né ?
– (concordou com aceno de cabeça)	– E o que mais que nós fizemos. Lá no G., o que tu fizeste?
– Fui na piscina.	– E estava bom ?
– Sim.	– Deixa eu ver, se tem mais alguma coisa...
– Depois, fui prá praia.	– E naquela pizzaria, o que foi que nós comemos, naquela pizzaria lá em C... que o tio M. nos levou ?
– Cento e um sabores só...	– O que mais L.? Senta ali mais perto da fita, para poder gravar melhor.
– A gente ficou num hotel em G., fomos uma piscina... Depois fomos prá praia. Depois...depois, vie...fomos prá Porto Alegre !	– E o que é que nós fizemos em Porto Alegre nas férias ? (...) Que filme que nós fomos ver no cinema ?
– Madagascar	– Deixa eu me lembrar o que mais nós fizemos...Tanta coisa né ?... que a gente faz...
– Não me lembro mais, pronto! Não me lembro mais!	

Análise das sentenças da criança

- “Fui pra B., visitar meu tio, minha tia...”/ função de orientação
- “É.”/ função de orientação
- “Um cachorro chamado Sultão.”/ função de orientação
- “Mordeu o pé.”/ função referencial
- “Depois, a gente viajou prá ...”/ função de orientação
- “Depois, eu viajei prá G.”/ função de orientação
- “Fiquei no hotel.”/ função de orientação
- “Daí, fui prá praia e Porto Alegre.”/ função de orientação
- “Vi um show da Escálibur!”/ função referencial
- “Torcemos pro cavaleiro azul!”/ função referencial
- “Não se lembro.”/ recusa
- “Fui na piscina.”/ função de orientação
- “Depois, fui prá praia...”/ função de orientação
- “A gente ficou num hotel em G.”/ função de orientação
- “fomos numa piscina...”/ função de orientação
- “Depois fomos prá praia.”/ função de orientação
- “Depois...depois, vie...fomos prá Porto Alegre!”/ função de orientação
- “Não me lembro mais, pronto!”/ recusa
- “Não me lembro mais!”/ recusa

Análise da narrativa

- Tema: Férias
- N° de sentenças da criança: 19 (em 17 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 68,4% das sentenças
 - Referencial: em 15,7% das sentenças
 - Avaliação: não há

Comentários extras: recusa em 3 sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 21 (em 18 turnos de fala)
- “O tio e a tia...”/ Pista
- “E quem mais tava na casa do tio e da tia?”/ Questão para esclarecer
- “E o que que ele fez no D.?”/ Questão para esclarecer
- “E que mais que nós fizemos, conta mais.”/ Questão aberta para ampliar o tópico

- “Ips, ips ! Esqueceu?”/ Questão fechada (para testar a memória)
- “Prá onde é que nós fomos?”/ Questão para esclarecer
- “Não, antes do G., onde é que nós fomos ?”/ Questão para esclarecer
- “E o que tu fizeste lá no Beto Carrero, hein ?”/ Questão aberta para ampliar o tópico
- “Conta o que tu fizeste lá no Beto Carrero.”/ Questão repetida
- “E o que é que nós fizemos lá no show do Escálibur ?”/ Questão para ampliar o tópico
- “Pro azul ? Não foi o verde ?”/ Questão para esclarecer
- “O que mais que nós fizemos ?”/ Questão para ampliar o tópico
- “Que tu andaste naquela coisa que sacudia...”/ Pista
- “Esse ano ele teve altura...o ano passado...”/ Dirigida à pesquisadora
- “Tem uns brinquedos que tem altura, né?”/ Dirigida à pesquisadora
- “Então, tinha um que se mexia lá...”/ Dirigida à pesquisadora
- “E o ano passado, ele não tinha altura e não podia ir. ” / Dirigida à pesquisadora
- “E esse ano ele já teve altura, né?”/ Questão fechada
- “E o que mais que nós fizemos.”/ Questão repetida
- “Lá no G., o que tu fizeste?”/ Questão que amplia o tópico
- “E tava bom?”/ Questão fechada
- “Deixa eu ver, se tem mais alguma coisa...”/ Dirigida à pesquisadora
- “E naquela pizzaria, o que foi que nós comemos, naquela pizzaria lá em Camburiú...que o tio M. nos levou?”/ Pista
- “O que mais L.?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Senta ali mais perto da fita, para poder gravar melhor.” / Referência à gravação
- “E o que é que nós fizemos em Porto Alegre nas férias?”/ Questão que amplia o tópico
- “Que filme que nós fomos ver no cinema?”/ Questão para esclarecer
- “Deixa eu me lembrar o que mais nós fizemos...”/ Dirigida à pesquisadora
- “Tanta coisa né ?... que a gente faz...”/ Dirigida à pesquisadora

Tabela 25

Síntese da interação narrativa

N2	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	19	17	13	3	0	
Mãe	21	18	5 (QE) 1 (QF)	6 (QA) 2 (QR) 1 (QE)	1 (QF)	1 (TF) 3 (Pst)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); QR (questões repetidas); TF (frases para devolver o turno de fala); Pst (pista).

Nota. Na classificação dessa tabela não está incluída uma questão fechada para testar a memória.

3- CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 4
- Tempo total de gravação: 30 minutos
- N° de narrativas: 1

Narrativa 3: Visita à fonoaudióloga

falas da criança	falas da mãe
- Duendes.	- O L. vai contar como é que foi lá na fonoaudióloga. Tinha um jogo, como é que era o jogo?
-Ágata.	- Ah, o jogo de duendes. Quais eram as pedras?
- Quartzo azul.	- Isso.
- Ametista.	- Quartzo azul.
- Etita.	- Ametista.
- E o nome da ema.	- Hematita
- Rosa, azul e verde.	- Hematita. E o que mais? Quartzo? Ágata...Quartzo, o que é que tu falaste, rosa?
- Esses são os quartzos.	- E verde.
- Tinha umas cartas, assim, que tinha um desenho que embaixo tinha o nome da pedra, como quartzo azul...	- Tá. E como é que era o jogo?
- marrita...	- O nome da pedra.
- Tem um número aqui e um número aqui. E daí, se sai o número cinco...	- E aí o que é que tinha que fazer?
- Daí, tu pulava cinco pedras.	- Ahn...
- Aqui, tu, a última que tu pular...tu, que tinha uma coisa assim e vai ser o jogo. A última que tu pular na quinta. A quinta pedra tinha que ir na cor dela, porque tinha uma cor aqui, uma cor aqui, uma cor aqui.	- Tá. Ah, tá. Pulava...
- Ahn-han!	- Aí, tu ía na cor da pedra.

- Daí, tu tira quartzo azul e coloca lá!	- Ahhh...
- Uhm-hum! Eu virei o jogo...porque tinha que fechar com a sua pedra.	- Colocava lá. É assim o jogo?
- Uhm-hum!	- E tu conseguiste?
- Ela tava ganhando e depois, eu virei o jogo.	- Que legal!
- Foi.	- Virou o jogo? Ah, querido. E foi legal?

Análise das sentenças da criança

- “Esses são os quartzos.”/ função de orientação
- “Tinha umas cartas, assim,/ função de orientação
- “...que tinha um desenho/ função de orientação
- “...que embaixo tinha o nome da pedra, como quartzo azul...”/ função de orientação
- “Tem um número aqui e um número aqui.”/ função de orientação
- “E daí, se sai o número cinco...”/ função de orientação
- “Daí, tu pulava cinco pedras.”/ função de orientação
- “Aqui, tu, a última que tu pular,/ função de orientação
- “...tu que tinha uma coisa assim/ função de orientação
- “...e vai ser o jogo.”/ função de orientação
- “A última que tu pular na quinta.”/ função de orientação
- “A quinta pedra tinha que ir na cor dela,/ função de orientação
- “...porque tinha uma cor aqui, uma cor aqui, uma cor aqui.”/ função de orientação
- “Daí, tu tira quartzo azul e / função de orientação
- “... coloca lá!”/ função de orientação
- “Eu virei o jogo.../ função referencial
- “...porque tinha que fechar com a sua pedra.”/ função de orientação
- “Ela tava ganhando e depois,/ função referencial
- “...eu virei o jogo./ função referencial
- “Foi.”/ função de avaliação

Análise da narrativa

- Tema: Visita à fonoaudióloga
- N° de sentenças da criança: 20 (em 19 turnos de fala)
- Funções das sentenças:

- Orientação: em 80% das sentenças
- Referencial: em 15% das sentenças
- Avaliação: em 5% das sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 27 (em 19 turnos de fala)
- “L. vai contar como é que foi lá na fonoaudióloga.”/ Referência à gravação
- “Tinha um jogo, como é que era o jogo?”/ Questão aberta que introduz um novo tópico
- “Ah, o jogo de duendes.”/ Eco
- “Quais eram as pedras?”/ Questão para esclarecer
- “Isso.”/ Expressão que mostra atenção
- “Quartzo azul.”/ Eco
- “Ametista.”/ Eco
- “Hematita.”/ Corrige
- “Hematita.”/ Corrige
- “E o que mais?”/ Frase para devolver o turno de fala
- “Quartzo... Ágata...Quartzo, ”/ Frase síntese
- “...o que que tu falou, rosa?”/ Questão fechada
- “E verde.”/ Eco
- “Tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “E como é que era o jogo?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “O nome da pedra.”/ Frase síntese
- “E aí, o que é que tinha que fazer?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Ãhn...”/ Expressão que mostra atenção
- “Tá. Ah, tá. Pulava...”/ Expressão que mostra atenção
- “Aí, tu ía na cor da pedra.”/ Frase síntese
- “Ahhh...”/ Expressão que mostra atenção
- “Colocava lá.”/ Eco
- “E assim é o jogo?”/ Questão síntese
- “E tu conseguiu?”/ Questão fechada
- “Que lega! ...”/ Avaliação
- “Virou o jogo?”/ Eco
- “Ah, querido. ...”/ Expressão que mostra atenção
- “E foi legal?”/ Questão fechada

Tabela 26

Síntese da interação narrativa

N3	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo	
Criança	20	19	16	3	1		
Mãe	27	19	1 (QE)	1 (QA)	1 (QF)	6 (Ec)	6 (At)
			1 (NT)	1 (QF)		4 (FS)	1 (TF)
			1 (QF)			1 (Av)	
			1 (QA)				

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); FS (frases sínteses); TF (frases para devolver o turno de fala); At (expressões que mostram atenção); Ec (eco); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico); Av (avaliações).

Nota. Na classificação dessa tabela não estão incluídas duas correções que a mãe fez.

ANEXO J

NARRATIVAS DO CASO “TEATRO DA TARTARUGA”

1- CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 4
- Tempo total de gravação: 15 minutos e 34 segundos
- N° de narrativas: 0

2- CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- N° de registros: 1
- Tempo total de gravação: 5 minutos e 30 segundos
- N° de narrativas: 2

Narrativa 1: A história do pingüim morto

falas da criança	falas da mãe
- Era uma...tinha uma...Eu e a mãe távamos lá na prainha.	- Quem mais que estava, tinham mais crianças, né?
- Tinha umas amigas também.	- Uhm-hum.
- E daí, eles foram caminhar e encontraram um pingüim	- E o pingüim estava?
- Morto.	- Uhm-hum.
- Afogado. E daí, a gente fez um quarto prá ele.	- Eles fizeram uma casa, um castelo de areia prá o pingüim morar.
- E depois, e depois, eu tirei uma foto do pingüim.	- Do pingüim não, tu tiraste uma foto com o pingüim, né?
- Com o pingüim.	- É...com o pingüim no colo.
- (ri)	- Não é verdade ? (rindo) É.

Análise das sentenças da criança

- “Era uma...tinha uma...”/ sentença incompleta
- “Eu e a mãe távamos lá na prainha.”/ função de orientação
- “Tinha umas amigas também.”/ função de orientação
- “E daí, eles foram caminhar”/ função referencial
- “... e encontraram um pingüim.”/ função referencial

- “E daí, a gente fez um quarto prá ele.”/ função referencial
- “E depois, e depois, eu tirei uma foto do pingüim.”/ função referencial

Análise da narrativa

- Tema: A história do pingüim morto
- N° de sentenças da criança: 7 (em 7 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 28,5% das sentenças
 - Referencial: em 57% das sentenças
 - Avaliação: não há

Comentários extra: Presença de uma sentença incompleta

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 9 (em 8 turnos de fala)
- “Quem mais que estava?”/ Questão para esclarecer
- “Tinham mais crianças, né?”/ Questão fechada
- “Uhm-hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “E o pingüim estava?”/ Pista
- “Uhm-hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Eles fizeram uma casa, um castelo de areia para o pingüim morar.”/ Dirigida à pesquisadora
- “Do pingüim não, tu tiraste uma foto com o pingüim, né?”/ Correção
- “É... com o pingüim no colo.”/ Eco
- “Morto!”/ Dirigida à pesquisadora
- “Não é verdade ?”/ Questão fechada
- “É”./ Expressão que mostra atenção

Tabela 27

Síntese da interação narrativa

N1	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo	
Criança	7	7	2	4	0	0	
Mãe	9	8	1 (QE) 1 (QF)	0	0	2 (At)	1 (Ec)
						1 (Pst)	

Legenda: QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); At (expressões que mostram atenção); Pst (pista); Ec (eco).

Nota. Na classificação dessa tabela não está incluída uma correção que a mãe fez e uma questão fechada em que a mãe pede a confirmação de uma informação.

Narrativa 2: O teatro da tartaruga

Falas da criança	Falas da mãe
(P. fica pensativa e olha para mãe)	– E aquele teatro que vocês fizeram. Como é que era o nome? (olha para P.) Lembra? Da menina que não crescia, como é que era, da mamãe que era pequena.
- É da tartaruginha aquele.	
- Eu era a R.	- Uhm. Como é que era a história?
	- Uhm-hum.
- O P. era o P.	
	- Ähn-han.
- E a L. era a tartaruga.	
	- Uhm.
- Ela botou um casco (<i>mostrou as costas</i>).	
	- Botou um casco nas costas?
- Sim. Mas, não era um casco marrom. Ela botou uma almofada embaixo da roupa.	
	- Uhm. E como é que foi a história? E tu eras o quê?
- Eu era a R.	
	- Uhm. E aí, como é que vocês faziam, como é que foi o teatro?
- Foi bom.	
	- Tá, mas como é que era a história do teatro.
- Ahn...a história do teatro? Era, a gente fez o teatro pros pais, sabe, e prá s mães.	
	- Uhm-hum.
- Mas como tu não tava lá, a gente fez o teatro prá só duas mulheres.	
	- Para tia B.?
- E prá...(<i>fica pensativa</i>)	
	- E para tia E., não foi?
- Não. E prá tia E. e prá outra era a...	
	- A C.?
- A C.	
	- Ah...
- E prá E. e prá...	
	- E o que é que tu falavas nesse teatro? O que é que tu dizias? Tu não dizias nada?
- Dizia.	
	- Ah...Então, como é que era?
- Eu dizia...a J. pedizia a comida.	

- Uhn-hum.

- Ela tava sentada numa árvore, que era, que era uma cadeira. E a gente disse: - "Oi, tartaruga!". E aí - "Oi, crianças!", ela dizia. - "Pode contar prá gente uma história?" E contou. E depois, foi a outra peça.

- Qual foi a outra?

- A outra parte!

- Hum.

Análise das sentenças da criança

- "É da tartaruginha aquele."/ função de orientação
- "Eu era a R."/ função de orientação
- "O P. era o P."/ função de orientação
- "E a L.era a tartaruga."/ função de orientação
- "Ela botou um casco."/ função referencial
- "Mas, não era um casco marrom."/ função de orientação
- "Ela botou uma almofada embaixo da roupa."/ função referencial
- "Eu era a R."/ função de orientação
- "Foi bom."/ função de avaliação
- "Era, a gente fez o teatro pros pais, sabe, e prá s mães."/ função de orientação
- "Mas, como tu não tava lá, "/ função de orientação
- "... a gente fez o teatro prá só duas mulheres."/ função de orientação
- "E prá tia E. e prá outra era a..."/ função de orientação
- "Dizia."/ confirmação
- "Eu dizia, a J. pedizia a comida."/ função referencial
- "Ela tava sentada numa árvore, "/ função de orientação
- "... que era, que era uma cadeira."/ função de orientação
- "E a gente disse: - "Oi, tartaruga!"/ (voz do narrador) função referencial
- "E aí - "Oi, crianças!", ela dizia."/ (voz do narrador) função referencial
- "Pode contar prá gente uma história?"/ (voz do narrador) função referencial
- "E contou."/ função referencial
- "E depois, foi a outra peça."/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: O teatro da tartaruga
- N° de sentenças da criança: 22 (em 18 turnos de fala)

- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 59% das sentenças
 - Referencial: em 31,8% das sentenças
 - Avaliação: em 4,5% das sentenças

Comentários extras:

- Presença da voz de narrador (... disse:), em três sentenças em que imita as vozes.
- Uma confirmação de informação dada pela mãe

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 29 (em 19 turnos de fala)
 - “E aquele teatro que vocês fizeram.”/ Frase (questão) que introduz um novo tópico
 - “Como é que era o nome?”/ Questão para esclarecer
 - “Lembra?”/ Questão fechada
 - “Da menina que não crescia, como é que era, da mamãe que era pequena.”/ Pista
 - “Uhm.”/ Expressão que mostra atenção
 - “Como é que era a história?”/ Questão aberta que amplia o tópico
 - “Ähn-han. .”/ Expressão que mostra atenção
 - “Uhm. .”/ Expressão que mostra atenção
 - “Botou um casco nas costas?”/ Eco
 - “Uhm.”/ Expressão que mostra atenção
 - “E como é que foi a história?”/ Questão repetida
 - “E tu eras o quê?”/ Questão para esclarecer
 - “Uhm.”/ Expressão que mostra atenção
 - “E aí, como é que vocês faziam, como é que foi o teatro?”/ Questão aberta que amplia o tópico
 - “Tá.”/ Expressão que mostra atenção
 - “Mas como é que era a história do teatro.”/ Questão repetida
 - “Uhm-hum.”/ Expressão que mostra atenção
 - “Para tia B.?”/ Questão fechada
 - “E para tia E., não foi?”/ Questão fechada
 - “A C.?”/ Questão fechada
 - “Ah...”/ Expressão que mostra atenção
 - “E o que é que tu falavas nesse teatro?”/ Questão aberta que amplia um tópico
 - “O que é que tu dizias?”/ Questão repetida
 - “Tu não dizias nada?”/ Questão fechada

- “Ah...”/ Expressão que mostra atenção
- “Então, como é que era?”/ Questão aberta que amplia um tópico
- “Uhm-hum. .”/ Expressão que mostra atenção
- “Qual foi a outra?”/ Questão para esclarecer
- “Uhm.”/ Expressão que mostra atenção

Tabela 28

Síntese da interação narrativa

N2	Sentenças x Intervenções	Turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo	
Criança	22	18	13	7	1	0	
Mãe	29	19	3 (QE) 4 (QF)	4 (QA) 3 (QR)		11 (At)	1 (Ec) 1 (Pst) 1 (NT)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); QR (questões repetitivas); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico); At (expressões que mostram atenção); Pst (pista); Ec (eco).

Nota. Na classificação dessa tabela não está incluída a questão fechada para testar a memória.

3- CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 2
- Tempo total de gravação: 30 minutos
- N° de narrativas: 2

Narrativa 3: O passeio com a escola

Falas da criança	Falas da mãe
- Eu sentei do lado do E..	- Ela vai contar para nós o que ela fez no passeio.
- A gente...Tinha uma senhora que ajudou a gente a descer.	(<i>Dirige-se à uma mulher presente</i>) – Ela sentou ao lado do E. que é o coleguinha que ela mais gosta.
- Aha. E eu, e eu fiquei de mão...	- Uhm...No ônibus?
- Daí, ela me levou até lá numa salinha e cantamos o <i>Muriti</i> .	- Pegou a mão dela para descer do ônibus, para ninguém se perder, né?
- (Cantarola a música)	- Como é a música do Muriti que a mãe não se lembra?

- E daí, nós e a professora cantamos: (<i>Cantou o Parabéns gaúcho</i>) ...na lavoura da cidade!	- Aha. Que linda! Tá e depois? Vocês cantaram quando chegaram lá?
(<i>cantado</i>) - Na lavoura da amizade!	- Na lavoura da amizade!
- Teve, depois, muito depois. Depois, teve um gaúcho.	- Isso! Que coisa linda! (...) Vocês não brincaram de nada lá? Não teve lanche?
- Tá. E ele...Deixa eu dizer a roupa. Veio ele com uma blusa roxa, uma cuiéca...	- Uhm...
- Bombacha e...	- Cueca não, uma bombacha!
- Bota.	- E o quê?
- Pala.	- E uma bota. Isso. E aqui?
- Sim.	- Tem o pala. E aqui, não tem um cinto?
- É. E um lencinho aqui.	- A guaiaca. Não é assim que se chama?
- Sabe?	- Uhm.
- Que se nem todos tiverem, ó...	- Uhm-hum.
- Leva um xixi.	(<i>risos</i>) - Ah, leva bala?
- (<i>canta a música</i>)	- Ah, do xixi... A do xixi está feito, né? Como é que era aquela música? (<i>cantarola</i>) Mas se alguém...
- Deixa eu terminar de contar do gaúcho!	- É... Viu, gaúcho é duro!(...) Me diz como é que foi o lanche P.?
- E ele amarrou um troço assim...	- Ah, tá, do gaúcho...
- É. Isso, ele caminhou na floresta... e fez assim e upa!	- Cela? A cela do cavalo.
- Laçar o boi! (<i>excitada</i>) Mas não é só laçar.	- Laçou? É que ele chegou a laçar o boi. Bah!
- Acertou! (<i>excitada</i>)	- Capar o boi.
- Na primeira. E daí... Agora, eu vou contar do lanche.	- Na primeira vez?

- Bom. Cachorrinho quente.	- Tá.
- Suco de guaraná.	- Hum...
- Lulalelé.	- Hum...
- Aquele bolo de chocolate.	- Lulalelé? Como é mesmo?
(risos) - Nega maluca.	- Ah, nega maluca! (risos)
- E daí também teve... suco de laranja que é a bebida que eu prefiro.	(A criança, a mãe e o pai comentam rindo)- É bolinho de chocolate.
- Não, não teve.	- Não teve churrasquinho?
- Não. Depois disso, a gente foi até um... e ficamos num parque. Uns sentaram no banco. E daí, a gente tocou no tênis de um maloqueiro e... Não, não foi isso...	- Não?
- Ah, não. Aí, foi um campeonato que todo o mundo tinha que fazer também, até eu. E daí, eles mataram uma ovelha e fizeram cheio de nó no cabelo dela.	- ãhn?
- ãhn?	- Ah, com o pelinho dela? Sabes como é o nome disso?
- Eles fizeram um tapete com pelego.	- Pelego.
- E daí, depois, foi lá, aquela coisa de tirar fotografia, aquela coisa de...	- Aha.
- É, a boleadeira. E daí, a ... e daí, esses homens comeram que eles assavam no chão.	- Uhm, a boleadeira?
- Sabe o quê?	- Uhm-hum.
- Fogo de chão. Acertou! Fogo de chão! (excitada) (...) E daí a (prof ^a) botou um palhacinho pra acertar. E daí, ... Yes!	- Fogo de chão.
(...) - Peluca.	- Claro, né.
- Pelego. E lavamos o pelego.	- Pelego.

- Aha, com sabonete e água. E tiramos a água do pelego. E daí, botamos no solzinho. Sabe o que eles fizeram? Largaram novecentos... de lá.	- E lavaram?
- Eu ganhei a maior de todas, todas as bolas.	- Uhm-hum.
- E daí, depois, a gente foi pro ônibus.	- É.
- E daí, eu fiquei do lado da I.	- E voltaram para a escolinha.

Análise das sentenças da criança

- “Eu sentei do lado do E.”/ função de orientação
- “Tinha uma senhora que ajudou a gente a descer.”/ função de orientação
- “Aha. E eu, e eu fiquei de mão...”/ função referencial
- “Daí, ela me levou até lá numa salinha”/ função de orientação
- “... e cantamos o *Muriti*.”/ função referencial
- “E daí, nós e a professora cantamos:”/ função referencial
- “Teve, depois, muito depois.”/ função de orientação
- “Depois, teve um gaúcho.”/ função de orientação
- “Deixa eu dizer a roupa.”/ função de orientação e pede o turno de fala
- “Veio ele com uma blusa roxa, uma cuica.”/ função de orientação
- “Sabe?”/ solicita participação
- “Que se nem todos tiverem, ó...”/ função de orientação
- “Leva um xixi.”/ função de orientação
- “Deixa eu terminar de contar do gaúcho!”/ pede o turno de fala
- “E ele amarrou aquele troço assim...”/ função referencial
- “É, isso.”/ confirmação
- “Ele caminhou na floresta”/ função referencial
- “... e fez assim e upa!”/ função referencial
- “É, é laça o boi.”/ função referencial
- “Não é só laçar...”/ correção
- “Acertou.”/ confirmação
- “Agora, eu vou contar do lanche.”/ (introdução) função de orientação
- “E daí, deixa eu ver.”/ função de avaliação
- “Também teve... suco de... laranja,”/ função de orientação
- “... que é a minha bebida preferida.”/ função de avaliação

- “Não, não teve.”/ função de orientação
- “Depois disso, a gente foi até um lugar”/ função de orientação
- “... e ficamos num parque.”/ função de orientação
- “Uns sentaram no banco.”/ função de orientação
- “E daí, a gente tocou no tênis de um maloqueiro...”/ função referencial
- “Não, não foi isso.”/ correção
- “Aí, foi um campeonato”/ função de orientação
- “... que todo mundo tinha que fazer também, até eu.”/ função de orientação
- “E daí, eles mataram uma ovelha”/ função referencial
- “... e fizeram cheio de nó no cabelo dela.”/ função referencial
- “Eles fizeram um tapete com pelego.”/ função referencial
- “E daí, depois, foi lá, aquela coisa de tirar fotografia, aquela coisa de ...”/ função de orientação
- “É, a boleadeira.”/ função de orientação
- “E daí,...esses homens comeram”/ função referencial
- “... que eles assavam no chão.”/ função de orientação
- “Sabe o que?”/ propõe que o ouvinte antecipe algo
- “Acertou, Fogo de chão!”/ confirmação
- “E daí, a (*nome da prof*) botou um palhacinho pra acertar.”/ função de orientação
- “E lavamos o pelego.”/ função referencial
- “E tiramos a água.”/ função referencial
- “Daí, botamos no solzinho.”/ função referencial
- “Sabe o que eles fizeram?”/ propõe que o ouvinte antecipe algo
- “Lá deram pra nós, sorvetes.”/ função de orientação
- “A Sora me deu o maior de todos, todas as bolas.”/ função de orientação
- “E daí, depois a gente foi pro ônibus.”/ função referencial
- “E daí, eu fiquei do lado da I.”/ função de orientação

Análise da narrativa da criança

- Tema: O passeio com a escola
- N° de sentenças da criança: 51 (em 45 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 47% das sentenças
 - Referencial: em 31,3% das sentenças
 - Avaliação: em 3,9% das sentenças

Comentários extras:

- Propõe que a mãe antecipe coisas, em três sentenças (“Sabe o que?”)
- Pedido de turnos de fala em duas sentenças
- Confirma informações em três sentenças
- Auto-correções em duas sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 62 (em 45 turnos de fala)
- “Ela vai contar para nós o que ela fez no passeio.”/ Frase que introduz um novo tópico
- “Uhm...no ônibus?”/ Questão fechada
- “Pegou a mão dela para descer do ônibus, para ninguém se perder, né?”/ Frase síntese
- “Como é a música do *Muriti* que a mãe não se lembra?”/ Questão para esclarecer
- “Aha.”/ Expressão que mostra atenção
- “Que linda!”/ Elogio
- “Tá, e depois?”/ Questão (frase) para devolver o turno de fala
- “Vocês cantaram quando chegaram lá?”/ Questão fechada
- “Na lavoura da amizade!”/ Informação
- “Isso!”/ Expressão que mostra atenção
- “Que coisa linda!”/ Elogio
- “Vocês não brincaram de nada lá?”/ Questão fechada
- “Não teve lanche?”/ Questão fechada
- “Uhm.”/ Expressão que mostra atenção
- “Cueca não, uma bombacha!”/ Informação
- “E o quê?”/ Questão para esclarecer
- “E uma bota.”/ Eco
- “Isso.”/ Expressão que mostra atenção
- “E aqui?”/ Pista
- “Tem o pala.”/ Eco
- “E aqui, não tem um cinto?”/ Questão fechada
- “A guaiaca.”/ Informação
- “Não é assim que se chama?”/ Questão fechada
- “Uhm.”/ Expressão que mostra atenção
- “Uhm-hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Ah, leva bala?”/ Questão fechada
- Ah, do xixi... A do xixi está feito, né?”/ Frase síntese

- Como é que era aquela música?"/ Questão aberta que introduz um novo tópico
- “Mas se alguém...”/ Pista
- “É, viu?"/ Ênfase
- “O gaúcho é duro!"/ Avaliação
- “Me diz como é que foi o lanche P.?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Ah, tá, do gaúcho...”/ Frase que devolve o turno de fala
- “Cela?"/ Questão fechada
- “A cela do cavalo.”/ Informação
- “Laçou?"/ Questão fechada
- “É que ele chegou a laçar o boi. Bah!"/ Frase síntese
- “Capar o boi.”/ Informação
- “Na primeira vez?"/ Questão fechada
- “Tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “Hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Lulalelé?"/ Eco
- “Como é mesmo?"/ Questão para esclarecer
- “Ah, nega-maluca!"/ Informação
- “É bolinho de chocolate.”/ Informação
- “Não tinha churrasquinho?"/ Questão fechada
- “Não?"/ Questão repetida
- “Ãhn?"/ Expressão (frase) para devolver o turno de fala
- “Ah, com o pelinho dela?"/ Questão fechada
- “Sabe como é o nome?"/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Pelego.”/ Informação
- “Aha.”/ Expressão que mostra atenção
- “Hum, a boleadeira?"/ Questão fechada
- “Uhum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Fogo de chão.”/ Informação
- “Claro, né.”/ Expressão que mostra atenção
- “Pelego.”/ Informação
- “Lavaram?"/ Eco parcial
- “Uhm-hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “É?"/ Expressão que mostra atenção
- “E voltaram para a escolinha.”/ Frase síntese

Tabela 29

Síntese da interação narrativa

N3	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	51	45	24	16	2	8
Mãe	62	45	11 (QF) 3 (QE) 1 (QR) 3 (QA)	2 (QF) 1 (NT)	0	14 (At) 4 (Ec) 4 (FS) 3 (TF) 10 (Inf) 2 (El) 2 (Pst) 1(Av)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); FS (frases sínteses); TF (frases para devolver o turno de fala); At (expressões que mostram atenção); Pst (pista); Ec (eco); NT (questões abertas que introduzem um novo tópico); QR (questões repetidas); Inf (informações) e El (elogio).

Nota. Na classificação dessa tabela não está incluída uma ênfase que a mãe fez.

Narrativa 4: Programa de sábado com a mãe

Criança	mãe	pai
- A gente foi no cinema, tinha...	- Fala normal, querida, fala altinho. Senão, a gente não escuta depois. Fala para o pai ouvir, para todo mundo.	- Vamos lá, vamos lá.
- A gente...		- ãhn?
...foi...		- Quem é que foi? Tu e quem?
- A mamãe e eu, sentei num banco azul...		- Banco azul?
... que tinha lá embaixo.		- Era um banco de... era um banco de estofamento?
- Não.	- Era o banquinho aquele do cinema que tu botas em cima da poltrona.	- Ah, tu usou aqueles banquinhos da ...
	<i>(mais adiante)</i> E depois onde é que nós fomos, depois que nós saímos do cinema?	
- Na livraria.		
	- E o que tu fizeste lá na livraria?	
- Livraria, ... li um livrinho.		

- Aha. Eu li um que é pra (inaudível)...colorido.	- Tu nem lembrás, né? Do que era aquele livrinho? Tu leste um monte de livrinhos, né?
--	--

- E outro que tem um monte de histórias pra cada dia...	- Brilhozinho, né?
--	--------------------

- E daí depois eu fui pra casa e...	- É. Um monte de histórias, uma história para cada dia, né?
--	---

- E daí...	- A gente foi no super.
------------	-------------------------

- E terminou o nosso sábado!	- E terminou o nosso sábado.
------------------------------	------------------------------

	- Hum... O sábado foi bem...
--	------------------------------

Análise das sentenças da criança

- “A gente foi no cinema,”/ função de orientação
- “... tinha ...”/ sentença incompleta
- “A gente...foi...”/ sentença incompleta
- “A mamãe, e eu sentei num banco azul”/ função de orientação
- “... que tinha lá embaixo.”/ função de orientação
- “Livraria, ... li um livrinho...”/ função referencial
- “Eu li um que é pra (...) colorido.”/ função de orientação
- “E outro que tem um monte de histórias pra cada dia.”/ função de orientação
- “E daí, depois eu fui pra casa e”/ função de orientação
- “E terminou o nosso sábado!”/eco

Análise da narrativa da criança

- Tema: Programa de sábado com a mãe
- N° de sentenças da criança: 10 (em 13 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 60% das sentenças
 - Referencial: em 10% das sentenças
 - Avaliação: não há

Comentários extras:

- Duas sentenças incompletas ao iniciar a narrativa
- Uma sentença que ecoa a fala da mãe

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 13 (em 10 turnos de fala)
- “Fala normal, querida, fala altinho.”/ Correção
- “Senão a gente não escuta depois.”/ Referência à gravação
- “Fala para o pai ouvir, para todo mundo.”/ Correção
- “Era o banquinho aquele do cinema que tu botas em cima da poltrona.”/ Dirige-se ao marido
- “É.”/ Expressão que mostra atenção
- “E depois onde é que nós fomos, depois, que nós saímos do cinema?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “E o que tu fizeste lá na livraria?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Tu nem lembras, né?”/ Questão fechada
- “Do que era aquele livrinho?”/ Questão para esclarecer
- “Tu leste um monte de livrinhos, né?”/ Questão fechada
- “Brilhozinho, né?”/ Informação
- “É, um monte de histórias, uma história para cada dia, né?”/ Eco
- “A gente foi no super.”/ Informação
- “E terminou o nosso sábado.”/ Frase síntese
- “Hum. O sábado foi bem...”/ Avaliação

Tabela 30

Síntese da interação narrativa

N4	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo	
Criança	10	13	6	1	0	0	
Mãe	13	10	1 (QE) 1 (QA)	1 (QA) 1 (QF)	0	1 (At)	1 (Ec) 2 (Inf) 1 (Av)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); FS (frases sínteses); At (expressões que mostram atenção); Ec (eco); Inf (informações) e Av (avaliações).

Nota. Na classificação dessa tabela estão excluídas quatro intervenções da mãe: duas correções e a questão fechada para testar a memória.

ANEXO K

NARRATIVAS DO CASO “MENINA QUE CRESCER”

1- CONTEXTO HISTÓRIAS DIRIGIDAS PARA A MÃE

- N° de registros: 6
- Tempo total de gravação: 12 minutos e 30 segundos
- N° de narrativas: 2

Narrativa 1: A menina que cresceu

Falas da criança	Falas da mãe
- E daí eu cresci muito, muito, muito. E a profe viu que eu cresci e nenhum dos coleguinhas cresceram.	- Só tu cresceste? Bah, tu vê...
- E a profe cresceu.	- E a profe cresceu. Ah, foi porque vocês se mediram? Como é que foi?
- Não, é que eu, eu, eu tinha um monte de anos e cresci. Tinha todos os anos. Eu tinha 10, mais 6, mais 7. Tinha 8, mais 9, mais 10.	- Mãe: Bah, tu vê... Tu já estás velha, então. (<i>risos</i>)

Análise das sentenças da criança

- “E daí eu cresci muito, muito, muito.”/ função de orientação
- “E a profe viu”/ função referencial
- “... que eu cresci”/ função de orientação
- “... e nenhum dos coleguinhas cresceram.”/ função de orientação
- “E a profe cresceu.”/ função de orientação
- “É que eu, eu, eu tinha um monte de anos”/ função de avaliação
- “... e cresci.”/ função de orientação
- “Tinha todos os anos.”/ função de orientação
- “Eu tinha 10, mais 6 mais 7.”/ função de orientação
- “Tinha 8, mais 9, mais 10.”/ função de orientação

Análise da narrativa

- Tema: A menina que cresceu (C. constata que cresceu)
- N° de sentenças da criança: 10 (em 3 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 80% das sentenças
 - Referencial: em 10% das sentenças
 - Avaliação: em 10% das sentenças

Comentários extra:

- Presença de ênfases: “muito, muito, muito” e “mais, mais, mais”.

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 8 (em 3 turnos de fala)
- “Th, bah...”/ Expressão que mostra atenção
- “Só tu crescestes?”/ Questão fechada
- “Bah, tu vê...”/ Expressão que mostra atenção
- “E a profe cresceu.”/ Eco
- “Ah, foi porque vocês se mediram?”/ Questão fechada
- “Como é que foi?”/ Questão aberta para ampliar o tópico
- “Bah, tu vê...”/ Expressão que mostra atenção
- “Tu já estás velha, então.”/ Frase síntese

Tabela 31

Síntese da interação narrativa

N1	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	10	3	8	1	1	0
Mãe	8	3	1 (QF)	1 (QF) 1 (QA)	0	3 (At) 1 (Ec)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QF (questões fechadas); At (expressões que mostram atenção); Ec (eco).

Nota. A frase síntese final da mãe não foi classificada como de interesse em manter o fluxo da narrativa.

Narrativa 2: O cachorro M. morde a mão de C.

Falas da criança	Falas da mãe
- (início abrupto) ... uma menina boba. Daí, ele me deu uma mordidona, quando tava guardando minhas coisas. Daí, eu coloquei outra vez, ele deu uma arranhada em mim, uma arranhada na minha mão.	- Mas e porque é que ele te arranhou?
- Porque eu tava mexendo no (<i>osso</i>) dele e ele me arranhou. Ele... É porque ele tava com osso.	- Mas então, tu gostas de mexer com ele.

Análise das sentenças da criança

- “Daí, ele me deu uma mordidona,”/ função referencial
- “... quando tava guardando minhas coisas.”/ função de orientação
- “Daí, eu coloquei outra vez,”/ função referencial

- "... ele deu uma arranhada em mim, uma arranhada na minha mão."/ função referencial
- "Porque eu tava mexendo no (*osso*) dele"/ função referencial
- "... e ele me arranhou."/ função referencial
- "É porque ele tava com osso."/ função avaliação

Análise da narrativa

- Tema: O cachorro M. morde a mão de C.
- N° de sentenças da criança: 7 (em 2 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 14,2% das sentenças
 - Referencial: em 71,4% das sentenças
 - Avaliação: em 14,2% das sentenças

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 2 (em 2 turnos de fala)
- "Mas e porque é que ele te arranhou?"/ Questão aberta que amplia o tópico
- "Mas então, tu gostas de mexer com ele."/ Frase síntese

Tabela 32

Síntese da interação narrativa

N2	Sentenças	x	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
	Intervenções						
Criança	7		2	1	5	1	0
Mãe	2		2	0	1 (QA)	0	

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico).

Nota. A frase síntese final da mãe não foi classificada como de interesse em manter o fluxo da narrativa.

2- CONTEXTO VISITA DOMICILIAR

- Duração da visita: 30 minutos
- N° de registros: 2
- Tempo total de gravação: 45 segundos
- N° de narrativas: 0

3- CONTEXTO ENQUADRE LIVRE

- N° de registros: 4

- Tempo total de gravação: 30 minutos
- N° de narrativas: 3

Narrativa 3: Visita ao museu

Falas da criança	Falas da mãe
- Agora eu vou.	- É... A mãe vai convidar a S. para falar do museu, porque ela foi lá, né? Porque tu não queres falar, então...
- Quando a gente foi lá com a S. no museu, tu não sabe, sobrou umas coisas para ver.	- Então, fala. O que tu viste lá no museu? (<i>tosse</i>) O que tu viste lá no museu?
- E eu vi, tu não viu.	- O quê?
- Umhas flores...	- O que é que tu viste e eu não vi? Ah, as formigas?
- ... que se mexem. É bem legal! Que é um joguinho. Alguém fala na flor, e fala ali dentro no coisinha, nesse coisinha daqui, ó.	- Umhas flores.
- Este.	- Hum.
- Não.	- Tu chegaste a falar?
- Não. Na outra flor, daí, falava uma pessoa e outra pessoa.	- Não?
- Quê?	- Uhm, sei, sei. E tu querias ter falado?
- Não, eu não queria. (<i>tom firme</i>)	- Tu querias ter falado?
	- Ah, tá. (<i>pausa</i>) - O que é que tinha no museu?

Análise das sentenças da criança

- “Agora eu vou.”/ (introdução) função de iniciar/manter a narrativa
- “Quando a gente foi lá com a S. no museu,”/ função de orientação
- “... tu não sabe,”/ função de avaliação
- “...sobrou umas coisas para ver”/ função de orientação
- “E eu vi,”/ função referencial
- “... tu não viu.”/ função de orientação
- “Umhas flores... que se mexem.”/ função de orientação
- “É bem legal!”/ função de avaliação

- “Que é um joguinho.”/ função de orientação
- “Alguém fala na flor,”/ função de orientação
- “... e fala ali dentro no coisinha, nesse coisinha daqui, ó.”/ função de orientação
- “Na outra flor, daí falava uma pessoa e outra pessoa.”/ função referencial
- “Não, eu não queria.”/ função de avaliação

Análise da narrativa

- Tema: Visita ao museu
- N° de sentenças da criança: 13 (em 10 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 53,8% das sentenças
 - Referencial: em 15,3% das sentenças
 - Avaliação: em 23% das sentenças

Comentários extra:

- Faz uma introdução quando cede à provocação materna
- Provoca a mãe, afirmando que viu e sabe de coisas que ela não sabe

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 16 (em 11 turnos de fala)
- “É... A mãe vai convidar a S. pra falar do museu, porque ela foi lá, né?”/ Provocação
- “Porque tu não queres falar, então...”/ Provocação
- “Então, fala.”/ Frase para devolver o turno de fala
- “O que tu viste lá no museu?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “O que tu viste lá no museu?”/ Questão repetida
- “O quê?”/ Questão para esclarecer
- “O que é que tu viste e eu não vi?”/ Questão para esclarecer
- “Ah, as formigas?”/ Questão fechada
- “Umas flores...”/ Eco
- “Hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “Tu chegaste a falar?”/ Questão fechada
- “Não?”/ Eco
- “Uhm, sei, sei.”/ Expressão que mostra atenção
- “E tu querias ter falado?”/ Questão fechada
- “Ah, tá.”/ Expressão que mostra atenção
- “O que é que tinha no museu?”/ Questão aberta que amplia o tópico

Tabela 33

Síntese da interação narrativa

N3	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	13	10	7	2	3	1
Mãe	16	11	2 (QA) 2 (QE) 1 (QF) 1 (QR)	1 (QF)	1 (QF)	3 (At) 2 (Ec) 1 (TF)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QE (questões para esclarecer); QF (questões fechadas); QR (questões repetidas); TF (frases para devolver o turno de fala); At (expressões que mostram atenção); Ec (eco).

Nota. Na classificação dessa tabela não estão incluídas duas intervenções da mãe do tipo provocação.

Narrativa 4: A amiga maltrata o cachorro de C.

Falas da criança	Falas da mãe
-... um dia a B. inventou ali na porta com o M. (<i>nome do cachorro</i>)?	- Hum.
- Eu vou te mostrar. Não vai ali fora.	- Tá. Tudo bem.
- Vai ser dentro. Vai ser dentro, fecha a porta.	- Tá, não tem problema.
- A B. ...	- O que é que a B. fez?
- A B., quando ela chegou... Olha! Ela botou o M. aqui. Olha!	- Ah...
- E ele fez: iaaa! Quase mordeu a B.!	- Botou o M. ali?
- É.	- Ai, coitadinho! Aí, tu não disseste para ela parar?
- Eu disse, eu ía contar pro meu pai. Eu chorava, mãe, de tanto ele mancava. Verdade!	- Bah, tu vê só! Ah, não deve deixar. Outro dia não deve deixar. ãhn-ãhn.

Análise das sentenças da criança

- “Um dia a B. inventou ali na porta com o M.?”/ (introdução) função de orientação
- “Eu vou te mostrar.”/ função de orientação
- “Não vai ser ali fora.”/ função de orientação
- “Vai ser dentro.”/ função de orientação
- “Vai ser dentro.”/ repete
- “Fecha a porta.”/ solicitação
- “A B., quando ela chegou...”/ função de orientação
- “Olha!”/ solicitação

- “Ela botou o M. aqui.”/ função referencial
- “Olha!”/ solicitação
- “E ele fez: iaah!”/ função referencial
- “Quase mordeu a B.”/ função de avaliação
- “É.”/ confirmação
- “Eu disse,”/ função referencial
- “... eu ía contar pro meu pai.”/ função de orientação
- “Eu chorava”/ função referencial
- “... mãe, que tanto ele mancava.”/ função referencial

Análise da narrativa

- Tema: Amiga maltrata o cachorro de C.
- N° de sentenças da criança: 17 (em 8 turnos de fala)
- Funções das sentenças:
 - Orientação: em 35,2% das sentenças
 - Referencial: em 29,4% das sentenças
 - Avaliação: em 5,8% das sentenças

Comentários extra:

- Solicita a participação do(a) ouvinte em três sentenças
- Repete uma sentença
- Confirma a própria informação, dada pouco antes

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 12 (em 8 turnos de fala)
- “Hum...”/ Expressão que mostra atenção
- “Tá, tudo bem.”/ Expressão que mostra atenção
- “Tá, não tem problema.”/ Expressão que mostra atenção
- “Que é que a B. fez?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Ahh.”/ Expressão que mostra atenção
- “Botou o M. ali?”/ Eco
- “Ai, coitadinho!”/ Avaliação
- “Aí, tu não disseste para ela parar?”/ Questão fechada
- “Bah, tu vê só!”/ Ênfase
- “Ah, não deve deixar.”/ Frase síntese
- “Outro dia, não deve deixar.”/ Ênfase

- “Ähn-ähn.”/ Ênfase

Tabela 34

Síntese da interação narrativa

N4	Sentenças x Intervenções	turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	17	8	6	5	1	0
Mãe	12	8	0	1 (QA) 1 (QF)	0	4 (At) 1 (Ec) 1 (Av) 1 (FS)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); QF (questões fechadas); FS (frases sínteses); At (expressões que mostram atenção); Ec (eco); Av (avaliações).

Nota. Na classificação dessa tabela não estão incluídas três ênfases que a mãe fez.

Narrativa 5: Situação na roda-gigante

Falas da criança	Falas do pai	Falas da mãe
- ... Que eu, que o meu pai tava no meu sonho, eu e, o M., eu e a minha mãe.		- Hum. E nós estávamos fazendo o quê?
- A gente tava na, numa roda-gigante, que o meu pai tava balançando a roda-gigante.	(<i>Os pais riem</i>)	- Ah, mas, então, aconteceu de verdade. Tu te lembras que a gente andou e o teu pai começou a balançar lá em cima, que a mãe começou a gritar?
-Eu tava rindo. Foi tu que balançou, né, pai?	(<i>risos</i>) - Eu que balancei. Te lembras?	
- Sim.	- E a mãe estava com medo.	
- Mas, eu tô pensando nisso.		

Análise das sentenças da criança

- “Que eu, que o meu pai tava no meu sonho, eu e, o M., eu e a minha mãe.”/ função de orientação
- “A gente tava na, numa roda-gigante,”/ função de orientação
- “... que o meu pai tava balançando a roda gigante.”/ função referencial
- “Eu tava rindo.”/ função referencial
- “Foi tu que balançou, né pai?”/ pede confirmação
- “Mas eu tô pensando nisso.”/ função de avaliação

Análise da narrativa

- Tema: Situação na roda-gigante
 - N° de sentenças da criança: 6 (em 5 turnos de fala)
 - Funções das sentenças:
 - Orientação: em 33,3% das sentenças
 - Referencial: em 33,3% das sentenças
 - Avaliação: em 16,6% das sentenças
- Comentários extra: Pede confirmação de informação

Análise das intervenções da mãe

- N° de intervenções da mãe: 4 (em 2 turnos de fala)
- “Hum.”/ Expressão que mostra atenção
- “E nós estávamos fazendo o quê?”/ Questão aberta que amplia o tópico
- “Ah, mas, então aconteceu de verdade.”/ Avaliação
- “Tu te lembras que a gente andou e o pai começou a balançar lá em cima, que a mãe começou a gritar?”/ Pista

Tabela 35

Síntese da interação narrativa

N5	Sentenças x Intervenções	Turnos	orientação	referencial	avaliação	manter o fluxo
Criança	6	5	2	2	1	0
Mãe	4	2	0	1 (QA)		1(At) 1(Pst)1(Av)

Legenda: QA (questões abertas que ampliam o tópico); At (expressões que mostram atenção); Pst (pista); Av (avaliações)